

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

PAULO HENRIQUE FALEIRO DOS SANTOS

“DEUS LHE PAGUE!”

A CONDIÇÃO SERVENTE NA CONSTRUÇÃO CIVIL

**Belo Horizonte
2010**

PAULO HENRIQUE FALEIRO DOS SANTOS

“DEUS LHE PAGUE!”

A CONDIÇÃO SERVENTE NA CONSTRUÇÃO CIVIL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: *Psicologia Social*

Linha de Pesquisa: *Trabalho, Sociabilidade e Saúde*

Orientadora: *Prof.^a Dra. Vanessa Andrade de Barros*

**FAFICH / UFMG
Belo Horizonte
2010**

FICHA CATALOGRÁFICA

150 Santos, Paulo Henrique Faleiro dos
S237d “Deus lhe pague!” [manuscrito] : a condição servente na construção civil
2010 / Paulo Henrique Faleiro dos Santos. - 2010 .

154 f.

Orientador: Vanessa Andrade de Barros
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Psicologia- Teses. 2. Trabalho - Teses. 3. Construção civil – Teses. 4.
Discriminação – Teses. 5. Psicologia social – Teses. I. Barros, Vanessa de
Andrade. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e
Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Psicologia

A Dissertação ‘ *“DEUS LHE PAGUE!” A CONDIÇÃO SERVENTE NA CONSTRUÇÃO CIVIL.* ’

elaborada por **Paulo Henrique Falcão dos Santos**

e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de

MESTRE EM PSICOLOGIA

Belo Horizonte, 30 de junho de 2010.

BANCA EXAMINADORA

.....
Prof. Dra. Yanessa Andrade de Barros
(Orientadora)

.....
Prof. Dra. Leny Sato

.....
Prof. Dra. Antônia Vitória Soares Aranha

*Jorge sentou praça na cavalaria
Eu estou feliz porque eu também
sou da sua companhia
Jorge de Capadócia – Jorge Ben*

*Eu já cansei de olhar, enxergar
o que há muito se vê
E eu sei que quem nunca viu, irmão
se faz de cego por querer
Contraste Covarde – Alarido*

Esse trabalho é dedicado a todos e todas que, cada um ao seu modo, submetidos às fronteiras de seus próprios limites e fragilidades, vestidos ou não com “roupas e armas de Jorge”, convictos ou não da VERDADE, corajosamente, optam pelo “bom combate”: *o enfrentamento interno e externo do sono, da cegueira e da idolatria.*

*“[...] e pela paz derradeira que, enfim, vai nos redimir,
Deus lhe pague!”*

Deus lhe pague - Chico Buarque de Holanda

A vida humana é relação, e ninguém realiza nada sozinho, claro. Sou grato a tantos e tantas!

É preciso começar agradecendo a você, Alberto, pela confiança, pelo apoio, pelas oportunidades... Mas, mais do que tudo isso, me toca em especial o seu sentimento puro e gratuito de afeto, fagulha do que você já vivenciou de forma tão intensa e talvez pense que se perdeu, mas que continua vivo, muito vivo, talvez mais vivo do que nunca, e que certamente se multiplicará. Mais uma vez você “me joga de roupa e tudo na piscina”. Se antes fiquei muito bravo, dessa vez te agradeço. Espero poder contribuir e retribuir do meu jeito sincero. Agradeço também ao seu pai, meu tio tão querido, que vem me ajudando muito; alegria e disponibilidade em pessoa.

Vanessa, é até difícil de expressar. Desde o primeiro contato soube temperar o estímulo com o questionamento, o acolhimento com o apontamento certo das inconsistências, a competência que transborda com a simplicidade, a serenidade e o respeito. O respeito! Mais do que Psicologia do Trabalho, Clínicas do Trabalho, Ergologia, Psicossociologia, aprendi com você a interrogar, a caminhar com minhas pernas, a definir e a assumir a minha busca. E isso não tem preço, isso não pode ser prescrito em livro ou artigo algum, isso é real e levo comigo. Muito obrigado!

Os operários da construção civil... Além da camaradagem, da confiança, do bom humor, agradeço em especial o compartilhamento dos seus *valores*. Em geral, pessoas simples e ricas, sempre dispostas a dividir o que têm e o que são, desde que se percebam respeitadas. A vocês minha gratidão não apenas pela construção desse trabalho e do aprendizado acadêmico e de vida que o acompanhou, mas também pela construção da casa, da escola, da cidade, do país...

Zezinho, Toco, André, Helbert, Elci, Nil, Inácio, Ivan, Bené, “José” de Fátima (Fatinha), Baiano (Josival), Edson e Pedro (de Santo Antônio do Amparo), pessoas reais e queridas que, nesse trabalho, figuram como pseudônimos dos



trabalhadores entrevistados. O contato com cada um de vocês, alguns desde a minha infância, silenciosamente, me ensinou e me ensina a estranhar e a me incomodar com a diferença de tratamento, das condições de vida e, principalmente, com a distância estabelecida entre pessoas a partir das diferenças de classes/oportunidades. Por tudo, obrigado.

À saudosa *Equipe de Psicologia do Trabalho* da Construtora, Renata, Elaide, Rafaela e Laís, minha amizade e meu agradecimento. Aprendemos e amadurecemos bastante juntos frente ao grande desafio de aplicar na prática os ensinamentos teóricos. A “*distância entre o prescrito e o real*” e o “*vazio de normas*” se mostraram conceitos vivos. Agradeço também o apoio oferecido pelo Marcelo, Alex e Renato, com informações importantes sobre o campo, e à Sabrina, Brenda, Luiz, Rose e Mônica, por terem “segurado as pontas” quando precisei me ausentar e por me ajudarem a segurar mesmo quando estou presente.

Louis Ricci, sempre lhe serei grato por ter-me ajudado a melhor enxergar o desafio essencial, e a procurar ser honesto nisso. Sandra Azeredo, nunca me esquecerei do seu carinho, acolhimento, coragem e, principalmente, do ensinamento/exemplo da não evitação do enfrentamento das “encrencas”. Prof.^a Beth Antunes e, uma vez mais, Vanessa, agradeço-lhes o empenho em trazer para o Brasil ensinamentos fundamentais sobre o campo do trabalho e da Psicossociologia. Prof. Chico Lima, obrigado por nos ensinar a como colocar os pés no chão e os olhos no real para as reflexões e análises ergonômicas. Professores Marco Aurélio Prado e Adriano Nascimento, primorosos anfitriões para o ingresso no universo da pós.

Professores Antônio Libério e Antônio Tomasi, muito obrigado pela acolhida no CEFET-MG e disponibilidade para compartilhar suas experiências no campo da construção civil. Às professoras Leny Sato e Antônia Aranha o agradecimento pelo aceite do convite à participação da banca de arguição e defesa.



Anna Cláudia e Ivone, valeu o incentivo e a torcida para o ingresso no mestrado. Maria Luiza, Daniel e eu não nos esqueceremos daquela divertida e dadivosa “pré-banca de seleção”. Lecy, seu empenho e disponibilidade são marcantes. Colegas da pós, o convívio foi curto, mas saboroso. Agradeço em especial as boas trocas com Ênio, Bruno e Jesus. Que elas prossigam!

Obrigado Reges, por me ajudar a perceber o processo, o papel dos dispersos, mas só aparentemente desconexos “depósitos na

sacola”. Ao Ari, também, o meu obrigado. Nossa parceria vem se mostrando “edificante”.

Minha admiração, respeito e estima a Frei Cláudio van Balen, arauto do “bom combate”, sujeito ímpar que, em seu compromisso com a vida de qualidade e com o bem comum, não se deixa fazer refém da institucionalização do poder. Um líder que transborda as fronteiras, que criativamente indica a magia e desmascara a mágica, proclama a autonomia/responsabilidade e excomunga o medo e a culpa, que convida todos à mesa da comunhão, sem distinções, que corajosamente denuncia o óbvio, que não confunde as lâmpadas com a luz, que re-liga através do próprio testemunho.

Sou grato também aos companheiros do Instituto Gurdjieff de BH, em especial a Artur Andrés, Regina Amaral, Mauro Rodrigues, Luiz Mauro Junqueira e Luterio Rodrigues, pelo “sacro-ofício” de se disponibilizarem como “despertadores”.

À querida “Vó” benzedeira Odete, pura doçura e leveza. Que sua reza continue a nos proteger de onde a senhora estiver.

Aos demais “amigos invisíveis” e, para além deles, ao infinito, “*silêncio antigo com a idade do céu*”, mistério radical frente ao qual a postura razoável me parece o próprio silêncio. A eles (aos amigos e ao mistério), minha gratidão e respeito.

A toda a minha família, em especial aos meus pais, irmão, sobrinho, avó e, de novo, à Fátima. O afeto, o carinho e a referência não cabem em palavras. Ficam os olhos nos olhos em agradecimento.

Finalmente, agradeço a você, Diana, minha aliada, companheira de vida, sempre presente nas realizações e nos desafios, com seu jeito puro, sincero, doce e amoroso de acolher, respeitar, se colocar, dar espaço, dar suporte, incentivo, enfim, de Amar. Nosso encontro é, ao mesmo tempo, alicerce e jardim florido na caminhada. Avante, de mãos dadas.

Quando gratos percebemos que não dispomos de recursos suficientes para retribuir tudo o que recebemos, só nos resta acolher com humildade a nossa simplicidade e desejar:

“Deus lhes pague!”

SANTOS, Paulo Henrique Faleiro dos. **“Deus lhe pague”**: a condição servente na construção civil. 2010. 154f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

RESUMO

Compreender as raízes e o contexto em que é gerada e reproduzida a discriminação contra a categoria dos serventes na construção civil, bem como suas implicações psicossociais. Este foi o objetivo norteador da realização desta investigação, desenvolvida através de um estudo de caso. Ela se inscreve nas chamadas Clínicas do Trabalho, mais especificamente na vertente da Psicossociologia que busca estabelecer uma relação entre a Ergologia e a Clínica da Atividade para a compreensão e transformação das situações de trabalho. Tomou-se como campo do estudo uma empresa privada de pequeno porte do ramo da construção civil, situada na Região Metropolitana de Belo Horizonte/MG. A pesquisa foi dividida em três etapas: (a) estudos preliminares; (b) observações ergonômicas e entrevistas e (c) categorização das verbalizações e estruturação do texto. Constatou-se uma marcante contradição entre os discursos dirigidos ao servente quando falam de sua atividade a partir do senso comum (*“aquele que não sabe fazer nada”*) e os discursos que partem da análise do trabalho real desses profissionais (*“sem o servente o oficial não faz nada”*). Além disso, revelou-se que a *condição servente* encarna um conjunto de características assimiladas como negativas, que dificultam a formação de uma auto-imagem e de uma identidade positivas por parte daqueles que são por ela marcados (baixa escolaridade, ausência de especialização que caracterize “uma arte”, nível máximo de heteronomia, trabalho “sujo” e pesado, pobreza). Identificou-se também que a discriminação da categoria exerce importante função política (controle social) através do enfraquecimento (ou mesmo anulação) da coesão e organização coletivas. O estudo denuncia a coexistência dos mais sofisticados mecanismos de produção e a sujeição de seres humanos a relações/situações de vida e trabalho humilhantes e/ou degradantes, contradição classificada como ética e moralmente insustentável. Ele sugere ainda que a negligência de investimentos focados no desenvolvimento humano, no contexto de trabalho, mostra-se contraproducente, mesmo que sob a lógica do lucro. Finalmente, as considerações apontam para a necessidade de superação da velha ordem social e criação de outro conceito de trabalho em nossas sociedades.

Palavras-chave: clínicas do trabalho, serventes, construção civil, discriminação.

SANTOS, Paulo. “**God bless you**”: the servant (attendant laborer) condition in construction. 2010. 154s. Dissertation (Master in Psychology) – Federal University of Minas Gerais, College of Philosophy and Humanities, Post-Graduation Program in Psychology.

ABSTRACT

To understand the roots and the context in which discrimination against attendant laborers (servants) in construction is generated and reproduced, as well as their psychosocial implications. This was the guiding objective of this research, developed through a case study. It fits in the so-called Clinics of Labor, specifically in the *Psychosociology* strand that seeks to establish a relationship between *Ergology* and *Clinics of Activity* for the understanding and transformation of work situations. The field of study was a small private company in the construction business, located in the metropolitan area of Belo Horizonte, Minas Gerais State, Brazil. The research was divided into three stages: (a) preliminary studies, (b) ergonomic observations and interviews and (c) categorization of the interviews and structure of the text. It was found a striking contradiction between the speeches addressed to the servant when speaking of his activity from common sense ("he who can do nothing") and speeches that are made considering the analysis of the actual work of these professionals ("without the attendant the officer does nothing"). Besides that, it was noticed that the servant condition embodies a set of characteristics treated as negative, which hinder the formation of a positive self-image and identity by those who are marked by it (low education level, lack of expertise that characterizes "an art", the maximum level of heteronomy, "dirty" and heavy work, poverty). It was also found that the category discrimination has an important political function (social control) by weakening and breaking down cohesion and collective organization. The study reveals the coexistence of sophisticated mechanisms of construction production and the placing of human beings into humiliating and/or degrading conditions, which is classified as ethically and morally untenable. It also suggests that the neglect of investments focused on human development, in the work context, seems counterproductive, even under the profit logic. Finally, the considerations point to the need of overcoming the old social order and to create a new concept of work in our societies.

Keywords: labor clinics, attendant laborer, construction business, discrimination.

Lista de Ilustrações

FIGURAS

Figura 1: <i>Representação do Construbusiness no PIB Nacional</i>	11
Figura 2: <i>Relevância do Setor da Construção Civil na Ocupação Populacional</i>	15
Figura 3: <i>Caminhão Betoneira</i>	115
Figura 4: <i>Caminhão Bomba</i>	115
Figura 5: <i>Betoneira</i>	115
Figura 6: <i>“Virando massa” manualmente</i>	116
Figura 7: <i>Grua</i>	116
Figura 8: <i>Elevador de Carga</i>	116
Figura 9: <i>Estruturas Pré-fabricadas</i>	117

GRÁFICOS

Gráfico 1: <i>Distribuição das pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, segundo os grupamentos de atividade do trabalho principal.</i>	14
Gráfico 2: <i>Saldo Anual de Empregos Formais na Construção</i>	14
Gráfico 3: <i>Financiamentos Imobiliários, segundo o valor e o número de unidades financiadas – Brasil: 2003-2007</i>	16
Gráfico 4: <i>Proporção de Efetivos Diretos por Categoria Funcional (Geral)</i>	34
Gráfico 5: <i>Proporção de Efetivos Diretos por Categoria Funcional (Operários)</i>	35
Gráfico 6: <i>Proporção de Efetivos Diretos por Categoria Funcional (serventes Vs. todos os demais)</i>	35
Gráfico 7: <i>Proporção de Vencimentos por Categoria Funcional (Operários)</i>	35
Gráfico 8: <i>Proporção de Vencimentos por Categoria Funcional (Geral)</i>	35
Gráfico 9: <i>Porcentagem comparativa do consumo de mão de obra por serviços</i>	44
Gráfico 10: <i>Natureza do acidente Vs. Profissão dos acidentados</i>	56
Gráfico 11: <i>Ocorrência de Acidentes de Trabalho por Categoria</i>	58
Gráfico 12: <i>Classificação dos Acidentes</i>	59
Gráfico 13: <i>Acidentes de Trabalho: dia da ocorrência</i>	59
Gráfico 14: <i>Natureza da Lesão</i>	59
Gráfico 15: <i>Parte do Corpo Atingida</i>	59
Gráfico 16: <i>Agente da Lesão</i>	59
Gráfico 17: <i>Pirâmide Social Brasileira</i>	117
Gráfico 18: <i>Taxa de analfabetismo funcional no Brasil</i>	118

Lista de Tabelas

Tabela 1: <i>Evolução do PIB da Construção Civil entre 1995 e 2009</i>	12
Tabela 2: <i>Valor das obras e/ou serviços da construção das empresas com 5 ou mais pessoas ocupadas segundo os grupos de produtos e/ou serviços da construção</i>	17
Tabela 3: <i>Profissão dos acidentados</i>	56
Tabela 4: <i>Estatísticas de acidentes de trabalho no ano de 2003. Resumo da distribuição dos registros de acidentes de trabalho ocorridos em Belo Horizonte por atividade econômica.</i>	57
Tabela 5: <i>Resumo dos acidentes de trabalho ocorridos em Belo Horizonte por ocupação, no ramo do grande grupo da construção</i>	57
Tabela 6: <i>Relação percentual mensal entre o número de acidentes ocorridos e o número total de operários registrados na empresa</i>	58

Lista de Siglas

- CAGED – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
- CAT – Comunicações de Acidente do Trabalho
- CBIC – Câmara Brasileira da Indústria da Construção
- CBO – Classificação Brasileira de Ocupações
- CNAE – Classificação Nacional de Atividades Econômicas
- DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
- DRT/RS – Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul
- FGTS - Fundo de Garantia por Tempo de Serviço
- FGV – Fundação Getulio Vargas
- FIESP – Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- INPC – Índice Nacional de Preços ao Consumidor
- INSS – Instituto Nacional do Seguro Social
- IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
- MTE – Ministério do Trabalho e Emprego
- PAIC – Pesquisa Anual da Indústria da Construção
- PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego
- PIB – Produto Interno Bruto
- PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
- RMBH – Região Metropolitana de Belo Horizonte
- SIAT-SUS-BH – Sistema de Informação de Acidentes de Trabalho da Secretaria Municipal de Belo Horizonte
- SINDUSCON – Sindicato da Indústria da Construção Civil
- Stic-BH – Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção de BH e Região
- SUS – Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

“Então, tipo assim, eu queria entender por que essa tão discriminação que tem com o servente. Eu pelo menos não entendo. Porque nós, todo mundo, tanto faz encarregado, principalmente, igual eu, sou pedreiro, precisa do servente, né. Porque o pedreiro sem o servente ele não faz nada. Ele faz, mas é menos do que com o servente. É isso que eu queria até, nesse caso, até eu mesmo queria entender por que dessa discriminação que tem contra o servente.”

≈ Apresentação	1
≈ Introdução	7
▪ ASPECTOS DA HISTÓRIA DO TRABALHO NO BRASIL	7
▪ A INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL BRASILEIRA EM NÚMEROS	11

CAPÍTULO I

*Não podes dar-me o que é meu
[...]
E dentro da tarde mansa
Agigantou-se a razão
De um homem pobre e esquecido
Razão porém que fizera
Em operário construído
O operário em construção*

≈ A categoria trabalho	19
1.1. TRABALHO E PSICOLOGIA	19
1.2. O LUGAR DO TRABALHO NA GÊNESE DO HOMEM E DA SOCIABILIDADE	23

CAPÍTULO II

“Porque eu acredito assim, ninguém nasceu sabendo. Isso aí em qualquer área, setor de trabalho, entendeu?”

≈ O Método	30
2.1. CONSIDERAÇÕES SOBRE AS BASES TEÓRICAS	31
2.2. O CAMPO DO ESTUDO	34
2.3. O DELINEAMENTO DAS ETAPAS E OS SUJEITOS DA PESQUISA	37

CAPÍTULO III

“O pior trabalho que existe na construção civil se joga na mão do servente. E quando ele às vezes não dá resultado, quando ele às vezes não chegou no nível que o encarregado queria, simplesmente ele é descartado”.

≈ O Trabalho do Servente	42
3.1. O PASSADO E O PRESENTE	46
3.2. A (IN)SEGURANÇA NO TRABALHO	53
3.3. A ATIVIDADE DE SERVENTE COMO O (PENOSO) PRIMEIRO PASSO PARA SEGUIR A CARREIRA NA CONSTRUÇÃO CIVIL	60
3.4. O “BOM SERVENTE”	65
3.5. A INTERAÇÃO ENTRE SERVENTES E OFICIAIS	68
3.6. O CONTRASTE ENTRE O “NÃO-LUGAR” ATRIBUÍDO AO SERVENTE E O LUGAR POR ELE OCUPADO NO CANTEIRO	71

CAPÍTULO IV

“[...] servente é muito discriminado, porque não é profissão, é sofrimento.”

≈A “Condição” Servente	76
4.1. DESVALORIZAÇÃO E ESTIGMA	76
4.2. HUMILHAÇÃO E VERGONHA	80
4.3. A NEGAÇÃO DA CONDIÇÃO DE SERVENTE	83
4.4. ATRIBUIÇÃO DE TAREFAS E ASSÉDIO PSICOSSOCIAL.....	86
4.5. ENFRAQUECIMENTO DO COLETIVO E ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA - A QUESTÃO POLÍTICA	91

CAPÍTULO V

“Nenhum erro pode ser acusado de antigo enquanto perdurar o sofrimento por ele gerado.”

≈ Considerações Finais.....	101
------------------------------------	------------

Referências Bibliográficas	110
---	------------

APÊNDICE I - Figuras Ilustrativas e Gráficos	115
---	------------

APÊNDICE II - Roteiro das Entrevistas Preliminares	119
---	------------

APÊNDICE III - Dados Consolidados das Investigações Preliminares.....	123
--	------------

Dados Gerais	123
Aspectos Subjetivos	127
Contexto Familiar	132
Moradia e Contexto Comunitário	138

ANEXO I - Poemas e canções citados.....	143
--	------------

Música 1: <i>Jorge de Capadócia</i>	143
Música 2: <i>Contraste Covarde</i>	144
Música 3: <i>Deus lhe pague</i>	145
Música 4: <i>Construção</i>	146
Música 5: <i>Brasil</i>	147
Poema 1: <i>O Operário em Construção</i>	148
Música 6: <i>Strawberry Fields Forever</i>	150
Música 7: <i>Lucy in the Sky with Diamonds</i>	151
Música 8: <i>O Sal da Terra</i>	152
Música 9: <i>Redemption Song</i>	153
Música 10: <i>A Idade do Céu</i>	154

“Então, tipo assim, eu queria entender por que essa tão discriminação que tem com o servente. Eu pelo menos não entendo. Porque nós, todo mundo, tanto faz encarregado, principalmente, igual eu, sou pedreiro, precisa do servente, né. Porque o pedreiro sem o servente ele não faz nada. Ele faz, mas é menos do que com o servente. É isso que eu queria até, nesse caso, até eu mesmo queria entender por que dessa discriminação que tem contra o servente.” (pedreiro)

≈ Apresentação

Os pilares que sustentaram a realização do presente trabalho estão fincados bem aí, no incômodo provocado pela situação excludente e ambivalente tão bem apresentada na fala do pedreiro Zezinho¹. Ao ingressar como psicólogo social em canteiros de obras, em abril de 2007, o que logo chamou a minha atenção foi observar uma desconfortável contradição. Aquela existente entre o que eu percebia como um lugar marginal ou um “não-lugar” atribuído – dentro daquele campo e não apenas nele – aos operários tidos como menos qualificados, os serventes (o que, por si só, já era fonte suficiente de mal estar), e a importância da atividade desses no processo produtivo da construção civil.

Compreender as raízes e o contexto em que é gerada e reproduzida “*essa tão discriminação que tem contra o servente*”, bem como suas implicações psicossociais, esta foi a motivação propulsora do estudo que, somente ao longo de seu próprio desenvolvimento, permitiu-se desvelar enquanto objetivo geral.

Havia sido convidado naquele ano para projetar e coordenar um conjunto de ações assistenciais com vistas à melhoria das condições de vida dos operários de uma empresa privada do ramo. A demanda inicial foi a de promover a melhoria das condições de moradia através da doação de casas próprias a alguns trabalhadores do nível operário, definindo critérios para tal. Já nesse momento, não foi possível deixar de observar e denunciar à empresa uma contradição antecessora àquela apontada acima, igualmente comum no

¹ Os nomes de todos os trabalhadores entrevistados foram substituídos por pseudônimos nas citações de suas falas para garantir a não identificação dos mesmos e o sigilo da pesquisa.

segmento: grande parte dos profissionais que dedicam suas vidas à construção de empreendimentos de altíssimo padrão não têm acesso a moradias minimamente confortáveis.² Antes de buscar redefinir e atender à demanda apresentada, a aproximação da realidade de vida e trabalho dos operários, feita através de observações do dia-a-dia no canteiro de obras e de entrevistas individuais realizadas junto aos trabalhadores de uma determinada obra, bem como o meu retorno à academia e encontro com o pensamento de representantes das *Clínicas do Trabalho*, todo este conjunto exigiu uma mudança de rota: o favorecimento da *melhoria das condições de vida* não poderia partir de outro ponto que não o investimento na *melhoria das condições de trabalho*. Caso contrário, a iniciativa se mostraria míope e assumiria uma terceira contradição, também recorrente: através dos discursos ideológicos e publicitários de Responsabilidade Social Empresarial, cuidar de fora e ignorar a realidade a ser transformada do lado de dentro dos tapumes.

As mudanças importantes sobre as quais ninguém quer falar referem-se ao conteúdo e às condições de trabalho. Dizer que ‘os jovens são preguiçosos e não querem trabalhar’, que ‘as pessoas resistem às mudanças e elas não querem sair de onde estão!’: isso não é uma argumentação. Na melhor das hipóteses é uma maneira de se recusar a ver a realidade, e na pior, é uma desonestidade. A questão não é saber se as pessoas querem ou não os empregos que lhes são oferecidos, mas saber se estes são compatíveis com o estágio de nossa sociedade e se lhes dão os meios de se manter em condições aceitáveis. Como ergonomista, considero mais como positiva a recusa de certos empregos pelos jovens e os menos jovens. Tenho mesmo a tendência de inverter o discurso: não é um drama que pessoas sejam forçadas a aceitar situações em que perdem sua saúde ao serem obrigadas a trabalhar? É incrível como este discurso foi invertido em nossa sociedade! [...] Quando eu encontro essas pessoas na minha vida profissional, elas dizem que esperam só uma coisa, poder trocar de emprego: quem, realmente, resiste à mudança? (DURAFFOURG; DURRIVE; DUC, 2007, p. 54)

São muitos os estereótipos depreciativos lançados aos trabalhadores da construção civil, em especial aos serventes. Todos eles depositam nos indivíduos responsabilidade exclusiva pela situação de vida tantas vezes precária e buscam desviar a atenção daquilo que

² Nossas investigações acerca das condições de moradia dos funcionários indicaram que 75% deles têm moradias próprias, mas 51% delas encontram-se inacabadas. Prevaecem construções com paredes externas sem acabamento (tijolo exposto - 41% ou reboco - 30%), paredes internas pintadas (44%) ou apenas rebocadas (39%), telhado de amianto (75%) e localizadas em zonas periféricas e/ou em aglomerados. O sonho mais prevalente entre os entrevistados é o de ter, finalizar ou melhorar sua casa. Vide dados consolidados no Apêndice III, p. 123-142.

Jacques Duraffourg delata acima com transparência e lucidez. A reflexão do ergonômista aponta, entretanto, para um cenário preocupante também àqueles que resistem a enxergar o real. Tal cenário já se faz presente no mundo globalizado e não permite ser despercebido tanto pela iniciativa pública quanto privada no Brasil, em vários setores produtivos e, com efeito, no da construção civil e infra-estrutura. Trata-se da escassez de profissionais disponíveis para suprir a crescente demanda de produção que, segundo os indicadores econômicos e a projeção dos especialistas, se fará presente pelo menos ao longo da próxima década.³

De acordo com o próprio ministro do Trabalho e Emprego, Carlos Lupi, a falta de qualificação ameaça o crescimento do número de postos de trabalho formais em todo o país. Em notícia publicada na Agência Brasil, em 18/05/10⁴, Lupi afirma que a falta de qualificação é o grande gargalo da geração de empregos no país, atingindo principalmente setores como a construção civil e os serviços. *“No Brasil temos a cultura do diploma universitário, mas deixamos de lado os cursos técnicos e de aperfeiçoamento, que são os mais necessários agora”*, disse o ministro. Ele reconhece ainda que o país não dispõe de estrutura pública nem privada para atender à formação de tantos trabalhadores hoje demandados. Indagamo-nos, entretanto, se a falta de qualificação é, de fato, o único grande gargalo para a geração de empregos em vários setores, dentre eles o da construção civil. Uma vez bem qualificados, os trabalhadores aceitarão de bom grado as condições de vida e trabalho que lhes serão oferecidas? Quando inquiridos acerca do que gostariam de mudar em suas vidas, a maior parte dos operários participantes da primeira fase de nosso estudo afirmou: *“melhorar de*

³ *“A construção civil está vivenciando um momento especial e as perspectivas para os próximos anos são positivas. [...] A expansão das atividades do setor estará sedimentada em dois fortes pilares: os investimentos em infraestrutura e o segmento imobiliário. Em relação à infraestrutura, as perspectivas são reforçadas pelas obras necessárias para os eventos esportivos (Copa do Mundo de 2014 e Olimpíadas de 2016), com novos investimentos em transporte, saneamento, energia, segurança etc. Já para o segmento imobiliário, as perspectivas de incremento do crédito imobiliário e do Programa Habitacional Minha Casa, Minha Vida (PMCMV) ditam o ritmo do otimismo. Outro fato importante: como se sabe, o Brasil precisa da construção para crescer. Por si só, isso reforça as perspectivas positivas, uma vez que, ao que tudo indica, governos, iniciativa privada e sociedade já compreenderam o papel estratégico do segmento”* (ALMEIDA, 2010).

⁴ Lourenço (2010).

profissão”⁵. Parece-nos que o maciço investimento em cursos técnicos e de aperfeiçoamento, feito de forma isolada, reproduz a antiga postura de adiar o enfrentamento direto de históricos problemas estruturais do país presentes nas relações de trabalho, como o das condições de trabalho e o da distribuição de renda. Nota-se que o trabalhador, enquanto sujeito cidadão, célula do tecido social, permanece em segundo plano na elaboração da política pública, que mantém seu foco no obediente atendimento às demandas apresentadas por essa enigmática entidade denominada “mercado”.

Na construção civil, a classe de operários é subdividida em três níveis hierárquicos, definidos em função de capacitação técnica: servente (ou ajudante), semi-oficial (ou meio-oficial) e oficial. É este último nível (oficial) que tradicionalmente confere ao trabalhador o status de profissional do ramo, podendo ele ser pedreiro, armador, carpinteiro, bombeiro hidráulico, marmorista, azulejista, montador, operador de máquina (betoneira, guincho, elevador), sinaleiro, poceiro, eletricista, gesseiro, pintor, apontador, ferramenteiro e almoxarife. A categoria dos serventes encontra-se, portanto, no pólo inferior de atribuição de status profissional, sendo caracterizada pelos maiores níveis de precariedade, heteronomia e baixa valorização social vinculados às tarefas que lhe são atribuídas e aos sujeitos que as realizam. Ainda assim, trata-se da categoria que reúne o maior contingente de operários (“efetivos”) em uma obra.

Mas o que se encontra por de trás, ao redor e no cerne da discriminação, da recusa e da vivência da *condição servente*? Como reage subjetivamente e socialmente o sujeito que habita ou evita habitar esse “não-lugar”? Trata-se de fato de um “não-lugar”? E que lugar ocupa a categoria trabalho na organização da sociabilidade destes sujeitos (modos de vida, escolhas, identidade, valores)? Nascidas do contato com o dia-a-dia dos serventes, como já mencionado, estas e outras inquietações impulsionaram a realização desse trabalho. Ele está

⁵ Vide gráfico na p. 128.

vinculado ao *Laboratório de Estudos, Pesquisa e Extensão em Psicologia do Trabalho* da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais – LabTrab/FAFICH/UFMG, realizado no contexto do curso de mestrado oferecido por esta instituição, área de concentração *Psicologia Social*, sendo *Trabalho, Sociabilidade e Saúde* a linha de pesquisa à qual se vincula. A pesquisa se inscreve nas chamadas *Clínicas do Trabalho*, mais especificamente na vertente da Psicossociologia que busca estabelecer um diálogo entre a Ergologia e a Clínica da Atividade para a compreensão e transformação das realidades de trabalho. Foi realizada por meio de um estudo de caso, tomando como campo de pesquisa uma empresa privada do ramo da construção civil em Belo Horizonte/MG que, é preciso destacar, colaborou sem restrições ao desenvolvimento do estudo proposto, bem como de outras atividades de pesquisa e intervenção visando à melhoria das condições de trabalho, saúde e de segurança dos operários, mostrando-se pioneira nesse sentido.

Guiados por Michel Le Ven (2001), percorremos, na introdução, o breve e rico recorte do autor acerca de aspectos da história do trabalho no Brasil, que focaliza os trabalhos marginalizados presentes desde a época do “descobrimento” até os dias atuais. Na sequência, apresentamos dados gerais relativos ao segmento da construção civil brasileira em busca de um olhar ainda panorâmico sobre o setor, olhar esse que antecede o enfoque mais específico sobre o trabalho do servente apresentado no corpo da dissertação.

No primeiro capítulo, buscamos situar nosso pensamento sobre o lugar do trabalho na gênese do homem e da sociabilidade. Para tanto, realizamos um breve percurso histórico e teórico sobre o campo, destacando o papel da psicologia nos estudos que nele se inscrevem.

O Capítulo 2 refere-se ao método de pesquisa utilizado. Trata-se de um estudo de caso, cujo trabalho de campo foi realizado entre abril de 2007 e setembro de 2009, em obras da empresa supra citada. Foram feitas observações das atividades de trabalho, entrevistas

individuais e entrevistas em grupo, sendo os sujeitos participantes operários (serventes, meio-oficiais e oficiais) e encarregados (de elétrica e armação).

No terceiro capítulo, dedicamo-nos à caracterização da atividade do servente. São abordadas as transformações ocorridas ao longo dos anos (o passado e o presente); o contexto de risco marcado pelo elevado número de acidentes de trabalho (a in-segurança no trabalho); a característica da profissão como “trabalho temporário” e “prova de fogo” para se seguir carreira no setor; as competências necessárias ao “bom servente”; a importância para o processo produtivo da interação serventes-oficiais e, finalmente, o contraste que observamos entre o “não-lugar” atribuído ao servente e o lugar por ele ocupado no canteiro.

O Capítulo 4 discorre sobre a Condição Servente. Nele, apresentamos e discutimos o contexto de discriminação, desvalorização, humilhação e de assédio psicossocial vivenciado pela categoria, abordando suas implicações individuais, sociais e políticas.

Por fim, no Capítulo 5, buscamos apontar em nossas considerações uma síntese do estudo e da reflexão possibilitada pelo encontro entre os saberes formais (acadêmicos) e informais, aqueles investidos na atividade e na vivência cotidiana desses trabalhadores, cujas mãos, braços, pernas, mentes, valores, crenças, sonhos, cansaço, frustrações etc. “*ajudam*” a construir casas, ruas, prédios, praças, escolas, hospitais, estádios, fábricas, templos, enfim, a materialidade da qual depende não apenas a sociabilidade deles próprios, mas de toda a sociedade.

≈ *Introdução*

▪ ASPECTOS DA HISTÓRIA DO TRABALHO NO BRASIL

Partindo de bases teórico-conceituais semelhantes, que permitem a compreensão do lugar central do trabalho na organização da sociabilidade humana, uma série de estudos, em todo o mundo, há muito, denunciam os efeitos perversos do controle social historicamente alcançado e mantido através do controle da propriedade dos meios de produção. Michel Le Ven (2001) oferece importante contribuição nesse sentido ao revisitar a história do trabalho no Brasil e fortalecer a memória de trabalhadores silenciados ao longo dos séculos.

Hoje, no Brasil, [...] é preciso uma revisão do lugar atribuído ao trabalho nesses séculos de muita exploração e desqualificação daqueles que, de fato, criam bens e produzem cultura, quer se trate dos homens e mulheres que são os legítimos habitantes desta terra, quer se trate, após a “descoberta”, de todos os demais trabalhadores, para quem o discurso sobre o trabalho oscilou entre a exaltação do Paraíso e o desprezo do inferno (LE VEN, 2001, p. 142).

O artigo de Le Ven mostra-se significativamente oportuno para a contextualização histórica dos trabalhos marginalizados que, passados cinco séculos desde a colonização, insistem a figurar no cenário brasileiro, sob as mais diversas manifestações, dentre elas os serventes da construção civil, sem constrangimentos ao discurso progressista e liberal das classes dominantes. Por este motivo, permitimo-nos com ele caminhar e dialogar nessa introdução para melhor situar nosso próprio trabalho. O autor inicia seu percurso visitando os indígenas:

Em poucos anos, esse mesmo índio, de “bom selvagem”, passa a ser “traíçoeiro”, “sem Deus, sem rei, sem Lei”, quer dizer, ninguém. Não querendo trabalhar no modo do colonizador, ele é chamado de preguiçoso e indolente, o que se perpetua até hoje na desqualificação do outro, do diferente, do “não civilizado”. Assim, ele é um sujeito a ser convertido, senão esquecido ou aniquilado, ou ainda re-educado (LE VEN, 2001, p. 144).

Que semelhanças guarda com o índio colonizado o imigrante sertanista analfabeto ou semi-analfabeto que, expulso do campo pela miséria (e/ou pelo ideal de vida melhor), ao chegar aos centros urbanos, encontra na construção civil a primeira (e muitas vezes única)

porta de entrada no mercado de trabalho?⁶ Um sujeito “não civilizado”, a ser “re-educado” (qualificado), carente da misericórdia do empregador? Quando resiste de alguma forma às condições insalubres de vida e trabalho, manifesta ele também, instantaneamente, seu caráter “preguiçoso, indolente, traiçoeiro e selvagem”, merecendo por isso o esquecimento através do desemprego e do desamparo social?⁷

Na sequência de seu texto, Le Ven chega aos escravos. O autor retrata a visão do trabalhador para os senhores do açúcar e, posteriormente, os senhores do café.

[...] o objeto vira sujeito e o sujeito, objeto. A cana e o açúcar são os sujeitos; os objetos são esses não-homens, “pés e mãos do Senhor de Engenho” [...]. Temos aqui o fundamento da negação da humanidade do trabalho. Humano é o açúcar [...]. Trabalhar, nesse caso, no olhar de quem “não trabalha”, mas administra e manda, não tem nenhum sentido humano. [...] Os escravos são classificados como “... o boçal e o ladino; o arda, o mina, o congo; o mulato e o retinto; o serviçal e o rebelde”. Há, também, prenúncios de nossa moderna psicologia industrial, quando se recomenda ao senhor de engenho “... se haver como um pai, dando algum descanso no trabalho... (porque) assim não estranharão... de receber com misericórdia o justo e merecido castigo”. “Caridade útil” que renderá bons frutos para o senhor. (LE VEN, 2001, p.146-147).

E não se aproxima também da figura desumanizada feita do escravo o “*peão*”, o “*não-profissional*”, o “*braçal*”, o “*mandado*”, “*a única pessoa no canteiro que não tem arte*”, o sujeito que “*não agrega valor ao produto*” e que é considerado tecnicamente pela engenharia como “*energia física auto-movente*”? Com efeito, por vezes é possível observar nos canteiros de obra mais zelo com os materiais de construção (armazenamento e manuseio) do que com

⁶ Em seu livro intitulado “*A História da Construção Civil em São José dos Campos*”, escrito em 1989, o engenheiro Manoel Botelho exemplifica esta realidade brasileira ao discutir a questão da “mão-de-obra”. Diz ele: “*Como a remuneração na construção civil é baixa, seus empregos são disputados apenas por pobres migrantes vindos do Interior do Estado, do Norte de Minas Gerais e do Nordeste do País. [...] Chegando ao Vale, essa mão-de-obra não especializada só encontra emprego na construção civil*” (BOTELHO, 1989, p.73). Em nosso próprio estudo verificamos que, passadas duas décadas, o cenário permanece praticamente inalterado. Vide gráfico no Apêndice III, p. 126.

⁷ Em estudo intitulado *Mudanças Recentes no Mundo do Trabalho e o Fenômeno da População em Situação de Rua no Brasil 1995-2005*, Maria Lúcia Silva constatou que a expansão do fenômeno da população em situação de rua está intimamente ligada à reestruturação produtiva e ao aprofundamento do desemprego e do trabalho precário. O estudo aponta que as experiências de trabalho anteriores à condição de rua deram-se, sobretudo, nas áreas da indústria, serviços, construção civil e na ocupação doméstica. Belo Horizonte apresentou um percentual elevado de pessoas em situação de rua que tinham experiência anterior de trabalho na construção civil – em 2005, cerca de 30% (SILVA, M.L.L., 2006, p.127).

os operários que os manipulam. No trabalho de Ronaldo Coutinho (1975), realizado junto a operários da construção civil do Rio de Janeiro/RJ, a categoria foi assim definida:

Servente: operário que auxilia o oficial e o semi-oficial em qualquer tarefa, sobretudo aquelas que demandam maior esforço físico (trabalho braçal) e independem de habilidade e capacidades específicas (operário não-especializado) (COUTINHO, Ronaldo, 1975, p. 45, grifos nossos).

Na pesquisa de Sousa (1983), junto aos operários construtores de Brasília:

Descarrega os caminhões de cimento, areia e material, carrega a “jirica” com quase 80 quilos de massa, ajuda no transporte de vigas de madeira, enfim, realiza todas as tarefas do canteiro. [...] costumam referir-se ao próprio trabalho dizendo que o servente “trabalha como jumento” e é um verdadeiro “burro de carga” (SOUSA, 1983, p. 116, grifos nossos).

O serviço do servente é ruim demais, num sabe, péssimo demais... Ruim porque é pesado, num sabe, é um serviço pesado. É braçal demais. [...] Ah, servente é mandado demais, a gente é obrigado a tudo, pedreiro manda, carpinteiro manda, o mestre-de-obra manda, o encarregado grita assim à toa, tudo é o servente: servente, vai acolá... (relato de um servente *apud* SOUSA, 1983, p. 116, grifos nossos).

E nunca é demais destacar que os primeiros trabalhadores da construção civil no país eram, de fato, escravos. Estudando o processo de absorção de “mão-de-obra” não qualificada pelo setor de construção civil, Carlos Ernesto Ferreira (1975) buscou traçar a evolução do setor no Brasil. Segundo ele, no período colonial (1500-1850), os processos construtivos eram caracterizados “*pelo primitivismo daquilo que era construído e das técnicas utilizadas nos processos de construção*” (FERREIRA, 1975, p. 2). Ele aponta que as razões deste primitivismo encontram suas raízes nas condições sociais e econômicas que envolviam o país naquela época, dando ênfase ao fato do sistema de produção ser sustentado em sua base pela “mão-de-obra” escrava.

Chegando ao século XIX, Le Ven descreve o ideário do que se estabeleceu como sociedade de classes e, nela, o lugar reservado à classe trabalhadora.

No século XIX, a sociedade política brasileira se sedimentou como sociedade de classe, com o mesmo imaginário dominante, fundador da ordem social com a qual o Império do Brasil quis se situar no mesmo nível das nações civilizadas. Um mundo de ordem e de progresso, no qual a casa é o lugar da felicidade, o Estado que daí advém, o lugar da autoridade e, na mesma lógica, a rua, o lugar da desordem. Até hoje, trabalhadores que se manifestam são considerados, antes de tudo, “desordeiros, bêbados e cafajestes”. Daí o medo da rua, do público que infringe as regras da “casa

grande”. [...] O que o liberalismo da época [...] tinha a oferecer ao ex-escravo feito “vagabundo” no instante do aparecimento legal do trabalho livre? Disciplina pelo trabalho, re-educação na cidade moderna, nova identidade de um “operário” civilizado. [...] Quem não se encaixa é transformado em “malandro”, que pode ser também chamado, conforme as circunstâncias, de anarquista, comunista, desordeiro (ontem), de corporativo, dinossauro, atrasado (hoje), enfim, sempre fora do lugar e do tempo.

Ninguém melhor do que Machado de Assis para dizer o lugar que é concedido ao trabalhador. Em Memórias póstumas de Brás Cubas, o senhor chama para trabalhar a mulher (que, ironicamente, é a única que trabalha) e que recebe o nome de dona Plácida. Ela é chamada a trabalhar para se encaixar no mundo organizado (LE VEN, 2001, p. 149):

Chamamos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal ou não comer, andar de um lado para outro, na faina adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama, ou no hospital: foi para isso que chamamos, num momento de simpatia. (Machado de Assis, 1968, *apud* LE VEN, 2001, p. 150).

Retrataria o escritor talvez de forma muito semelhante o gesto de simpatia dos construtores e empreiteiros na contratação dos serventes. No lugar de queimar os dedos nos tachos, estes seriam convidados a queimar o rosto no sol, esfriar o corpo na chuva, estalar a coluna e rachar a pele carregando os sacos de cimento, andar de um lado para o outro, para cima e para baixo, adoecendo, sarando, bebendo e resignando, até acabar precocemente soterrado, eletrocutado, no chão estatelado, ou simplesmente desempregado, quando o corpo não mais puder render o esperado.

Por fim, Le Ven retrata o século XX e a entrada no século XXI:

Sabemos que o trabalho é o lugar do conflito, sendo um dos nós que tecem as relações sociais e políticas. Durante o século XX, ele foi glorificado oficialmente e ao mesmo tempo desqualificado na prática. O ideário do Estado Novo do qual somos, igualmente, herdeiros ainda nos habita, quer se refira ao trabalhador corporativo, trabalhador honesto e dedicado, bom pai de família, sindicalizado e assim feito cidadão, quer se refira aos excluídos, aos que não merecem entrar nesse mundo encantado, antes de serem re-educados para serem dignos súditos da globalização. Esse trabalhador que hoje não é mais “peão”, mas “colaborador” das grandes empresas e corporações mundiais, é tão exaltado como no tempo de Getúlio. [...] O trabalho hoje é “colaboração”, mesmo se não há lugar para todos os convidados nesse nosso mundo de desempregados (LE VEN, 2001, p. 150-151).

Na construção civil, as contradições entre os discursos e práticas que incidem sobre o trabalho são de especial interesse para a investigação na contemporaneidade. A classe “colaboradora”, que “colabora” no setor, ainda hoje enfrenta a madrugada (para iniciar às 7

horas sua atividade de trabalho), a marmita, o serviço “sujo”, perigoso e pesado, o banho frio e o vaso turco no vestiário feito de madeirite, os baixos salários, a cesta básica, a casa sem reboco, mas inscreve-se como participante do mundo globalizado lançando mão de alguns ingressos simbólicos como o celular, a TV de 29”, o DVD, o MP3, enfim, ganha o status de consumidor e, assim, de cidadão, ainda que alquebrado e endividado.

▪ A INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL BRASILEIRA EM NÚMEROS

O *Macro Setor da Construção* ou *Construbusiness* (como, desde 1999, vem sendo denominado) ocupa lugar de inquestionável relevância na economia brasileira. Formado pelo setor da construção propriamente dito (edificações, obras viárias e construção pesada), dos segmentos de fornecedores de matérias-primas e equipamentos para a construção e dos setores de serviços e distribuição ligados à construção, o macro setor representou, em 2007, nada menos do que 11,3% do Produto Interno Bruto (PIB) do país, como indicam os dados divulgados pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo – FIESP, que reproduzimos abaixo.

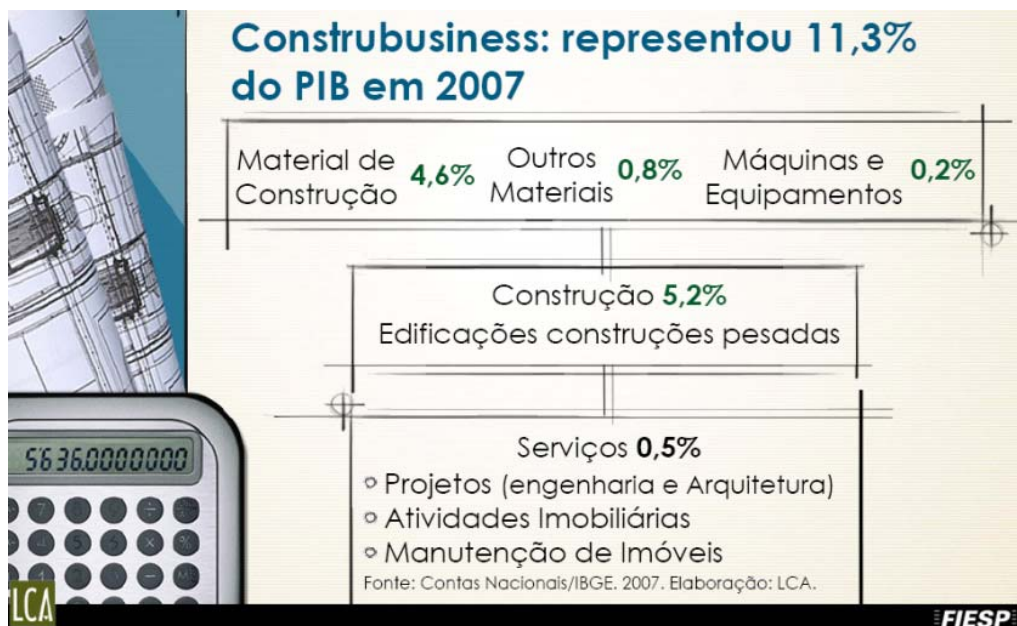


Figura 1: Representação do Construbusiness no PIB Nacional

Fonte: FIESP (2008, p. 6)

Observa-se que essa expressiva participação econômica vem crescendo ao longo dos últimos anos, como revelam dados específicos do Setor da Construção Civil:

Ano	Valores a preços correntes em R\$ milhões	Variação anual (%)
1995	33.807	...
1996	42.253	3,2
1997	49.722	8,5
1998	53.329	1,1
1999	52.228	(2,9)
2000	56.364	2,0
2001	59.486	(2,1)
2002	67.219	(2,2)
2003	68.935	(3,3)
2004	84.868	6,6
2005	90.228	1,8
2006	96.287	4,7
2007	111.201	4,9
2008	128.206	8,2
2009	137.378	(6,3)

Tabela 1: *Evolução do PIB da Construção Civil entre 1995 e 2009*

Fonte: IBGE – Sistema Nacional de Contas

Elaboração: Banco de Dados – CIBIC (2010, p. 1)

Mesmo durante a recente crise mundial, a evolução do PIB do setor demonstra que o mesmo se colocou como um dos grandes colaboradores pela superação daquela. Em recente publicação, o *Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – DIEESE* (2010) aponta que, após uma relativa paralisia no começo de 2009, a construção civil paulatinamente recuperou o dinamismo econômico verificado no período anterior à crise. Segundo o órgão, entre julho e dezembro de 2009, 103 mil pessoas foram incorporadas ao contingente de trabalhadores do setor. Assim, a ocupação cresceu 10,2% em relação ao primeiro semestre. Estima-se que, nas seis regiões metropolitanas pesquisadas pelo Sistema

PED⁸, a Construção Civil ocupava, em 2009, 1.116 mil trabalhadores, entre assalariados, autônomos, empregadores e donos de pequenos empreendimentos familiares.

De acordo com a *Pesquisa Anual da Indústria da Construção - PAIC* de 2007 (BRASIL, 2007), realizada pelo *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE* e divulgada em 2009, naquele ano, as 110 mil empresas do setor ocuparam mais de 1,8 milhão de pessoas, tiveram gastos totais com o pessoal ocupado de R\$ 30,6 bilhões, dos quais R\$ 20,7 bilhões foram em salários, retiradas e outras remunerações, o que significou uma média mensal de 2,3 salários mínimos.⁹ Ainda de acordo com a pesquisa, as empresas de construção realizaram obras e serviços no valor de R\$ 128,0 bilhões, obtendo receita operacional líquida de R\$ 122,7 bilhões. Deste montante, R\$ 51,3 bilhões foram construções para o setor público, o equivalente a 40,1% do total das construções executadas.

A *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD 2007-2008* (BRASIL, 2009a), também realizada pelo IBGE, destaca que a construção foi o setor com maior expansão de ocupações diretas em 2008 na comparação com 2007.

De 2007 para 2008, o contingente de trabalhadores cresceu 2,8%, totalizando 92,4 milhões de pessoas de dez anos ou mais de idade, **impulsionado pelo setor da construção civil (crescimento de 14,1%), que gerou cerca de 900 mil novos postos de trabalho em todo o país.** A formalização também foi destaque, com ampliação dos empregados com carteira assinada, de 33,1% dos ocupados em 2007 para 34,5% em 2008, ou seja, um acréscimo de 2,1 milhões de pessoas nessa categoria – o que resultou, por exemplo, numa elevação de 5,9% entre os contribuintes da Previdência.” (BRASIL, 2009b, grifos nossos).

⁸ Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED, realizada pelo DIEESE nas Regiões Metropolitanas de Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador, São Paulo e no Distrito Federal.

⁹ Cálculo feito com base no salário mínimo médio de 2007, no valor de R\$ 373,08, cujo aumento foi de 10,2% em relação a 2006.

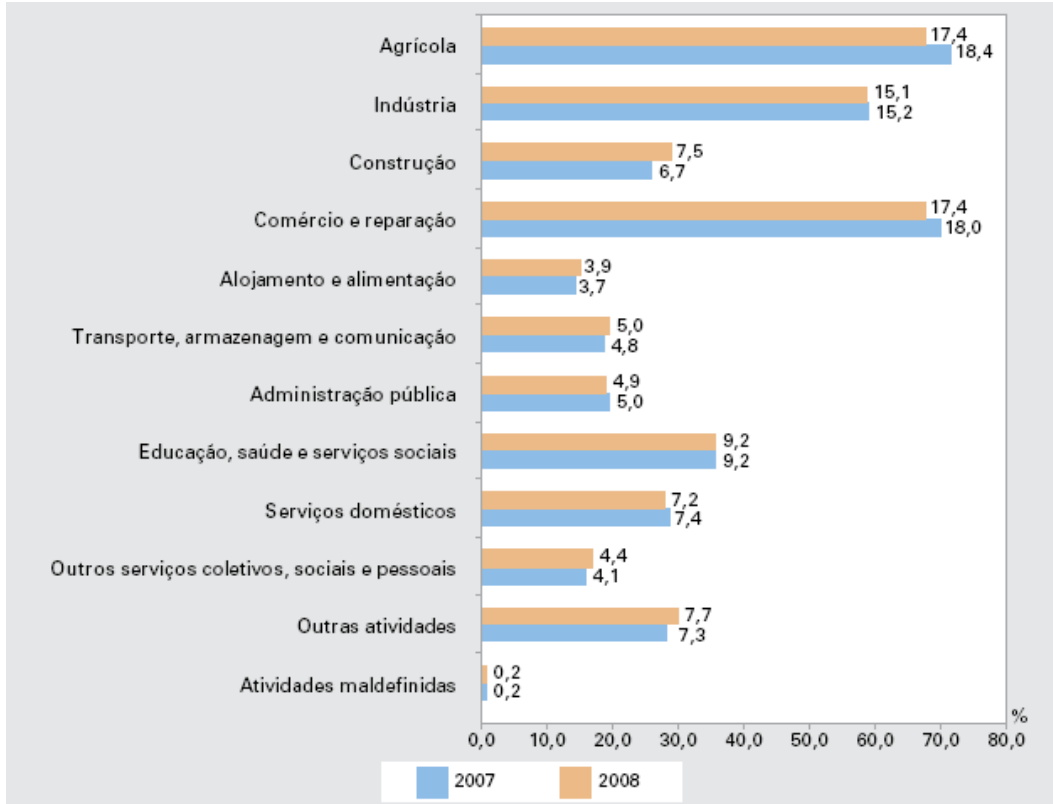


Gráfico 1: Distribuição das pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, segundo os grupamentos de atividade do trabalho principal. Brasil: 2007-2008
 Fonte: IBGE – Pnad 2007-2008 (BRASIL, 2009a, p. 49)

A Câmara Brasileira da Indústria da Construção – CBIC (1999; 2008) também aponta o significativo crescimento no saldo de empregos formais no setor.

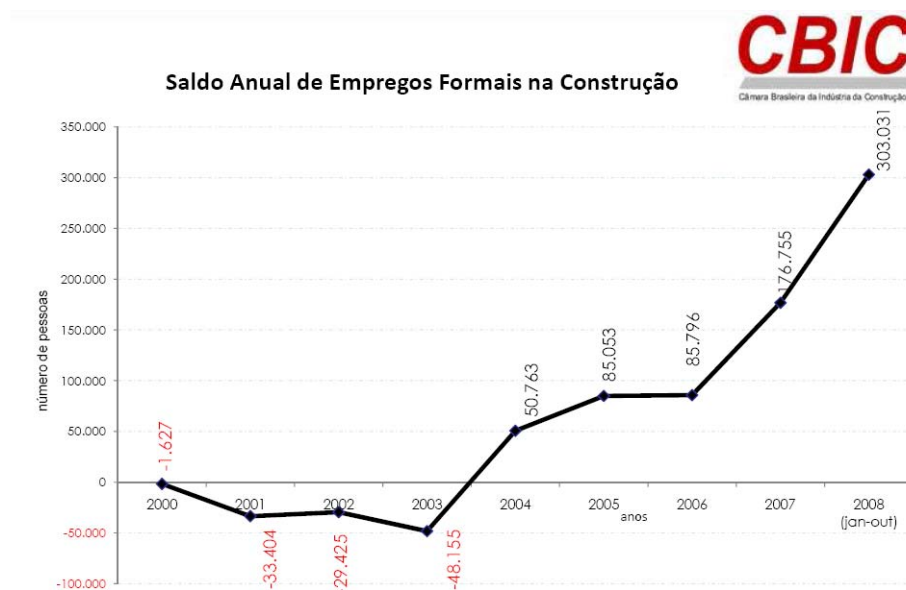


Gráfico 2: Saldo Anual de Empregos Formais na Construção
 Fonte: CAGED/MTE
 Elaboração: Banco de Dados – CIBIC (2008, p. 8)

Além disso, a instituição chama atenção para o fato de que a indústria da construção nacional impulsiona ainda grande parte dos segmentos produtivos, seja através de sua diversificada demanda industrial ou indiretamente pela geração de emprego e renda.

A *FIESP* (2008) é mais uma a apontar a relevância ocupacional tanto direta quanto indireta do setor tomado em seu contexto macro, assim como indicado no *slide* que se segue.



Figura 2: Relevância do Setor da Construção Civil na Ocupação Populacional
Fonte: FIESP (2008, p. 7)

Analisada isoladamente, a construção civil atingiu nível recorde de empregabilidade em outubro de 2009, com 2,327 milhões de trabalhadores com carteira assinada, conforme apontam os dados de pesquisa liderada pelo *Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado de São Paulo - SINDUSCON-SP* feita em parceria com a *Fundação Getulio Vargas - FGV* e noticiada através do Portal VGV (2009). Ainda segundo o estudo, somente em outubro, o setor contratou mais 30,6 mil trabalhadores, chegando a 242,6 mil admissões em 2009 (aumento de 11,64% no acumulado do ano).

Com relação às análises comparativas entre os quatro grandes grupos da construção – (1) obras residenciais; (2) edificações industriais, comerciais e outras edificações não

residenciais; (3) obras de infraestrutura e (4) outras obras – os dados da PAIC 2007 indicam que o valor do segmento de *obras residenciais* avançou 6,3% em termos nominais, em função, principalmente, do crescimento de edificações residenciais (13,9%), produto de maior peso na construção e diretamente influenciado pelo crédito imobiliário, cujo aumento está relacionado a aprimoramentos no marco regulatório do setor. O valor emprestado foi 92,0% superior ao de 2006 e o número de unidades financiadas foi 73,9% maior. Segundo estatísticas do Sistema Financeiro da Habitação do Banco Central do Brasil, foram liberados com recursos da caderneta de poupança, em 2007, R\$ 17,6 bilhões para o financiamento de 193.547 unidades, sendo 51,1% deste montante destinados a novas construções de imóveis e o restante para a compra de moradias usadas. Somado aos recursos da poupança, foram destinados mais de R\$ 6,2 bilhões para o financiamento de habitações populares com recursos provenientes do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço - FGTS.

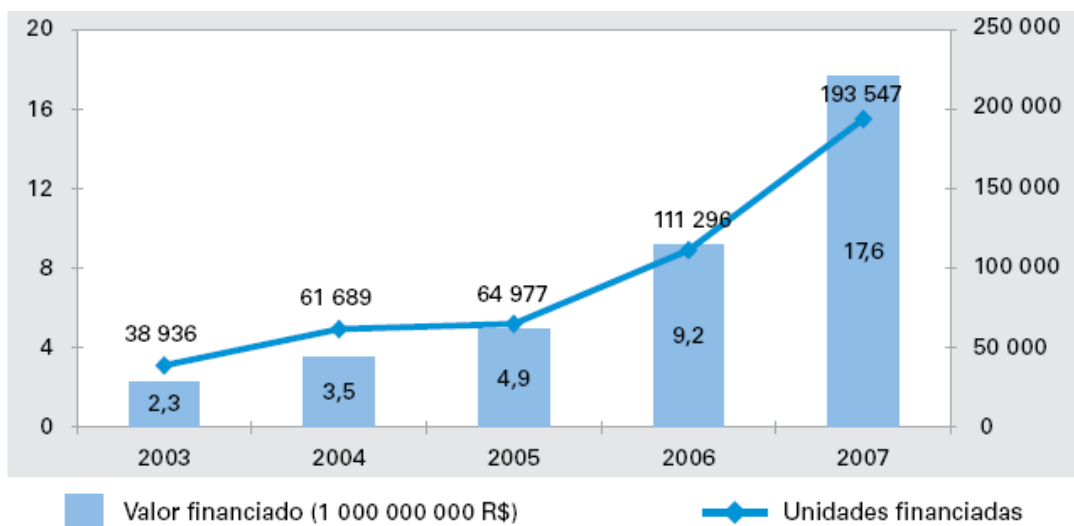


Gráfico 3: Financiamentos Imobiliários, segundo o valor e o número de unidades financiadas – Brasil: 2003-2007

Fonte: Sistema financeiro nacional
Elaboração: IBGE (BRASIL, 2007, p. 31)

O grupo de *edificações industriais, comerciais e outras edificações não residenciais* apresentou acréscimo de 31,4%, impulsionado pelo aumento em obras comerciais (shoppings,

supermercados, lojas, etc. – avanço de 143,2%), plantas industriais (para refinarias, siderúrgicas, indústria química e outras – avanço de 172,5%), e plantas para mineração (avanço de 179,8%). O valor das *obras de infraestrutura*, grupo de maior peso na construção, foi 13,5% superior ao de 2006. O maior impacto positivo veio de ruas, praças, calçadas ou estacionamentos (avanço de 56,0%). A pesquisa menciona ainda, dutos (oleodutos, gasodutos, minerodutos – 42,6% de crescimento); usinas, estações e subestações hidroelétricas, termelétricas e nucleares (82,5%); e redes de instalações de torres de telecomunicações de longa ou média distância (35,1%). Por fim, o grupo *outras obras* avançou 6,1%. As principais contribuições positivas vieram de montagem de estruturas metálicas (96,6%), instalações hidráulicas, sanitárias, de gás (16,9%) e montagem e desmontagem de escoramentos, andaimes, arquibancadas, passarelas e outras estruturas (13,6%).

Grupos de produtos e/ou serviços da construção (1)	Valores das obras e/ou serviços da construção das empresas com 5 ou mais pessoas ocupadas			
	Valor (1 000 R\$)		2007/2006 (%)	
	2006	2007	Variação	Composição
Total	99 546 050	113 904 981	14,4	14,4
Obras residenciais	19 310 755	20 518 390	6,3	1,2
Edificações industriais, comerciais e outras edificações não-residenciais	21 981 490	28 889 846	31,4	6,9
Obras de infraestrutura	36 442 548	41 359 877	13,5	4,9
Outras obras	21 811 256	23 136 868	6,1	1,3

(1) Obras novas, reformas e manutenção.

Tabela 2: Valor das obras e/ou serviços da construção das empresas com 5 ou mais pessoas ocupadas segundo os grupos de produtos e/ou serviços da construção – Brasil: 2006-2007

Fonte: IBGE – PAIC (BRASIL, 2007, p. 32)

No que se refere à análise do salário médio das empresas de construção, a *PAIC* 2007 mostrou que, apesar da média salarial da atividade no Brasil ter aumentado, em termos nominais, de R\$761,76, em 2003, para R\$955,08, em 2007, em termos de número de salários mínimos houve decréscimo de 3,3 para 2,6. Segundo o estudo, este recuo deve-se ao aumento real obtido pelo salário mínimo, cuja média cresceu de R\$230,77, em 2003, para R\$373,08,

em 2007, assinalando aumento de 61,7%, enquanto a variação do *Índice Nacional de Preços ao Consumidor - INPC* foi de 20,8%, registrando um ganho real de 33,8%. Por sua vez, o salário médio nominal no setor empresarial da construção avançou 25,4% no período, ligeiramente acima da inflação, registrando aumento real de 3,8%. O Sudeste continua apresentando os maiores salários entre as regiões do país, cuja média passou de R\$850,11 para R\$1.068,36, entre 2003 e 2007, assinalando um aumento real de 4,0%. Este resultado foi influenciado pelos Estados do Rio de Janeiro, que variou de R\$940,75 para R\$1.263,55 (ganho real de 11,2%); Minas Gerais, que passou de R\$629,36 para R\$821,49 (aumento real de 8,1%); e São Paulo, que evoluiu de R\$919,23 para R\$1.142,11 (aumento real de 2,9%).

Outro dado digno de nota apresentado pela pesquisa é o cálculo da *produtividade da indústria da construção*, definida como o valor das obras e/ou serviços da construção executados dividido pelo número de pessoas ocupadas. Ela tem como objetivo “*mensurar a eficiência do trabalho no setor*”. Segundo esse cálculo, em 2007, a produtividade nacional foi em média R\$ 76,2 mil por trabalhador. O Sudeste registrou produtividade de R\$ 81,4 mil por trabalhador, sendo os maiores índices os do Rio de Janeiro (R\$ 97,1 mil) e São Paulo (R\$ 85,4 mil). O índice de Minas Gerais foi de R\$ 63,4 mil.

Todos estes números contextualizam, de forma global, a inequívoca e crescente relevância da indústria da construção civil brasileira na conjuntura sócio-econômica nacional. Nota-se que este macro setor alicerça o desenvolvimento de vários outros, mostrando-se vital para o crescimento do país. Os números apresentados não se propõem, entretanto, a indicar algo concreto sobre a realidade de vida e trabalho dos sujeitos que compõem este importante campo de atividades, sobre o lugar ocupado pelo ofício que executam na estruturação de sua sociabilidade. Tal é o desafio que se coloca e sobre o qual nos lançamos visando apresentar despreziosa contribuição através dessa dissertação.

CAPÍTULO I

*“[...] Sentindo que a violência
Não dobraria o operário
Um dia tentou o patrão
Dobrá-lo de modo vário.
De sorte que o foi levando
Ao alto da construção
E num momento de tempo
Mostrou-lhe toda a região
E apontando-a ao operário
Fez-lhe esta declaração:
_ Dar-te-ei todo esse poder
E a sua satisfação
Porque a mim me foi entregue
E dou-o a quem bem quiser.
Dou-te tempo de lazer
Dou-te tempo de mulher.
Portanto, tudo o que vês
Será teu se me adorares*

*E, ainda mais, se abandonares
O que te faz dizer não.*

*Disse, e fitou o operário
Que olhava e que refletia
Mas o que via o operário
O patrão nunca veria.
O operário via as casas
E dentro das estruturas
Via coisas, objetos
Produtos, manufaturas.
Via tudo o que fazia
O lucro do seu patrão
E em cada coisa que via
Misteriosamente havia
A marca de sua mão.
E o operário disse: Não!*

*_ Loucura! – gritou o patrão
Não vês o que te dou eu?*

*_ Mentira! – disse o operário
Não podes dar-me o que é meu.*

*E um grande silêncio fez-se
Dentro do seu coração*

[...]

*E dentro da tarde mansa
Agigantou-se a razão
De um homem pobre e esquecido
Razão porém que fizera
Em operário construído
O operário em construção.”*

O operário em construção – Vinícius de Moraes ¹⁰

≈ A categoria *trabalho*.

1.1. TRABALHO E PSICOLOGIA

Logo nas linhas introdutórias de seu livro “*A Função Psicológica do Trabalho*”, Yves Clot (2006), eminente pesquisador contemporâneo, que vem desenvolvendo o campo da Psicologia do Trabalho na França, salienta a necessidade de se enfrentar um duplo problema ao se escrever atualmente sobre as relações entre trabalho e psicologia: as transformações do próprio trabalho na sociedade e na vida pessoal, por um lado, e por outro, o conjunto das contribuições da psicologia em termos de análise do trabalho. Clot assina a autoria da *Clínica da Atividade* que, ao lado da *Psicodinâmica do Trabalho* (de influência psicanalítica), subdivide a clínica do trabalho francesa em duas correntes teóricas principais.

Assim como apontam Codo e Jacques, “[...] a preocupação com o trabalho é tão velha quanto a preocupação com o homem, porque é pelo trabalho que o homem se constrói” (CODO; JACQUES, 2002, p. 21). No campo da psicologia, Maria Elisabeth Lima (1998) indica que as primeiras discussões foram circunscritas na área da saúde mental no trabalho (SM&T) e se deram na França, nos anos 50 (pós-guerra), a partir de importantes contribuições

¹⁰ Vide poema completo na p.148.

da “psiquiatria social”, sendo seus principais autores Paul Sivadon e Louis Le Guillant. No Brasil, a publicação, em 1987, do livro de Christophe Dejours “*A loucura do trabalho*” (1992) teve importância significativa no desencadeamento da discussão e do interesse sobre o tema. Entretanto, M. Lima observa uma flagrante escassez de discussão acerca das obras de outros importantes autores que também contribuíram para o crescimento dessa disciplina na França, composta pelas mais diversas correntes de pensamento. Segundo a autora, essa postura favoreceu, a partir de uma imagem possivelmente distorcida da disciplina, o surgimento de um viés na maioria de nossas pesquisas e produções teóricas sobre o assunto.

Estudos realizados por Osório (2004) apontam que, nas pesquisas brasileiras em SM&T que tomaram como campo empírico o hospital geral, é central a noção de sofrimento psíquico frente aos constrangimentos impostos pelas condições de trabalho. Nesses estudos – numa espécie de filiação à perspectiva da psicodinâmica do trabalho de Dejours – a luta pela saúde aparece mais como luta contra o sofrimento do que como ampliação da capacidade de ação. Confirmando a observação de Lima acima citada, a pesquisadora destaca que “*em nenhum deles é explorada a contribuição de autores que sublinham a importância de produzir caminhos para a ampliação do poder de ação dos trabalhadores e superação das condições de produção deste sofrimento*” (OSÓRIO, 2004, p. 2).

Na Clínica da Atividade proposta por Yves Clot, a compreensão da relação entre o trabalho e subjetividade não se foca na luta contra o sofrimento, mas na atividade de trabalho como fonte permanente de recriação de novas formas de viver (OSÓRIO, 2004). A abordagem se situa na interseção da tradição da ergonomia francesa (Alan Wisner) com a tradição em psicopatologia do trabalho (Le Guillant e outros), tendo como herança a regra de ofício: “*compreender para transformar*”, e isso em resposta à demanda dos próprios interessados (CLOT, 2001, p. 1). Citando Ricouer, Clot afirma que o sofrimento não é unicamente definido pela dor física ou mental, mas “*pela diminuição, ou mesmo pela*

destruição da capacidade de agir, do poder-fazer, sentida como um atentado à integridade de si” (RICOUER, 1990 *apud* CLOT, 2001). O autor chama atenção para o fato de que *“trabalhar atualmente é ter frequentemente que fazer face a uma injunção: assumir responsabilidades sem ter responsabilidade efetiva na definição do trabalho”* (CLOT, 2001, p. 4) e que as condições reais de exercício do trabalho efetivo são cada vez menos objeto do trabalho hierárquico. Na clínica da atividade, são as relações entre atividade e subjetividade que estão no centro da análise. O trabalho é visto não somente como trabalho psíquico, mas como uma atividade concreta e irredutível, onde se faz presente a subjetividade.¹¹

A Clínica da Atividade referencia-se teoricamente na corrente histórico-cultural em psicologia e em linguística, entre Bakhtin e Vygotski (CLOT, 1999 a; CLOT, 1999 b *apud* CLOT, 2001). Inspira-se no trabalho de Ivar Oddone, na Fiat de Turim, caracterizado por uma significativa ruptura epistemológica na psicologia do trabalho.¹² Em Oddone, Clot encontrou instrumentos essenciais para transformar a psicologia do trabalho em psicologia dos trabalhadores (MACHADO, 2005). O autor advoga que *“a comunidade científica deveria deixar ao trabalhador a possibilidade de ele mesmo afetar e controlar a psicologia do trabalho mediante formas de cooperação entre eles, como a co-análise do trabalho, que é o dispositivo de transformação”* (SATO *et al*, 2006, p. 100). Trabalhando em parceria com os operadores, fomentando seu protagonismo na observação e interpretação do trabalho realizado, os pesquisadores permitem a criação de uma *Comunidade Científica Ampliada*, proposta de Ivar Oddone que procura aliar o conhecimento sistematizado da academia com os saberes desenvolvidos pelos trabalhadores em seu cotidiano, gerados na atividade, na experiência. Tendo em vista a complexidade científica e epistemológica dessa proposta,

¹¹ A concepção de atividade adotada por Clot a define como *“uma batalha sem trégua”* por ela se dirigir tanto a seu objeto como à atividade de outros sujeitos que incide sobre esse objeto (MACHADO, 2005).

¹² Tal ruptura epistemológica consiste na mudança dos protagonistas da psicologia do trabalho, a transformação dos trabalhadores em sujeitos da interpretação e da observação, não se reduzindo a objeto da interpretação e da observação dos pesquisadores (SATO *et al*, 2006, p. 100 e 107).

visando o seu desenvolvimento, Yves Schwartz¹³ propõe um regime de produção de saberes denominado *Dispositivo Dinâmico em Três Pólos*: o pólo dos conceitos, o da experiência e um terceiro, ético e epistêmico, que faça a ligação entre os dois. Nas palavras de Maria Elisa Siqueira Borges:

O primeiro pólo, dos conceitos, do conhecimento sistematizado, “encontra-se” com o segundo pólo – dos saberes gerados nas atividades (experiência) – em uma dinâmica constante e contínua de renormalização. Esse “encontro” só pode se produzir na presença de um terceiro pólo, o das exigências éticas e epistemológicas, pois ele pressupõe uma maneira de olhar o outro como semelhante. O terceiro pólo gera uma situação de “desconforto intelectual” e impõe uma certa humildade para reconhecer que ambos os saberes (conhecimento e experiência) vivem a fragilidade de não explicar a realidade em sua totalidade, sendo complementares e não excludentes (BORGES, 2004, p. 44 e 45).

Com uma concepção de atividade equivalente à de saúde – tomando aqui como ponto de referência para a conceituação de saúde a reflexão de Georges Canguilhem¹⁴ – Clot afirma ser a clínica da atividade um dispositivo clínico utilizado para pesquisar o que não foi realizado para restaurar o possível da atividade, para ver e mostrar o que não é possível (SATO *et al*, 2006, p. 105 e 106). Dessa forma, se a ergonomia propõe, na análise do trabalho, a distinção entre trabalho prescrito e trabalho real, o autor desdobra ainda mais essa importante contribuição introduzindo a diferenciação, no seio do trabalho real, entre a atividade realizada e aquilo que ele denomina o *real da atividade*.

¹³ Um dos principais representantes da disciplina ergológica, cujas origens referem-se à experiência pluridisciplinar e pluriprofissional iniciada na Universidade de Provence, França, no final da década de 1970, com a Análise Pluridisciplinar das Situações de Trabalho. Schwartz foi orientador de Clot em sua tese de doutorado.

¹⁴ “Opondo-se à perspectiva da diferença quantitativa entre o normal e o patológico difundida por Comte (1854) no século XIX, Canguilhem (1963, 1943) afirmou uma diferença de natureza qualitativa entre estes fenômenos. Segundo esse importante autor, a saúde é uma norma de vida superior, sendo a doença uma norma de vida inferior. Enquanto a saúde se caracteriza pela abertura às modificações e pela instituição de novas normas de saúde, o patológico corresponde à impossibilidade de mudança e à obediência irrestrita às normas. Sendo a normatividade uma dimensão da saúde, cada indivíduo tem, para si mesmo, sua própria concepção de saúde. Se a fronteira entre saúde e doença é imprecisa para indivíduos diferentes considerados simultaneamente, ela tampouco é precisa para um único indivíduo considerado sucessivamente, pois a fronteira pode variar ao longo do tempo, e o que é normal, em uma situação, pode se tornar patológico, em outra. Além disso, a saúde implica o adoecimento e a saída do estado patológico. O autor argumenta que se a possibilidade de testar a saúde pela doença fosse eliminada, o ser humano não teria mais a segurança de ser saudável. Ainda que os conceitos de saúde e doença difiram, o estado temporário de doença integra a saúde” (COELHO, M. T. A. D.; ALMEIDA FILHO, N. de., 2002, p. 322).

O real da atividade é também o que não se faz, aquilo que não se pode fazer, o que se tenta fazer sem conseguir – aquilo que se desejaria ou poderia fazer, aquilo que não se faz mais, aquilo que se pensa ou sonha poder fazer em outro momento. A atividade possui então um volume que transborda a atividade realizada. [...] Pretender deixar essas coisas de lado em análise do trabalho significa extrair artificialmente daqueles que trabalham os conflitos vitais dos quais eles buscam “se livrar” no real (CLOT, 2001, p. 6).¹⁵

Há ainda nessa abordagem uma forte ancoragem sobre “*a qualidade do trabalho, da beleza do gesto bem feito, da coisa bem pensada, da coisa alcançada*” que, na perspectiva do autor, é a melhor garantia da saúde do trabalhador e, pela defesa e orgulho da profissão, a melhor forma de resistência contra as condições de trabalho inaceitáveis.¹⁶ Trata-se de uma disciplina clínica porque sua ação visa restituir o poder do sujeito sobre a situação, utilizando o *coletivo*¹⁷ como recurso para o desenvolvimento da subjetividade individual. Baseia-se na idéia de que “*a psicologia do trabalho parte do campo (da realidade de trabalho) e volta ao campo*”, e de que “*não há psicologia do trabalho sem transformação da situação de trabalho*” (SATO *et al*, p. 101 e 102).

1.2. O LUGAR DO TRABALHO NA GÊNESE DO HOMEM E DA SOCIABILIDADE

[...] em português, apesar de haver labor e trabalho, é possível achar na mesma palavra trabalho ambas as significações: a de realizar uma obra que te expresse, que dê reconhecimento social e permaneça além de tua vida, e a de esforço rotineiro e repetitivo, sem liberdade, de resultado consumível e incômodo inevitável (ALBORNOZ *apud* LIMA, Maria Elisabeth, 1987, p. 15).

O trabalho é comumente associado à pena e ao sofrimento (o labor ou tripalium), mas é também verdade que os homens se dão uma certa pena para fazer um bom trabalho, isto é, investem “espontaneamente” suas energias e tempo para realizar belas “obras” e obter resultados dos quais possam se orgulhar (LIMA, Francisco, 1996, p. 154).

¹⁵ A observação e compreensão da complexidade da atividade realizada e do “real da atividade” presentes em todo fazer humano, assim como descritos por Clot, fazem com que não possamos deixar de já apontar criticamente o desdém com que é tratada a atividade do operário da construção civil, pejorativamente rotulado como trabalhador “*braçal*”. Essa infeliz expressão, além de tentar diminuir a dignidade da ação realizada através do esforço físico, desconsidera toda a racionalidade, intencionalidade e subjetividade envolvidas na atividade do sujeito que trabalha.

¹⁶ “*Para os autores da Clínica da Atividade, o trabalhador, por mais dominado que seja, guarda sempre algo de sua capacidade de ação. Assim, as intervenções propostas, mais do que conhecer, analisar ou denunciar as formas de dominação e sofrimento existentes, buscam uma aliança com as possibilidades que os trabalhadores têm de criar e recriar suas próprias relações com o mundo*” (OSÓRIO, 2004, p. 5).

¹⁷ “*O coletivo é a profissão como história comum, do gesto partilhado a ser transmitido por herança como história coletiva do pensar sobre o trabalho*” (CLOT, 2006, p. 104).

[...] o trabalho não é nem o paraíso nem o inferno. Ele é do homem, lugar da criação, momento de auto-realização, espaço da obra coletiva e da solidariedade. Muitas formas existem para realizá-lo na complexidade da sociedade dos homens. O que somos hoje foi feito por milhões de homens que nos antecederam e dos quais é preciso escutar as vozes, ver os feitos e respeitar a memória. Qualquer discurso triunfante e atitude desqualificadora correm o risco de amputar a nossa humanidade. (LE VEN, 2001, p. 151 e 152).

Pode-se dizer que *trabalho* é uma das mais antigas, complexas e polêmicas categorias para o gênero humano. Buscando oferecer elementos que favoreçam o entendimento da relação paradoxal de negação e afirmação do trabalho (presente nas citações acima), Lima discute o papel da implicação subjetiva e, mais particularmente, da implicação ética dos trabalhadores na viabilidade de sua realização. Definindo o conceito a partir de suas bases filosóficas, ele aponta que, em Lukács (Ontologia do Ser Social), o trabalho é descrito como categoria fundamental sobre a qual se funda a sociabilidade dos homens, “*um ‘modelo de toda praxes social’ comportando categorias axiológicas e cognitivas, onde se incluem (mas não exclusivamente) os conhecimentos sobre a natureza ou objeto a ser transformado para satisfazer necessidades humanas*” (LIMA, Francisco, 1996, p. 160). Nessa linha de pensamento, o ser humano é compreendido como um ser sócio-historicamente determinado, uma “*individualidade social*” (LUKÁCS, 1976, *apud* LIMA, Francisco, 1996, p. 177), que se objetiva no mundo e se constitui enquanto indivíduo através de sua ação concreta, que é sempre coletiva, e que se desenvolve em um contexto de múltiplas e complexas relações sociais. Para Carreteiro e Barros,

[...] o trabalho é fundamentalmente encontro e troca com os outros. É o que permite “sair de si”, o que requer a capacidade de realizar uma obra útil, de construir e manter engajamentos, de planejar com os outros e para outros. Oferece fora de si uma eventual realização de si na medida em que permite ao sujeito inscrever-se em uma história coletiva (CARRETEIRO & BARROS, 2010).

Observamos profundas redefinições no mundo do trabalho a partir da segunda metade do século XX. Segundo Yves Schwartz, não apenas os ambientes materiais e técnicos se modificaram. Além deles,

[...] os ambientes institucionais, jurídicos, mudam: o que é a empresa, por exemplo. Existem fenômenos de terceirização, de filialização; os quadros jurídicos, mesmo as referências geográficas, as fronteiras da empresa começam a mudar (SCHWARTZ; DURRIVE; DUC, 2007a, p. 26).

Se o reconhecimento das mudanças ocorridas é considerado consensual, o mesmo não se pode dizer em relação às suas repercussões, à concepção daquilo que o conceito trabalho abrange, bem como ao seu lugar e suas funções atuais na sociedade. Dominique Lhuilier (2006) aponta que, enquanto alguns autores anunciam o fim do trabalho e/ou a erosão da ideologia do trabalho enquanto valor [dentre os quais podemos indicar R. Kurz (2002), A. Gorz (1982), C. Offe (1989) e D. Méda (1995)], outros [Y. Schwartz (2007), R. Castel (1998), C. Dejours (1992) e Y. Clot (2006), para citar alguns] ainda o identificam como principal vetor da integração e coesão social, que a identidade e realização de si passam, com efeito, pelo reconhecimento social ligado ao trabalho. De acordo com Lhuilier, “[...] *estas controvérsias vêm, em grande parte, da persistência de etnocentrismo ou de um histórico-centrismo que tende a assimilar a questão do trabalho como a do emprego e a do assalariado*” (LHUILIER, 2006, p. 81, tradução nossa).¹⁸ A autora afirma ser necessário “[...] *distinguir o trabalho de suas formas socialmente e historicamente determinadas para considerar o duplo caráter do trabalho humano, baseando-se sobre uma relação universal entre o homem e a natureza com suporte de relações sociais específicas*” (LHUILIER, 2006, p. 81, tradução nossa).¹⁹ Yves Schwartz sublinha essa importante distinção ao também afirmar ser o trabalho “*uma forma historicamente específica*”. Ele se refere ao trabalho nas situações mercantis, “[...] *uma atividade que se troca por dinheiro. É uma forma de atividade, para nós*

¹⁸ "Ces controverses tiennent pour une bonne part à la persistance d'un ethnocentrisme ou d'un historico-centrisme qui tend à assimiler la question du travail à celles de l'emploi, du salariat." (A tradução desta citação de Lhuilier, bem como as demais dessa autora, foram realizadas por Lecy Rodrigues Moreira, a quem encarecidamente agradecemos a valiosa colaboração).

¹⁹ "Il nous faut pourtant distinguer le travail de ses formes socialement et historiquement déterminées pour prendre en compte le double caractère du travail humain, se fondant sur un rapport universel entre l'homme et la nature, entant que support de rapports sociaux spécifiques."

muito importante, mas é uma forma específica de algo mais geral, a atividade humana” (SCHWARTZ; DURRIVE; DUC, 2007a, p. 30).

Nesta perspectiva ampliada, o trabalho é “[...] o palco onde se apresentam simultaneamente e dialeticamente a relação com o si mesmo, a relação com o outro e a relação com o real” (LHUILIER, 2006, p. 83, tradução nossa).²⁰ Para Yves Clot, a atividade de trabalho favorece a inserção social do trabalhador, oferecendo-lhe a possibilidade de “*descolar-se de si e dirigir-se a um outro, bem como a seu objeto, e de assim desenvolver-se como ser humano*” (OSÓRIO, 2004, p. 4). O conflito e a controvérsia são tidos como constitutivos da atividade de trabalho e propulsores da produção de singularidades. Nota-se que, ao lado dos teóricos citados, à sua maneira, o poeta também apreende essa distinção trabalho/emprego no poema cujo fragmento abre esse capítulo e, ao colocá-la em evidência, busca fazer alguma justiça dando contornos heróicos ao operário explorado. Em uma reflexão consoante à de Lhuilier e Schwartz, Ricardo Antunes (2000) recupera a distinção feita por Marx (1818-1883) entre *trabalho concreto* e *trabalho abstrato*²¹, apontando na exacerbação do trabalho abstrato pela sociedade produtora de mercadorias um dos elementos da deterioração do trabalho, na medida em que este aliena e promove entre produtor e produto uma relação de estranhamento. Assim, naquilo em que alguns autores viram o fim do trabalho e de seu sentido, Antunes identificou deterioração nas condições e na forma do trabalho, não no seu conteúdo. Carreiro e Barros (2010) apontam que, na contemporaneidade, o que ocorre é “*o enfraquecimento da ideologia produtivista, onde imperava o capitalismo industrial e existia uma nítida vinculação entre produção e enriquecimento*”. Segundo elas, o capitalismo financeiro criou uma separação entre produção e ganho, sendo que os ganhos

²⁰ “*Le travail et bien la scène où se jouent simultanément et dialectiquement le rapport à soi, le rapport à autrui et le rapport au réel.*”

²¹ Em *O Capital*, Marx (1989) distingue o trabalho abstrato do trabalho concreto. Este último produz valores de uso e existe em qualquer sociedade. O trabalho abstrato nasce no capitalismo e caracteriza-se como trabalho abstraído de suas especificidades, alienado, trabalho que produz valor de troca, produz mais-valia.

advindos do capital financeiro ocorrem em detrimento da produção de bens e de serviços. Por seu turno, posicionando-se sábia e serenamente frente à polêmica, Yves Schwartz questiona:

[...] Será que é o fim do trabalho? Será que se apaga a experiência humana? O fim do trabalho: talvez não seja o fim, mas o declínio de certas formas clássicas de trabalho [...], aquelas que pareceram dominantes e não são mais. Penso que vemos surgir em substituição outras formas muito diferentes de atividades humanas, que não são necessariamente formas que supõem um ambiente maquínico muito constrangedor. [...] Logo, tudo depende da imagem que se faz dele (do trabalho) (SCHWARTZ; DURRIVE; DUC, 2007a, p. 26 e 27).

Uma das importantes diferenças entre os dois grupos de teóricos nos parece ser precisamente o ponto de onde partem para a elaboração de suas teses. Enquanto aqueles que advogam a obsolescência do trabalho tendem a se basear em argumentações eminentemente filosóficas, abstratas e, quando muito, em observações superficiais de atividades de trabalho, os autores do segundo grupo partem da empiria, isto é, do conhecimento produzido através da aproximação real das atividades de trabalho, da postura clínica de debruçar-se sobre o objeto de análise e com ele interagir, ação esta que se beneficia largamente das contribuições teóricas e metodológicas da Ergonomia e da Ergologia francesas. Ainda frente à abordagem das mudanças no mundo do trabalho feita pelos autores que, ao profetizar o seu fim, ignoram ou subestimam a aproximação das situações reais de atividade humana, Schwartz argumenta:

Se não se faz um esforço de ir ver de perto como cada um não apenas “se submete” – entre aspas – mas vive e tenta recriar sua situação de trabalho, se não se faz esse esforço, então interpreta-se, julga-se e diagnostica-se no lugar das próprias pessoas e isso não pode produzir resultados positivos (SCHWARTZ; DURRIVE; DUC, 2007a, p. 26).

Para o nosso estudo, tomamos a definição de trabalho apresentada por ele mesmo, Yves Schwartz (2007), para quem “*trabalhar é gerir*” (p. 93). O ergonomista apresenta quatro proposições gerais que marcam todas as situações de atividade humana. A primeira refere-se à inexorável e universal distância entre o trabalho prescrito (pensado teoricamente, antecipadamente) e o trabalho real (o que foi feito realmente por uma dada pessoa em um lugar particular). A partir dessa proposição, entende-se que *o trabalho nunca é pura*

execução, pois “o meio é sempre infiel”, isto é, dinâmico.²² A segunda proposição diz que essa distância é sempre parcialmente singular, inserida em uma história particular, referente a quem a executa, não podendo ser jamais plenamente prevista. Assim temos que *a infidelidade do meio deve ser gerida*. A terceira proposição afirma que a gestão da distância remete à ação e arbitragem do que o autor denomina “*corpo-si*”, uma espécie de entidade corporal-anímica do sujeito, que atravessa o intelectual, o cultural, o fisiológico, o muscular e o sistema nervoso.²³ Isso implica que *jamais existe uma única racionalidade no trabalho*. Por fim, a quarta proposição ergológica indica que *a gestão e arbitragem da distância são feitas a partir de um debate de valores/normas*. Se a distância entre o prescrito e o realizado é universal, todo trabalhador tem que fazer escolhas, e essas escolhas obedecem a critérios que, por sua vez, são definidos em função de valores, do debate de normas (debates consigo mesmo e debates que são de ordem social), de um *ethos*.²⁴ Tomemos as palavras de Jacques Duraffourg para sintetizar a perspectiva ergológica de Schwartz sobre o trabalho:

A situação real é sempre diferente daquilo que foi antecipado pelo prescrito. Estas

²² “*Infidelidade do meio*” é expressão que indica haver variabilidades inelimináveis, sempre renovadas, no meio de atividade. “*Primeiro, porque nós não nos encontramos, jamais, na situação estritamente standard, [...] há sempre variabilidades. A segunda razão diz respeito ao fato de que a atividade é vida. E a vida não pode se desenrolar sob o registro do estrito enquadramento, ou da estrita heterodeterminação, ou seja, do assujeitamento estrito ao meio; isto seria invivível.*” (SCHWARTZ; DURRIVE; DUC, 2007b, p. 95).

²³ Definição de *Corpo-si* de acordo com o Glossário de Ergologia: “*O trabalho não existe sem alguém que trabalha. É difícil nomear este sujeito porque isso subentenderia que ele se encontraria bem delimitado, definido. Ora, se a atividade é efetivamente conduzida por alguém em carne e osso, – ela inscreve-se em funcionamentos neuro-sensitivos de tal forma complexos que não se consegue dar a volta – esta atividade tem, além disso, prolongamentos que ultrapassam a pessoa física. São solicitados e mesmo incorporados, inscritos no corpo: o social, o psíquico, o institucional, as normas e os valores [do contexto e retrabalhados], a relação às instalações e aos produtos, aos tempos, aos homens, aos níveis de racionalidade, etc.... Este alguém que trabalha – este centro de arbitragens que governa a atividade – pode assim ser designado *corpo-si* ou *corpo-pessoa*” (DURRIVE & SCHWARTZ, 2008, p. 24).*

²⁴ De acordo com o Glossário de Ergologia, “*norma é uma palavra latina que significa o esquadro. A norma exprime o que uma instância avalia como devendo ser: segundo o caso, um ideal, uma regra, um objetivo, um modelo. Esta instância pode ser exterior ao indivíduo [normas impostas e mais ou menos assumidas], como pode ser o próprio indivíduo [normas instauradas na atividade], porque cada um procura ser produtor das suas próprias normas, na origem das exigências que o governam. Para trabalhar, o ser humano tem necessidade de normas antecedentes (manuais e notas técnicas, regras de gestão, organizacionais, prescrições e instruções, procedimentos, etc.) que, ao mesmo tempo, o constroem e lhe permitem desenvolver uma atividade singular por renormalizações sucessivas. Valor, no sentido subjetivo, é o peso que se atribui mais ou menos às coisas; uma hierarquia, uma categorização própria a cada um a propósito do que se estima, prefere, ou pelo contrário que se negligencia, rejeita. O indivíduo não inventa sozinho nem completamente os seus valores, mas retrabalha incessantemente os que o meio lhe propõe. Nisso, pelo menos parcialmente, ele singulariza-os” (Durrive & Schwartz, 2008, p. 26 e 27).*

diferenças entre o que te é demandado e o que se passa na realidade, devem ser geridas. E estas distâncias são irredutíveis: irredutíveis! O que é trabalhar? É gerir defasagens continuamente renovadas. [...] Trabalhar será sempre questão de confrontação da inteligência humana às incertezas do momento presente (DURAFFOURG; DURRIVE; DUC, 2007, p. 68 e 69).

E completando, com o próprio SCHWARTZ:

[...] é preciso fazer uso de suas próprias capacidades, de seus próprios recursos e de suas próprias escolhas para gerir essa infidelidade, para fazer algo. [...] É necessário que ele (o sujeito) atribua a si próprio leis para dar conta do que falta (SCHWARTZ in SCHWARTZ, DURRIVE & DUC, 2007, p. 192).

Assim, a partir dessa perspectiva sobre o trabalho, entende-se que mesmo a atividade aparentemente mais simples evoca toda uma complexidade subjacente, que engloba aspectos objetivos e subjetivos, invisíveis ao olhar superficial e especulativo. Inspirados por essa *perspectiva ergológica* é que nos propusemos à aproximação da atividade de trabalho dos serventes.

CAPÍTULO II

“Porque eu acredito assim, ninguém nasceu sabendo. Isso aí em qualquer área, setor de trabalho, entendeu?” (Servente)

≈ O Método

Para a realização dessa pesquisa, lançamos mão da opção metodológica do *Estudo de Caso*. Segundo Yin (1989 *apud* BRESSAN, 2000), o estudo de caso é *"uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real"*, onde comportamentos relevantes não podem ser manipulados, mas é possível se fazer observações diretas e entrevistas sistemáticas. Caracteriza-se pela *"capacidade de lidar com uma completa variedade de evidências – documentos, artefatos, entrevistas e observações"* (YIN, 1989 *apud* BRESSAN, 2000, p. 19). Alguns autores afirmam que *“o estudo de caso não é uma metodologia específica, mas uma forma de organizar dados preservando o caráter único do objeto social em estudo”* (GOODE & HATT, 1952 *apud* COUTINHO, Clara; CHAVES, 2001, p. 223).

Não expressamos através dessa escolha metodológica predileção específica pelo enfoque qualitativo em detrimento do quantitativo. Nossa visão sobre o método científico nos faz entender que a busca pela compreensão de fenômenos complexos se faz mais robusta e potente justamente através do entrelace das contribuições e alcances de ambas as ênfases, conscientes de que a apreensão objetiva, neutra e plena da realidade *“assim como ela é”* sempre nos escapa. Resta aos *sujeitos* pesquisadores o sério empenho pela mais objetiva e completa aproximação possível junto ao seu objeto de estudo, aproximação esta que, como ressalta Michel Thiollent, é feita dentro do enquadramento de um arcabouço teórico-conceitual específico.

O uso do método científico não pode ser considerado de maneira independente dos conceitos ou das bases teóricas implícita ou explicitamente envolvidos na pesquisa. Na visão parcial dos práticos, o método científico resume-se numa postura de objetividade baseada na contagem ou na quantificação das coisas. Esta visão é necessária contra os riscos de *“divagação”*. Entretanto, não se deve esquecer que

sempre existem pressupostos que, em geral, não são explicitados, têm que ver com a seleção de variáveis ou de outros aspectos que são, de fato, escolhidos em função dos objetivos imediatos dos utilizadores dos dados. Muitas vezes, tal seleção não está baseada em critérios de relevância científica. Além disso, sobretudo quando se trata dos aspectos sociais da tecnologia e da organização do trabalho, os objetivos imediatos dos utilizadores estão envolvidos em relações de poder que, de fato, restringem a objetividade ou a imparcialidade proclamadas [...] (THIOLLENT, 1983, p. 58).

Ao se focar fenômenos sociais, além da complexidade do objeto em si, ressalta-se ainda o caráter dinâmico e mutante com o qual ele se apresenta no cotidiano vivido. Assim, a opção metodológica para o estudo realizado submete-se às características específicas do objeto focalizado, às afinidades teórico-conceituais do pesquisador e, não menos, à consciência dos limites estabelecidos pela envergadura característica de uma dissertação de mestrado. Nesse sentido, nossa intenção foi a de, de forma despretensiosa, contribuir com o campo de estudo/intervenção acerca do trabalho operário na construção civil brasileira lançando um olhar psicossocial a uma situação real e específica em que ele se inscreve. Não há, portanto, intenções de generalização dos conhecimentos forjados nesse encontro com o situacional, mas sim de possibilitar reflexões e análises que favoreçam o entendimento do global a partir de um contexto vivido.

Conforme apontado na introdução, a pesquisa se inscreve nas chamadas *Clínicas do Trabalho*, mais especificamente na vertente da *psicossociologia* que busca estabelecer uma relação entre a *ergologia* e a *clínica da atividade* para a compreensão e transformação das situações de trabalho. Apresentamos no subtópico seguinte breves considerações a respeito dessas bases teóricas situando, assim, o caminho metodológico percorrido sob o seu direcionamento.

2.1. CONSIDERAÇÕES SOBRE AS BASES TEÓRICAS

A psicossociologia não tem um objeto próprio. Trabalha com as demandas que lhe são endereçadas, buscando transformações sociais, priorizando a relação entre indivíduo e sociedade e convoca desse modo a conexão entre diversas disciplinas. Considera que todo objeto de trabalho (estudo, pesquisa/e ou intervenção) é dinâmico e multifacetado, ou seja, não é estático e uno. Ele é sempre tributário dos atores envolvidos, do campo pulsional, dos grupos, das instituições, do momento

sócio histórico, das condições políticas, entre tantas outras. O conjunto destas dimensões tem impacto sobre o objeto. Assim qualquer objeto só pode ser compreendido se considerado em sua complexidade, ou seja, na multiplicidade de dimensões que participam de sua composição em um determinado momento (CARRETEIRO & BARROS, 2010).

A Psicossociologia é um campo disciplinar que, de acordo com Barus-Michel, J. Enriquez e E. Levy (*apud* Carreteiro & Barros, 2010), teve origem na França nos anos 60, sendo fundada por profissionais com ampla e sólida formação acadêmica em diferentes campos do conhecimento (psicanálise, psicologia, história, sociologia, direito, etnologia, antropologia, filosofia), que trabalhavam com intervenção em associações e, mais tarde, se afirmaram no meio acadêmico. Trata-se de um campo muito dinâmico que, desde sua fundação, passou por transformações significativas. De acordo com Carreteiro e Barros (2010), os objetos inicialmente tratados foram o pequeno grupo e, na sequência, as organizações e as instituições. Na contemporaneidade, esses elementos não são abandonados, mas passam a ser relacionados com aspectos sócio-políticos e históricos, com a sociedade global, notando-se aí uma ampliação do campo de visão.

A psicossociologia se volta para pesquisas e intervenções, para as condutas concretas dos indivíduos, grupos organizações, instituições, comunidades (Mata Machado; Castro Moura; Garcia de Araujo; Roedel; 1994) nas várias dimensões da vida cotidiana. Ressalta importantes questões epistemológicas aproximando os termos pesquisa e intervenção, pois, recusa a ruptura entre saber profano e saber científico. Alimenta a hipótese de que o saber pode ser produzido pela experiência direta dos diversos atores que participam da intervenção, tanto os profissionais quanto os demais atores. No entanto, afirma que as competências de cada um são diferentes. Em síntese enfatiza que não se deve minimizar o saber dos indivíduos e coletivos que vivem as situações concretas (CARRETEIRO & BARROS, 2010).

O olhar psicossociológico defende, portanto, o diálogo entre diferentes saberes. Sua visão epistêmica advoga a favor da complementaridade entre os saberes científicos (conhecimento sistematizado) e os saberes práticos (experiência individual e coletiva), reconhece suas diferenças e exige o estabelecimento daquilo que Yves Schwartz denominou pólo ético, que permite o encontro fecundo entre os outros dois, a partir da extinção de hierarquias de poder entre eles. Ressalta-se aqui o caráter clínico e de intervenção social de

toda pesquisa psicossociológica, haja vista as repercussões objetivas e subjetivas do ato de se favorecer com que tomem a palavra sujeitos e coletivos historicamente silenciados.

Frente ao complexo campo de pesquisa e intervenção que se abre tomando-se como foco de análise a categoria *trabalho*, a psicossociologia se apresenta como importante ferramenta teórico-conceitual. Ela se inclui como uma das modalidades clínicas do trabalho, contribuindo significativamente na investigação das relações entre o individual e o coletivo, o psíquico e o social, o particular e o geral, todas inscritas no universo do trabalho.

A relação indivíduo-sociedade encontra-se na base da compreensão do mundo do trabalho e do sujeito trabalhador. Sujeito ativo, cujo modo de vida e experiência são gerados na vida material e onde o trabalho, entendido em seu sentido genérico, ao mesmo tempo em que altera a natureza, auto-transforma o ser que trabalha por meio da relação com a cultura, da identificação com o grupo, da auto-realização e do sentimento de auto-estima que dele decorre (CARRETEIRO & BARROS, 2010).

A consideração da dimensão dos sentidos atribuídos ao trabalho e das implicações do trabalho na organização da sociabilidade dos sujeitos é ponto de destaque no enfoque psicossociológico.

A busca pela compreensão dos sentidos do trabalho é outro aspecto clínico na Psicossociologia: por que e para que trabalhamos e suas repercussões na vida cotidiana são questões importantes que guiam a pesquisa e a intervenção psicossociológica como uma clínica do trabalho. Trata-se de bem articular uma atividade de pesquisa, que é ao mesmo tempo uma atividade de intervenção, a uma perspectiva teórico/metodológica que favoreça a descoberta e a co-produção de sentidos do trabalho pelos sujeitos envolvidos (CARRETEIRO & BARROS, 2010).

Finalmente, destacamos a significativa importância do diálogo que, no campo do trabalho, a Psicossociologia vem buscando estabelecer com a Ergonomia, a Ergologia e a Clínica da Atividade. Carreteiro e Barros (2010) afirmam que esta aproximação “*tem ampliado e tornado mais complexa as análises, colocando o trabalho real e a experiência dos trabalhadores como categorias importantes na compreensão da subjetividade, do desenvolvimento do sujeito e dos processos de sua participação social*”. Além disso, salientam que, nessas abordagens clínicas, “*todo trabalho efetuado atende a uma demanda, a um desejo de mudança*”.

2.2. O CAMPO DO ESTUDO

Uma situação de trabalho contém as questões da sociedade. Inversamente, pela maneira como se trabalha, cada um toma posição nestes debates da sociedade e os recompõe na sua escala (SCHWARTZ; DURRIVE; DUC, 2007a, p. 31).

Tomamos como campo do estudo uma empresa privada de pequeno porte do ramo da construção civil, situada na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), estado de Minas Gerais, que aqui será denominada simplesmente *Construtora*. O contato prévio do pesquisador com a organização e a abertura irrestrita da mesma para a realização da pesquisa foram fatores determinantes para esta definição.

A Construtora atua na indústria da construção civil e incorporação imobiliária há quatorze anos (desde 1996), tendo executado obras em diferentes estados brasileiros (MG, ES, RJ, MT), nos subsetores de edificações, montagem industrial e, mais recentemente, no de serviços especiais e auxiliares (subestações elétricas). Conta atualmente com 392 (trezentos e noventa e dois) funcionários diretos registrados em seu quadro de efetivos.²⁵ Destes, 292 (duzentos e noventa e dois – 74,5%) são *operários* (oficiais, meio-oficiais ou serventes), sendo 100 (cem – 25,5%) todos os demais funcionários (diretores, gerentes, assistentes administrativos, engenheiros, arquitetos, técnicos, estagiários, mestres de obra, encarregados, almoxarifes, apontadores, vigias e serviços gerais).

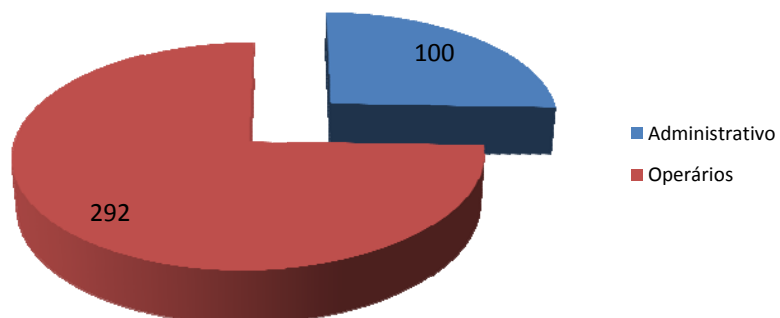


Gráfico 4: Proporção de Efetivos Diretos por Categoria Funcional (Geral)

²⁵ Na construção civil, é muito comum a terceirização de serviços que não perduram ao longo das diferentes fases de uma obra. Assim, é significativo o número de funcionários terceirizados através da contratação de empreiteiros exercendo atividades de armação, forma (carpintaria), escavação manual de tubulões, dentre outras.

Na categoria de operários, dos 292 que compõem o grupo, 106 (36%) são *oficiais* (pedreiros, carpinteiros, armadores, operadores de máquinas, montadores e eletricitas), 28 (10%) são *meio-oficiais*, e 158 (54%) são *serventes*. Nota-se que a categoria dos serventes se apresenta como significativamente mais numerosa nos canteiros de obra da empresa. Em relação a todo o quadro de funcionários (392), os serventes representam 40,3%.

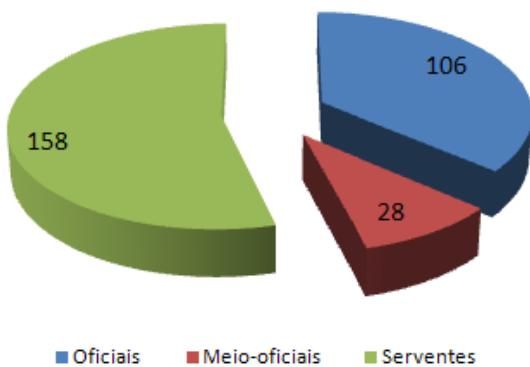


Gráfico 5: *Proporção de Efetivos Diretos por Categoria Funcional (Operários)*

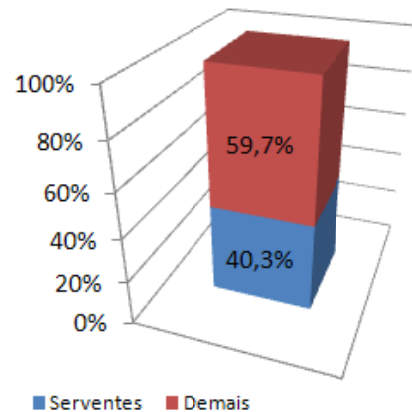


Gráfico 6: *Proporção de Efetivos Diretos por Categoria Funcional (serventes Vs. todos os demais)*

No que se refere à folha de vencimentos mensais, o custo com a categoria representa 38% do total gasto com os operários. Quando comparada a todo o quadro funcional da empresa, a categoria representa apenas 13,3% do custo de pagamento de salários.

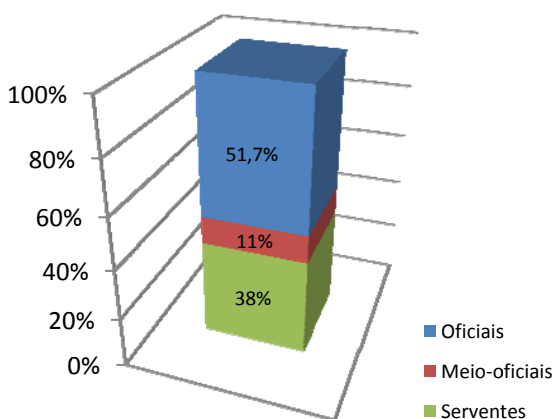


Gráfico 7: *Proporção de Vencimentos por Categoria Funcional (Operários)*

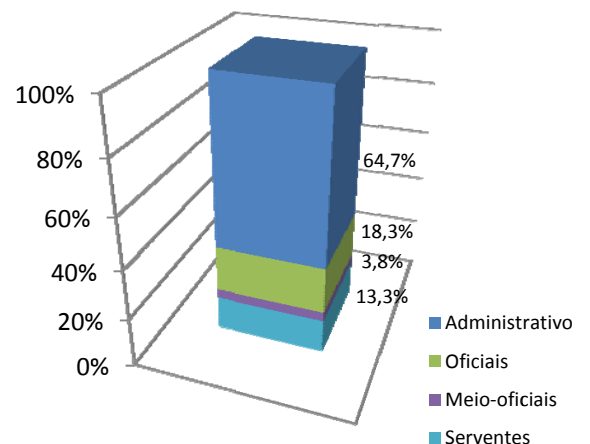


Gráfico 8: *Proporção de Vencimentos por Categoria Funcional (Geral)*

Nota-se aí uma característica sócio-econômica peculiar do segmento social que habita o campo do estudo. O grupo dos operários, que corresponde a 74,5% do corpo de funcionários da empresa, representa 35,3% dos custos fixos formais com salários. O grupo dos serventes, tomado isoladamente, corresponde a 40,3% do total de funcionários, representando 13,3% dos custos salariais formais. O *staff* administrativo da empresa corresponde a 25,5% do grupo total, representando 64,7% na folha de pagamento. Os salários dos operários na construção civil são definidos regionalmente através de convenções coletivas assinadas mediante negociação estabelecida entre os sindicatos patronal e dos trabalhadores. Na RMBH, os salários atualmente praticados são de R\$836,00 (oitocentos e trinta e seis reais) para oficiais, R\$631,40 (seiscentos e trinta e um reais e quarenta centavos) para meio-oficiais e R\$539,00 (quinhentos e trinta e nove reais) para serventes, o equivalente a R\$2,45 (dois reais e quarenta e cinco centavos) por hora trabalhada.²⁶

Nossas investigações preliminares junto aos operários da empresa confirmam o baixo índice de escolaridade característico no setor (sendo 41% o índice de analfabetismo), o trabalho precoce e rural (30% iniciaram atividades laborais com 7 ou 8 anos de idade, sendo 11 anos a média; 54% no meio rural), a insuficiência do rendimento financeiro familiar (tomando-se os critérios adotados pelo IPEA²⁷, 41% das famílias dos funcionários se situa abaixo da linha de pobreza), a alta rotatividade / *turn-over* (em vinte meses, foram realizadas 185 admissões e 88 demissões, sendo o efetivo médio neste período cerca de 55 funcionários) a inexistência de qualificação formal (todos haviam aprendido o ofício exclusivamente através da observação e prática, sem orientação técnica formal), e o elevado número de acidentes de trabalho e doenças ocupacionais (de novembro de 2007 a outubro de 2008, para um efetivo

²⁶ Fonte: Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção de BH e Região – Marreta. Disponível em: <http://www.sticbh.org.br/tabela_salarial.html>. Acesso em 18 de abril de 2010.

²⁷ Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA. No Brasil, o enfoque da renda é amplamente utilizado para definir a incidência da pobreza, sendo que a referência básica para caracterizar a insuficiência de renda é o valor do salário mínimo. Assim, são considerados pobres os indivíduos cuja renda é inferior a meio salário mínimo (Linha da Pobreza) e indigentes aqueles cuja renda corresponda a um quarto do salário mínimo (Linha da Indigência).

médio de cerca de 60 funcionários, foram registrados quarenta e dois acidentes de trabalho). Ao serem questionados acerca daquilo que gostariam de mudar/transformar em suas vidas, uma expressiva maioria dos operários respondeu “*melhorar de profissão*” (22%) ou “*as condições financeiras*” (17%). Quando solicitados a indicar os aspectos insatisfatórios da atual situação de vida, as categorias de respostas mais prevalentes foram “*falta de dinheiro para viver / muito trabalho Vs. baixa remuneração / desigualdade e injustiça social*” (27% no conjunto). Em segundo lugar, a categoria indicada foi “*não ter a casa própria ou não tê-la acabada*” (9%).

2.3. O DELINEAMENTO DAS ETAPAS E OS SUJEITOS DA PESQUISA

A *primeira fase* do estudo teve início em abril de 2007, antes mesmo da inserção do pesquisador no programa de pós-graduação da UFMG. Mediante uma demanda de intervenção apresentada pela diretoria da empresa, nossa intenção inicial foi a de nos aproximarmos do campo do trabalho operário na construção civil de forma genérica e abrangente, sem um foco pré-estabelecido. O objetivo neste momento era o de estabelecer o contato inicial com um campo de atividade até então inteiramente desconhecido. Deixando de lado hipóteses e considerações apriorísticas a nós apresentadas sobre as condições de vida e trabalho dos operários, frequentamos o canteiro de obras buscando submeter a demanda apresentada pela organização àquilo que o cotidiano vivido e os próprios sujeitos envolvidos tinham a nos dizer.

Para esta etapa, além de observações situacionais do dia-a-dia de trabalho e comunicações informais junto aos operários, registradas em diários de campo, formulamos um roteiro de orientação para uma “conversa” realizada individualmente com os funcionários diretos e indiretos presentes em uma determinada obra. As conversas não foram gravadas, sendo os dados registrados em um caderno de anotações confeccionado para cada entrevista. Ao todo, no período de julho a dezembro de 2007, foram tabulados os dados de 79 (setenta e

nove) entrevistas, contemplando a totalidade dos operários efetivos do período, sendo 43 (quarenta e três) funcionários da Construtora e 36 (trinta e seis) da empreiteira terceirizada. Participaram das entrevistas os cargos de servente (33), pedreiro (10), armador (13), carpinteiro (14), almoxarife (1), eletricitista (1), encarregado (3), mestre de obras (1), vigia (2) e técnico de segurança (1). A aplicação da primeira metade das entrevistas, que duravam em média 2,5 horas cada, foi feita pelo pesquisador, sendo que para as demais pude contar com a valiosa participação de duas estagiárias de psicologia. O roteiro elaborado apresentou questões focadas em quatro contextos (pessoal, familiar, moradia e comunitário), tendo investigado aspectos variados tais como idade, escolaridade, idade em que iniciaram a atividade laboral, a primeira atividade exercida, sonhos, desejos, hábitos, nível de satisfação/insatisfação em relação à situação de vida, composição familiar, rendimento familiar, escolaridade dos filhos, condições de moradia, aspectos comunitários, dentre outros.²⁸ Convidamos o leitor a examinar os dados consolidados provenientes dessas “conversas” no Apêndice III.²⁹

Ainda nesta primeira etapa, iniciamos a *revisão bibliográfica* acerca do trabalho operário na construção civil brasileira, onde destacamos os trabalhos de Nair Sousa (1983), Irê Lima (1995), Ronaldo Coutinho (2001), Isabel Borsoi (2002), Fabiana Silva (2006), Eduardo Fonseca (2007), Antônio Borba (2007) e Marcelo Costela *et al.* (2010). Paralelamente àquela, demos início à *pesquisa documental* compilando dados diversos acerca do setor, informações que se mostraram imprescindíveis para a caracterização geral do campo de estudo sobre o qual, então, nos debruçamos a partir do enfoque psicossocial. Ao longo do desenvolvimento do estudo, não nos privamos de lançar mão de outras linguagens além da acadêmica e documental – como a música, a poesia e aforismos – em busca da melhor aproximação e compreensão do objeto de estudo.

²⁸ Vide Apêndice II – Roteiro das Entrevistas Preliminares, p. 119-122.

²⁹ Apêndice III – Dados Consolidados das Investigações Preliminares, p. 123-142.

A conclusão da etapa inicial – que atendeu tanto às demandas do projeto de intervenção encomendado pela organização quanto às incursões iniciais da pesquisa acadêmica, atividades que se desenvolveram em paralelo – propiciou uma boa aproximação e assimilação do campo por parte do pesquisador, bem como possibilitou a definição de seu foco (o trabalho dos serventes) e o delineamento das etapas sucessivas da pesquisa. Assim, demos início à *segunda fase*, composta por observações de cunho ergonômico da atividade dos serventes e três entrevistas semi-estruturadas realizadas em grupo.

As observações das atividades foram realizadas entre novembro de 2008 e agosto de 2009 em duas obras da Construtora. Ambas pertencem ao segmento de edificações comerciais, estando uma delas em fase adiantada de execução e a outra em fase inicial de montagem da área de vivência, escavações, terraplanagem, marcações etc. quando da realização das observações. As entrevistas foram feitas junto a funcionários de uma dessas obras, em setembro de 2009.³⁰

A participação nas entrevistas em grupos foi espontânea. Contando com a autorização da empresa, após exposição de seus objetivos e condições, convidamos abertamente todo o grupo de funcionários de uma obra que ocupavam ou já haviam ocupado a categoria de servente a participar, de forma facultativa, da primeira entrevista, realizada no dia 2 de setembro de 2009, no horário de trabalho. Dispuseram-se a participar 26 funcionários, sendo 13 serventes, 9 pedreiros, 1 operador de máquinas, 1 meio-oficial e 2 encarregados (um de elétrica e um de armação). A provocação inicial utilizada para disparar as verbalizações foi: “*falem-me sobre o trabalho do servente*”. O objetivo foi dar liberdade para que os participantes se pronunciassem livremente sobre a temática, sem direcionamento por parte do pesquisador. Minhas colocações se fizeram presentes no sentido de solicitar esclarecimentos,

³⁰ Apesar de situarmos o período específico em que foram feitas as observações ergonômicas da atividade do servente, a aproximação do cotidiano e da atividade de trabalho dos operários em geral teve início na fase de fundação da primeira obra observada. Assim, tivemos a rica oportunidade de, no curso de dois anos e meio de trabalho, observar todo o processo de construção de um edifício de dezoito andares, do início à entrega do empreendimento.

mediar as manifestações, manter o foco da discussão no trabalho do servente e, ocasionalmente, também participar da discussão com colocações advindas das observações ergonômicas da atividade de trabalho da categoria. É importante destacar que mesmo os participantes com funções distintas dos serventes haviam pertencido à categoria na fase inicial de sua carreira profissional. Assim, a discussão em grupo propiciou a troca de saberes e opiniões acerca do trabalho dos serventes entre profissionais em diferentes etapas do desenvolvimento profissional na construção civil. Essa primeira entrevista teve duração de trinta e oito minutos.

Visando maximizar a participação dos voluntários, o grupo inicial foi dividido em dois subgrupos, sendo realizada uma nova entrevista com cada. Assim, a segunda entrevista em grupo foi feita no dia 10 de setembro de 2009 com o *Subgrupo A*, contou com a participação de 12 trabalhadores (sendo 6 serventes, 4 pedreiros, 1 meio-oficial e 1 encarregado de armação) e teve duração de uma hora e nove minutos. A entrevista com o *Subgrupo B* ocorreu no dia 11 de setembro de 2009, contando com 11 trabalhadores (sendo 4 serventes, 5 pedreiros, 1 operador de máquinas e 1 encarregado de elétrica), tendo uma hora e um minuto de duração. As três entrevistas em grupo foram gravadas em áudio e integralmente transcritas. Vale destacar que, tendo em vista o alto índice de rotatividade (*turn-over*) característico junto à classe operária da construção civil, grande parte dos sujeitos participantes dessa pesquisa já haviam passado por várias outras empresas do ramo ao longo de suas carreiras.

A *terceira* e última *fase* da pesquisa compreendeu a organização das verbalizações em categorias de análise e estruturação dos capítulos da dissertação. Para favorecer o processo de categorização, utilizamos o *software* denominado *QSR NVivo Versão 8.0*³¹. Foram identificadas sete macro categorias a partir do conteúdo das entrevistas: *Relacionamentos; Qualificação; Profissão; Passado Vs. Presente; Desvalorização/ Discriminação;*

³¹ Informações sobre o software e *download* da versão de teste disponíveis em: <http://www.qsrinternational.com/other-languages_portuguese.aspx>. Acesso em 30/05/2010.

Caracterização do Trabalho do Servente e Atividades. O critério utilizado para a categorização foi a similaridade temática dos assuntos apresentados nas verbalizações. Dessa forma, os relatos dos serventes e de outros operários acerca da atividade daquele, organizados em categorias de análise, conduziram a estruturação dos capítulos e escrita do texto. Não poderia ser de outra forma, tendo em vista nossa opção de partir do real para a aproximação e busca de entendimento acerca do objeto focalizado.

Ainda que salientemos nossa escolha teórico-metodológica de partir do real (em contraste com idéias e concepções sobre o real), entendemos ser uma limitação importante desse estudo o fato de ele estar fortemente embasado em observações do pesquisador sobre atividades realizadas pelos serventes e do discurso dos trabalhadores acerca dessas atividades. Sabemos que a ergonomia e a clínica da atividade dispõem hoje de potentes ferramentas metodológicas que possibilitam uma aproximação mais precisa do real da atividade de trabalhadores, aproximação esta que escapa ao alcance das estratégias por nós aqui utilizadas. *Análises Ergonômicas do Trabalho (AET)* do servente, *Auto-confrontações Simples e Cruzadas*, o método da *Instrução ao Sósia*, todas essas tecnologias poderiam em muito contribuir para ir além da observação externa do pesquisador e do discurso dos trabalhadores acerca de sua atividade, promovendo um conhecimento mais próximo e robusto sobre o que de fato se passa quando estão trabalhando. Não obstante, a utilização de cada uma das metodologias citadas apresenta em si toda uma complexidade e exigências que, assim como entendemos, ultrapassam nossas possibilidades dentro do contexto de realização do presente trabalho. Investigações futuras sobre a temática em muito poderão se valer dessas ferramentas.

CAPÍTULO III

“O pior trabalho que existe na construção civil se joga na mão do servente. E quando ele às vezes não dá resultado, quando ele às vezes não chegou no nível que o encarregado queria, simplesmente ele é descartado”. (servente)

≈O Trabalho do Servente

De acordo com a descrição sumária da Classificação Brasileira de Ocupações – CBO (BRASIL, 2010), os *Serventes de Obras* (código 7170-20)

[...] demolem edificações de concreto, de alvenaria e outras estruturas, preparam canteiros de obras, limpando a área e compactando solos, efetuam manutenção de primeiro nível, limpando máquinas e ferramentas, verificando condições dos equipamentos e reparando eventuais defeitos mecânicos nos mesmos, realizam escavações e preparam massa de concreto e outros materiais.

No que se refere às condições gerais do exercício da profissão, diz a CBO:

Atuam na indústria de construção como assalariados com carteira assinada. O trabalho é realizado em equipe terceirizada ou própria, com supervisão ocasional. O trabalho é a céu aberto, no período diurno. Permanecem em posições desconfortáveis durante longos períodos, trabalham sob pressão, o que pode levá-los à situação de estresse, e ficam expostos a poeira e a radiação solar.

São, de fato, descrições bastante sumárias e genéricas. Já na literatura especializada, nota-se expressivo desinteresse pela categoria dos serventes. Não encontramos estudos que a focalizassem diretamente, restando-nos garimpar elementos sobre essa atividade de trabalho em pesquisas em que a classe operária da construção civil figurasse, em sua forma genérica, como objeto de estudo. Assim, na busca pela caracterização do trabalho dos serventes, voltamos a citar os trabalhos de Ronaldo Coutinho (2001) e Nair Sousa (1983):

Servente: operário que auxilia o oficial e o semi-oficial em qualquer tarefa, sobretudo aquelas que demandam maior esforço físico (trabalho braçal) e independem de habilidade e capacidades específicas (operário não-especializado) (COUTINHO, Ronaldo, 2075, p.45).

Descarrega os caminhões de cimento, areia e material, carrega a “jirica” com quase 80 quilos de massa, ajuda no transporte de vigas de madeira, enfim, realiza todas as tarefas do canteiro. [...] costumam referir-se ao próprio trabalho dizendo que o servente “trabalha como jumento” e é um verdadeiro “burro de carga” (SOUSA, 1983, p. 116).

O serviço do servente é ruim demais, num sabe, péssimo demais... Ruim porque é pesado, num sabe, é um serviço pesado. É braçal demais. [...] Ah, servente é mandado demais, a gente é obrigado a tudo, pedreiro manda, carpinteiro manda, o

mestre-de-obra manda, o encarregado grita assim à toa, tudo é o servente: servente, vai acolá... (relato de um servente *apud* SOUSA, 1983, p. 116).

Na perspectiva de um servente participante do nosso próprio estudo:

É um dos serviço mais pesado da obra. [...] As tarefas mais difíceis na obra, eu acho, é do ajudante. [...] É carregar massa pro pedreiro, tijolo, os materiais que o pedreiro tiver precisando, é o ajudante que tem que buscar, é a obrigação é dele. E, ah, é isso. [...] É, o pedreiro não tem a obrigação de fazer isso, mais é o ajudante. [...] Descarregar caminhão, esses negócios assim a obrigação não é do pedreiro não. A obrigação do pedreiro é só levantar parede, rebocar, essa é a obrigação dele. A obrigação do ajudante é não deixar faltar, né, material pra ele. (*servente – Toco*)

Nas observações do dia-a-dia do canteiro de obras e nas citações acima, constata-se que os serventes são escalados para a realização de dois grupos de atividades na construção civil. O primeiro grupo diz respeito aos *serviços gerais* que se apresentam em uma obra (deslocamento de materiais no canteiro, descarregamento e carregamento de caminhões, demolições, limpeza do canteiro e da obra etc.). São atividades geralmente pesadas e cansativas, para as quais se afirma não haver a necessidade de treinamento ou qualificação específica, apenas vigor físico (e “coragem”). Nas palavras de outro servente:

Ó, a realidade é a seguinte, o meu ponto de vista: o servente às vezes é qualificado pra certos tipos de serviço que, de uma certa maneira, alguns não teriam coragem de fazer, cê entendeu? Vou te dar um exemplo. Chega aí na construção civil um caminhão de quatrocentas argamassas. Geralmente eles procuram aqueles mais qualificados no ponto de vista de carregar pra poder descarregar. (*servente – André*)

O segundo grupo de atividades se refere ao ofício de *auxílio aos oficiais* na execução de seus respectivos serviços. Assim, o servente de carpinteiro auxilia este último na preparação, corte e montagem de fôrmas e demais estruturas de madeira, o servente de pedreiro na preparação da massa e disponibilização de tijolos, cerâmicas, ferramentas etc., o servente de armador no manuseio, corte e amarração das ferragens, o servente de bombeiro nas atividades referentes à hidráulica, manejando tubos e conexões, e assim por diante.

[...] eu acho que o servente, a obrigação dele, ele chama ajudante, pra ajudar o pedreiro, não é isso? (*pedreiro – Helbert*)

Um estudo de caso realizado na cidade de Curitiba, cuja autoria, infelizmente, não conseguimos identificar, comparou o “consumo de mão-de-obra” e custo de oficiais e serventes através do planejamento de execução de uma obra com 472 residências no padrão popular. A “mão-de-obra” apresentada no planejamento do projeto demonstra o quantitativo de oficiais e serventes e a quantidade de dias estabelecidos para cada serviço numa jornada de trabalho de 8 horas/dia. A distribuição de “pacotes e serviços” foi dividida em: serviços preliminares; fundação; supra-estrutura; cobertura; alvenaria; pisos; revestimento; elétrica; hidráulica; esquadrias; azulejo; piso cerâmico; forro de madeira; portas; pintura e limpeza, atividades pertencentes ao segundo grupo por nós caracterizado. O resultado da análise apontou que 4 atividades tiveram o mesmo número de oficiais e serventes, 5 atividades tiveram menos que 50% de serventes, 3 atividades atingiram 55% e 2 atividades identificadas como fundação e supra-estrutura apresentaram mais de 65% de serventes em relação aos oficiais existentes na obra.

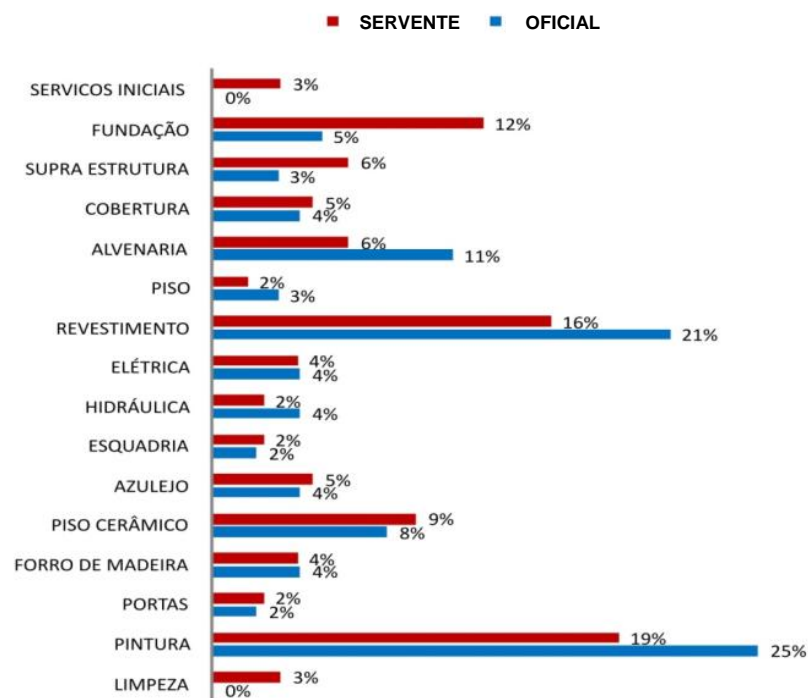


Gráfico 9: Porcentagem comparativa do consumo de mão de obra por serviços

Fonte: Revista Produção Engenharia³²

³² Disponível em: <http://www.revistaproducaoengenharia.org/artigos/208_136.doc>. Acesso em: 15 mar. 2010.

É justamente nessa atividade de *ajudante* (2º grupo) que o servente, aos poucos, se qualifica no ofício em que presta assistência, em um aprendizado prático, lento, informal, mediado principalmente pela observação e pela disponibilidade didática do oficial, até ganhar a oportunidade de ser classificado como meio-oficial e, na sequência, tornar-se ele mesmo um oficial. Mas há também alguns profissionais que não se qualificam nas atividades de oficiais, permanecendo por toda a carreira na categoria dos serventes.

Muitas vez, igual carregava muitas vez lá, falava de mim: “*ah, ocê é um bobo mesmo, cê num qué nem crescer na vida, é bom cê ganhar oportunidade aí ó, pra ser pedreiro, ou encarregado, ou carpinteiro*”. É o que eu não quero, que meu negócio é só o meu serviço mesmo de ajudante mesmo, que eu sempre gostei. (*servente – Nil*)

Tem pessoas que ela tem mais dificuldade de assimilar as coisas, de aprender as coisas, entendeu, e ela só vai aprender as coisas, só vai assimilar as coisas, cê entendeu, de uma certa maneira, com a pessoa sempre empurrando ela. (*servente - André*)

Em geral, esses são os que apresentam menor escolaridade e são vistos como os menos inteligentes, sendo ridicularizados entre a chefia e os próprios colegas (apelido de “*oreia seca*”)³³ e, via de regra, escalados para executar atividades do primeiro grupo (limpeza, organização, deslocamento de material etc.). Outras vezes, são profissionais que atingiram uma qualificação genérica justamente por serem bons serventes (funcionários disponíveis e de confiança) e, em função disso, são solicitados a exercer uma função “polivalente”, substituindo outros profissionais que se ausentam, por exemplo, o que dificulta o processo de qualificação em um ofício específico.

[...] Igual sempre eu trabalhei de pedreiro lá no (nome do edifício) muito tempo. Depois de pedreiro, vigia. É vigia, é na betoneira, cozinheiro, lavano uniforme, tudo. Então eu acho que eu faço de tudo, mas eu vou ter classificação de quê? De nada (risos), de nada, de nada, ué. Então é só isso. (*servente – Inácio*)

³³ Conforme descrição da *Desciclopédia* trata-se de uma “*forma jocosa de tratar aqueles que não possuem escolaridade suficiente para coordenar um determinado serviço (tendo, por fim, que realizá-lo com as próprias mãos)*”. A origem do termo estaria ligado ao “*estado das orelhas dos ajudantes de pedreiro, pelo fato de carregarem inúmeras latas de argamassa, areia, cimento, tinta, cimento etc., que ao respingar nas orelhas (e consequentemente cabelos, ombros e o resto do corpo) deixa-as ressecadas, ásperas e cinzentas*”. Disponível em: <<http://desciclo.pedia.ws/wiki/Orelha-seca>> acesso em: 21 de abr. 2010.

Há também aqueles que se destacam no ofício de servente pelo porte físico e produtividade em determinadas atividades e, mesmo tendo aptidão e interesse de aprender a atividade do oficial, são também escalados com maior frequência para executar tarefas do primeiro grupo.

O servente também, entre aspa, aqueles mais fortinho, né, considerando assim, tem mais força, às vezes ele é selecionado mais pra poder pegar no serviço pior que existe na área da construção civil. Um exemplo: chega aí uma carreta com mil sacos de cimento. Ele seleciona aqueles mais fortinho pra poder descarregar. E às vezes quando acaba de descarregar aquela carreta de cimento, mal, mal dá um prazo ali pra pessoa descansar, não, já pega ele e já coloca ele em outra tarefa mais pesada. *(servente – André)*

As vezes o servente trabalha na construção civil, trabalha na construção civil, aí “*eu vou dar a classificação pra ele, eu num posso, que é o melhor servente que eu tenho, se eu classificar ele...*” muitas vezes também o camarada recebe a classificação de pedreiro porque não serve pra servente. Não dá conta de trabalhar como servente então fica como pedreiro, entendeu? *(servente – Inácio)*

Logo de início, uma visão ainda global das atividades de trabalho do servente já indica diversidade e dinamismo como características da profissão, estando aquelas associadas, de forma macro, ao esforço físico, à limpeza da obra e ao auxílio dos oficiais. Tais aspectos apontam dimensões do real não consideradas nas análises superficiais de senso comum, onde se afirma que tais atividades não exigem racionalidade e tão pouco o domínio de competências. Ao aprofundarmos na caracterização e descrição do trabalho do servente, veremos que essa representação não se sustenta. Começamos esse percurso apresentando um pequeno recorte do desenvolvimento da profissão ocorrido mediante as transformações sociais, culturais e tecnológicas que se apresentaram ao longo das últimas décadas.

3.1. O PASSADO E O PRESENTE

Há certo consenso de que o desenvolvimento tecnológico na construção civil aliviou significativamente o serviço pesado designado aos operários, especialmente aos serventes. Atualmente, o concreto utilizado para o enchimento de tubulões, vigas e lajes, por exemplo, já chega à obra usinado, pronto para aplicação, sendo lançado por uma bomba a uma altura de

até 32 metros desde o caminhão.³⁴ Para outras aplicações (como a massa para o assentamento de tijolos, chapisco, reboco etc.) utiliza-se a betoneira,³⁵ máquina destinada ao preparo da massa e do concreto através da mistura de seus componentes (cimento, areia, brita e água). Antes da aplicação dessas tecnologias, o concreto era todo preparado (“virado”) manualmente, utilizando-se para tanto a força de trabalho humana, com o auxílio de pás e enxadas.³⁶ O concreto pronto era transportado nos ombros dos trabalhadores, em latas, pelos andares de um edifício, até chegar ao ponto de sua aplicação, ou içado através de cordas.

O pessoal virava aí uns 200 sacos de cimento no dia em que tinha que bater uma laje. Agora, você imagina: uma pessoa pegar 200 sacos de cimento, que é de 50 quilos, para virar dentro de uma betoneira; virar, colocar mais brita e mais areia, pra virar aquele concreto e bater laje. Chega o final da tarde, só quer comer e dormir, uai. (relato de um almoxarife descrevendo o histórico da atividade de servente *apud* SILVA, Fabiana, 2006, p. 36).

A grua (guincho) e os elevadores de carga facilitaram muito o transporte de materiais pesados como as ferragens, tijolos, pedras para pisos e fachadas, carrinhos de massa etc..³⁷ Todos estes não são equipamentos baratos. No Brasil, durante algumas décadas, apesar da disponibilidade destes no mercado, as construtoras optavam por utilizar a mão-de-obra de baixo custo para a realização dessas e de outras atividades. Atualmente, entretanto, a locação dos equipamentos se mostra mais acessível e, devido às demandas de agilidade para o cumprimento dos prazos e da qualidade, acabam sendo mais vantajosos, podendo ser encontrados na maioria das obras de médio e grande porte nas zonas urbanas e industriais no Brasil. Outra tecnologia de grande impacto para os operários na construção civil é a utilização de estruturas pré-fabricadas, que demandam mão-de-obra especializada para seu manuseio e aplicação, bem como a utilização de maquinário específico.³⁸

[...] hoje tem mais mordomia. Eu por exemplo, eu comecei em 1974 lá na UFMG mesmo, fazendo aquele prédio lá no fundo. Quer dizer, era trabalho de burro mesmo, era ingnorância pura. Eu tinha 21 anos. [...] Burro porque... o próprio

³⁴ Vide Figura 3 - Caminhão Betoneira e 4 - Caminhão Bomba (p.115).

³⁵ Vide Figura 5 - Betoneira (p.115).

³⁶ Vide Figura 6 - Atividade de “virar” a massa manualmente (p.116).

³⁷ Vide Figura 7 - Grua e 8 - Elevador de Carga (p.116).

³⁸ Vide Figura 9 - Estruturas pré-fabricadas (p.117).

encarregado fazia a gente de burro, né, o servente, ele num, ele era desvalorizado, num tinha valor nenhum. Era trabalhar, era trabalho de burro mesmo, o cara... eu chegava lá de manhã o cara me punha eu pra virar concreto, de repente ... , era na mão, praticamente era na mão, num tinha ... muito pouca máquina. Era na mão, era furar buraco na mão, praticamente tudo era na mão. O servente hoje, apesar de ser muito desvalorizado ainda, mas hoje a tecnologia tá ajudando muito. Então antigamente era bem pior. [...] Ah, era muito ruim, era horrível, né. A pior coisa que tinha era ser servente. Além de ele ser desvalorizado, né, ninguém dava valor, todo mundo mandava nele, o próprio servente mais velho mandava nele. Então era muito ruim, na minha opinião era muito ruim. Agora hoje, a pesar de não ser valorizado, mas, é melhor um pouco, eu acho. Mas ainda é muito desvalorizado, muito. *(pedreiro – Helbert)*

Hoje é tranquilo. Tem muita facilidade. Tem grua pra poder... depois que tem uma grua um ajudante num carrega uma lata de concreto mais, porque tem a grua pra carregar, então é tranquilo, não é igual era antes. *(pedreiro – Elci)*

Se há reconhecimento de que o avanço da tecnologia vem favorecendo de forma considerável a diminuição do sobrepeso na carga de trabalho dos serventes e demais operários da construção civil – questão que se destaca no relato de trabalhadores que vivenciaram os dois contextos (o ontem e o hoje) – há também a percepção dos serventes de que ainda há muito o que se desenvolver no setor, avanços que sequer dependem exclusivamente da tecnologia.

Agora, nós também temos que reconhecer o seguinte. É, a sua geração *(falando com um pedreiro)*, que começou na época lá, a sua geração e a do Seu Helbert aí, que, igual você acabou de falar, que serviam massa, e outras coisas pra seis pedreiros, era uma época que sacrificava mais na área da construção civil *(o pedreiro fala algo)*, justamente, só que nós temos que reconhecer também o seguinte, aquela gestão sua era uma época mais sofrida, a gestão hoje na área da construção civil, existe algumas área ainda que, na área do servente, é sacrificante pra ele, entendeu, é pesado pra ele. [...] Há facilidade hoje? Há. Não discordo de você, mas não é porque há essa facilidade hoje que também a gente vai, cê entendeu, entre aspas, entre algumas pessoas, que nós não vamos deixar de ajudar o colega de serviço, que nós vamos deixar de ensinar ele. *(servente – André)*

Ah, eu trabalho aqui faz cinco meses, vai fazer cinco meses. Não tenho nada a reclamar, né. Às vezes o encarregado pega no pé, mandando fazer altas coisas que... às vezes [...] até semana passada agora, tava batendo martetele, meus dedos todo inchados, ele chegou e me colocou lá pra baixo *(para continuar na atividade)*, eu fui. Eu não ia não, depois, eu tava com poucos mês, se eu tivesse com uns seis meses mais ou menos eu não ia não. Eles podiam me mandar embora que eu não ia não. *(servente – Ivan)*

Com efeito, nota-se que determinadas posturas organizacionais no setor não acompanharam a evolução alcançada pela tecnologia aplicada aos equipamentos. A fase inicial de mobilização do canteiro de obras, por exemplo, é comumente caracterizada pela

precariedade das condições de trabalho e convivência (vestiários, sanitários, refeitório). Tivemos a oportunidade de presenciar serventes e outros operários carregando latas de concreto nos ombros para o enchimento de pilares no terceiro andar de uma obra, fase em que o elevador de carga e a grua ainda não haviam sido locados.³⁹ Sendo o concreto em pequena quantidade (apenas para alguns pilares), avalia-se que o volume utilizado não exige a contratação do Caminhão Bomba. Como o concreto tem um tempo limitado de validade entre a usinagem e a aplicação, chama atenção a correria e o nível de esforço e desgaste exigido dos trabalhadores para a execução da atividade.

Observamos com mais atenção a atividade de um servente escalado para receber dos colegas todas as latas de concreto e transferir o conteúdo das mesmas para o preenchimento das formas do pilar. Ele se posiciona sobre um andaime a 2 metros de altura da laje, bem na extremidade desta (a uma altura de aproximadamente 8 metros da base do prédio). As latas são colocadas por outro servente no madeirite sobre o qual aquele se encontra. Um terceiro servente é responsável por levantar cada lata do chão, que tem o peso de 45 kg, e passá-la para o primeiro despejar o concreto dentro da forma. A lata é por ele girada na altura da sua cabeça, sendo encaixada por entre as ferragens do pilar. Ele bate a lata virada na forma para que o concreto remanescente se solte do fundo da lata. A lata vazia é colocada no chão e outra lata cheia já chega às suas mãos. O servente mal tem tempo para tomar fôlego e observar a longa fila de colegas com latas nos ombros, latas que ainda passarão por suas mãos. Nesse processo, uma boa quantidade de concreto respinga para todos os lados, atingindo o ambiente, a roupa, braços e também o rosto dos funcionários envolvidos. Encontra-se ao seu lado – competindo pelo espaço reduzido – um quarto operário, este um oficial, responsável por “vibrar o concreto”, isto é, introduzir na massa já despejada dentro da forma do pilar um aparelho vibrador necessário para o correto assentamento do concreto e a prevenção da

³⁹ As latas que eram utilizadas na construção civil para o transporte de massa e concreto vêm sendo atualmente substituídas por baldes de PVC (um plástico resistente não 100% originário do petróleo), material mais leve e de menor custo. Ainda assim, mesmo com a substituição na prática, o termo “lata” permanece em uso.

formação de bolhas de ar. Este aparelho produz um ruído incômodo e constante. Soma-se ao contexto a indumentária exigida ao funcionário. Trata-se dos EPIs (Equipamentos de Proteção Individual) que, além de proteção, promovem considerável desconforto. Na atividade observada, o servente utilizava capacete,⁴⁰ uniforme (calça e camisa 67% poliéster e 33% viscose, um material pesado, quente e resistente), botas de PVC (“Sete Léguas” – material impermeável, de cano longo), cinto de segurança (que pesa entre 2 e 3 kg e o prende ao andaime para evitar quedas), luvas de raspa (uma luva grande, que faz o trabalhador perder o tato fino e que não é impermeável) e protetores auriculares (peça de silicone introduzida no orifício auditivo).

Para o enchimento do pilar em questão, foram necessárias cerca de 65 latas de concreto, totalizando 2.945 kg despejados na forma.⁴¹ Notamos que, a partir de um determinado momento (no terço final da atividade), o servente observado apresentava sinais claros de fadiga, como tremor nos braços e tensão na expressão facial. O encarregado permaneceu todo o tempo ao lado, supervisionando (e fiscalizando) o serviço. Finalizada a tarefa, pouco após ele descer do andaime, nos aproximamos e perguntamos como ele se sentia, demonstrando que o nível de esforço exigido na atividade havia chamado a nossa atenção. Frequentávamos a obra há pouco tempo e vestíamos roupas limpas e capacetes brancos (destinados aos engenheiros, encarregados, técnicos, estagiários e visitantes das obras). O servente, 21 anos, magro, recém chegado do interior, novato na construção civil e na empresa, relatou no momento que se sentia “normal”, que a atividade era cansativa, mas nada fora do comum.

Nota-se na situação observada o nível de sobrepeso físico e pressão psíquica envolvidos na atividade. Para lidar com sua execução, o servente lança mão de si mesmo.

⁴⁰ Para proteger o couro cabeludo do incômodo e dano provocado pelo plástico do capacete (em contato com suor, areia, cimento) muitos operários utilizam uma touca de lã, mesmo nos dias quentes.

⁴¹ As dimensões do pilar concretado eram 0,4m de largura, por 1,2m de largura, por 2,3m de altura, totalizando um volume de 1,1 m³ de concreto para o seu enchimento.

Cada momento exige que escolhas sejam feitas e, com elas, que riscos sejam assumidos. É preciso preencher o “*vazio de normas*”, as deficiências de orientação, de conselhos, de experiências adquiridas, registradas ou não em regras e procedimentos.⁴² Nesse momento entra em cena o “*corpo-si*”, essa entidade um tanto enigmática que, segundo Schwartz (2007), atravessa tanto o intelectual, quanto o corporal e o cultural, responsável pela gestão da distância entre o real e o prescrito na busca de tornar a situação “vivível”.⁴³ Nesse processo, o trabalhador gerencia as “*infidelidades do meio*”⁴⁴, isto é, tudo aquilo que preenche essa distância, o que não haviam previsto e lhe dito que poderia fazer parte da atividade – a dor e fadiga nos braços, o incômodo da luva e demais equipamentos de segurança, as características físicas da fôrma de madeira e do posicionamento das ferragens, que exigem com que ele posicione a lata de uma determinada maneira para conseguir despejar o seu conteúdo no pilar, o ardor da mistura de suor e cimento nos olhos, a vertigem pela altura em que se encontra executando a atividade, o acúmulo de latas chegando e esperando para serem despejadas no pilar, [...] –, mas que lá está.

Mas, além do esforço físico e psíquico necessários para a sua realização naquele contexto, o que mais a atividade observada exige do servente? Obediência? Submissão? Que efeitos produzem essas exigências? Que sentido(s) o sujeito confere a esse trabalho? Essas indagações nos convidam a, além do *trabalho real* (tudo aquilo que o servente faz além do prescrito pra viabilizar a execução da tarefa), considerar também o *real da atividade* (tudo aquilo que ele não fez e gostaria de ter feito, todos os conflitos internos com os quais teve que lidar ao longo do processo, todas as ações que chegou a considerar e decidiu não concretizar). Conforme apontado no capítulo dedicado à metodologia, uma investigação mais profunda,

⁴² O *vazio de normas* remete às situações onde o trabalhador, confrontado pelo real de sua atividade, se percebe carente de referências pré-estabelecidas que consigam orientá-lo na resposta às exigências que se apresentam. Para a conceituação de “norma”, vide nota de rodapé na p. 28.

⁴³ Vide definição do conceito “*corpo-si*” na p. 28.

⁴⁴ Vide definição do conceito “*infidelidades do meio*” na p. 28.

conduzida através dos métodos propostos pela clínica da atividade, poderia contribuir de forma significativa na busca de respostas a essas questões. De todo modo, é possível perceber que o trabalhador está imerso naquilo que Schwartz (2007 e 2008) denomina “*dramática do uso de si*”⁴⁵, conceito com o qual o autor, ao examinar a complexidade inerente a todo ato de trabalho humano, visa devolver algo de grandeza àquilo que é considerado infinitamente pequeno ou negligenciável. Schwartz nos ajuda a perceber que, executando a atividade observada, existe um sujeito (e uma subjetividade) fazendo uso de suas próprias capacidades, de seus próprios recursos e de suas próprias escolhas para dar conta de fazer algo.

Assim, frente aos relatos colhidos e às nossas próprias observações e estudos de outros trabalhos, percebemos na fala dos operários mais antigos notada ênfase no apontamento da diminuição da sobrecarga no trabalho dos serventes ao longo dos anos [“[...] *hoje tem mais mordomia.*” / “*Hoje é tranquilo. Tem muita facilidade.*”], em uma espécie de valorização do passado sofrido de suas próprias trajetórias profissionais. Se no passado eram extremas a precariedade das condições de trabalho e a insalubridade no setor, nota-se uma necessária acomodação (no sentido adaptativo de Piaget) a essa realidade, expressa no olhar um tanto condescendente desses trabalhadores frente às exigências vigentes. Essa condescendência é verificada mediante nossa própria observação e análise, bem como através do relato de serventes mais jovens que, deparando-se com o contexto contemporâneo da atividade, apresentam seus constrangimentos [“[...] *a gestão hoje na área da construção civil, existe*

⁴⁵ Segundo o Glossário de Ergologia, “*todo o trabalho, porque é o lugar de um problema, apela um uso de si. Isto quer dizer que não há simples execução mas uso, convocação de um indivíduo singular com capacidades bem mais amplas que as enumeradas pela tarefa. Trabalhar coloca em tensão o uso de si requerido pelos outros e o uso de si consentido e comprometido por si mesmo*” (Durrive & Schwartz, 2008, p. 27). O Glossário define ainda o conceito “*Dramática do uso de si*”: “*Na origem, um drama – individual ou coletivo – tem lugar quando ocorrem acontecimentos, que quebram os ritmos das sequências habituais, antecipáveis, da vida. Daí a necessidade de reagir, no sentido de: tratar esses acontecimentos, ‘fazer uso de si’. Ao mesmo tempo, isto produz novos acontecimentos, por conseguinte, transforma a relação com o meio e entre as pessoas. A situação é então matriz de variabilidade, matriz de história porque engendra outros possíveis em razão das escolhas a fazer (micro-escolhas) para tratar os acontecimentos. A atividade aparece então como uma tensão, uma dramática.*” (Durrive & Schwartz, 2008, p. 25).

algumas área ainda que, na área do servente, é sacrificante pra ele, entendeu, é pesado pra ele.”]. Um dos aspectos relevantes nesse sentido é a insistência do perigo enquanto característica marcante da profissão, ontem e hoje, como indicam os dados sobre acidentes de trabalho.

3.2. A (IN)SEGURANÇA NO TRABALHO

Trabalho frequente em área descoberta, com exposição direta a altas ou baixas temperaturas, tarefas realizadas em grandes alturas, manuseio de objetos pesados, exposição por longo tempo a determinados produtos que podem trazer prejuízos à saúde [...], riscos frequentes de acidentes, todas são características que permitem qualificar o trabalho na construção como difícil, perigoso e pesado, sendo assim, pouco ou nada atraente (BORSOI, 2002, p. 316).

De acordo com o *Ministério da Previdência Social*, define-se como acidente do trabalho aquele que ocorre pelo exercício do trabalho a serviço da empresa, provocando lesão corporal ou perturbação funcional, permanente ou temporária, que cause a morte, a perda ou a redução da capacidade para o trabalho.⁴⁶ Durante o ano de 2008, foram registrados no Brasil pelo *Instituto Nacional do Seguro Social - INSS* cerca de 747,7 mil acidentes do trabalho.⁴⁷

A *Classificação Nacional de Atividades Econômicas – CNAE* define três macro setores de atividades econômicas, o setor da Agropecuária, o da Indústria e o de Serviços. Segundo consta na última publicação do Anuário Estatístico da Previdência Social (BRASIL, 2008), no ano de 2008 o setor agrícola participou com 3,9% do total de acidentes registrados, o setor de indústrias com 46,1% (onde se inscreve a construção civil) e o setor de serviços com 50%, excluídos os dados de atividade “ignorada”. A sessão destinada ao grande grupo da Construção na CNAE é dividida em Construção de Edifícios (cod. 41), Obras de Infra-estrutura (cod. 42) e Serviços Especializados para a Construção (cod. 43), sendo que o

⁴⁶ Anuário Estatístico da Previdência Social (BRASIL, 2008, p. 497).

⁴⁷ As informações foram coletadas junto ao Sistema Único de Benefícios – SUB e ao Sistema de Comunicação de Acidente do Trabalho – CAT, desenvolvido pela DATAPREV para processar e armazenar as informações da CAT que são cadastradas nas Agências da Previdência Social ou pela Internet. O acidente é identificado por meio de um dos possíveis nexos: Nexo Técnico Profissional/Trabalho, Nexo Técnico Epidemiológico Previdenciário – NTEP ou Nexo Técnico por Doença Equiparada a Acidente do Trabalho.

subsetor de edificações, até recentemente enquadrado no grau de risco 3, foi reclassificado para o grau de risco 4 (máximo), sendo equiparado a atividades da indústria, siderurgia e fabricação de armas, munições e equipamento bélico.⁴⁸

Ainda segundo os dados do Anuário de 2008, a subclasse Construção de Edifícios (CNAE 4120) figura em quinto lugar no ranking de acidentes com 2,42% (18.061) do total de acidentes registrado no país (747.663)⁴⁹. Quando considerado em conjunto todo o grupo da Construção (Construção de Edifícios, Obras de Infra-Estrutura e Serviços Especializados para a Construção), temos 6,58% dos acidentes de trabalho (29.054). Na Região Sudeste, para um total de 315.263 acidentes, temos 27.162 (6,60%) no grupo da Construção e, em Minas Gerais, para um total de 77.417 acidentes, 6.105 (7,89%) foram registrados na Construção.

Chamamos atenção neste momento para ao menos dois aspectos dignos de nota relativos aos dados apresentado: (1) a subnotificação dos acidentes de trabalho em geral e, de modo especial, no setor da construção e (2) a gravidade dos acidentes nesse ramo de atividade. O Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil em Belo Horizonte e Região Metropolitana (Stic-BH) denunciou na Assembléia Legislativa do Estado a ocorrência de 16 mortes de operários do setor só nos quatro primeiros meses deste ano. O presidente do Stic-BH, Osmir Venuto da Silva, afirma que o número de mortes pode ser ainda maior, já que algumas não são registradas pelos hospitais como decorrentes de acidentes de trabalho.⁵⁰

⁴⁸ O grau de risco varia em uma escala de 1 a 4, sendo definido a partir da taxa de acidentes observada em cada setor econômico. A fonte de custeio para a cobertura de eventos advindos dos riscos ambientais do trabalho – acidentes e doenças do trabalho, assim como as aposentadorias especiais – baseia-se na tarifação coletiva das empresas, segundo o enquadramento das atividades preponderantes estabelecido conforme a subclasse da Classificação Nacional de Atividades Econômicas - CNAE. A tarifação coletiva está prevista no art. 22 da Lei 8.212/1991 que estabelece as taxas de 1, 2 e 3% calculados sobre o total das remunerações pagas aos segurados empregados e trabalhadores avulsos.

⁴⁹ Os primeiros lugares no ranking são: Atividades de atendimento hospitalar (5,7%), Administração pública em geral (2,78%), Fabricação de açúcar em bruto (2,78%) e Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios - hipermercados e supermercados (2,70%).

⁵⁰ Fonte: *Imprensa Oficial do Governo no Estado de Minas Gerais*. Disponível em: <<http://www.iof.mg.gov.br/index.php?/Legislativo-Arquivo/Em-2010-16-operarios-morreram-em-obras-em-MG.html>>. Acesso em: 30 mai. 2010.

Buscando contribuir para o preenchimento da lacuna relativa à falta de dados estatísticos detalhados de acidentes do trabalho e doenças profissionais ocorridos na construção civil no Brasil, Costela, Cremonini & Guimarães (2010) realizaram uma análise dos acidentes de trabalho ocorridos no setor no Rio Grande do Sul em 1996 e 1997. A partir da disponibilização dos dados na DRT/RS (*Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul*), foram por eles manuseadas 45.206 Comunicações de Acidente do Trabalho - CATs.⁵¹ Segundo os pesquisadores e suas referências, os principais fatores que promovem a subnotificação são:

- a) a transferência, para a empresa, da responsabilidade pelo pagamento do salário referente aos primeiros 15 dias de afastamento, pela Lei 6.367 de 1976. Isto estimula a não-comunicação dos acidentes menos graves, com período de afastamento inferior a 15 dias;
- b) a concessão de estabilidade no emprego para os acidentados com mais de 15 dias de incapacidade para o trabalho, pela Lei 8.213 de 1991. Isto leva as empresas a não registrarem alguns casos com o intuito de livrar-se do pagamento de salários e encargos sociais;
- c) a universalização do atendimento médico através do SUS, pela Constituição de 1988 e pela Lei 8.080 de 1990. Com isto, deixou de ser importante a notificação do acidente, pois os hospitais passaram a receber o pagamento automaticamente, sem a necessidade de especificar se o caso atendido se deve ou não a um acidente do trabalho;
- d) o fato de os trabalhadores com carteira assinada representarem 59% do total dos trabalhadores. Com isto, os acidentes que ocorrem com os outros 41% não são notificados. (COSTELA, CREMONINI & GUIMARÃES, 2010, p. 3).

⁵¹ A Lei nº 8.213/91 determina no seu artigo 22 que todo acidente do trabalho ou doença profissional deverá ser comunicado pela empresa ao INSS, sob pena de multa em caso de omissão. De acordo com o Ministério da Previdência Social, as informações contidas na *Comunicação de Acidente do Trabalho – CAT* são importantes não apenas do ponto de vista previdenciário, estatístico e epidemiológico, mas também trabalhista e social. Há empresas que evitam o preenchimento da CAT mesmo tendo ocorrido o acidente de trabalho, pois seu registro chama a atenção do Ministério do Trabalho para a insegurança a que estão submetidos os funcionários na organização, ficando esta mais vulnerável a fiscalizações.

As análises dos acidentes apontaram que, com relação à distribuição das profissões dos acidentados, serventes, pedreiros e carpinteiros somam 87% dos acidentes registrados, sendo que a categoria dos serventes se destaca de todas as demais.

Profissão	Porcentagem
Servente	44,3 %
Pedreiro	21,7 %
Carpinteiro	21,0 %
Armador	2,6 %
Mestre-de-Obras	2,4 %
Eletricista	2,0 %
Encanador	1,7 %
Pintor	1,4 %
Outros	2,9 %

Tabela 3: Profissão dos acidentados

Fonte: COSTELA *et. al.* (2010)

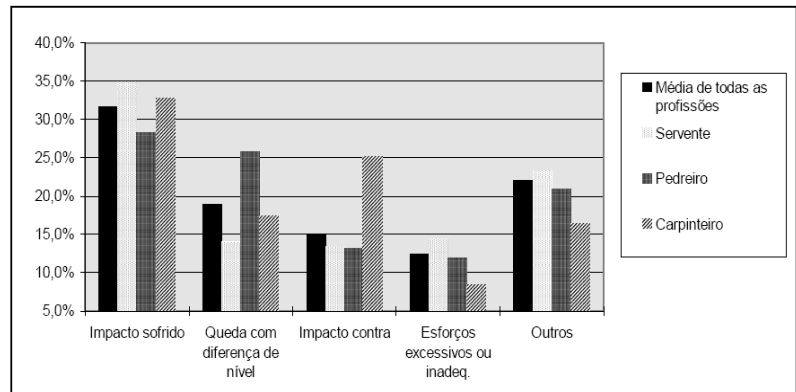


Gráfico 10: Natureza do acidente Vs. Profissão dos acidentados

Fonte: COSTELA *et. al.* (2010)

No que se refere aos tipos de lesões e às partes do corpo atingidas, o estudo indica que

No caso dos serventes, pode-se notar que as lesões não são características, exceto pelo fato de serem os mais atingidos nos dedos dos pés (6,1%). Suas lesões não diferem muito da média, porque eles desenvolvem uma gama muito variada de atividades, o que contribui para o amplo espectro de ocorrência dos tipos de lesões e das partes do corpo atingidas. (COSTELA, CREMONINI & GUIMARÃES, 2010, p.7).

Fonseca (2007) também realizou importante estudo sobre a temática da segurança, tomando como campo empresas de Belo Horizonte/MG. Através do apoio oferecido pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, especificamente o SIAT-SUS-BH⁵², o pesquisador teve acesso a dados um pouco mais fidedignos sobre a realidade local.⁵³

⁵² Sistema de Informação de Acidentes de Trabalho – Sistema Único de Saúde – Belo Horizonte.

⁵³ O Sistema de Informação de Acidentes de Trabalho da Secretaria Municipal de Belo Horizonte (SIAT-SUS/BH) utiliza a metodologia de busca ativa, ou seja, recolhe todo mês, diretamente nos quatro maiores hospitais de Belo Horizonte (João XXIII, Odilon Behrens, Pronto Socorro de Venda Nova e Hospital S.O.S), as comunicações de acidentes de trabalho (CAT) referentes a todas as entradas de atendimento geradores dessas comunicações. Com essa metodologia, o serviço acredita conseguir coletar e registrar mais de 90% das comunicações de acidentes em Belo Horizonte. Os dados disponibilizados referem-se ao ano de 2003.

Atividade Econômica	Frequência	Percentual (%)
Alojamento e alimentação	201	7.9
Comércio por atacado e intermediários do comércio	74	2.9
Comércio varejista e reparação de objetos pessoais e domésticos	388	15.3
Comércio, reparação veículos automotores/motos; comércio/varejo combustíveis	111	4.4
Construção	381	15.0
Fabricação de produtos alimentícios e bebidas	100	3.9
Fabricação de produtos de metal – inclusive máquinas e equipamentos	66	2.6
Limpeza urbana e esgoto e atividades conexas	98	3.8
Serviços prestados principalmente às empresas	421	16.6
Transporte terrestre	118	4.6
Total	2547	100.0

Tabela 4: Estatísticas de acidentes de trabalho no ano de 2003. Resumo da distribuição dos registros de acidentes de trabalho ocorridos em Belo Horizonte por atividade econômica.

Fonte: SIAT/SUS-BH *apud* Fonseca (2007, p. 57)

O grupo da Construção figura em terceiro lugar em termos de número de acidentes registrados, apresentando índices bem próximos ao segundo e primeiro colocados. Quanto à profissão que mais se acidentou na capital mineira, uma vez mais se constata que foram os serventes.

Ocupação	Frequência	Percentual (%)
Carpinteiro	44	12.1
Pedreiro	49	13.4
Servente	147	40.4
Armador	11	3.0
Total	2547	100.0

Tabela 5: Resumo dos acidentes de trabalho ocorridos em Belo Horizonte por ocupação, no ramo do grande grupo da construção.

Fonte: SIAT/SUS-BH *apud* Fonseca (2007, p. 57)

Em nossos próprios estudos preliminares junto à Construtora, observamos os dados dos acidentes de trabalho ocorridos em uma obra da empresa. No período de 1 ano e um mês (de novembro de 2007 a novembro de 2008), foram registrados nada menos que 52 acidentes

de trabalho. O número total de profissionais afastados em decorrência de acidentes foi 35 e 222 os dias de afastamento. A tabela abaixo apresenta a porcentagem dos acidentes em função do total de operários em cada mês analisado. Nota-se que o percentual de funcionários acidentados é elevado em vários meses.

Mês	Efetivo	Acidentes	% do Efetivo
nov/07	43	1	2%
dez/07	40	4	10%
jan/08	45	0	0%
fev/08	41	2	5%
mar/08	44	3	7%
abr/08	53	2	4%
mai/08	58	0	0%
jun/08	63	4	6%
jul/08	69	5	7%
ago/08	87	2	2%
set/08	103	11	11%
out/08	104	8	8%
nov/08	101	10	10%
TOTAL		52	

Tabela 6: Relação percentual mensal entre o número de acidentes ocorridos e o número total de operários registrados na empresa.

Os dados confirmam a prevalência significativa da categoria dos serventes entre os acidentados.

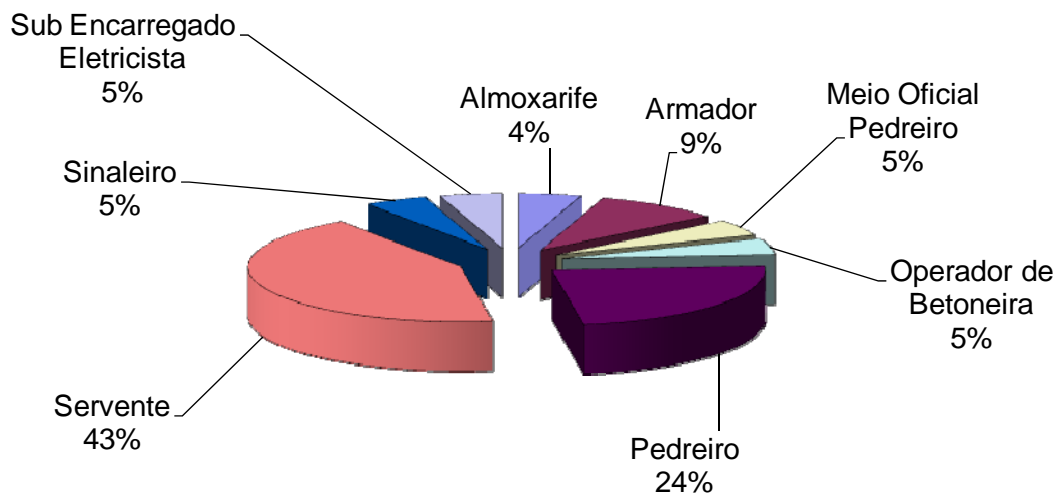


Gráfico 11: Ocorrência de Acidentes de Trabalho por Categoria

Apresentamos a seguir outros dados que nos ajudam a visualizar a caracterização da incidência dos acidentes em nosso próprio campo de estudo.

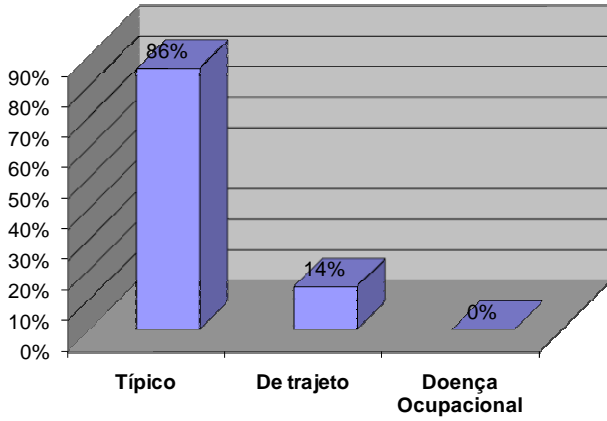


Gráfico 12: Classificação dos Acidentes

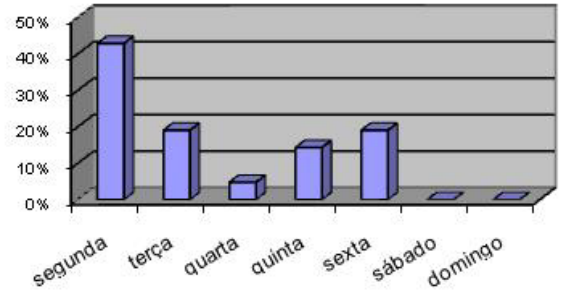


Gráfico 13: Acidentes de Trabalho: dia da ocorrência

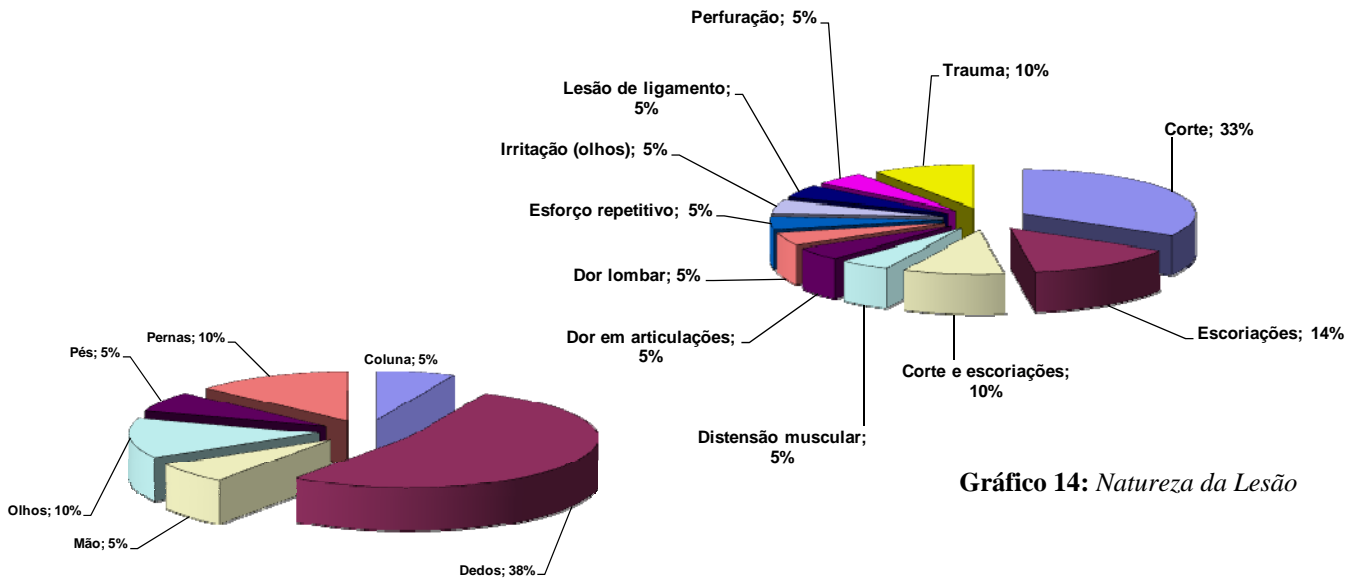


Gráfico 14: Natureza da Lesão

Gráfico 15: Parte do Corpo Atingida

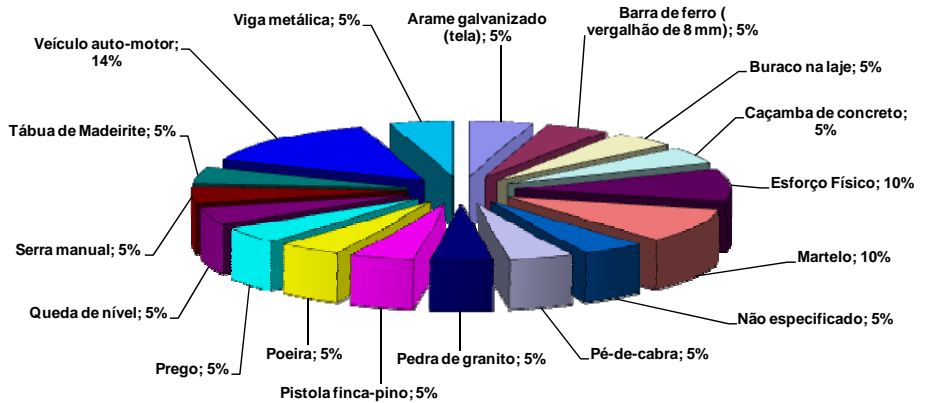


Gráfico 16: Agente da Lesão

Ressaltamos que a apresentação dos dados dos estudos citados (inclusive o nosso) objetiva a caracterização e enriquecimento da visão acerca de campos específicos em que os estudos foram realizados, não sendo eles, necessariamente, representativos. Desse modo, o estabelecimento de qualquer inferência sobre a categoria dos serventes tomada em seu conjunto, feita a partir desses dados, é ato equivocado. Não obstante, os dados do *Anuário Estatístico da Previdência Social* de 2008 e a classificação do grau de risco da CNAE ratificam a periculosidade presente na construção civil como um todo e, mais especificamente, no subsetor de edificações.

Se, assim como apontado por Borsoi na citação que abre este sub-ítem, a periculosidade e a carga de trabalho contribuem com que o ramo de atividade como um todo seja considerado pouco ou nada atraente, veremos que a atividade específica do servente mostra-se como a menos desejada.

3.3. A ATIVIDADE DE SERVENTE COMO O (PENOSO) PRIMEIRO PASSO PARA SEGUIR A CARREIRA NA CONSTRUÇÃO CIVIL

Desde os primeiros contatos com o campo, há algo que marca presença quando focalizada a profissão do servente: o aspecto de *função temporária*. Conforme já apontado, há aqueles profissionais que se mantêm no cargo por toda uma vida (caminho 1). Entretanto, os dois outros caminhos, mais comuns ao servente, são (2) ser classificado e seguir carreira em um ofício específico dentro do segmento ou (3) o abandono da construção civil. Isso confere à profissão uma característica peculiar, uma espécie de “prova de fogo”, um período de experiência, um vestibular de provas práticas, cujo período de duração varia geralmente entre seis meses e três anos. Atrelada a essa característica, percebemos certo esvaziamento da profissão (na perspectiva de superiores, colegas operários e dos próprios serventes), da complexidade e exigência de suas atividades e do valor atribuído às mesmas no processo produtivo do setor (caracterizado, entre outras coisas, pelo mais baixo honorário na pirâmide

salarial). A esse esvaziamento, por sua vez, segue uma falta de identificação por parte dos trabalhadores com o cargo que ocupam, com as atividades que executam, com a profissão que exercem.

A pessoa tem que por na cabeça que não pode ficar só naquilo, ser servente a vida toda, né. Ter a oportunidade e pedir, né, ter coragem de pedir a oportunidade. *(meio-oficial – Bené)*

Apontamos essa questão como relevante na busca de possíveis respostas ao questionamento feito pelo operário, que abre a introdução da dissertação, acerca dos motivos que levam à discriminação do servente. Uma profissão cuja complexidade e importância das atividades que lhe constituem são subestimadas e muito pouco reconhecidas (pelos oficiais, pela organização, pela sociedade, pelos pares e pelo próprio trabalhador), vista como um período de transição, algo temporário, um meio, sempre a apontar para a fase seguinte, associada quase que exclusivamente à heteronomia e ao trabalho pesado, “sujo” e destituído de racionalidade, é uma profissão que em nada convida à valorização do sujeito que a exerce.

Ser servente, bom, bom não é não. Cê tem que aprender, começar de servente, começar da escada, né, do primeiro degrau, procê ir subindo, até ocê chegar em cima lá.

Pesquisador: quer dizer que nenhum servente gosta de ser servente não?

(risos) Gostar eu não gosto não, (risos) gostar eu não gosto não, é pesado, viu. *(meio-oficial – Bené)*

Observa-se que a passagem desse “primeiro degrau” para o segundo (classificação de meio-oficial) e a passagem subsequente para o terceiro (classificação de oficial) são caracterizadas pela informalidade dos processos que as definem. Assim, para “subir”, o primeiro passo a ser dado depende da iniciativa do próprio servente. Trata-se da demonstração de interesse, esforço, obediência e aptidão tanto pelas tarefas que lhes são atribuídas quanto por aquelas delegadas aos oficiais.

Eu acho que oportunidade firma nenhuma dá pra ninguém não. Se você quiser correr atrás de alguma coisa, cê que tem que se virar. Que nem os caras colocou aí, Seu Helbert falou que enchia o pedreiro de material, pegava na colher, pedia o pedreiro pra ajudar ele. Eu acho que a oportunidade é essa aí, cê que tem que correr atrás. Você enche o pedreiro de material e pede ele pra te ensinar. Porque a firma não vai

falar com o pedreiro: “Ó, cê vai ficar por conta de ensinar o..., no caso, o Toco. Cê vai ensinar ele”. Isso aí, pra mim, oportunidade é essa aí. O dia que ele chegar e falar assim: “Ó, cê vai ficar por conta de ensinar o Fulano, Ciclano”, aí isso aí sim, tá dando oportunidade. Mas a oportunidade quem faz é a pessoa, a pessoa enche o cara de material e pede ele pra ensinar. Aí pra mim é oportunidade. Se o cara chegar e falar: “Ó, cê vai ensinar Fulano. Ele não vai precisar de buscar material pra você não, você vai ensinar ele. Outro ajudante vai colocar e você vai ensinar ele”. Aí sim, tá dando oportunidade. Isso aí é oportunidade, agora, que nem eles falam que toda firma dá oportunidade, isso aí pra mim não é oportunidade não. (*servente – Toco*)

Porque você tem que colocar o material e trabalhar, pedir um pedreiro pra dar orientação, aquelas coisas que se tiver dúvida, ele tem que pedir “ó, você pode me treinar aqui?”. Ou a gente mesmo..., quem tá trabalhando comigo, eu falo assim “ó, cê tá parado aí, pega uma colher e vai fazendo isso aqui e isso aqui”, vai orientando. Mas tem muitos pedreiros que não dá essa oportunidade também não. Aí agente mesmo tem que criar. (*pedreiro – José de Fátima*)

Para o segundo e terceiro passos, o servente deve contar duas vezes com a “sorte”. Em um primeiro momento, conforme o relato anterior, é importante ao servente poder trabalhar junto a oficiais que demonstram boa vontade didática.

Porque na realidade da construção civil, o servente, pra ele chegar a meio oficial, a chegar a oficial e ser um bom profissional, vai depender, na realidade, do próprio pedreiro que trabalha com ele. [...] Porque muitos pedreiros têm a consciência do seguinte: “um dia eu fui servente, eu aprendi, hoje eu sou um bom profissional, entendeu, eu vou ensinar Beltrano a ser um bom profissional também, pra ele se qualificar, pra ele ter uma profissão melhor”. Compreendeu? Só que, muitos também já não têm esse ponto de vista. “Ó, cê é servente, ce vai continuar sendo servente o resto da sua vida porque você quer, porque às vezes você não tem condições, entendeu?”. (*servente – André*)

Mas o quê que acontece na área do servente hoje? Existe alguns colegas de serviço, entre parêntese, que por mais que o servente queira aprender ser um pedreiro, ser um carpinteiro, por mais que o servente queira aprender um pouco, digamos assim, de qualquer outra área da construção civil, existe, até hoje, nos dias atuais de hoje, alguns colegas de serviço que começou como você começou, como servente pra chegar no estágio que você tá hoje, mas existem colegas de serviço nos dias atuais de hoje que tem coragem de falar o seguinte, Paulinho: “eu vou te ensinar pra que?”, entre aspas, não são todos, deixo bem claro, mas existe alguns colegas de serviço que fazem isso, que eu presenciei isso, eu ouvi isso. (*servente – André*)

Na sequência, é da atenção e boa vontade (“ajuda”) dos encarregados, mestre de obras e do próprio engenheiro que ele passa a depender para ascender. Isso porque há no setor uma grande informalidade quanto aos critérios, regras e prazos que regem o processo de saída da condição de servente e classificação do profissional como meio-oficial e oficial, ficando a decisão a cargo da avaliação pessoal dos superiores hierárquicos. Nesse processo, o bom

relacionamento dos operários com a chefia conta muito, por vezes até mais do que o desenvolvimento da competência técnica do trabalhador. Muitos relatos sublinham a importância da iniciativa de cobrar (pedir) a classificação ao encarregado e demais gerentes.

Porque se não vim do encarregado pra reconhecê, né, aquilo que a pessoa tá fazendo dentro do canteiro de obras, ninguém vai ver, né, não adianta um colega ou outro falar que não vai resolver. Então isso aí tem que vim dos grande mesmo lá que tá vendo as coisa que tá acontecendo dentro da obra. Pra poder ajudar, né. Aqueles que merece, interessa por aquilo, né. Que tem muitos que interessam, tem muitos mesmo, que trabaia comigo mesmo, que eu dô oportunidade. [...] pra ajudar, pra ele subir, pra ele não ficar toda vida lá em baixo, né. O cara, muitas das vezes paga aluguel, ele precisa daquilo. [...] o salário dele é só aquilo e é aquilo mesmo. E é um salário muito pouco. (*pedreiro – Baiano*)

Porque não adianta nada eu aprender nada e se também o encarregado não ver o que eu sei e não falar com o cara. Eu vou ficar só ali, só naquilo, naquilo, e nada. (..) É, tem que aprender, mostrar, e o encarregado também vê, né, que a gente tá ali. Mas tem encarregado também que, assim, quando não vai com a cara da pessoa, né, tem muito disso, né. Tem encarregado que não bate com a cara da pessoa ali. Aí fica aquilo. Mesmo que você sabe trabalhar ele fica ali, não te dá oportunidade, não dá chance nenhuma. Você vive naquilo ali a vida toda. Pode ficar na firma a vida toda que você vai ser aquilo a vida toda. Aí não tem como, né? E assim, né, isso acontece em firma, isso tem muito, muitas pessoas não vai com outras. Vai, assim, conversa e tudo, mas aquela conversa assim, pra lá. Que sempre, geralmente, já tem aqueles, né, já tem os puxa saco. Isso aí em qualquer firma e em qualquer trabalho existe. Não só aqui, no mundo todo, né, existe isso. Puxa saco, esses trem existe mesmo. Mas só que aí, né... a vida é essa, né. (*servente – Edson*)

Esse negócio de classificação, primeiramente você fica, [...] tem firma que te leva, você fica em meio-oficial até um ano. Aí depois de um ano que eles passam você a oficial. Mas tem muitas firmas que você fica aí até três anos. Depende do encarregado ou do engenheiro que tiver na obra também. [...] Porque a pessoa não olha, dificilmente. Se você não cobrar, você não vai pra frente, ele não classifica não. Tem que ser cobrado. (*pedreiro – José de Fátima*)

Nos idos da construção de Brasília, que hoje comemora seu cinquentenário, Nair Sousa (1983) já apontava cada um dos aspectos por nós encontrados relativos às dificuldades da ascensão profissional na construção civil. A autora salienta ainda o fato de ser “*cômodo para as empresas manter ajudantes e semi-oficiais realizando tarefas de oficiais sem receber a remuneração devida*” (SOUSA, 1983, p. 97).

A partir das caracterizações já apresentadas da atividade e contexto profissional do servente, podemos iniciar nossa indagação acerca das possíveis repercussões subjetivas e psicossociais que acometem o sujeito pertencente à categoria, tendo em vista a relevância do

lugar ocupado pela esfera do trabalho na definição de sua identidade⁵⁴ e na definição de seus modos de vida.

[...] o indivíduo é definido pelo lugar que ocupa no processo de produção, como trabalhador remunerado, realmente inserido em uma sociedade na qual o trabalho tornou-se a atividade mais valorizada. Assim, aquele que não contribui para o progresso econômico da nação, que não dispõe da “liberdade de empreender” (Locke) ou que não se submete à “ardente obrigação do trabalho” (Saint-Simon), que torna cada indivíduo igual aos demais, enfrenta as piores dificuldades para ser considerado cidadão. Com efeito, é essa a tendência que vemos triunfar na sociedade brasileira, ainda que, constitucionalmente, todos os indivíduos nacionais devam ser percebidos como cidadãos. O brasileiro, contudo, sendo trabalhador, nem por isso mesmo está quite (CARRETEIRO, 2001, p. 156).

É o que parece acometer a categoria dos serventes. Se o desemprego e a criminalidade podem não parecer alternativas atraentes (ou moralmente aceitáveis), a profissão e o trabalho tão pouco parecem ser capazes que conferir-lhes o acesso à respeitabilidade social, à “igualdade entre os demais”. Ainda segundo Carreteiro,

[...] é com base na atividade profissional institucionalmente reconhecida que o indivíduo é considerado um cidadão, ou seja, aquele que é digno do olhar do outro, seja esse outro um indivíduo ou uma instituição. Esse reconhecimento o ajuda a fortalecer sua subjetividade. [...] Quando o olhar de outrem só exprime o não reconhecimento, a indiferença [...], o desdém, a violência, o sentimento que o indivíduo em questão não tem nenhum lugar marcado e admissível, então isso fere profundamente e de forma duradoura o narcisismo do sujeito. [...] O sujeito desfilado, desafiliado, excluído, não só se sente desvalorizado socialmente, mas invalidado psicologicamente (CARRETEIRO, 2001, p. 159).

E o que dizem os serventes?

[...] a pessoa ela se sente auto-desvalorizada, infelizmente a realidade é essa, às vezes ela não fala, entendeu? Mas ela se sente desvalorizada, ela se sente inferior, que a realidade é essa, entendeu? (*servente – André*)

Frente à desvalorização e à discriminação, parece restar aos serventes o estabelecimento de uma relação estranhada com sua profissão, identificando-a como um mal necessário para a ascensão no ramo de atividade da construção civil que, pela baixa exigência do nível de escolaridade, capacitação e experiência, lhes parece a única porta possível de

54 “O nome não é a identidade; enquanto substantivo não revela a identidade, mas apenas parte dela. O substantivo é algo que nomeia o ser, e para isso é necessário uma atividade: o nomear. Logo, a identidade não é substantivo, é verbo; identidade é atividade” (CIAMPA, 1984 apud LAURENTI & BARROS, 2000).

entrada no mercado de trabalho formal e acesso às seguridades sociais que esta vinculação oferece.

3.4. O “BOM SERVENTE”

O que caracteriza um bom servente? Entendemos que a expressão valorativa espontânea por parte dos operários – isto é, sem diretividade por parte do pesquisador – acerca daquilo que diferencia positivamente um profissional no exercício da atividade de servente diz bastante dessa atividade. De acordo com o relato de serventes e oficiais, a antecipação é uma característica fundamental para o bom exercício do ofício de servente. Essa característica, por sua vez, ao ser apresentada, coloca em evidência outro aspecto intrínseco à profissão: existe uma interatividade silenciosa, porém constante, entre o servente e o(s) oficial(ais) com o(s) qual(ais) aquele trabalha.

O servente bom, que agente fala que é um servente bom, é o servente que você não precisa de tá explicando muita coisa. Eu explico pra ele uma vez só o que tem de fazer a atividade dele, ele sabe como a massa tá bom, eu não preciso de pedir pro servente fazer uma limpeza no local onde você tá trabalhando, e é tão bom pra gente como pro servente. (*pedreiro – José de Fátima*)

[...] se você fizer o serviço direitinho e não precisar esperar o cara te pedir, vão supor, a massa tá acabando, o cara que tem consciência não vai esperar o pedreiro pedir ele, falar com ele que tá acabando a massa, entendeu? Aí o cara já passa a gostar de trabalhar com aquele ajudante, que não deixa faltar material, entendeu. [...] É, não deixar faltar material, não esperar o cara pedir pra você fazer uma limpeza, não esperar o cara pedir. O pedreiro já passa a gostar de trabalhar com aquele ajudante, entendeu? Eu acho que é aí. O cara gosta de trabalhar com o ajudante quando não precisa de ficar pedindo ele pra fazer as coisas. Eu acho que, é mais ou menos por aí. (*servente – Toco*)

O ajudante não pode esperar a gente só ficar mandando ele não. Ele tem que saber o que vai fazer, entendeu? Ele já sabe o serviço que vai fazer, se ele chegou, faltou material, ele vai lá e busca. Entendeu? Vamos supor, ele põe um balde de massa aqui. Ele vê que tá acabando, ele não precisa esperar a gente falar “*ou, pega a massa pra mim*” não. Ele tem que chegar e ele mesmo pegar lá. (*pedreiro – Pedro*)

Nota-se, portanto, que a atividade do servente exige que ele detenha uma boa noção global da atividade do oficial, dos materiais requeridos e das etapas de execução, de modo que a realização de seu próprio trabalho possa dar condições à realização do trabalho do colega. Quanto mais atento e responsivo às demandas apresentadas pelo trabalho do oficial – captadas

no processo de execução, sem que este tenha que explicitá-las verbalmente – melhor servente ele é. Nota-se também uma exigência que não deixa de apresentar algo contraditório: o “bom servente” é aquele que não carece de orientação para a realização de seu trabalho, o que exige significativa noção da atividade do colega mais graduado, sendo que o que caracteriza o trabalho operário na construção civil é justamente a não exigência de qualificação específica quando da entrada no setor e a informalidade no processo de treinamento/qualificação. Assim, do novato é esperado que ele logo saiba o que fazer, sem precisar ser orientado, aprendendo principalmente através da observação. Seria aqui de grande valia uma investigação mais aprofundada acerca de como o servente lida com essa contradição, se ele se dá conta da mesma ou não e quais efeitos são por ela produzidos. De todo modo, o exposto já explicita aspectos importantes do caráter de *gestão das defasagens do meio* presente na atividade dos serventes. A significativa distância entre o prescrito (muito impreciso e com inequívoco teor de subestimação da atividade) e o real (dinâmico, desafiador, repleto de surpresas) impõe ao trabalhador a mobilização de seus próprios recursos para decidir o que e como fazer, a cada momento, em resposta às exigências do meio (que incluem o entendimento da tarefa e expectativas quanto ao seu trabalho, os insumos dos quais dispõe, o nível de esforço físico exigido, a interação com os colegas e a chefia, para citar algumas) e aos seus próprios valores.

Apreendemos, portanto, questões indispensáveis ao servente na execução de suas atividades: a boa capacidade de observação, de aprendizado rápido, bem como de antecipação. Entendemos também que se trata de uma atividade eminentemente interativa, mediada por intrincados meios de comunicação verbal e não verbal entre serventes e oficiais e serventes e encarregados, que são construídos na prática de trabalho e constantemente utilizados na regulação da atividade dos envolvidos – aspecto destacado no próximo subtópico. Esse contexto de exigências deixa claro que, para ser um “bom servente”, é necessário desenvolver competências, na acepção de que “*ser competente é tirar partido do*

meio, gerir as relações de antecipação e de encontro em função de valores, [...] antes de tudo, um ‘agir’ aqui e agora.” (SCHWARTZ; DURRIVE; DUC, 2007, p. 98 e 207). A Ergologia demonstra que, mais do que nunca (mediante ao crescente avanço tecnológico), observa-se o deslizamento da noção de *qualificação* (habilidades restritas a situações de trabalho operacionalmente circunscritas) para a de *competência*, em respeito à dimensão gestonária do trabalho cada vez mais evidente. Competência, entretanto não pode ser entendida como uma noção simples e homogênea. Em todo *agir em competência*, para cada pessoa, em uma dada situação, mostra-se necessária a combinação de certo número de “ingredientes”, distintos entre si, que se interagem. Schwartz (2007, p. 209-223) identifica seis ingredientes. O primeiro refere-se ao domínio dos protocolos numa situação de trabalho (as prescrições). O segundo, ao contrário, diz da capacidade de se deixar apropriar pela dimensão singular da situação, da relativa incorporação do histórico de uma situação de trabalho. O terceiro ingrediente de uma competência caracteriza-se justamente pela capacidade de articular a face protocolar e a face singular de cada situação de trabalho. O quarto remete ao debate de valores e de normas presentes na atividade.⁵⁵ O quinto diz da forma como cada pessoa faz *uso de si*⁵⁶ e de seus potenciais, com incidências sobre cada ingrediente anterior. Finalmente, o sexto ingrediente remete à dimensão do coletivo, à capacidade de tirar partido das sinergias de competências de diferentes atores em situação de trabalho. Os seis ingredientes articulam, portanto, três dimensões distintas: (1) a do saber codificado, (2) a do saber singular, situado em uma dada história e (3) a da relação do sujeito, em termos de valores, com o meio em que vive e trabalha. Assim, por detrás da aparente simplicidade de suas atividades, ao trabalhar, o servente desenvolve e articula todos esses diferentes ingredientes e o faz em um contexto significativamente exigente, tendo em vista o caráter tácito de grande parte das orientações e expectativas que lhes são dirigidas.

⁵⁵ Para a definição dos conceitos “norma” e “valor”, vide nota de rodapé na p. 28.

⁵⁶ Para a definição do conceito “uso de si”, vide nota de rodapé na p. 52.

Nossas análises nos levam a pensar que tanto os serventes quanto os demais atores da construção civil não percebem essa outra contradição, ainda mais abrangente e estrutural do que a anterior, contradição verificada entre o que é, na prática, exigido do servente em termos de competências de um lado e, do outro, a representação vazia de complexidade que todos aqueles detêm acerca da profissão. Mais uma vez, uma análise detalhada e focada sobre esta questão poderia indicar como se dá essa nova contradição, bem como suas implicações tanto para o processo produtivo em si quanto para os sujeitos envolvidos, em especial o próprio servente. Veremos a seguir alguns dos aspectos que corroboram a existência dessa contradição.

3.5. A INTERAÇÃO ENTRE SERVENTES E OFICIAIS

Com efeito, a interação servente-oficial merece destaque no processo de estudo da atividade do servente. Esta interação encontra-se na base de todo o processo produtivo na construção civil, nas diferentes fases de execução de uma obra. Ainda assim, pouca ênfase lhe é conferida por parte dos níveis de gestão.

O servente é como que o braço direito do pedreiro. Não tem como o pedreiro soltar o serviço sem o servente. E se o servente é bom ele vai soltar o serviço muito mais. Então, o servente, ele é o braço direito do pedreiro. (*pedreiro – Helbert*)

A definição das equipes de trabalho é feita pelo mestre de obra e/ou pelos encarregados. Não há uma definição explícita e padronizada pela organização acerca dos critérios utilizados nessa escalação. Dependendo da atividade a ser executada, bem como da urgência e/ou precisão exigidas em sua execução, e dependendo dos critérios pessoais do mestre/encarregado, são escolhidos os oficiais para realizá-la e, na sequência, os serventes para auxiliá-los. Em geral, um servente auxilia dois ou três oficiais por vez. Existe uma grande rotatividade dos profissionais nas equipes formadas, o que acaba por quebrar o

processo de aprendizagem dos serventes e estratégias de trabalho eficaz lentamente construídas na interação entre os trabalhadores.

Mais tempo junto é melhor porque você tem mais oportunidade de aprender com o pedreiro. Às vezes você fica só mudando de pedreiro, cê fica doido. Agora, com um pedreiro só, cê trabalha, cê ajuda a por massa pra ele, cê põe, te dá mais oportunidade. Eu tive oportunidade de trabalhar lá em Vitória com ele aqui (aponta um oficial). Tive oportunidade de aprender muita coisa com ele lá. Porque, assim, ele me deu chance, né. *(servente – Edson)*

Uma semana que você trabalhar junto com um pedreiro você já pega afinidade com o cara, você já acostumou a trabalhar com ele, entendeu. *(servente – Toco)*

[...] se ocê trabalhá com um servente experiente você ganha uma questão de, como fala, de rendimento. Porque se você trabalhar com um servente que não é experiente, às vezes você tem que parar a sua atividade pra você estar ensinando. E tem aqueles serventes que você explica ele uma vez ele aprende, mas tem uns que [...]. Vai meses pra treinar um servente. Cê vê que quando um servente fica bom pra trabalhar com você o encarregado tira ele e põe outro pra você treinar. Isso sempre acontece comigo (risos gerais). Quando tá bom “*não, vou tirar esse aqui, esse aqui já tá bom, vou por outro com você*”. Aí cê fica só treinando servente. Aí com aquele servente que treina com você, que já sabe as manias, as maneira de facilitar o serviço, você fica sem ele. Aí cê pega um outro, aí vem um outro.

Pesquisador: E aí esse servente que ele tirou ele levou pra onde? Já virou meio-oficial?

Nada! Tira e põe pra trabalhar com outro pedreiro. (...) Porque, muitas vezes, você pega um servente bom, que você já está treinado, aí você treina ele do mesmo jeito, que ele já tem as maneiras de executar o serviço, todinho, aí você pega um que não tem nada a ver. Ele é nó cego, quando você procura o servente ele não tá perto de você. [...] Aí, se é um servente que você já treina, dá até pra o servente, por exemplo, se for um servente que tem experiência, ele trabalha bastante, no início da manhã, e na parte da tarde ele fica mais ou menos voando, porque ele já aprendeu todas as manhas do serviço que tem que ser executado. Isso ajuda muito. *(pedreiro – José de Fátima)*

Ao serem perguntados sobre os critérios do escalamento das equipes e sobre o motivo da rotatividade interna, o mestre e os encarregados não os explicitam com precisão. Um deles chega a afirmar que, colocando os trabalhadores para atuar com diferentes colegas, procura “*quebrar os vícios*”, na busca por uma performance mais padronizada. Sabemos que um conjunto de aspectos certamente estão presentes nessa tomada de decisão. Entretanto, uma vez que focalizamos a atividade dos serventes e não do mestre ou dos encarregados, não temos elementos que nos permitam afirmar com segurança algo a respeito. Ainda assim, nosso convívio no canteiro de obras nos indica que as exigências da produção (cronograma, fornecedores, prazos etc.) e a manutenção da autoridade sobre o corpo operário ocupam um

espaço significativamente maior nas reflexões e preocupações desses gestores do que a busca pelos melhores critérios de escalação dos serventes na composição das equipes de trabalho.

Ao se debruçar sobre os laços de cooperação e auto-regulação que são criados no funcionamento real de pessoas que trabalham juntas, realizando uma determinada atividade, em um dado momento, não ocupando necessariamente um mesmo cargo, a Ergologia identificou aquilo que foi denominado de *Entidades Coletivas Relativamente Pertinentes* – *ECRP*. Na explicação de Yves Schwartz, que cunhou o termo:

- “**entidades**” no sentido de que existem fronteiras invisíveis que englobam as pessoas pertencentes a serviços diferentes, pessoas que se conhecem;
 - “**coletivas**” tendo em vista que aí transitam informações – eventualmente nos dois sentidos, e pelas vias mais diversas (podem ser notas escritas, chamadas telefônicas, deslocamentos, muitas coisas) – enfim, o que é fundamental para compreender a qualidade de realização de um certo número de tarefas solicitadas;
 - elas são “**relativamente pertinentes**” na medida em que são pertinentes para a compreensão de como as coisas andam, ao mesmo tempo são relativamente pertinentes, no sentido de que as fronteiras são variáveis: elas podem mudar em função das pessoas.
- [...] A mais ínfima atividade de trabalho supõe pôr-se em busca dessas fronteiras invisíveis, tão importantes para compreender o trabalho – e para compreender bem mais que isso: o trabalho e o retrabalho dos *valores* que nos animam a todos, na nossa vida social. É um nível certamente microscópico, mas assim mesmo um nível disso que é viver *junto*. Ele é talvez microscópico, mas como ele é vivido, reconstruído, suportado mais ou menos bem, ou ao contrário, criado dia após dia, ele é fundamental. (SCHWARTZ, 2007, p. 154).

Dito em linguagem um pouco mais simples, mas impregnada da mesma sabedoria e familiaridade com o real das atividades e das interações profissionais no trabalho:

[...] tem muitos pedreiros que é acostumado a trabalhar com um ajudante só, entendeu? Aí quando coloca outro o cara já fica meio sem jeito de ficar pedindo pro cara ficar fazendo as coisas. (*servente – Toco*)

A Ergologia postula que as fronteiras, a natureza e a densidade dos elementos de cooperação presentes nas ECRPs não podem ser antecipadas, previstas, prescritas. Afirmo ainda que, em parte, é nelas “*que se aloja a eficácia coletiva no trabalho, como também os valores socialmente partilhados*” (SCHWARTZ, 2007, p. 165).

Frente às observações, aos relatos e à teoria, voltamos a chamar a atenção para aquilo que consideramos grave negligência por parte dos níveis de gestão: a subestimação (1) da

complexidade da atividade do servente, (2) da interação de trabalho entre serventes e oficiais e (3) a relevância tanto da atividade do servente quanto mais especificamente dessa interação para a base do processo produtivo na construção civil (eficiência), assim como para a segurança dos trabalhadores. Apresentamos no subtópico seguinte outros aspectos que ilustram essa relevância por nós destacada.

3.6. “ENERGIA FÍSICA AUTO-MOVENTE”? “MÃO-DE-OBRA”? O CONTRASTE ENTRE O “NÃO-LUGAR” ATRIBUÍDO AO SERVENTE E O LUGAR POR ELE OCUPADO NO CANTEIRO.

Porque tem que existir ele (o servente). Se não existir ele não tem como tocar uma obra, nada, não tem como tocar nada no mundo. (*servente - Edson*)

Conforme já apontamos, a desvalorização do trabalho do servente mostra-se, ao mesmo tempo, fonte e fruto da noção (superficial) de extrema simplicidade, ausência de racionalidade e pouco impacto na gestão da produtividade atribuída às atividades que caracterizam a profissão [“[...] a única pessoa que num tem arte é servente, porque servente num tem arte não.”]⁵⁷. Ferro (1969, *apud* SOUSA, 1983, p. 109) chega a utilizar a (trágica) expressão “*energia física auto-movente*” para designar os serventes, um ícone verbal a expressar radical instrumentalização / reificação / desumanização a que são submetidos esses sujeitos pelo olhar daqueles que compram e gerenciam sua força de trabalho. Outra expressão, essa bastante popular, que não deixa de ser curiosa, é “*mão-de-obra*”. O termo é definido no Dicionário Aurélio como “*trabalho manual de operário, artífice, etc.*” (FERREIRA, 2004). Ele é também utilizado para designar os custos com pessoal de nível operacional de uma maneira geral. Nota-se no verbete alusão direta à participação de alguém (ou parte de alguém) na execução de uma “obra”. Foi Laís di Bella, aluna de psicologia e então estagiária de nossa equipe, que nos chamou a atenção para a expressão. Seu incômodo foi mais ou menos assim expresso: “*O operário se resume às suas mãos para a empresa? E os braços, as pernas, as*

⁵⁷ Fragmento de citação apresentada na p. 76.

costas, os pés, os olhos, as emoções, a razão, os sonhos, valores,... isso também não é importante para 'a obra', para a realização do seu trabalho?" É de fato notória a subestimação tanto da atividade do servente em si (em termos das competências exigidas) quanto do lugar por ela ocupado na cadeia de produção da construção civil, partindo dos níveis de gestão e chegando até os próprios operários.

Na maioria das vezes, o servente presta só pra carregar peso, só pra fazer serviço bruto. Mas só que não é, não é assim, né. Mas, tem muito, assim, no jeito de pensar, eles pensa que é só pra isso. É cavar buraco bruto mesmo, esses trem tudo, mas, só que, assim, servente, ele tá pra isso, né, a gente que entrou numa firma, geralmente a gente já vem, né, é servente, é pra fazer o que vim, né. (*servente – Edson*)

Dentro do primeiro grupo de atividades dos serventes (serviços gerais), onde o uso da força física é aspecto característico, observa-se que os profissionais desenvolvem um saber tácito de que, muitas vezes, nem eles mesmos se dão conta. É comparando a forma de trabalhar de um servente novato à de um servente mais experiente que eles entram em contato com as habilidades exigidas (“*maldade*”) nas atividades que realizam.

Pesquisador: [...] “serviço bruto”, cavar, cortar, não precisa de saber nada pra fazer isso?

Ah, não precisa saber de nada não, uai. Assim, mas tem serviço também que precisa, né. Assim, assim, geralmente, assim, pra mexer com máquina precisa de saber alguma coisa, né. Mas a maioria das vezes também não. Eles deixa o outro trabalhar assim mesmo. Cavar? (*servente – Edson*)

Igual, pra carregar peso, com uma pessoa que não tem experiência, aí acaba machucando os dois. Acaba machucando os dois levantar peso, carregar coisa pesada demais, muitas vezes não tem responsabilidade. Tem que saber sim, ter maldade. (*servente – José de Oliveira*)

Tem que ter alguma maldade. Vão supor, ali no prédio ali da obra ‘W’ ali, ó, aconteceu um acidente lá. O camarada tinha entrado na firma tinha um mês mais ou menos, nunca tinha trabalhado de ajudante não. Nós fomos carregar umas peça lá de [...] esses bloco de sical, sabe, bem grande. Tinha que pegar uns quatro cara, dois de cada lado, dois na frente e dois atrás. Na hora de colocar em cima das peça de oito ele soltou de uma vez, aí o colega nosso pegou e machucou a coluna. Acho que ele tá afastado até hoje, não pela firma aqui, mas ele deve tá afastado até hoje, se não aposentou, né. Então até pra carregar peso cê tem que ter uma certa experiência, né. Porque tem gente que pega de qualquer jeito, vai pegar de dois pega de qualquer jeito, solta de qualquer jeito, acaba machucando os dois, né. (*servente – Toco*)

Para o segundo grupo de atividades, onde os serventes figuram como ajudantes de meio-oficiais e oficiais, a exigência de domínio de variadas técnicas, noções e conceitos também surge nos relatos.

Pesquisador: O que mais que você sabe que você sabe e que uma outra pessoa que nunca trabalhou na construção civil não sabe, como servente?

Um ponto de nível, por exemplo, uma coisa simples, um ponto de nível. O cara que nunca trabalhou em obra ele não sabe o que é um ponto de nível. O servente precisa de saber, se ele tiver trabalhando com o pedreiro, o pedreiro precisa tirar um ponto e se ele não souber, o pedreiro vai ter que chamar outro pra ajudar ele. Uma coisa básica é um ponto de nível, por exemplo.⁵⁸ (*servente – Toco*)

É igual nesse caso do ponto de nível, né. A pessoa tem que sabê tirá, porque, suponhamo, igual numa parede, né, se o pedreiro chamou ele pra fazer e ele fez. Aí ele tem que conferir certinho. Se ele fazer o nível e o nível não tiver certo, sabe o que que acontece? A parede sai torta. Porque, muitas vez, pelo nível as pessoas sabe como é que a parede tá ou não. Igual, no caso do prumo. O pedreiro ele tira a medida no prumo na parede, se a parede tiver torta, o encarregado vê se a parede tá torta, o que que acontece, o encarregado vê e manda ele desmanchar tudo de novo, entendeu? (*servente – Nil*)

Pesquisador: O servente entra como aí? Ele tem que saber olhar o nível, o prumo?

Ele tem que saber olhar o nível, porque se ele não saber olhar o nível, o prumo nem o nível, aí [...] igual, o prumo é só o pedreiro que mexe, né. Igual no caso do nível, igual é a mangueira, que é a gente é que tem que esticá a mangueira pra ela [...] lá. Aí cê tem que por no lugar certinho pra dá o nível certinho. Porque se a pessoa não oiá, se a água não bater no nível lá certo, se o outro falá “não, deu” e o pedreiro chegar e conferir. Se tiver errado, aí quem fica no prejuízo é o pedreiro, que aí tem que desmanchar tudo de novo pra fazer tudo de novo. E se o servente ele não souber, ele vai ter que chamar outro servente que sabe mexer. Igual no caso aí, cê falou do, de uma pessoa que chega, do novato que chega na obra. Se ele nunca mexeu na vida dele, ele nunca trabalhou ni obra, igual, ele chegar e falar [...] o que que [...] o direito da pessoa chegar. Igual o encarregado, não são todos os encarregados, ele tinha que chegar pra pessoa e falá “o que que cê sabe fazer?” “Ó, eu não sei não, se tiver alguém pra me ensinar, aí eu vou aprender. Aprender o que que é pra fazer e o que que não é”. Mas, muitas vez, igual, talvez, chega e não pergunta nada, o ajudante num chega e nem pergunta, aí na hora que ele vai por ele pra fazer o serviço lá ele vai ficar confuso e o pedreiro vai ficar [...] vai chegar assim, sem ele e falar: “cê sabe fazer alguma coisa?” Ele vai ficar, assim, meio sem graça e vai falar: “Não, ó, falar a verdade, eu, é a primeira vez que eu tô mexendo”. Porque se tiver um outro, vão supor, pode ser até um ajudante, se tiver um outro ajudante do lado dele pra ajudar ele, aí ele vai aprender. Já ajuda ele. Mas, igual o caso desse novato que chegou, e ele não chegar e pedir alguém pra ensinar ele ele não vai nunca aprender, que é muito difícil esse negócio de nível. (*servente – Nil*)

Nesse ponto, expressam-se claramente aspectos que caracterizam o *real da atividade*⁵⁹

do servente, os conflitos internos que ele deve gerir para conseguir executar sua tarefa. No caso ilustrado na verbalização, alguns dos conflitos referem-se a, além da assimilação de uma

⁵⁸ *Ponto de Nível:* Para se nivelar um ambiente, usa-se uma mangueira de nível com água (mangueira cristal de 3/8”). Primeiramente, verifica-se se não há bolhas de ar. Em seguida, marca-se um ponto de referência a partir do qual serão feitas as marcas de nível com o auxílio da mangueira. A marca da água em uma extremidade da mangueira corresponde exatamente ao nível da marca na outra extremidade quando colocadas lado a lado (princípio dos vasos comunicantes). Na prática, pega-se uma extremidade da mangueira e alinha-se a marca da água com o ponto de referência previamente determinado. A marca da água na outra extremidade será usada para marcar um ponto que estará nivelado com o ponto de referência. Deve-se observar durante a marcação se a mangueira se encontra totalmente livre e desobstruída. Repete-se esse procedimento para quantos pontos se fizerem necessários. Feito isso, procede-se, então, a execução do piso, em observância às marcações de nível (explicação formulada por um engenheiro civil e um engenheiro de produção).

⁵⁹ Ver definição do conceito na p. 23.

nova atividade, descobrir exatamente qual é a tarefa, o que dele se espera, se ele deve dizer ou não que não sabe o que e como fazer, se ele deve solicitar a alguém que lhe ensine a atividade. Fica claro que, aqui, junto com as mãos, trabalham sem cessar o corpo (como um todo) e a mente. E as exigências de saberes e competências continuam:

Muitas vez, massa pra reboco, aí os outro faz a massa, põe água de mais, põe água de mais na massa de reboco. A pessoa tá trabalhando em andaime e põe excesso de peso, perigoso de derrubar o andaime no chão. (*servente – José de Oliveira*)

[...] Se o pedreiro tiver fazendo um contra-piso, por exemplo, e pedir pra fazer uma massa seca. O cara que nunca trabalhou numa obra ele não vai saber fazer a massa.

Pesquisador: O que é uma massa seca?

Pouca água, coloca areia e cimento e pouca água, é a massa seca, massa pra contra-piso.

Pesquisador: Então tem uma série de coisas que o servente tem que saber?

Muita coisa! (*servente – Toco*)

É, portanto, através do desenvolvimento tácito de uma série de noções sobre a sua própria atividade e a atividade dos oficiais, bem como de habilidades de interação junto a estes para a realização eficiente de tarefas em cooperação, que o servente, paulatina e silenciosamente, assume imprescindível lugar na base do processo produtivo, o seu lugar real, ainda que invisível (ou negligenciado). Foi envolvente para o pesquisador testemunhar a natural emergência do reconhecimento desse lugar no processo de discussão em grupo.

Muitas vez, igual, talvez se eles dessem valor ao servente, igual, pra eles ia ser muito, ia crescer muito, né, que, igual, caso, sem o servente, o serviço não sai, que é o servente que ajuda o pedreiro fazê o serviço. Que, suponhamo, se num tivesse o servente, como é que o pedreiro vai construi? Vai trabalhar? Porque ele não vai dá conta de fazê massa, e pô a massa pra ele no caixote, ir lá e carregar tijolo. Ele, o pedreiro, se ele, se o servente estiver ali, o servente vai tá na disposição dele, fazer o serviço, que [...], ali ele vai ver que ele num vai ficar parado e nem o pedreiro num vai ficá no prejuízo. (*servente – Nil*)

O ajudante é o braço direito do pedreiro, né. É como se fosse a lâmina do trator, né, quer dizer, o trator sem a lâmina não vai fazer nada, né. Então ele é o braço direito do pedreiro. (*pedreiro – Helbert*)

Olha, eu concordo com o Sr. Helbert. Eu acho que o pedreiro não consegue trabalhar sem o servente. A gente fica debatendo isso aqui, que o servente tem que ser classificado... É craro, que sai uns vem otros, mas todas as empresas depende do servente. O servente é uma peça fundamental dentro de uma construtora. É porque, haja visto que nós precisamos mais de servente dentro de uma obra do que de qualquer otros profissionais. Então, por esse motivo, a gente vê o tanto da falta que

eles faz, o servente, dentro de uma obra. Agora, eu acho que todo mundo que entrô, aqueles que tivé interesse, eles têm que consegui o objetivo deles na vida deles. Mas eu acho que um servente, como é que cê vai fazer uma parede sem o servente? Cê vai encher um pilar, cê depende do servente, tudo que cê vai fazer na obra cê depende do servente. O servente é uma peça fundamental. (*encarregado de elétrica – Tião*)

Remetendo-nos ao questionamento do pedreiro Zezinho acerca da “*discriminação que tem com o servente*”, questão que inaugura o nosso próprio estudo,⁶⁰ indagamos: o que impede a emergência do reconhecimento do lugar real do servente no processo produtivo? Como se manifesta e se institui o mecanismo de subestimação da atividade e subjugação do trabalhador? A que e a quem ele serve? Frente essas inquietações, somos convidados a examinar e buscar desvendar a *condição* de servente.

⁶⁰ Vide citação na p. 1.

CAPÍTULO IV

“[...] servente é muito discriminado, porque não é profissão, é sofrimento.” (servente)

≈A “Condição” Servente

4.1. DESVALORIZAÇÃO E ESTIGMA

Conforme vimos, ao lado das exigências, dificuldades e precariedades objetivas do exercício de sua atividade, ao servente é também delegada a tarefa de lidar com a desvalorização de sua atividade e com um conjunto de discriminações a ele dirigidas, diretamente ligadas ao seu pertencimento à categoria profissional.

Ó, eu pra ser honesto com você, em pouco tempo que eu trabalho na construção civil, deu pra se notar o seguinte: o trabalho de servente na área da construção civil, deu pra se notar o seguinte, ele é um pouco desvalorizado. Pra começar pelo próprio encarregado. Segundo, desvalorizado também, de uma certa maneira, até mesmo por alguns colegas de serviço. Tem algumas pessoas que hoje está num nível maior do que o servente na área da construção civil, que ele, entre aspa, não são todos, que desvalorizam um pouco o seu colega de serviço. *“Ah, pera aí, você é um servente, sua obrigação é fazer essa limpeza, sua obrigação é deixar isso aqui limpo pra mim, entendeu? Se você quiser, bem, se você não quiser eu simplesmente vou chegar até o encarregado e vou pedir pra te trocar”.* (servente – André)

Em verdade, o servente sequer goza do *status* de profissional no setor, não chega a ocupar um cargo “oficial”.

Quer dizê, arte é realmente a profissão da pessoa, quer dizê que a profissão é uma arte, entendeu? Seja o carpinteiro, o pedreiro, o marceneiro, o eletricitista, o bombeiro, quer dizê, tudo é arte, entendeu? (Carpinteiro Carlos apud Sousa, 1983, p. 95).

Arte deve ser o seguinte, em qualquer profissão, né, ou seja, a única pessoa que num tem arte é servente, porque servente num tem arte não. Mas passando pra profissional, cada um tem sua arte, ou seja, mecânico, ou lanterneiro, ou jardineiro, ou pintor, ou carpinteiro, ou estucador, ou armador... todo profissional. Isso é arte. (Carpinteiro João apud Sousa, 1983, p. 95).

[...] eu acho que todo mundo tem um objetivo na vida e o servente não é um outro diferente. Eu acho que ele tem o seu objetivo. E o objetivo de qualquer um de nós é correr atrás da melhora profissional da gente. E eu acho que o servente, qualquer que seja ele, ele deveria correr atrás, mostrar mais interesse no serviço profissional pra ver se ele consegue uma classificação, porque aí tudo ajuda, em termos de salário, em termos de mais respeito, que eu acho que falta, com certeza, falta um pouquinho de respeito, o servente nunca ele é respeitado como profissional, e muitas vez exatamente por causa disso, porque eles não procura esforçá. Mas, a partir do momento que eles fazê o esforço da parte deles, eles vão conseguir um objetivo na vida, eles vão ter uma profissão. [...] Então eu acho que ocê tem que trabalhar com esse objetivo, de correr atrás de uma profissão, de um trem qualquer, se não vai ficando a vida inteira de servente. (encarregado – Tião)

As duas primeiras citações deixam claro que, na construção civil todos os operários detêm uma arte, uma profissão, com exceção exclusiva do servente. Já o relato do encarregado coloca em evidência que “*um trem qualquer*” seria melhor opção do que “*ficar a vida inteira de servente*”. O esforço exigido é vinculado ao objetivo de deixar de ser servente para que, então, o sujeito passe a ser respeitado, entre outras coisas, como profissional. Tal perspectiva, compartilhada não apenas entre operários e encarregados, mas em todo o setor (demais níveis de gestão e até mesmo de ensino⁶¹) nos coloca uma questão inevitável: se não é profissão, o que é?

Muitas vezes... eu já trabalhei em uma obra que a gente era muito isvalorizado. Assim, não são todos os pedreiros, muitas vez os pedreiro falava assim com a gente: “*Ah, servente pra mim não é nada*”. (*servente – Nil*)

As análises já apresentadas sobre o trabalho do servente afirmam de forma inequívoca seu caráter de atividade profissional. A esse respeito, são ilustrativas as palavras presentes nas primeiras três frases do encarregado que, em meio ao diálogo com o grupo na entrevista, busca reformular sua colocação anterior:

Porque se ele como ajudante, ele sendo ajudante, ele é um profissional. Na atividade dele, ele é um profissional, né. Ele sabe fazer a massa, ele sabe atender o pedreiro, a pessoa que tá com ele, certinho, então eu acho que ele é um profissional também. Só que, às vezes, é igual eu tô acabando de te dizer, tem uns caras, é igual ele acabou de dizer aí, parece que não quer ter um objetivo na vida. Quer é ficar ali a vida inteira, né. Outras vezes, às vezes falta oportunidade, né. Mas, na maioria das vezes o cara parece que não quer ter um objetivo na vida. Eu acho que é isso. (*encarregado – Tião*)

A partir da quarta frase, o encarregado passa a atribuir quase que exclusivamente ao querer do sujeito (ou à falta dele) a responsabilidade por suas condições de vida e trabalho. Ainda que se trate de uma perspectiva psicologizante e reducionista (incutida historicamente no imaginário social), tal olhar sobre a *atitude resignada* de muitos serventes, observada por ele e por vários operários (dentre eles, os próprios serventes), pode abrir caminho para a evidência de algo relevante sobre a categoria. Referimo-nos à nossa própria perspectiva de

⁶¹ Fato constatado em conversas entre o pesquisador e docentes de uma das mais respeitáveis instituições de ensino superior em engenharia civil de Belo Horizonte.

que, além de profissão, dado o contexto que a abraça, trata-se também de uma “condição”, a *condição servente*, em uma acepção consonante à postulada por Louis Le Guillant (2006) em seus estudos junto às empregadas domésticas. O eminente psiquiatra francês aponta entre os principais aspectos psicológicos característicos do que ele classificou como a “*condição de empregadas domésticas*” – segundo ele um *estado* para além de uma ocupação – a *humilhação* e o *ressentimento*. Tais sentimentos são frequentemente vivenciados pela doméstica como proibidos, inconfessados, combatidos por regras morais, misturados com outros sentimentos que, pelo contrário, aproximam a empregada dos patrões, de seus filhos e do lar onde vive. Le Guillant afirmou que, nesses casos, o ressentimento contém uma energia extremamente variável e, sobretudo, misturada com elementos contraditórios. Segundo ele, o objeto do ressentimento não é apenas as pessoas, os patrões, mas, principalmente, a situação, a condição de doméstica.

O aspecto de *condição* da categoria servente, que estigmatiza e desqualifica a situação e o sujeito que a ela se vinculam é, em parte, apresentada nas seguintes falas de operários:

O cara não sabe nada, né. Aí, tipo assim, qualquer coisa que acontece, qualquer coisa, “*ah, o cara é servente*”, fez qualquer coisa errada ali. Ele pode ser um pedreiro, que às vezes ele é pedreiro, mas, se fez qualquer coisa errada, os próprios colegas mesmo fala: “*ah, o cara é servente, nem sabe trabalhar direito*” (risos dos colegas ao fundo). O que mais acontece no meu modo de pensar é isso, né. “*Não, o cara é servente*”, quer dizer, tá jogando o cara é pra baixo. Tipo assim, sabe, no meu modo de pensar é assim.

Pesquisador: O servente não sabe nada?

É, é o modo de dizer, né, o pessoal fala, né. Não é todo mundo que fala. (*pedreiro – Zezinho*)

A *marca* (estigma) *servente* remete ao *não saber nada* e, conforme indicado na citação, é usada até mesmo direcionada aos oficiais. Já a ambiguidade dos sentimentos do sujeito para com a empresa e a profissão se expressa, por exemplo, em tudo aquilo que o faz negar o pertencimento à condição de servente, por um lado (atitude manifesta, entre outras coisas, no objetivo de ser classificado o mais rápido possível) e, por outro, a satisfação pelo ingresso concedido pela profissão ao mundo do trabalho formal (outras portas não se abrem),

a frágil proteção por ela oferecida frente ao completo desamparo social (desemprego/indigência) e a identificação desse “degrau” como etapa fundamental para o acesso a melhorias nas condições de vida e trabalho.

[...] às vezes alguns não têm uma boa educação, não tem, assim, um grau de estudo, entendeu, e fica com receio de comentar, fica com receio de falar as coisas pelo seguinte, porque ele acha que, de uma certa maneira, que ele não vai ter a capacidade de entrar numa outra empresa, de trabalhar num outro setor de serviço. *(servente – André)*

Assim, o servente é negado pelo contexto enquanto sujeito (tarefas, colegas, chefia, organização, sociedade) e, ao mesmo tempo em que deseja ele mesmo negar a sua condição, entende que, mesmo sendo dura, é ela quem o acolhe e pode lhe oferecer condições mínimas de subsistência, seguridade (basicamente salário fixo, cesta básica, previdência social, FGTS e seguro desemprego), inserção social (através de alguma participação no processo produtivo) bem como algumas oportunidades de desenvolvimento profissional. Negação e afirmação, ressentimento e uma espécie de gratidão, atitudes e sentimentos que andam lado a lado, caracterizando, portanto um dos conflitos psíquicos que o servente deve gerir. Observemos as falas de um mesmo servente:

Se fosse todo mundo, os servente, fosse tudo inguinorante sabe o que ia acontecer? Ia falar assim: “Ah, cê quer saber, eu acho que eu vou embora porque eu não to sendo valorizado nem nada no serviço, então o que que eu vou fazer, eu vou embora, vou”. *(servente – Nil)*

Vão supor, igual eu trabaiei em uma outra obra aí, eles muito dispregava de mim: “ah, ocê toda vida vai ser servente?”, eu falei assim “ué, se eu gosto da minha profissão eu gosto, ué, eu não vou querer mudar de profissão”. Muitas vez as pessoa jogava na minha cara que eu vou ser servente toda a vida, eu falo “não, eu vou ser, que é a minha profissão, que eu gosto, que eu ameí”. Mas, muitas vez, talvez a pessoa, igual, fala [...] rebaixar a gente, fala assim “ah, cê é bobo de mais ser servente toda vida”. Não é porque servente toda vida, é porque a gente gosta da profissão da gente. Eu gosto do que eu faço. *(servente – Nil)*

Servente é muito discriminado, porque não é profissão, é sofrimento. *(servente – Nil)*

Alimentam ainda mais esses conflitos, ao lado do não reconhecimento e da desqualificação profissional, a vivência cotidiana da heteronomia e subserviência frente aos constrangimentos impostos pelo e no trabalho. Tais situações são assimiladas como violência

frente à qual não se encontram estratégias eficazes de defesa, o que provoca impactos na autoestima dos sujeitos, conforme veremos a seguir.

4.2. HUMILHAÇÃO E VERGONHA

“Seus olhos embotados de cimento e lágrima”

Construção - Chico Buarque de Holanda

Em seus estudos e escritos, o psicossociólogo Vincent de Gaulejac (2006) indica que pessoas submetidas a violências humilhantes (processos de estigmatização, coisificação, dependência e perda de dignidade) podem apresentar um *sentimento de vergonha* que se instala quando a identidade do indivíduo é alterada. Para ele, o que produz a humilhação é a negação da condição de humano, de semelhante, de cidadão ou de sujeito.

Diante de violências extremas, (o indivíduo) é invadido pela desumanização e pela confusão. As referências habituais que lhe permitem situar-se em relação aos outros e a si mesmo são fragilizadas ou destruídas. Em todos os casos, a auto-estima é posta em questão pela falta de estima dos outros. O sujeito é dilacerado por tensões contraditórias entre a tentativa de salvaguardar sua unidade e a impossibilidade de consegui-lo sem rejeitar uma parte de si mesmo. [...] Perde-se a autoconfiança. O amor-próprio se transforma em desamor. [...] Essas diferentes convulsões levam a interrogações sobre a natureza do sofrimento no sentimento de vergonha, sobre suas causas sociais e/ou psíquicas, sobre seus componentes objetivos e subjetivos e sobre a maneira de restaurar a identidade ferida. (GAULEJAC, 2006, p. 103)

Aspectos da vivência de violências humilhantes e o seu impacto na autoestima dos sujeitos protagonistas da condição servente são observados nas falas que se seguem:

A gente não tem vergonha de falar que a gente chora, mas quem fala que num chora, ele chora sim, porque, qualquer palavra que você falar com uma pessoa, você humilha a pessoa, igual muitas vez eu já fui humilhado. (*servente – Nil*)

[...] talvez o pedreiro fala assim: “*ah, cê vai ser burro toda a vida?*”, nunca deve falar isso com a pessoa porque ele pode magoar a pessoa, falar com a pessoa “*ah, cê é obrigado a aprender*”. (*servente – Nil*)

Por que que hoje então, Paulinho, está sendo aberto aí pela Prefeitura de Belo Horizonte, está sendo aberto aí por empresas, aqui mesmo você é prova disso, você traz vários cursos aí ó, pra implantar, entendeu, porque que muitos serventes não tem coragem de ir? Primeiro, as vezes é o próprio complexo de inferioridade. Porque palavras que machucam, palavras que revoltam a pessoa, a pessoa fica com aquilo na mente. [...] Então, quer dizer, o servente as vezes ele aprende a ser um carpinteiro, a ser um pedreiro, porque ele não dá ouvido a isso... aquele que tem um pouco de personalidade, que as vezes aquele que tem um pouco, assim, ele cria na sua mente aquele complexo de inferioridade, entendeu, ele dá ouvido àquilo, ele fica traumatizado com aquilo e não faz. [...] Segundo, no meu ponto de vista, porque a pessoa as vezes também não tem disponibilidade pra fazer aquilo. [...] Aí o quê que acontece. O servente se auto se desvaloriza por si mesmo, tem aquele complexo de

inferioridade, que ele nunca vai chegar, entendeu? “Ah, eu vou me esforçar pra que, eu vou fazer porque? Eu vou fazer simplesmente pra mim ter o meu sustento ali mensal, só pra mim ajudar ali, ou pra mim pagar minha conta de água e luz”, cê entendeu, “só pra mim ajudar dentro de casa.” [...] E, infelizmente, é uma classe que, não desfazendo, porque hoje, no mercado, é onde que tá tendo mais requisição, entendeu, de mão-de-obra, mas, infelizmente, de uma certa maneira, ela é desvalorizada. Socialmente, socialmente. É a realidade. (*servente – André*)

Ainda segundo Gaulejac, as violências humilhantes obrigam o sujeito ao enfrentamento de uma imagem negativa de si que o situa em uma contradição entre o que deveria ser para ser reconhecido socialmente e a identidade que lhe é atribuída. O autor postula o termo *sofrimento social*, dizendo que este nasce quando o sujeito é obrigado a ocupar um lugar social que o anula, desqualifica, coisifica ou desconsidera. É produzido, portanto, pelas contradições sociais que transpassam a identidade (repressão, exploração, exclusão), gerando um conflito que é internalizado frente à impotência do sujeito de sair dessa posição, um conflito interno de origem externa. De um lado, a exclusão, o desamparo social, condições de vida e trabalho difíceis, penosas, que produzem, do outro, uma vulnerabilidade identitária, uma ferida narcísica, uma invalidação psíquica.

Na perspectiva de Gaulejac, o sofrimento subjetivo provocado por esse conflito só pode ser atenuado por uma mudança objetiva de sua situação social. Tal sofrimento pode tanto paralisar como impulsionar o sujeito. Ele é criativo se leva o sujeito ao engajamento na busca de mudança da situação vivida e ao rompimento com a internalização do estigma. Por outro lado, é fonte de embotamento se inibe as potencialidades do sujeito, podendo levar à resignação e à passividade.

As contribuições do autor talvez nos ajudem a melhor refletir sobre aspectos subjacentes à aparente “*falta de querer ter um objetivo na vida*” apresentada por alguns *serventes* de acordo com o relato do encarregado anteriormente citado. Para toda dor/sofrimento busca-se a “cura” (quando possível) ou o alívio, a anestesia (quando não mais se acredita em suas próprias forças para lutar e/ou na possibilidade daquela). Nas palavras e na vivência poética (e psicodélica) de John Lennon,

Living is easy with eyes closed
 Misunderstanding all you see
 It's getting hard to be someone
 But it all works out
 It doesn't matter much to me
*Strawberry Fields Forever - Lennon & McCartney (1967)*⁶²

Em sua análise da letra dessa antológica canção dos Beatles, o jornalista e crítico de música norte americano Richie Unterberger (2010) afirma:

Assim como é o caso de várias outras canções de Lennon no período, poderia haver uma implicação de que esse atraente e letárgico estado de paz é um estado interior tido como preferível àquele do mundo “são”. Entretanto, “Strawberry Fields” não é necessariamente uma utopia, como transmitem as referências sobre ser fácil viver com os olhos fechados; poderia ser interpretado como uma retirada escapista e nada saudável da realidade ou mesmo uma inferência de que a morte é preferível à vida.⁶³

Devido às restrições financeiras a que estão submetidos os serventes, até mesmo em sonhos lhes seria improvável poder “dar uma volta com *Lucy in the Sky with Diamonds*”⁶⁴, restando-lhes lançar mão de um anestésico mais popular e genuinamente brasileiro para o enfrentamento do sofrimento cotidiano: a cachaça. A este respeito, Fabiana Silva (2006) empreendeu um valoroso estudo ao buscar identificar e compreender as possíveis relações entre, de um lado, as situações concretas de trabalho e de vida de operários da construção civil (em geral) e, do outro, os altos índices de quadros de alcoolismo entre os trabalhadores nesse setor. A pesquisadora buscou apreender os mediadores que explicam como se dá a passagem de determinadas condições de trabalho e vida para os referidos quadros clínicos e concluiu que “[...] o trabalho na construção civil, devido a sua forma de organização e às condições

⁶² *Viver é fácil com os olhos fechados
 Confundindo tudo o que se vê
 Está ficando difícil ser alguém
 Mas, no final, tudo dá certo
 Eu não ligo muito pra isso
 (tradução nossa)*

⁶³ “As is the case with several other Lennon songs of the period, there could be an implication that this attractively lethargic, peaceful state is an inner state of being preferable to that of the straight world. ‘Strawberry Fields’ is not necessarily a utopia, though, as the references to living being easy with eyes closed convey; it could be interpreted as an unhealthy escapist withdrawal from reality or even an inference that death is preferable to life.” Tradução nossa.

⁶⁴ Composta por John Lennon (mas atribuída à dupla Lennon/McCartney) e lançada no álbum Sgt Pepper's Lonely Hearts Club Band em 1967, a canção *Lucy in the Sky with Diamonds* gerou controvérsia por seu título, que foi interpretado como uma possível alusão e apologia ao LSD (*ácido lisérgico*, uma das mais potentes drogas alucinógenas conhecidas).

que oferece, constitui um fator importante (ou mesmo decisivo) no desenvolvimento de alcoolismo nessa categoria” (SILVA, Fabiana, 2006, p. 162).

É oportuno aqui, uma vez mais, retomar os três caminhos possíveis ao sujeito que ingressa como servente na construção civil: (1) a manifestação do desejo e empenho pela classificação, (2) a desistência da profissão ou (3) a resignação.

4.3. A NEGAÇÃO DA CONDIÇÃO DE SERVENTE

“Quem proclama a fraqueza do outro revela sua própria estatura.”

Frei Cláudio van Balen

Conforme apontado desde a introdução desse trabalho, é fácil notar nos canteiros de obra a marginalização dos serventes promovida pelo conjunto dos atores que povoam o campo, partindo dos engenheiros, passando pelos prestadores de serviço terceirizados, mestres, encarregados e oficiais, e chegando até os próprios serventes, através da internalização e/ou projeção do estigma. A discriminação excludente se faz presente, por exemplo, em comentários, “brincadeiras” e, principalmente, nas interações de trabalho estabelecidas entre os serventes e os atores apontados.

Dentro da construção civil, o que eu já notei é isso: a maioria de encarregados, a maioria de mestres de obras, entendeu, sai do próprio setor do trabalho. Não é errado não. Ele fez por onde, por merecer. Cê tá me entendendo? Só que o seguinte, eles não tem, assim, muito diálogo, às vezes não sabem conversar, às vezes não sabem pedir, entendeu? (*servente – André*)

Com apenas um pouco mais de atenção no olhar, é possível perceber também que, atrelada a essa reificação, exclusão, marginalização, subjaz a expressão de uma negação, a negação da condição de servente.

Num to dizendo que o encarregado quer ser melhor que as pessoas, mas tem uns encarregados que gostam de ser melhor do que as pessoas [...]. Só isso. (*servente – Nil*)

Porque tem muitos pedreiro também que cê trabalha com ele, mas ele não te dá chance. Ce tá trabalhano aí ele fala: “*pode deixar isso aí, porque você vai fazer é cagada*”. Não são todos, né, mas tem alguns que falam. Porque tem muitas pessoas, que eles também já foi servente, né, mas tem muitas pessoas que, só porque eles

pego um grau, eles pensa que já é mais, que já é mais alguma coisa que o outro. Não é. (*servente – Edson*)

[...] tem muitos pedreiros que eu já trabalhei que gritam com o ajudante. Eu acho que ninguém gosta de ser chamado atenção e não precisa ser gritado também, né? As vezes a pessoa tá daqui ali e tá gritando com a pessoa. Eu acho isso errado, também, acho chato. Então isso é a minha opinião. (*pedreiro – José de Fátima*)

Mais uma vez é Gaulejac quem nos ajuda a melhor compreender o indissociável entrelace entre a subjetividade (individual) e a objetividade (social) presente nessa relação de negação do excluído, dos sujeitos que se situam à margem.

A figura do excluído revela a nossa própria vergonha. Se rejeitamos aquele que nos estende a mão, porque o consideramos um vagabundo, um enganador ou um delinquente potencial, é porque ele está nos remetendo à imagem daquilo que tememos nos tornar. Rejeita-se a relação, porque se recusa a identificação. Coloca-se o outro à distância, porque ele incomoda. Essa relação intersubjetiva, descrita aqui sumariamente, é profundamente social. Ela cristaliza as fraturas sociais que atravessam atualmente a nossa sociedade. É um efeito da “*luta por lugares*” entre os que batalham para conservá-los, os que procuram ter um lugar e os que não mais o têm. Estamos todos de acordo sobre uma luta contra o desemprego. Trata-se de um problema de sociedade. E, no entanto, o desempregado vive como um envergonhado, como se se tratasse de um fracasso pessoal, porque é só ele quem deve encontrar a solução para o “seu” problema. Trata-se de uma questão social (Castel, 1995), que produz os efeitos psicológicos. Assim, torna-se essencial fazermos a distinção entre os determinismos socioeconômicos e suas consequências psicológicas. Ao quisermos responder, no plano psicológico, a problemas de gênese social, corremos o risco de aprisionarmos os indivíduos na impotência e na culpabilidade. Mas, inversamente, ao esquecermos os efeitos psíquicos das situações sociais e econômicas, deixamos de compreender por que e como os indivíduos se mobilizam ou se desmobilizam para produzir a sociedade (Elias, 1939). (GAULEJAC, 2001, p. 39).

Por mais que tenha em suas mãos a carteira assinada, que tenha conquistado o livramento do desemprego, o servente ainda assim não consegue se livrar do “seu” problema. Na “*luta por lugares*”, ele permanece habitando um *não-lugar*, talvez ainda mais incômodo do que aquele, pelo fato de o seu não pertencimento ao grupo lhe ser exposto amiúde e em um contexto mais circunscrito do que o da sociedade em geral. Frente ao terror da anulação que *as-sombra* esse não-lugar, todos dele se esquivam, sejam os que o habitam, os que por lá já passaram ou os que sequer cogitam dele se aproximar, fazendo o possível, consciente e inconscientemente, para evitar o estabelecimento de qualquer identificação para com o mesmo. Nesse sentido, a violência dirigida aos serventes através de comentários

depreciativos, de atitudes desqualificadoras, do abuso do poder na forma da atribuição de determinadas tarefas extenuantes e/ou humilhantes, tudo isso pode expressar uma aversão e intolerância à condição de servente, isto é, à possibilidade de identificação de si mesmo como alguém desqualificado, sem valor, indigno de reconhecimento, invisível, ... enfim, à indiferença ao olhar do *outro*. Vejamos alguns depoimentos que ilustram a reificação e violência dirigidas ao servente:

Muitas vezes, assim, igual servente, muitas vezes pedreiro chega, obriga o servente a lavar as ferramentas dele, num to dizendo, num são todos os pedreiros, mas tem uns que chega na humildade e fala: “*Cê podia fazer isso fazendo favor, lava a minha régua e minha colher, e minha espedadeira?*”, tal, assim, mas não, tem uns que chega e fala assim: “*Ah, ocê é obrigado a lavar as minhas ferramenta, cê ta pra isso*”. Isso aí, o pedreiro, ele ta errado! Nesse ponto dele ele ta errado. [...] Ele, ... o servente não é obrigado a lavar as ferramentas dele. O servente ele é obrigado a lavar as ferramentas dele que ele usa, vão supor, igual, a enxada, ou a pá, aí o servente é obrigado a, né, lavar as ferramentas porque é ele que ta usando. Mas muitas vezes, igual eu, pedreiro chegar perto de mim e falar assim: “*ó, cê é obrigado a lavar minhas ferramenta, você está pra isso aqui*”. Muitas vezes eu saía e chegava perto do encarregado, ... num sei, eu num sei se ele gostava de mim, num sei o que que é, ele chegava e falava: “*não, você é obrigado a lavar sim*”, e eu falava, “*não, num é assim também não, uê*”. Cê tem que chegar na humildade, chegar e falar assim: “*ó, cê podia fazer esse favor aqui pra mim, de lavar essa régua, essa espedadeira, essa colher pra mim fazendo favor?*” Aí, tal, né, aí a pessoa ia falar “*não, eu lavo, com o maior prazer eu lavo as suas ferramenta*”. Mas tem uns que chega e fala: “*Ah, ocê é obrigado a lavar minhas ferramenta*”. Num é assim não. Ele tem que chegar na humildade e falar: “*ó, cê faz esse favor pra mim, lava essas ferramenta, e tudo*”. Aí o que que vai acontecer. Não, faço, com o maior prazer eu faço. Mas muita gente, igual eu mesmo já fui humilhado nisso aí. (*servente – Nil*)

E quando às vezes acontece também o seguinte: “*ó, nós tamo precisando que a empresa faz hora extra até as 20h, cê entendeu, ou até as 22h*”. Entre aspas, alguns encarregados chega e sabe conversar. Ele fala: “*ó, Fulano, eu tô precisando que você fique até as 22h, há possibilidade?*” Tudo bem. Agora, acontece também de, às vezes o encarregado chegar até perto do servente e falar assim: “*eu tô precisando que você fique até tantas horas*.” Se ele falar que não, de uma certa maneira começa uma perseguição com ele. Até ameaça verbal. Então além de ser um serviço pesado, certas horas, não são todas, entendeu, além de haver essa discriminação verbal, salarial, essa discriminação também, de uma certa maneira, do próprio colega de serviço. (*servente – André*)

Em seus próprios estudos junto a trabalhadoras domésticas (“*bonne à tout faire*”⁶⁵), Gaulejac identificou nos depoimentos daquelas dois elementos que, segundo pôde constatar, produzem a humilhação: a *coisificação* e a *ausência de reciprocidade*.

O processo de coisificação consiste em negar ao outro o fato de ser um homem entre os homens, em se recusar a considerá-lo como um ser humano, em tratá-lo como um objeto, como uma ferramenta a ser usada, que se pega quando é preciso e se larga quando não serve mais (GAULEJAC, 2006, p. 74).

Tal aspecto é nítida e textualmente identificado junto aos serventes na citação que abre o terceiro capítulo da dissertação:

O pior trabalho que existe na construção civil se joga na mão do servente. E quando ele às vezes não dá resultado, quando ele às vezes não chegou no nível que o encarregado queria, simplesmente ele é descartado. (*servente – André*)

Na ausência de reciprocidade, prossegue o autor,

[...] a relação de poder é, portanto, “naturalizada” e torna-se intangível: um se considera como sujeito e o outro como um objeto, um selvagem, uma máquina ou um bárbaro. O primeiro tem a seu lado o direito, a cultura, a legitimidade e espera do segundo o dever, o silêncio, a resignação. A dominação consiste em considerar que o outro não é seu semelhante, que não tem as mesmas capacidades nem os mesmos direitos nem as mesmas atitudes e que estas diferenças justificam sua condição inferior. A não-reciprocidade é a negação de que o outro possa chegar à condição de sujeito. É o contrário da alteridade, ou seja, o reconhecimento de que o outro pode ser “meu” semelhante, sejam quais forem as diferenças objetivas e subjetivas que nos separam. A reciprocidade não implica obrigatoriamente igualdade e, a *fortiori*, ausência de diferença. Implica o reconhecimento de uma virtualidade, a possibilidade de que o outro possa exercer o poder, atingir a cidadania, ser sujeito de direito... da mesma forma que todo mundo. Quando o outro é coisificado, tratado como objeto, e lhe é negada a possibilidade de ter uma vida social como qualquer cidadão, cria-se uma situação de violência e exclusão (GAULEJAC, 2006, p. 74).

4.4. ATRIBUIÇÃO DE TAREFAS E ASSÉDIO PSICOSSOCIAL

Essa forma de manifestação ofensiva de relações de poder verificada nos ambientes de trabalho que promove a corrosão da auto-imagem do funcionário vem sendo contemporaneamente tipificada como *Assédio Moral*. O termo é legalmente definido no Brasil como

⁶⁵ Expressão francesa para designar a empregada doméstica, que pode ser traduzida como “*empregada para todo o tipo de serviço*”, o que guarda peculiar similaridade com a atividade do servente, ainda que se dêem em contextos distintos e que apresentem características específicas.

[...] todo tipo de ação, gesto ou palavra que atinja, pela repetição, a auto-estima e a segurança de um indivíduo, fazendo-o duvidar de si e de sua competência, implicando em dano ao ambiente de trabalho, à evolução da carreira profissional ou à estabilidade do vínculo empregatício do funcionário [...] (Lei 13.288, de 10.01.2002, art. 1º, *apud* VIEIRA, 2008, p. 98).

por lei sancionada em âmbito municipal (São Paulo/SP), sendo o agente do delito passível de responsabilização penal. No âmbito federal, há tentativas de reforma do Código Penal Brasileiro, através do Projeto de Lei Federal nº 4742/2001 de autoria do deputado Caio de Jesus (PL/ PE), artigo 146-A, que dispõe sobre o crime de assédio moral no trabalho. Após alterações do texto original do projeto feitas pelo relator Deputado Aldir Cabral, ele tramita com a seguinte redação:

Depreciar, de qualquer forma e reiteradamente a imagem ou desempenho de servidor público ou empregado, em razão de subordinação hierárquica funcional ou laboral, sem justa causa, ou tratá-lo com rigor excessivo, colocando em risco ou afetando sua saúde física ou psíquica.

O projeto cita como exemplos de assédio moral:

[...] marcar tarefas impossíveis ou assinalar tarefas elementares para a pessoa que desempenha satisfatoriamente papel mais complexo; ignorar o empregado, só se dirigindo a ele através de terceiros; sobrecarregá-lo com tarefas que são repetidamente desprezadas; mudar o local físico, sala, mesa de trabalho para outro de precárias instalações, como depósito, garagens etc.

O especialista em Direito Penal Empresarial Jair Jaloreto Junior (2004) afirma ser comum verificar o assédio em casos onde o empregador ou superior hierárquico deseja o desligamento do funcionário sem querer incorrer nas despesas trabalhistas. O empregado passa a ser atingido em sua moral pela reiteração de atos vexatórios e agressivos com o intuito de que ele se demita. O advogado salienta que, ainda que não tenha sido definida a criminalização dessa conduta na legislação do país, o Judiciário brasileiro, na esfera do Direito do Trabalho, já emitiu algumas sentenças condenando empresas de todos os portes ao pagamento de indenização a empregados por conta de tais práticas.

Não nos resta dúvida de que a categoria dos serventes é alvo frequente de assédio no trabalho, os relatos já citados ratificam esta clareza. Chama-nos especial atenção a questão das

ameaças e “perseguições” dirigidas aos funcionários para os quais a gestão da obra deseja o desligamento, mas igualmente evitar as despesas trabalhistas. Dada a incipiência ou mesmo inexistência de métodos estabelecidos de seleção na contratação e de capacitação/treinamento dos operários, uma das razões que propiciam a e elevada rotatividade (*turn-over*) na construção civil, esta é uma situação nada incomum.

Uma coisa que eu reparei, é, vão supor, existe ali aquele tubulão pra furar. Ali existe ali 40cm de água. Aquela água ali já foi... durante três semanas tá ali. Por mais que a empresa te fornece o equipamento adequado, ele seleciona aquelas pessoas, porque tem algumas pessoas que tem coragem de falar assim: “*eu não vou fazer isso*”. [...] eles preferem às vezes pegar aquela pessoa que tem menor conhecimento, que digamos assim, não sabe se relacionar muito bem em palavras, e coloca ali e chega até às vezes até a ameaçar a pessoa. “*Ó, se você não fizer isso aqui pra mim, pra mim você não serve ou você faz, ou então você tá dispensado*”. Ou, ocorre muito também na área do servente, o que estava se colocando aqui, a discriminação verbal. Mal tratamento, mal tratamento. Ou você faz como eu quero ou então pra mim você não serve. E também aquele questionamento também na área também da pessoa que trabalha como servente. A desvalorização pessoal nós já estamos colocando. Também existe também a desvalorização financeira. Alguns, entre aspas, entre próprio colega de serviço, ou até mesmo entre encarregados que eu já notei e percebi, eu já notei o seguinte, “*olha, o Fulano não serve, então eu vou colocar o Fulano só naquele setor de trabalho pior possível. Eu vou caçar um meio de arrumar uma advertência, vou caçar um meio de dar uma punição pro Fulano, porque ele pra mim ele não serve*”. Eu já notei isso. Eu já presenciei isso. Só que eu nunca quis falar pra não magoar a pessoa e também pra não criar maior atrito, cê entendeu, no setor de trabalho. (*servente – André*)

Nós mesmos já presenciamos e escutamos dos próprios engenheiros diferentes estratégias por eles utilizadas para provocar o pedido de demissão por parte do funcionário indesejado. Uma delas é atribuir-lhe a tarefa de ficar parado, sem atividade, sentado em um cômodo pequeno, quente, sob telha de amianto, durante todo o expediente. Essa atitude é carinhosamente denominada “*colocar o peão na solitária*”. Mas a criatividade em um canteiro de obras vai muito além, é sem limites!

Ó, nesse período que eu tô na construtora, o pior que eu já achei foi lá no Ed. W lá, que o Fulano (nome do encarregado), eu não sei se o elevador quebrou, o quê que aconteceu, entendeu, [...] se o elevador quebrou, o quê que foi [...], aí o (encarregado) me chamou, eu e o Beltrano (outro servente), ele pediu pra gente levá aquelas pedras de granito⁶⁶ até lá em cima (18 andares). [...] não foi dado equipamento de segurança pra gente poder usar adequado, terceira coisa, tava uma cobrança danada por causa dessas pedras, entendeu, então eu, particularmente, eu não gostei, eu não agradei [...]. Porque levava um risco grande da pedra quebrar com

⁶⁶ As pedras mencionadas (Granito Moonlight) apresentavam dimensão de 85 x 95 x 2 cm e pesavam cerca de 70Kg cada.

você, machucar quem tava juntamente com você e, além desse risco também, é, de uma certa maneira, você até deslocar a sua coluna. Aí, nessa hora, como se diz, o encarregado, é a realidade, *“eu não mandei fazer isso não”*. Porque ele sabe que ele vai ser cobrado, ele sabe que a empresa vai ter que preencher uma CAT⁶⁷ de acidente de trabalho, entendeu. Aí ele sabe que o engenheiro vai vim em cima dele, entendeu, aí o encarregado: *“não, eu não mandei fazer isso não”*. Quer dizer, há duas controvérsia, quando ele quer que ocê faz o serviço, entendeu, cê faz, tudo bem, mas quando acontece algum acidente, acontece alguma coisa, *“de jeito nenhum, pedi não”*. Então é uma coisa que acontece muito que eu já notei. Na minha opinião, dos piores foi esse. Eu fiz, não recusei o trabalho, que é a minha obrigação, no meu posto de trabalho, entendeu. Porém eu não corri, não me estressei, como ele desceu várias vezes a escada, *“tá pesado aí André?”* Nem resposta eu dei. (*servente – André*)

Se por um lado, conforme apontam Vieira (2008) e Lima (*apud* Vieira, 2008), a emergência do termo Assédio Moral se fez importante por denunciar e colocar em evidência de forma conceitual as implicações nocivas para a saúde física e mental do trabalhador promovidas em meio a relações de trabalho degradantes, por outro se nota que prevalecem em torno do tema análises superficiais e psicologizantes. Em geral, essas análises apontam o assédio como o produto de *“um choque entre personalidades, no qual o assediador é quase sempre qualificado como perverso e o assediado como uma vítima indefesa”* (Lima *apud* Vieira, 2008, p.16). Trata-se de *“uma perspectiva reducionista e enviesada, que desconsidera os contextos de trabalho e suas exigências como fatores essenciais para a compreensão do problema”* (*Idem*). O foco de uma análise pertinente deve se assentar *“na articulação sujeito/organização do trabalho e não nas características pessoais do ‘assediador’ ou do ‘assediado’, vistas de forma isolada”* (*Ibidem*). Em outras palavras, o trabalho e os contextos sócio-histórico, econômico e político que o atravessam não podem ser considerados como meras contingências da manifestação do assédio.

Em seu estudo de caso sobre a saúde mental dos vigilantes bancários, Carrusca Vieira (2006) conduziu um brilhante trabalho de investigação e busca de articulação entre os diversos aspectos relacionados com o assédio no trabalho e, principalmente, suas repercussões na saúde dos trabalhadores. O pesquisador entende que a relevância da análise sobre o assédio

⁶⁷ Comunicação de Acidente do Trabalho - CAT. Vide nota explicativa na p. 55.

está no entendimento de como a exposição persistente a situações de conflito no trabalho conduzem à dúvida sobre si mesmo e de sua competência, afetando a identidade e a saúde mental do trabalhador. Assim, articulando a gênese que se assenta sobre o social com as repercussões que incidem de forma peculiar no individual (a exemplo de Gaulejac), Vieira introduz o termo *Assédio Psicossocial* ao lado de *Assédio Moral*, marcando assim seu posicionamento crítico quanto às perspectivas que se centram no estudo da personalidade dos envolvidos.⁶⁸

Sendo os conflitos, portanto (e conforme o destaque de Vieira), engendrados *no e pelo* trabalho, em nosso próprio estudo sobre os serventes afirmamos filiação à noção de Assédio Psicossocial. Dessa forma, entendemos que os oficiais, os encarregados, os mestres de obras, bem como os engenheiros, ao lado dos serventes, são também trabalhadores, cidadãos, sujeitos sociais e, dentro das características peculiares que distinguem suas respectivas categorias, agem sustentados (e pressionados) por um contexto sócio-histórico que os atravessa. No último relato citado, por exemplo, uma análise ergonômica da atividade do encarregado, pivô do conflito em questão (a atribuição ao servente da tarefa de carregar pedras grandes e pesadas subindo e descendo 18 andares, e o uso da autoridade e poder para fazê-lo), certamente indicaria um contexto de significativa pressão vivenciado pelo “assediador” [*“que tava uma cobrança danada por causa dessas pedras”*]. Mediante uma visão assumidamente superficial, arriscaríamos a dizer que, na “luta por lugares”, assim agindo ele busca defender, com as armas que entende dispor, o lugar conquistado na hierarquia de trabalho (e as melhorias nas condições de vida e na auto-imagem por este proporcionado). Se não são colocadas em análise a organização do trabalho, os valores da organização que orientam as condutas dos gestores e, ampliando a visão, os valores e ditames sócio-econômicos que caracterizam o contexto maior em que esta organização busca se inserir

⁶⁸ Vieira aponta que, na maioria das análises, “*a personalidade é tomada como uma entidade absolutamente autônoma, descolada dos aspectos concretos da realidade*” (VIEIRA, 2008, p. 97).

de forma competitiva, as tentativas de entendimento dos conflitos no trabalho não têm meios de escapar ao viés psicologizante. Será sempre mais simples e cômodo – embora ineficaz – responsabilizar (e punir) os indivíduos isoladamente (paciente identificado) em lugar de se investir nas transformações sistêmicas, onde todos devem se perceber como co-responsáveis pelos problemas enfrentados. Fechando essa reflexão, por sua importância (com efeito) *fundamental*, permitimo-nos repetir as palavras de Yves Schwartz:

Se não se faz um esforço de ir ver de perto como cada um não apenas “se submete” – entre aspas – mas vive e tenta recriar sua situação de trabalho, se não se faz esse esforço, então interpreta-se, julga-se e diagnostica-se no lugar das próprias pessoas e isso não pode produzir resultados positivos (SCHWARTZ; DURRIVE; DUC, 2007a, p. 26).

4.5. ENFRAQUECIMENTO DO COLETIVO E ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA - A QUESTÃO POLÍTICA

Revisitando a história do trabalho no Brasil, descobre-se sua positividade porque produz cultura, seja no seu sentido mais econômico de produzir para viver alimentando-se, seja no sentido ético de criar valores e técnicas, seja, enfim, no seu sentido político de tecer relações sociais e coletivas. Contudo, para ver esse homem no trabalho, precisamos saber de que lugar se fala, quem fala e quem escuta, e talvez quem silencia. Por isso proponho escutar as vozes, mesmo silenciadas, dos índios, dos degredados, dos “escravos”, dos “estrangeiros” que fomos e/ou somos todos, para complementar e, sem dúvida, contestar o discurso dos “colonizadores”, antigos e modernos, de dentro e de fora (LE VEN, 2001, p. 143).

Conforme já enfatizado sob diferentes ângulos, o discurso que prevalece acerca dos serventes é desqualificador e discriminatório. Já observamos também que tal discurso contradiz o real, isto é, a complexidade presente na atividade e o seu importante papel no processo produtivo. Se, por um lado, mostra-se necessário compreender sistemicamente o contexto onde ele é forjado e os atores direta e indiretamente envolvidos – conforme procuramos fazer nos sub-itens anteriores –, por outro não se pode prescindir de avaliar seus efeitos, não apenas no nível individual, mas também no social e político. Colocando a questão de outra forma, a que(m) serve a desqualificação do trabalho do servente?

Porque se todo mundo contra um só, hm... jamais cê vai ser alguém na vida. Porque a gente só é alguma coisa se todo mundo ajuntar. É igual uma formiguinha carregando um tanto das coisas. É só assim que a gente sobe na vida. Porque ninguém sobe na vida sozinho. Pra alguém ser alguma coisa na vida aqui tem que ter uma outra pessoa que já tá no nível mais alto, que mostra interesse, e a gente

também mostrar interesse, né, pra ajudar a gente. Qualquer pessoa no mundo. A vida é essa. (*servente – Edson*)

Conforme vimos, pode-se dizer que a profissão de servente é “democrática”, isto é, acolhe a (quase) todos.⁶⁹ Nesse sentido, ela exerce importante função social, sendo a atividade veículo de inserção do sujeito marginalizado⁷⁰ no grupo social economicamente ativo e (com maior efeito) produtivo. Não obstante, uma vez cruzada a fronteira (exclusão total / inclusão relativa), importa à manutenção do *status quo* que esses sujeitos recém chegados à base produtiva da achatada pirâmide sócio-econômica⁷¹ interrompam aí (ou bem próximo daí) a sua mobilidade social. Acima deles há toda uma intrincada estratificação, em cuja ascensão mostra-se tarefa hercúlea e, para alguns níveis, “lotérica”. Assim, conforme apontado no relato acima citado, é necessário ao servente o estabelecimento de algum tipo de *coalizão* para viabilizar a melhoria das condições de vida e trabalho. Tal coalização pode se dar pela *via da organização coletiva* [“*a gente só é alguma coisa se todo mundo ajuntar*”] (lógica da luta pelo direito – êxito compartilhado, aparentemente improvável e a longo prazo) ou pela *via hierárquica* [“*Pra alguém ser alguma coisa na vida aqui tem que ter uma outra pessoa que já tá no nível mais alto, [...] né, pra ajudar a gente*”] (lógica da ajuda, do favorecimento – êxito individual, mais tangível e a médio prazo).

Identificamos aqui uma função importante da desvalorização da categoria dos operários, de uma maneira geral (“peões”) e, de forma mais específica e incisiva, dos

⁶⁹ Ainda faz parte das rotinas de recrutamento a exigência do *atestado de bons antecedentes*, o que fecha as portas do setor para a ressocialização de egressos do sistema prisional que já cumpriram suas penas ou que se encontram em liberdade condicional.

⁷⁰ Referimo-nos à exclusão social que, ao longo da história brasileira, marca os sujeitos que encontram na construção civil uma das únicas opções de ingresso ao mercado de trabalho urbano. Ver p. 8 (comentário sobre os sertanistas e população de rua) e p. 36 (nossos próprios dados acerca do histórico sócio-econômico dos operários pesquisados).

⁷¹ De acordo com pesquisa IPSOS (O Estado de São Paulo, página B16, 30/03/2008), divulgada pelo Ministério da Fazenda do Governo Federal, em 2007 a Pirâmide Social Brasileira era assim composta: 15% Classes A/B, 46% Classe C e 39% Classes D/E (vide gráfico da pirâmide na p. 98). A divisão por classe inclui a posse de bens, nível educacional e a renda média; classe A/B: R\$2.217; classe C: R\$1.062; classe D/E: R\$850. Fonte: Ministério da Fazenda. Disponível em: <<http://www.fazenda.gov.br/portugues/documentos/2008/marco/p010408-CDES.pdf>>. Acesso em: 18 Mai. 2010.

serventes/ajudantes (“oreias-secas”), que correspondem ao maior contingente daquela. Uma vez estabelecida a *naturalização* dessa desvalorização e, além dela, sua *internalização* por parte dos serventes, promove-se o esvaziamento da atividade enquanto profissão e, através disso, o aniquilamento da categoria enquanto organização coletiva. Tal situação apresenta um desconcertante (e envolvente) desafio às Clínicas do Trabalho, em especial à Clínica da Atividade de Yves Clot. Conforme apontamos no Cap. I, essa abordagem aposta na defesa e orgulho da profissão através da qualidade do trabalho, da beleza do gesto bem feito, da coisa bem pensada, da coisa alcançada, como a melhor forma de resistência contra as condições de trabalho inaceitáveis, bem como a melhor garantia da saúde do trabalhador. Enquanto disciplina clínica, ela visa restituir o poder do sujeito sobre a situação, utilizando o coletivo como recurso para o desenvolvimento da subjetividade individual.⁷² Mas como agir quando se consegue esvaziar a profissão como tal, promovendo não o orgulho, mas a *vergonha* frente ao pertencimento à categoria? Segundo Paugam (2008), esse tipo de cenário é favorável ao estabelecimento de uma situação de isolamento, onde o sujeito procura dissimular a inferioridade de seu status no meio em que vive e manter relações distantes com todos os que se encontram na mesma situação. Falando dos pobres de maneira geral, o autor afirma que “*a humilhação os impede de aprofundar qualquer sentimento de pertinência a uma classe social*” (PAUGAM, 2008, p. 66), promovendo o enfraquecimento e até a ruptura dos vínculos sociais, ou seja, o fechamento do indivíduo sobre si mesmo.

A impressão que temos é a de que, através da desvalorização da profissão de servente (que, repetimos, detêm a maior parte do contingente da força produtiva no setor), consegue-se cortar o “mal” pela raiz, mitigando de maneira bastante efetiva as possibilidades de engajamento e fortalecimento coletivo. Do ponto de vista econômico, o custo de produção destinado à base da pirâmide, à massa produtiva, à *mão-de-obra*, é assim mantido o mais

⁷² Vide p. 23. Relembramos ainda que o “*coletivo*” remete aqui à profissão como história comum, herança coletiva do pensar e saber sobre o trabalho, e não à organização de classe, ainda que essa possa se valer daquele.

baixo possível⁷³, garantindo a margem máxima de lucratividade nos negócios para aqueles que detêm os meios de produção e/ou que neles investem seu capital. Neste contexto, se o abandono do setor da construção ou a resignação não parecem opções atraentes ou mesmo viáveis a alguns serventes, na busca por melhores condições de vida e trabalho parece restar-lhes apenas a via do favorecimento. Como vimos, a “boa relação” com os encarregados e demais superiores hierárquicos mostra-se imprescindível para a classificação (promoção)⁷⁴. Nessa ascendência da *lógica do favor* sobre a *lógica do direito*, Carreteiro (2001, p.162) afirma que “os valores cívicos ficam subordinados aos valores hierárquicos”. Obviamente, o favorecimento exige uma moeda de troca, conforme analisa de forma bastante elucidativa a pesquisadora:

[...] quanto mais as pessoas forem excluídas ou desafiadas, mais elas viverão sob a lógica do favor [e não sob a lógica do direito]. [...] Os “pequenos”, os sem “símbolos de distinção” não têm como subsistir sem a ajuda dos outros. [...] Quando não se é um cidadão e não se tem meios de sê-lo, só se pode viver da boa vontade (evidentemente, segundo algumas regras) dos outros. (CARRETEIRO, 2001, p. 163).

Investigando a relação estabelecida entre os moradores de aglomerados (favelas) de grandes centros urbanos (onde o Estado se esquiva de suas atribuições) e os chefes do narcotráfico (que nelas exercem um poder paralelo) Carreteiro identifica que

Em troca de suas atividades de proteção, de suas doações, ele [o traficante] exigirá uma submissão total, um respeito incondicional às normas ditadas, atitudes que vão incentivar a heteronomia e não a autonomia (no sentido de Castoriadis)⁷⁵. Se, por acaso, alguém tenta se liberar do “paternalismo” do chefe, dessa “violência” velada, manipuladora, sedutora, integradora, coloca sua vida em risco. A violência “velada” transforma-se em violência física, o poder de vida em poder de morte, pois o chefe, sendo por si só a instituição, tem, como dizia Weber, “o monopólio da violência legítima”. (CARRETEIRO, 2001, p. 164).

⁷³ Na Construção Civil, Subsetor Edificações, o custo com a “mão-de-obra” (incluindo encargos) corresponde a cerca de 50% do custo total de uma obra.

⁷⁴ Vide p. 62: a dependência da atenção e boa vontade (“ajuda”) dos encarregados, mestre de obras e do próprio engenheiro para acender na carreira.

⁷⁵ Cornelius Castoriadis (Constantinopla, 1922 - Paris, 1997), foi um filósofo, economista e psicanalista francês, de origem grega, defensor do conceito de autonomia política. É considerado um dos maiores expoentes da filosofia francesa do século XX. (fonte: *Wikipédia*). Para ele, as possibilidades e limites para o exercício da autonomia são dados historicamente por um conjunto de fatores. A autonomia só pode ser definida, portanto, como relação social, pois “*não podemos desejar a autonomia sem desejá-la para todos e sua realização só pode conceber-se como empreitada coletiva.*” (Castoriadis, 1991, p. 130 *apud* MARTINS, 2002).

Carreiro indica ainda que, antes de migrar para os centros urbanos, tal relação de poder autocrático se fez presente historicamente no contexto rural brasileiro, por exemplo, na “proteção” oferecida pelos “coroneis” à população que vivia sob seu jugo. Conforme pudemos perceber, os “refugiados” do campo não encontraram nas cidades sorte tão distinta, pelo menos não na construção civil que, conforme vimos, caracteriza-se como uma das principais portas de entrada dos emigrantes rurais no mercado de trabalho urbano.

Percebemos assim que a desvalorização da profissão do servente parece atender, não menos que a outros motivos, a uma função de controle social, de manutenção da docilidade e subserviência, isto é, a manutenção do *status quo* nas relações de poder estabelecidas entre uma classe sócio-econômica numericamente minoritária sobre uma massa produtiva. A reprodução dessa extratificação é descrita de forma simples e clara pelo carpinteiro construtor de Brasília:

Porque o engenheiro estudou, né, gastou muito dinheiro pra estudá. E o trabaiadô, o que gastou? Num gastou nada. A sina do trabaiadô é trabaiadô toda a vida... O engenheiro, porque tem possibilidade, é filho dum doutô, estudou muito, gastou muito dinheiro, uma formatura não é brinquedo. Quem é trabaiadô? Que formatura o trabaiadô tem? Num tem nada. A formatura do trabaiadô é como a classificação dele. A formatura do carpinteiro é o martelo e o serrote, a formatura do pedreiro é a colher e o prumo, a formatura do servente é a pá e o carrinho (*carpinteiro João apud Sousa, 1983, p. 123*).

A resignação e subserviência dos trabalhadores como estratégias de defesa encontram, entretanto, seus próprios limites frente às situações cotidianas de conflito promovidas pela vivência da exploração, humilhação e heteronomia. Nesse sentido, ainda que de forma individual, frágil e isolada, observam-se no canteiro atitudes de auto-defesa e resistência frente às situações vividas. Alguns optam pelo enfrentamento direto, feito às claras, determinando certos limites dos quais não abrem mão para a execução das atividades delegadas. Retomemos como exemplo a postura do servente convocado a carregar as pedras de granito por 18 andares:

Eu falei: “*tudo bem, ué, eu levo. Pra mim não tem nenhum problema. Só vou te comunicar. Cada escadaria que subir, eu encosto ela (a pedra), vinte minutos eu*

descanso pra depois subir de novo". Aí, não pode, ué, realmente, só que eu fiz isso. Eu deixei bem claro pra ele, entendeu, pelo seguinte: não foi dado equipamento de segurança pra gente poder usar adequado, [...] eu, particularmente, eu não gostei, eu não agradei, porém eu falei com ele abertamente: "*Cada andar que eu subir, quem tiver comigo vai parar, vai ficar vinte minutos. Você subindo ou descendo a escadaria, se você me ver assim, você já tá sabendo já*". (servente – André)

Esse tipo de atitude, contudo, expõe o trabalhador a uma série de riscos referentes às retaliações já mencionadas, dirigidas a todos aqueles que, de alguma forma, questionam abertamente a autoridade (e a arbitrariedade) dos seus superiores hierárquicos. Assim, os trabalhadores desenvolvem outras modalidades de resistência, em um embate menos direto. Vejamos o exemplo do *bem-mandado*:

[...] uma pessoa bem-mandada, se ocê falar com ele: "*eu quero que ocê busca lá em baixo pra mim dez litros d'água*", ele desce tranquilo, vem com os dez litro d'água e põe pra você, entendeu? Esse é o bem-mandado, no meu ponto de vista, pelo o que eu vi aqui na construção civil, entendeu? Então, quer dizer, ele só faz aquilo que o pedreiro pede. Agora, em vez de ele olhá a plataforma que começou, aí nós tamo na segunda plataforma, vai colocar ali cinco macaquinho, cinco com borracha e dois sem borracha, liso, ele tá vendo que vai colocar, porque que ele não pode corre lá, pegar os cinco macaquinho, nivelar mais ou menos dentro daquela altura que ele já viu e colocar lá atrás assim, em seguida, entendeu? Falá assim, "*ó, os macaquinho tão atrás em seguida aí. Aqui, os dois que vai usar já tá aqui*". Quer dizer, a diferença entre o bem mandado praquela que procura ser ativo naquilo que vai fazer, entendeu, eficaz, é essa aí no meu ponto de vista, porque isso nós notamos isso no Marreo. Excelente pessoa, volto a repetir, boa demais, só que ele só faz as coisas para o pedreiro ou pra quem ele estiver trabalhando, cê entendeu, se falar com ele: "*é isso*", é aquilo. Ele não se desponta em antecipar o serviço. (servente – André)

Então, tem cara, igual ontem eu tava trabalhando com o irmão dele, então tudo cê tem que ficar pedindo o cara. "*Faz isso, busca aquela pedra ali pra mim, pega essa peça*". Então eu acho que isso atrasa a gente, atrapalha a gente, cê entendeu? (pedreiro – Helbert)

Uma vez que a boa interação e eficiência produtiva entre oficiais e serventes dependem significativamente da antecipação destes, uma forma de resistência que apresenta impacto considerável é a obediência estrita ao prescrito ⁷⁶. Se ao servente é delegada a tarefa de acatar e cumprir ordens, é exatamente isso que alguns fazem, de forma literal, prejudicando assim a agilidade na cadência do processo produtivo. Não sendo devidamente reconhecidos e

⁷⁶ Com efeito, tendo em vista a irredutível defasagem entre o prescrito e o real que sempre convoca o trabalhador a fazer uso de si para gerir essa distância, a obediência estrita ao prescrito é uma poderosa e conhecida estratégia de resistência dos trabalhadores. Um exemplo que chama atenção é a "*operação linguição*", quando os motoristas de coletivos urbanos acatam radicalmente a prescrição de trafegarem apenas na faixa da direita.

nem respeitados enquanto profissionais e enquanto sujeitos, assim como desiludidos com a possibilidade de ascensão profissional/social, os trabalhadores respondem com certa ironia, acatando prontamente e realizando até mesmo de forma bem feita as tarefas atribuídas (evitando, assim, serem chamados a atenção), mas sem demonstrar interesse ou envolvimento com as metas estipuladas pela organização. Colocando-se de outra forma, parecem defender sua integridade pessoal recusando “vestir a camisa da empresa”, tratando com indiferença aqueles que assim também os tratam.

Porque, é aquela história, eu vou ficar dando murro em ponta de faca se eu sou um bom funcionário, se eu desponho naquilo que me pede pra fazer tudo, cê acha que eu como servente eu vou ficar dando murro em ponta de faca, vamos dizer assim, ditado popular, sendo que eu não tô sendo reconhecido, sendo que eu não tô tendo nenhuma benfeitoria em prol da minha pessoa? Claro que não. Eu vou procurar partir pra outra coisa melhor, eu vou procurar talvez ir pra uma outra empresa que vai me dar oportunidade.

Pesquisador: Ou então eu vou começar a fazer só aquilo que me mandam fazer e não vou fazer mais nada?

Justamente. *(servente – André)*

Ainda dentro desse estilo de resistência irônica, caracterizada pela hiper observância do prescrito, é interessante notar como que se misturam o empenho (exigido pela organização), o humor e a hostilidade/raiva/ressentimento (frente à situação de vida e trabalho) no comentário do operador de máquinas:

E na minha época também, a classificação primeiro era muito difícil, entendeu. [...] Eu, pra mim consegui ganhá a classificação, eu trabalhei na (empresa R) na época, né, conhece a (empresa R)? Aí o pedreiro chegava, eu botava a massa pra ele, com um pouco dava vontade de ele ir ao banheiro, ele ia no banheiro eu pegava a colher dele e ia trabalhando, entendeu? Assentando tijolo. Aí o cara passou e falou pra mim: “*Ô Pedro, faz o seguinte, arruma um pedreiro pra mim.*” Aí eu falei, “*tá bom, vou arrumar*”. Aí quando ele passou, viu eu trabalhano na colher, aí ele falou: “*ah não, não precisa de arrumar não, pode continuar, pode continuar, aí eu te dou a classificação*”. Aí eu continuei, trabalhei mais ou menos um ano sem classificação, né, aí saí de lá classificado. Graças a Deus. Tô satisfeito e gosto da profissão, adoro a profissão de pedreiro. Adoro mesmo. *(pedreiro – Pedro)*

Mas você é bobo mesmo. E você ia assentar tijolo? (Se fosse eu) quando ele voltasse o caixote já tava cheio, cheio de tijolo no lugar onde ele tivesse (risos). Ele (falando do pedreiro, então servente) pegava a colher pra ir assentar tijolo, né? Se fosse no meu caso, quando ele viesse do banheiro não tinha lugar nem de pisar, tava cheio de tijolo e massa pra ele levantar (risos gerais). *(operador de máquinas – Carlinhos)*

Um pouco mais explícito em sua resistência do que o bem-mandado é o servente “*nó-cego*” ou “*morcego*”:

O servente nó-cego é esse, por exemplo, cê tá fazendo, vão supor que você tá trabalhando numa alvenaria. Falta material, aí [...] ele põe massa e não põe tijolo, quando tem tijolo ele trás uma massa dura. Aí cê tem que ficar falando com ele: “*ou, trás uma massa pra colocar nessa massa aqui*”. (*pedreiro – José de Fátima*)

[...] tem uns que sai, deixa o pedreiro sozinho, aí, na hora que o pedreiro vai precisá dele ele não tá perto do pedreiro. Aí o que que acontece? O pedreiro fica com raiva, aí chama o encarregado e fala: “*ó, esse servente aqui não serve pra mim, ele tinha que ficar perto de mim, pra o que eu precisar ele tá me servindo, mas ele não tá*”. Ali, o mal acontece é isso, talvez ele não para ni obra por causa disso, porque ele [...] os pedreiro fala: “*ah, ele não serve pra mim porque ele não fica perto de mim, talvez eu preciso de alguma coisa [...]*”, suponhamo, igual, no caso, se ele tiver em cima do andaime, entendeu. Ele não pode descer ali em baixo pra fazer outra coisa. Aí o servente vai e some, vai e some pra lá e esquece do pedreiro. Então, por isso, nesse negocio de morcego é por causa disso. O servente ele não faz nada, aí ele esconde lá, aí pronto. Eles arruma essa encrenca aí, o pedreiro fica com raiva por causa disso. “*Ah, ele não serve pra mim porque ele não fica perto de mim*”. Entendeu? (*servente – Nil*)

É esse que é o nó-cego, às vez ele chegava, talvez vai pra um lugar, aí ele fica escondido lá, talvez ele até dorme, ele caça um lugar lá e fala: “*ah, o caixote (de massa) tá cheio mesmo*”, então ele vai dormir. (*servente – Nil*)

Via de regra, a fricção produzida nessa relação de conflito estabelecida entre trabalhadores e empresa caracteriza-se como mais um dos aspectos mantenedores da alta rotatividade no setor. O servente trabalha, resiste/reage, é demitido, lança mão do Fundo de Garantia (FGTS) e do Seguro Desemprego, entra em uma nova empresa, trabalha, resiste/reage, é demitido, e assim perpetua-se o ciclo.

O cara não pode desistir de nada, né. Se uma porta fecha tem dez, vinte pra abrir pro outro. O cara tem sempre que lutar, né. Num pode deixar... acontece qualquer coisa na vida do cara o cara para. A vida não é assim. Tem que ir lutando, lutando, uma hora você consegue. Cê tem que lutar, na vida tem que lutar. (*servente – Edson*)

Outras formas de reação por nós observadas encontram meios mais agressivos para se externar. Não é possível afirmar o nexo causal específico e direto entre as mesmas e as relações de poder presentes no contexto de trabalho. Ainda assim, tendo em vista, entre outros aspectos, sua incidência nesse cenário, entendemos ser relevante apresentá-las. Algumas se dão através de atos anônimos, como o de passar fezes pela parede do banheiro, danificar equipamentos e/ou serviços já realizados, promover situações de grave risco (como lançar um

bloco de tijolo do alto do poço do elevador), furtar objetos de uso coletivo (torneiras, chuveiros) ou privado (ferramentas, equipamentos e objetos de colegas). Outras vezes o anonimato não pode ser mantido. Isto se dá quando a reação vem à tona de forma explosiva, por meio de agressões físicas (geralmente entre colegas) e/ou de ameaças verbais (por vezes dirigidas aos encarregados e mestres)⁷⁷. Finalmente, o álcool, a religião e a identificação (moral) com o próprio trabalho se apresentam como formas alternativas de lidar com o sentimento de impotência e exclusão.

[...] engraçado: a pessoa ficando meio de fogo, tudo pra ele tá bom. Então, às vez, a pessoa tá meio invocado, meio pensativo, então ele parava de pensar um bocado nas coisas, parece que as coisa ficava mais fácil. A pessoa, tanto bêbada, não importava não. (*servente – João, apud SILVA, 2006, p. 131*)

[...] eles (os superiores hierárquicos) é os mais forte, eles sabem o quê que é melhor pra eles, pra gente, né. Mas Deus tá no controle. (*servente – Ivan*)

Se ocê trabalha muito, né, eles fala que a gente é puxa-saco. Mas não é porque é puxa-saco. Se ocê saiu de casa pra ir trabalhar, cê tem que trabalhar, ué. Sê cê quer ficar atoa, cê tem que ficar em casa, não é não? Tô certo ou tô errado? Puxa-saco é aquele que chega, chega e entrega a pessoa. Fulano de tal tá parado ali. Não é não? Tô certo ou tô errado? É aquele é que é o puxa-saco. Se ocê tá trabalhando ocê não é puxa-saco não, cê tá trabalhando que é sua obrigação, uai, fazendo sua obrigação. É o que acontece comigo. Sempre uns fica chamando eu de puxa-saco. Mas não sou puxa-saco não, uai. Saí de casa pra ir trabalhar, vou trabalhar. Né não? (*pedreiro – Pedro*)

Nota-se, portanto, que a abertura e o acolhimento quase irrestritos oferecidos pela profissão de servente ao cidadão brasileiro que não apresenta (ou quase não apresenta) grau de escolaridade, experiência e/ou qualificação específica desempenham importante papel de inclusão produtiva desses sujeitos no tecido social. Esse ingresso, entretanto, parece atender muito mais às necessidades e aos interesses econômicos imediatos de uma classe demograficamente minoritária do que a um projeto amplo e civilizatório de universalização da inclusão social através da oferta de trabalho digno, seguro, com oportunidades de desenvolvimento contínuo da qualificação e justa distribuição das riquezas auferidas. Trata-se, logo vemos, não de um “passaporte” para a cidadania democrática, mas de um “passe”,

⁷⁷ A agressividade reativa, tanto física quanto verbal, certamente não se apresenta apenas no ambiente do trabalho. Alguns relatos nos indicam que ela se manifesta, provavelmente com frequência ainda maior, também no ambiente doméstico, projetada nos familiares (principalmente esposa e filhos).

uma permissão à participação parcial e conveniente, caracterizada pela delimitação restrita da mobilidade social da classe trabalhadora segundo o desejo ou benevolência do grupo hegemônico. Esse “acolhimento” carrega consigo, portanto, um profundo cinismo, caracterizando uma comunicação de duplo vínculo⁷⁸. Sob o enquadramento desse contexto sócio-político, a desqualificação da profissão de servente mostra-se como eficiente mecanismo ideológico de manutenção do *status quo* e evitação de conflitos e confrontos sociais.

Na legitimação da exclusão, é necessário encontrar uma vítima expiatória sobre quem descarregar o pecado de marginalização, ou quase genocídio, de milhões. Essa vítima é o próprio excluído. O culpado não é um sistema, baseado em relações excludentes, que faz milhões de pobres. Não existe, dentro da ideologia liberal, espaço para o social. Por isso o ser humano é definido como um indivíduo, isto é, alguém que é um, mas não tem nada a ver com os outros. O ser humano, pensado sempre fora da relação, é o único responsável pelo seu êxito ou seu fracasso. Legitima-se quem vence, degrada-se o vencido, o excluído. (GUARESCHI, 2008, p. 154).

Impotentes para realizar isoladamente o efetivo enfrentamento da realidade posta, parece restar àqueles marcados pela *condição servente* limitadas e ineficazes alternativas que resistência que, em geral, acabam por reforçar a representação depreciativa que deles é feita (“veja como são bárbaros e animais esses peões, passam fezes nas paredes” / “não têm cérebro, não pensam, apenas conseguem executar estritamente o que lhes é ordenado” / “são preguiçosos, não gostam de trabalhar, têm que ser vigiados a todo momento pois basta uma rápida distração e já estão morcegando”).

⁷⁸ *Duplo Vínculo* - termo cunhado pelo antropólogo inglês naturalizado norte-americano Gregory Bateson, eminente pensador sistêmico e epistemólogo da comunicação (tendo incorrido também pela psiquiatria, psicologia, sociologia, linguística, ecologia e cibernética). Trata-se de uma situação que se estabelece quando uma pessoa se vê diante de mensagens simultâneas de aceitação e rejeição. O fato de tais mensagens serem simultâneas e contraditórias faz com que quem as recebe fique confuso. Esse quadro é frequente no meio familiar e ocorre em especial entre crianças e pais. Segundo Bateson, adultos jovens que desenvolveram esquizofrenia muitas vezes têm história de relação de duplo vínculo na infância (MARIOTTI, 1995).

CAPÍTULO V

“Nenhum erro pode ser acusado de antigo enquanto perdurar o sofrimento por ele gerado.”⁷⁹

≈ Considerações Finais

Iniciamos nosso trabalho indicando o lugar onde ele se assenta: no incômodo gerado pela percepção do “não-lugar” atribuído ao servente da construção civil, seja enquanto profissional, seja enquanto sujeito, e os efeitos (objetivos e subjetivos) dessa *condição*. Ao lançarmo-nos à investigação, percebemos tratar-se de um “erro”, tão antigo quanto contemporâneo. Paralelamente aos dados e observações do setor relativos às (penosas) condições de trabalho e de (in)segurança a que são submetidos esses trabalhadores, é a contradição presente na análise que fazem os oficiais sobre a atividade do servente o que melhor evidencia esse “erro” e alimenta o incômodo. Encontramos aí um marcante paradoxo entre o discurso dos pedreiros, quando falam do servente no senso comum (“*aquele que não sabe fazer nada*”) e o discurso desses mesmos pedreiros, quando falam do servente tendo no foco de análise o trabalho real (“*sem o servente o pedreiro não faz nada, isto é, faz, mas muito menos*”). A reflexão dos serventes sobre o próprio trabalho também evidenciou alguns dos múltiplos saberes e competências investidos em suas atividades (*Pesquisador: Então tem uma série de coisas que o servente tem que saber? Servente: Muita coisa!*), situação antagônica ao fato de, amiúde, eles mesmos introjetarem e reproduzirem a representação desqualificadora do senso comum sobre o ofício que exercem.

Fomos em busca de um melhor entendimento das origens “*dessa tão discriminação que tem contra o servente*”. Num primeiro momento, percebemos que a *condição servente* encarna um conjunto de características assimiladas como negativas, que dificultam significativamente a formação de uma auto-imagem e de uma identidade positivas por parte

⁷⁹ Sylvie Germain *apud* Gaulejac (2006).

daqueles que são por ela marcados (baixa escolaridade, ausência de especialização que caracterize “uma arte”, nível máximo de heteronomia, trabalho “sujo” e pesado, pobreza). Os serventes se encontram no pólo extremo da base da pirâmide produtiva na construção civil, mas percebe-se que os demais operários (“peões”) também sofrem da desvalorização e estigma. Assim, “na luta por lugares”, identificamos o distanciamento e a discriminação dos serventes como iniciativas de defesa, algo no sentido de se evitar uma espécie de “contaminação”. Quanto mais distintos e distantes daqueles, mais chances de favorecer sua própria imagem e reconhecimento profissional (e, conseqüentemente, social). Notamos também que a discriminação da categoria exerce importante função política (controle social) através do enfraquecimento (ou mesmo anulação) da coesão e organização coletivas. Uma vez internalizada, a desvalorização do ofício remete o sujeito a, basicamente, três alternativas: (1) a desistência do setor, (2) a luta pela ascensão profissional ou (3) a resignação. Percebendo-se sem recursos e impotentes para enfrentar as duas primeiras alternativas na busca pela melhoria de suas condições de vida e trabalho, parece restar a um bom número de serventes a terceira via que, por sua vez, não se dá sem sofrimento objetivo e subjetivo, sofrimento frente ao qual lançam mão de suas próprias estratégias de defesa e/ou resistência (dentre elas, o alcoolismo).

Vimos que o desenvolvimento tecnológico em muito favoreceu o avanço do setor, inclusive no que se refere às condições de trabalho. Entretanto, percebe-se que essa evolução não foi acompanhada pelo desejável desenvolvimento das relações de gestão, da organização do trabalho e pelo investimento no desenvolvimento dos próprios sujeitos que habitam esse campo produtivo e “colaboram” com sua força de trabalho. Destacamos aqui nossa primeira constatação conclusiva, feita à luz do estudo realizado: em plena entrada do século XXI, parece-nos contradição ética e moralmente *insustentável* a coexistência dos mais sofisticados mecanismos de produção de conhecimento e de riquezas e a sujeição de seres humanos a

relações/situações de vida e trabalho humilhantes e/ou degradantes, assim como verificado na construção civil, em especial, junto à categoria dos serventes. Em uma época onde *sustentabilidade e responsabilidade sócio-ambiental* são palavras de ordem, proclamadas aos quatro ventos pelos discursos desenvolvimentistas, ousamos denunciar como hipócrita e ideológica toda e qualquer iniciativa que, sob esse selo, se proponha a mitigar ou reparar os danos provocados pela exploração e a exclusão sem avaliar, de forma crítica e honesta, de que forma seus promotores contribuem para a gênese do problema em questão. Melhoria das condições de vida de trabalhadores sem a melhoria das suas condições de trabalho? Melhoria das condições de trabalho sem a aproximação *in loco* da realização desse trabalho e sem o envolvimento e respeito ao ponto de vista dos trabalhadores? Sob inspiração e orientação de ergólogos e ergonomistas, isso não nos parece iniciativa eficaz.

Os processos globais, a financeirização da economia, a subcontratação, os processos econômicos, técnicos, resumindo, as evoluções de toda natureza, podem ser lidas – em uma parte essencial – no posto de trabalho. Eu não digo que é o único critério, eu reclamo simplesmente que a atividade concreta de trabalho das mulheres e dos homens seja um critério fundamental de apreciação das situações e de sua mudança. É o que eu chamo *o ponto de vista do trabalho* (DURAFFOURG; DURRIVE; DUC, 2007, p. 58).

Se a aproximação das situações reais e concretas de trabalho demonstra ser ação imprescindível para a sua compreensão e mudança, consideramos dotar de equivalente relevância o conhecimento e a compreensão do contexto social, econômico, histórico e político que as engendram. Dito de forma ilustrativa, como reagiríamos se a empresa inglesa dedicada à exploração de petróleo e responsável pelo derramamento de milhões de litros do óleo no Golfo do México, desde abril do ano corrente, apresentasse as fracassadas tentativas de contenção do desastre como investimentos em ações de responsabilidade sócio-ambiental? Por nosso turno, contemplando curiosamente o globo aqui do hemisfério sul, animados pela projeção internacional, pelo aquecimento da economia, pelo pertencimento aos “BRICs”, damo-nos conta de que vivemos em um país cuja taxa de analfabetismo funcional é de 21%

para a população acima de 15 anos?⁸⁰ De que o slogan que alavancou a primeira candidatura do atual presidente foi nada menos do que o compromisso de erradicar a *fome* no país? Em que século estamos mesmo? De que tecnologias dispomos? “Quem é que paga pra gente ficar assim?”⁸¹ Enfim, às custas de que tipo de impacto ambiental, social, humano e sob quais condições de vida e trabalho estamos dispostos a “nos” “desenvolver”?

Tais questionamentos nos levam à inevitável análise crítica dos valores e atitudes que caracterizam o modelo sócio-econômico globalmente hegemônico na contemporaneidade, que historicamente se estabeleceu e se colocou em curso desde a revolução industrial. Mas, antes mesmo desse tipo de argumentação, apresentamos nossa segunda constatação: ainda que sob a lógica reinante e linear da produtividade máxima e da idolatria ao lucro, a negligência de investimentos focados no desenvolvimento humano, nos contextos de trabalho, mostra-se contraproducente.

[...] organização “competente” em termos materiais, mas “incompetente” em termos humanos. Até que ponto esta irracionalidade não provoca uma ineficiência residual, irreduzível até que os homens produtores possam se desenvolver paralelamente à produção? (LIMA, Francisco, 1996, p. 179)

Como é possível que a produção seja assegurada em quantidade e qualidade quando os homens sofrem? (LIMA, Francisco, 1996, p.175)

Vimos que mesmo dispendo da mais avançada tecnologia, a atividade industriosa não pode, em tempo algum, prescindir da ação (gestão) humana, visto ser o meio “sempre infiel” e que as defasagens entre o prescrito e o real demandam gerenciamento.

A análise ergonômica do trabalho (AET) revela a universalidade da distância entre o “trabalho prescrito” e o “trabalho real”, demonstrando que os resultados da produção seriam outros se os trabalhadores não “dessem um jeitinho”. Em qualquer situação de trabalho podemos detectar que a eficiência e a qualidade dependem, em grande parte, da implicação dos trabalhadores (LIMA, Francisco, 1996, p. 158).

⁸⁰ Vide Gráfico 18 na p. 118: Taxa de analfabetismo funcional no Brasil em 2008 segundo o IBGE.

⁸¹ Alusão a trecho da música *Brasil* de Cazuza, Nilo Romero e George Israel. Vide letra completa na p. 147.

Reconhecido como indispensável à produção, o homem, por sua vez, não deve ser tratado como máquina, “recurso” destituído de sua humanidade, sob o risco de se por a perder a referida implicação (quando não a saúde) dos trabalhadores e, como consequência, a produtividade, a qualidade e, finalmente, o lucro almejado. Neste contexto, observa-se a ineficácia das modernas iniciativas “motivacionais” dirigidas aos trabalhadores que, se por um lado compreenderam a impossibilidade de fragmentação e mecanização plena do agir humano, via de regra, são elaboradas sem a devida consideração das situações reais de trabalho bem como do ponto de vista de seus protagonistas. Na observação de Lima:

Em geral, os apelos moralistas de dedicação ao trabalho constituem pressões externas, isto é, são ordens transcendentais às quais todos os indivíduos devem se submeter, algo portanto que não convoca a integralidade de sua personalidade e autonomia, reduzindo-o a servir a um único objetivo ou função. [...] São formas de constrangimento ou manipulação moral que, eventualmente (mas não de forma durável e enriquecedora para a personalidade do indivíduo que trabalha) pode exercer influência sobre o comportamento dos homens e suas atividades profissionais. (LIMA, Francisco, 1996, p. 156)

Voltando ao contexto específico do trabalho dos serventes na construção civil, notamos ser amplamente subestimado o papel dos saberes e competências desses atores no processo produtivo, principalmente aqueles relativos ao trabalho de co-operação e assistência junto aos oficiais. Alimentada por essa sub-valorização, é flagrante a negligência de investimentos nas áreas de formação técnica e de gestão/organização do trabalho das equipes. Entendemos que o campo mostra-se fértil para o desenvolvimento de outros estudos que venham demonstrar de forma mais precisa o quanto “*a incompetência (das organizações) em termos humanos*” prejudica a eficiência e a produtividade no setor. De toda forma, aquilo que nossa pesquisa teve condições de apontar foi material suficiente para promover (a) a estruturação de um conjunto de políticas de qualificação técnica, (b) de desenvolvimento de competências a partir dos saberes investidos, (c) de planejamento da gestão de equipes e (d) de segurança do trabalho que, feitas em parceria com entidades de competência reconhecida, já se encontram em curso ou em fase de planejamento na Construtora que nos concedeu o

campo para a realização dessa pesquisa. A empresa, repetimos, vem demonstrando atitude pioneira no ramo no que se refere à abertura para investigações acadêmicas com o foco nas condições de segurança e de trabalho, bem como aos investimentos apontados e, tendo em vista o bom momento de mercado e a escassez de profissionais qualificados (ou mesmo sem qualificação), nos parece que não tardará em colher os bons frutos dessas iniciativas.

Se a mudança na cultura das organizações do segundo setor mostra-se fator de grande relevância para o desenvolvimento das condições de vida e trabalho, sabemos que, isoladamente, as empresas muito pouco podem fazer. Elas se inserem no corpo de toda uma trama de relações sociais e econômicas, que passam pelas definições legais e que remetem ao papel do Estado como articulador e regulador dessas relações. Apontamos, assim, nossa terceira constatação: estando o *mercado* sujeito à lógica imperativa do lucro, a organização da sociabilidade humana não pode ser por ele livremente regulada. Tal ponderação não caracteriza um mero discurso ideológico, como podem alertar as recentes crises econômicas mundiais. Ainda dentro do sistema hegemônico, é imprescindível que o Estado assuma seu papel regulador, fiscalizador, e implemente políticas públicas que permitam um mínimo de sustentabilidade a esse sistema que, por natureza, é voraz e autofágico.⁸² Sem a correta ação e regulação do Estado na indústria da construção civil, por exemplo, organizações que, agindo de forma isolada, se disponham a verdadeiramente investir em segurança, em melhorias das condições de trabalho, na qualificação profissional e em uma distribuição mais justa das riquezas produzidas, em curto prazo, se mostrarão pouco “competitivas”, nada atraentes ao olhar dos investidores e, assim, serão alijadas do mercado.

⁸² Para uma didática síntese a respeito da insustentabilidade do sistema linear de extração, produção, consumo, acumulação e despejo, vide o vídeo “*The Story of Stuff*” (A História das Coisas), de Annie Leonard, um curto, polêmico e envolvente documentário sobre o ciclo de vida dos bens de consumo. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=3c88_ZOFF4k>. Acesso em: 06 Jun. 2010.

Finalmente, nossas considerações críticas sobre os valores e atitudes que caracterizam o modelo sócio-econômico globalmente hegemônico na contemporaneidade. Para isso, recorreremos uma vez mais à clareza e à intensidade de Michel Le Ven:

Não somos senhores do mundo, nem mesmo da Terra. Somos, simplesmente, homens e mulheres que precisam e gostam de trabalhar e, com isso, se fazem e fazem o mundo mais humano, numa terra da qual devemos fazer nossa pátria. E isso vale para o capital, para o patrão, para o empregado, para o des-empregado também, que, mais do que qualquer um, trabalhou e trabalha de alguma maneira para sobreviver. É necessário começar a pensar, uma vez que o trabalho social já produziu tanta acumulação de riqueza, que a vida de cada um e de todos pode ser garantida pela RENDA social, que deve ser mais justamente distribuída. Há uma dívida social que pode e deve ser repartida [...]. O trabalho sob a forma capitalista foi uma invenção do século XVIII. Ora, estamos na aurora do século XXI. É preciso criar e viver outro conceito de trabalho em nossas sociedades, trabalho que seja menos dependente da produção e mais da repartição da renda a ser socialmente atribuída, e não só apropriada privativamente. Assim o trabalho se fará simplesmente humano. (LE VEN, 2001, p. 152).

Não pretendemos iniciar aqui uma discussão simplista sobre temática tão complexa. Por outro lado, não nos é possível concluir o exame das situações promotoras do mal estar que mobiliza a realização desse trabalho deixando de abordar, ainda que superficialmente, essa classe de considerações. A citação de Le Ven aponta para uma série de reflexões. Dentre elas, poderíamos extrair um questionamento em particular, cuja apreciação consideramos fundamental: na dialética relação entre o “*Ser*” (caracterizado pela autonomia, liberdade e responsabilidade ética dos sujeitos) e o “*Poder*” (caracterizado pelo acúmulo de capital e consequente influência social), quem se mostra *senhor* e quem se mostra *escravo* na contemporânea sociedade ocidental?

Ainda nesse sentido, levando-se em consideração que todos encontramos-nos envolvidos [*“E isso vale para o capital, para o patrão, para o empregado, para o des-empregado [...]”*], mesmo que sob condições materiais de existência substancialmente distintas, quem aliena e quem é alienado? Sócrates, o filósofo, defendeu famosa tese segundo a qual *“ninguém faz o mal voluntariamente, mas por ignorância, pois a sabedoria e a virtude*

são inseparáveis”. O poeta canta que “a felicidade mora ao lado (na relação) e quem não é tolo pode ver”⁸³. Entre tolos, alienados, exploradores e explorados, fato é que

O homem não existe sem o trabalho; não se pode mudar o homem, enriquecer e desenvolver sua personalidade, se o trabalho ele próprio não é transformado (LIMA, Francisco, 1996, p. 182).

Assim, ainda segundo Lima, pressuposto necessário à superação da velha ordem social, à criação e vivência de outro conceito de trabalho em nossas sociedades é

[...] que o trabalho se torne um carecimento pessoal, uma atividade voluntária, livremente buscada e consentida por cada indivíduo e realizada em associação com os outros. (LIMA, Francisco, 1996, p.181)

Como realizar esta e outras passagens correlatas permanece como desafiante enigma da nossa época. Os concretos limites sócio-ambientais impostos, em âmbito global, pelo modelo vigente, conferem clima de certa urgência ao contexto político das iniciativas, dos embates e dos debates (“*Decifra-me ou devoro-te!*”). Talvez, ainda que pareçam por demais imprecisos ou abstratos, os investimentos no desenvolvimento da *consciência* humana (presença atenta; sabedoria; virtude; transcendência do ego) venham se mostrar como vias concretas que, a longo prazo, sirvam de pavimento às referidas passagens. Se a resposta ao enigma já foi dada (“*o Homem*”), resta saber se teremos tempo para despertar.

Finalizamos este trabalho citando o convite do lendário artista:

Emancipate yourselves from mental slavery
None but ourselves can free our minds
Have no fear for atomic energy,
'Cause none of them can stop the time
How long shall they kill our prophets,
While we stand aside and look?
Some say it's just a part of it:
We've got to fulfill the Book

Won't you help to sing,
These songs of freedom?
'Cause all I ever have:
Redemption songs.

*Redemption Song - Bob Marley (1979)*⁸⁴

⁸³ Beto Guedes e Ronaldo Bastos na canção “*O Sal da Terra*”. Clipe disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=4dXTTKxlGvU&feature=related>>. Acesso: 06 de Jun. de 2010. Vide letra completa na p. 152.

⁸⁴ *Emancipem-se da escravidão mental. Ninguém além de nós mesmos pode libertar nossas mentes. Não tenham medo de energia atômica, pois nenhum deles pode parar o tempo. Até quando vão matar nossos profetas enquanto ficamos assistindo impassíveis? Alguns dizem que isso é apenas parte de algo maior, que nós temos que cumprir o que está escrito. Vocês não vêm ajudar a cantar essas canções de liberdade? Porque tudo o que eu sempre ouvi foram canções de redenção* (tradução nossa). Clipe disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Ej78O4z6ddw>>. Acesso em: 06 Jun. 2010. Vide letra completa da música na p. 153.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Jorge Luiz Oliveira. **Perspectivas para a construção**. Belo Horizonte: SINSUSCON-MG, jan. 2010. Disponível em: <<http://www.sinduscon-g.org.br/site/artigos.php?id=1173>>. Acesso em: 10 mai. 2010.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho. Campinas, SP: Bomtempo Editorial, 2000.

BORBA, Antônio Libério. **Lembrar para ter o direito de esquecer**: a reconstrução Histórico-sociológica da tragédia da Gameleira em Belo Horizonte e seus reflexos na trajetória de vida dos atores sociais nela envolvidos. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação.

BORGES, Maria Elisa S.. Trabalho e gestão de si – para além dos “recursos humanos”. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 7, p.41-49. 2004.

BORSOI, Isabel C. F. Os Sentidos do trabalho na construção civil: o “esforço alegre” sem a alegria do esforço. In: Codo, W.; Jacques, M. (Orgs.). **Saúde mental & trabalho**: leituras. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOTELHO, Manoel Henrique Campos. **A História da Construção Civil em São José dos Campos**. CONGRESSO DA CONSTRUÇÃO PAULISTA, 2, 1989, São José dos Campos, SP: Sindicato da Indústria da Construção Civil de Grandes Estruturas no Estado de São Paulo - SINDUSCON-SP, 1989.

BRASIL. Ministério da Previdência Social. Empresa de Tecnologia e Informações da Previdência Social. **Anuário Estatístico da Previdência Social**. vol. 17. Brasília: MPS/DATAPREV, 2008. Disponível em: <http://www.previdenciasocial.gov.br/arquivos/office/3_091028-191015-957.pdf>. Acesso em: 21 de abr. 2010.

_____. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Pesquisa Anual da Indústria da Construção - 2007**. Rio de Janeiro, v. 17, p.1-84, 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/industria/paic/2007/paic2007.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2010.

_____. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD 2008**: Síntese de Indicadores. Rio de Janeiro, p.1-213, 2009a. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2008/sintese/pnad2008.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2010.

_____. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Pnad 2008**: Mercado de trabalho avança, rendimento mantém-se em alta, e mais domicílios têm computador com acesso à Internet. 2009b. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1455&id_pagina%20=1>. Acesso em: 20 mai. 2010.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações - CBO**. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/ResultadoFamiliaDescricao.jsf>>. Acesso em: 21 de abr. 2010.

BRESSAN, F. O Método do Estudo de Caso. **Administração On Line**. Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado. 2000. v.1, n.1, jan./fev./mar. 2000. Disponível em: <http://www.fecap.br/adm_online/art11/flavio.htm> Acesso em: 23 Out. 2007.

CÂMARA BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO – CBIC. **Cenário e Perspectivas da Construção no Brasil**. Belo Horizonte: Banco de Dados CBIC, p. 1-34, dez. 1999. Disponível em: <<http://www.cbicdados.com.br/files/textos/027.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2010.

_____. **Importância do setor de construção civil na economia Brasileira**. Belo Horizonte: Banco de Dados CBIC, p. 1-4, nov. 2008. Disponível em: <<http://www.cbicdados.com.br/files/textos/007.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2010.

_____. **PIB Construção Civil - valores em R\$ e taxa de crescimento**. Belo Horizonte: Banco de Dados CBIC, p. 1-1, jun. 2010. Disponível em: <http://www.cbicdados.com.br/files/textos/Sala%20de%20Imprensa_12.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2010.

CARRETEIRO, Teresa Cristina O.; BARROS, Vanessa Andrade de. Clínicas do trabalho: Contribuições da Psicossociologia no Brasil. In: Bendassolli, P.; Soboll, L. A. (Orgs.) **Clinicas do Trabalho: perspectivas francesa e brasileira**. Ed. Atlas, no prelo.

_____. Perspectivas da cidadania brasileira: entre as lógicas do direito, do favor e da violência. In: Araújo, José Newton G. de; Carretero, Teresa Cristina (Orgs.). **Cenários sociais e abordagem clínica**. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte, Fumec, 2001. p. 155-170.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Rio de Janeiro. Vozes, 1998.

CLOT, Yves. **A Função Psicológica do Trabalho**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2006. Tradução de Adail Sobral.

_____. Clínica do trabalho, clínica do real. **Le journal des psychologues**, nº 185. 2001. Tradução para fins didáticos de Kátia Santorum e Suyanna Linhales Barker. Revisão: Cláudia Osório.

CODO, Wanderley; JACQUES, Maria das Graças. Uma urgência, uma busca, uma ética. In: Codo, W.; Jacques, M. (Orgs.). **Saúde mental & trabalho: leituras**. Petrópolis: Vozes, 2002.

COELHO, M. T. A. D.; ALMEIDA FILHO, N. de. Conceitos de saúde em discursos contemporâneos de referência científica. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 9(2), p.315-33, maio-ago. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v9n2/a05v9n2.pdf>> Acesso em: 23 Out. 2007.

COSTELLA, Marcelo F.; CREMONINI, Ruy A.; GUIMARÃES, Lia B. **Análise dos acidentes do trabalho ocorridos na atividade de construção civil no Rio Grande do Sul em 1996 e 1997**. Disponível em: <http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGERP1998_ART372.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2010.

COUTINHO, Clara P.; CHAVES, José H. Investigação em Tecnologia Educativa na Universidade do Minho: uma abordagem temática e metodológica às dissertações de mestrado concluídas nos cursos de mestrado em educação. In: ESTELA, A.; FERREIRA, J. (Orgs.). **Tecnologias em Educação: Estudos e Investigações**. 10 Colóquio AFIRSE/AIPELF, p. 289-302. 2001.

COUTINHO, Ronaldo do Livramento. **Operário de Construção Civil: Urbanização, Migração e Classe Operária no Brasil**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1975.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho: Estudo de psicopatologia do trabalho**. Tradução: Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. 5ª ed. São Paulo: Cortez-Oboré. 1992.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SÓCIO-ECONÔMICOS – DIEESE. Apesar da crise, construção civil teve desempenho positivo em 2009. **Boletim Trabalho e Construção**, n. 3, p. 1-6, fev. 2010. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/esp/boletimConstrucaoCivil0310.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2010.

DURAFFOURG, Jacques; DURRIVE, Louis; DUC, Marcelle. O trabalho e o ponto de vista da atividade. In.: Schwartz, Yves; Durrive, Louis (Org.). **Trabalho & Ergologia: Conversas sobre a atividade humana**. Niterói: Ed. UFF, 2007. cap. 2, p. 47-82.

DURRIVE, Louis; SCHWARTZ, Yves. Revisões Temáticas: Glossário da ergologia. **Laboreal**, v.4, n.1, p.23-28, 2008.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO – FIESP, 7º **Seminário da Indústria Brasileira da Construção - ConstruBusiness 2008**. Disponível em: <http://pcc5301.pcc.usp.br/Bibliografia/apreset_construbusiness_7ed.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio** - versão 5.0. Editora positivo. 2004. 1 CD.

FERREIRA, Carlos Ernesto. **Construção civil e criação de empregos**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1975.

FONSECA, Eduardo Diniz. **Inovação e acidentes na construção civil: novas tecnologias construtivas e ruptura dos saberes de prudência**. 2007. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Engenharia, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção.

GAULEJAC, Vincent de. **As origens da vergonha**. São Paulo: Via Lettera, 2006.

_____. Psicossociologia e sociologia clínica. In.: Araújo, José Newton Garcia de; Carreiro, Teresa Cristina (Orgs.). **Cenários sociais e abordagem clínica**. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte, Fumec, 2001. p. 35-48.

GORZ, A. **Adeus ao proletariado: para além do socialismo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

GUARESCHI, Pedrinho A. Pressupostos psicossociais da exclusão: competitividade e culpabilização. In.: Sawaya, Bader (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p.141-156.

JUNIOR, Jair Jaloreto. Empresários não podem ser punidos criminalmente por assédio moral. In.: **Consultor Jurídico**. 2004. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2004-fev-6/assedio_moral_nao_punido_criminalmente_brasil> Acesso em: 08 Mai. 2010.

KURTZ, R., LOHOFF, E. & TRENKLE, N. **Manifeste contre le travail**. Paris: Léo Scheer, 2002.

LAURENTI, Carolina; BARROS, Nilza Ferrari de. Identidade: questões conceituais e contextuais. **Revista de Psicologia Social e Institucional**. v.2, n.1, jun. 2000. Disponível em: <<http://www2.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov2n13.htm>> Acesso em: 04 Mai. 2010.

LE GUILLANT, L. Incidências psicopatológicas da condição de “empregada doméstica”. In: LIMA, MARIA Elizabeth A.. **Escritos de Louis Le Guillant**: da ergoterapia à psicopatologia do trabalho. Petrópolis: Editora Vozes, 2006. p. 242-286.

LE VEN, Michel Marie. “Trabalhadores do Brasil”: história e memória. In.: Araújo, José Newton Garcia de; Carreiro, Teresa Cristina (Orgs.). **Cenários sociais e abordagem clínica**. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte, Fumec, 2001. p. 141-153.

LENNON, John; McCARTNEY, Paul. Strawberry Fields Forever. In: **The Beatles**. EMI: 1967. 1 EP. Faixa 1.

LHUILIER, Dominique. **Cliniques du travail**. Érès: Ramonville Saint-Agne, 2006.

LIMA, Francisco de Paula A.. Conflitos Sócio-cognitivos e ética na atividade de controle de qualidade. In: LIMA, F.; NORMAND, J.. (Orgs.). **Qualidade da produção, produção dos homens**. Belo Horizonte: DEP, 1996. p. 154-183.

LIMA, Irê Silva. **Qualidade de vida no trabalho na construção de edificações**: Avaliação do nível de satisfação dos operários de empresas de pequeno porte. 1995. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Disponível em: <<http://www.eps.ufsc.br/teses/ire/index/index.html>>. Acesso em: 05 mai. 2009.

LIMA, Maria Elizabeth A. A questão do Método em Psicologia do Trabalho. In: GOULART, Íris (Org.). **Psicologia organizacional e do trabalho**: teoria, pesquisa e temas correlatos. São Paulo: Casa do Psicólogo, p.123-132. 2002.

_____. A Psicopatologia do Trabalho: Origens e desenvolvimentos recentes na França. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 18, n°2, p.10-15. 1998.

_____. **O significado do trabalho humano**: mito e ilusões do homem moderno. 1987. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Ciências Administrativas, Programa de Pós-Graduação em Administração.

LOURENÇO, Luana. Falta de qualificação profissional limita aumento de empregos, diz ministro. **Agência Brasil**: Empresa Brasil de Comunicação, mai. 2010. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/home/-/journal_content/56/19523/953956>. Acesso em: 29 mai. 2010.

MACHADO, Anna Rachel. Entrevista com Yves Clot. **Revista Psicologia da Educação**, v. 20, p.155-160. 2005. Tradução e notas de Adail Sobral.

MARIOTTI, Humberto. Gregory Bateson: um cérebro privilegiado. **Revista Thot**. São Paulo. v. 60, p.23-27. 1995. Disponível em: <<http://www.humbertomariotti.com/gregory.htm>> Acesso em: 20 Mai. 2010.

MARTINS, Ângela Maria. Autonomia e educação: a trajetória de um conceito. **Cadernos de Pesquisa**. n. 115, p. 207-232, Mar. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/n115/a09n115.pdf>> Acesso em: 08 Mai. 2010.

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da Economia Política. Livro 1. Vol I. 13a edição, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

MÉDA, D. **Le Travail**: une valeur en voie de disparition. Paris: Alto Aubier, 1995.

MORAES, Vinícius. **O operário em construção e outros poemas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

OFFE, C. Trabalho: a categoria chave da Sociologia? **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.4, n.10, 1989.

OSÓRIO, Cláudia. **Saúde mental e trabalho**: reflexões teóricas e práticas sobre a intervenção no trabalho hospitalar. 2004. Disponível em: <<http://www.slab.uff.br/exibetexto2.php>> Acesso em: 28 Set. 2007.

PAUGAM, Serge. O Enfraquecimento e a Ruptura dos Vínculos Sociais – uma dimensão essencial do processo de desqualificação social. In.: Sawaia, Bader (Org.). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p.67-86.

PORTAL VGV, **Construção civil tem número recorde de empregados em outubro**. dez. 2009. Disponível em: <<http://www.portalvgv.com.br/site/construcao-civil-tem-numero-recorde-de-empregados-em-outubro/>>. Acesso em: 20 mai. 2010.

SATO, Leny *et al.* Entrevista: Yves Clot. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, vol. 9, n° 2, p.99-107. 2006.

SCHWARTZ, Yves. A dimensão coletiva do trabalho e as Entidades Coletivas Relativamente Pertinentes (ECRP). In.: Schwartz, Yves; Durrive, Louis (Orgs.). **Trabalho & Ergologia**: Conversas sobre a atividade humana. Niterói: Ed. UFF, 2007c. Anexo ao cap. 5, p. 151-166.

SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis; DUC, Marcelle. Trabalho e Ergologia. In.: Schwartz, Yves; Durrive, Louis (Orgs.). **Trabalho & Ergologia**: Conversas sobre a atividade humana. Niterói: Ed. UFF, 2007a. cap. 1, p. 25-36.

_____. Técnicas e Competências. In.: Schwartz, Yves; Durrive, Louis (Orgs.). **Trabalho & Ergologia**: Conversas sobre a atividade humana. Niterói: Ed. UFF, 2007b. cap. 3, p. 85-102.

_____. Trabalho e uso de si. In.: Schwartz, Yves; Durrive, Louis (Orgs.). **Trabalho & Ergologia**: Conversas sobre a atividade humana. Niterói: Ed. UFF, 2007c. cap. 7, p. 191-223.

SILVA, Fabiana B. O. **A relação entre o uso do álcool e o trabalho na construção civil**. 2006. 169f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte.

SILVA, Maria Lucia Lopes da. **Mudanças recentes no mundo do trabalho e o fenômeno população em situação de rua no Brasil 1995-2005**. 2006. 220f. Dissertação (Mestrado em Política Social) – Universidade de Brasília, Departamento de Serviço Social, Programa de Pós-Graduação em Política Social.

SOUSA, Nair Heloisa Bicalho de. **Construtores de Brasília**. Petrópolis: Editora Vozes, 1983.

THIOLLENT, Michel. Problemas de Metodologia. In: FLEURY, Afonso C.C. & VARGAS, Nilton. **Organização do Trabalho**. São Paulo: Atlas, 1983. p. 54-83.

UNTERBERGER, Richie. Song Review: Strawberry Fields Forever. In: **Allmusic**. 2010. Disponível em: <<http://www.allmusic.com/cg/amg.dll?p=amg&sql=33:f77zefbkbgfn>> Acesso em: 09 Mar. 2010.

VIEIRA, Carlos Eduardo Carrusca. **Assédio**: do moral ao psicossocial. Curitiba: Juruá, 2008.

APÊNDICE I - Figuras Ilustrativas e Gráficos



Figura 3: *Caminhão Betoneira*



Figura 4: *Caminhão Bomba*



Figura 5: *Betoneira*



Figura 6: “Virando massa” manualmente



Figura 7: Grua



Figura 8: Elevador de Carga



Figura 9: Estruturas Pré-fabricadas

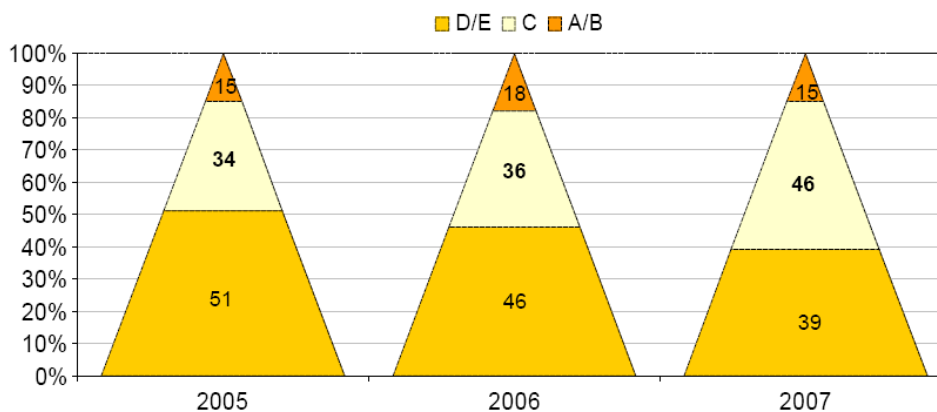


Ministério da Fazenda

NOVA PIRÂMIDE SOCIAL

(Mudanças na distribuição da população brasileira por classe)

Com 86,2 milhões de pessoas, a classe C já é a maioria da população, com participação de 46%.



*/ A divisão por classe inclui a posse de bens, nível educacional e a renda média; classe A/B: R\$2.217; classe C: R\$1.062; classe D/E: R\$850.

Gráfico 17: Pirâmide Social Brasileira

Fonte: Pesquisa IPSOS

(O Estado de São Paulo, p. B16, 30 Mar. 2008)

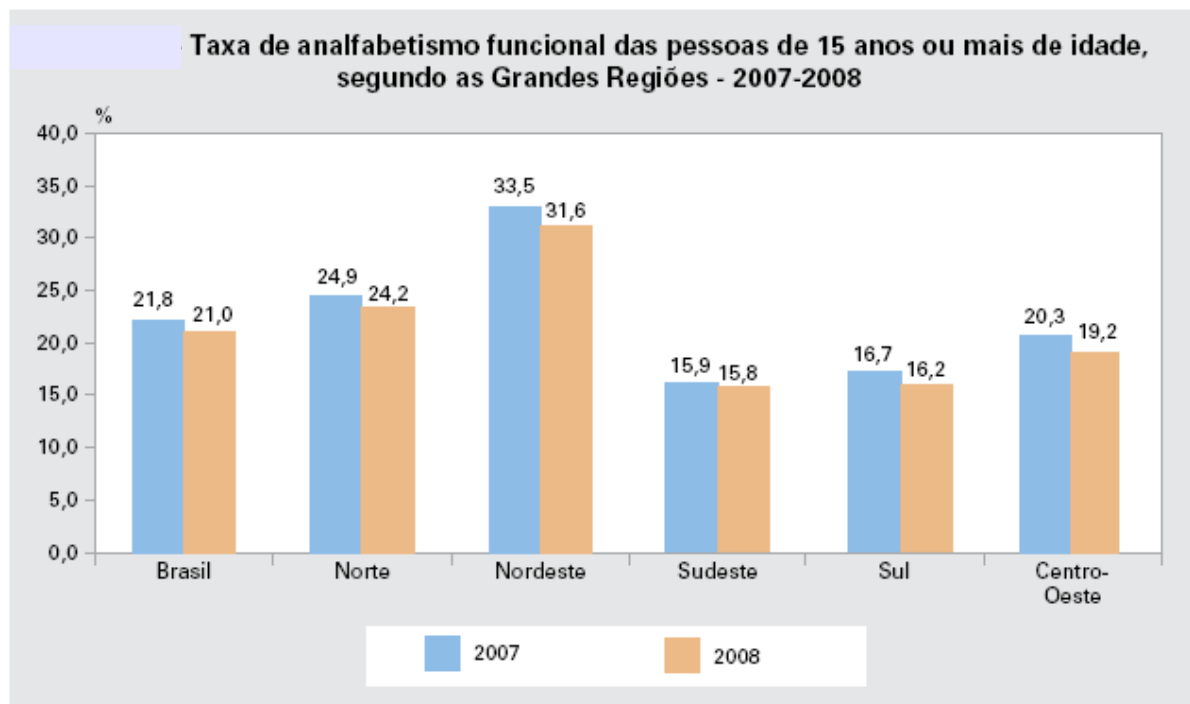


Gráfico 18: Taxa de analfabetismo funcional no Brasil
Fonte: IBGE – Pnad 2008

APÊNDICE II - Roteiro das Entrevistas Preliminares

Roteiro de Entrevista (conversa) com Funcionários

1. Informações Preliminares:

- 1.1. Nome:
- 1.2. Idade: _____ anos
- 1.3. D.N.: ____/____/____
- 1.4. Cargo / Função:

2. Aspectos Profissionais:

- 2.1. Descrição do processo de definição/escolha da atividade profissional atualmente exercida;
- 2.2. Histórico das experiências profissionais;
- 2.3. Como chegou até a Construtora?
- 2.4. Há quanto tempo trabalha na empresa?

3. Aspectos Pessoais:

- 3.1. Quem é você? (auto-descrição)
- 3.2. Eventos / momentos mais marcantes / positivos;
- 3.3. Eventos / momentos mais difíceis;
- 3.4. Virtudes / talentos / qualidades / características pessoais a serem mantidos e potencializados;
- 3.5. Desafios / dificuldades / defeitos / características pessoais a serem trabalhados e transformados;
- 3.6. Elenque as cinco prioridades de sua vida (em ordem de importância).
- 3.7. Tipo de lazer preferido.

4. Aspectos Sociais:

- 4.1. Qualidade dos relacionamentos interpessoais:

<ol style="list-style-type: none"> 4.1.1. Família nuclear; 4.1.2. Família estendida; 4.1.3. Contexto comunitário; 4.1.4. Ambiente de trabalho; 	}	A. Excelente / B. Muito Bom / C. Bom / D. Regular / E. Ruim / F. Péssimo
--	---	--
 - 4.2. Acesso à educação / cultura;
 - 4.3. Acesso à saúde;
 - 4.4. Acesso ao lazer.
- | | | |
|--|---|--|
| <ol style="list-style-type: none"> 4.2. 4.3. 4.4. | } | A. Excelente / B. Muito Bom / C. Bom / D. Regular / E. Ruim / F. Péssimo |
|--|---|--|
- 4.5. Vivência da Cidadania (direitos/deveres; utilização de bens públicos; participação social e política);

5. Nível de Satisfação / Insatisfação Existencial:

- 5.1. Como você avalia seu nível de satisfação em relação à sua situação de vida atual (num âmbito geral)?

A. Totalmente Insatisfeito / B. Muito Satisfeito / C. Satisfeito / D. Um pouco insatisfeito / E. Insatisfeito / F. Muito Insatisfeito / G. Totalmente Insatisfeito
- 5.2. Elenque três aspectos que você considera satisfatórios e três insatisfatórios em sua atual situação de vida (ordem de importância).
- 5.3. O que seria necessário para transformar os aspectos insatisfatórios?
- 5.4. Quais são seus sonhos?

6. Composição Familiar

6.1. Companheiro(a) Atual

- 6.1.1. Nome; 6.1.2. Idade;
- 6.1.3. Tipo de Relação (casados, amasiados, namorados, etc.)
- 6.1.4. Tempo de Relação;
- 6.1.5. Qualidade do Relacionamento: *A. Excelente / B. Muito Bom / C. Bom / D. Regular / E. Ruim / F. Péssimo*
- 6.1.6. Escolaridade;
- 6.1.7. Trabalho: _____ *A. Formal / B. Informal / C. Desempregado(a) / D. Aposentado(a)*
- 6.1.8. Rendimento Mensal;
- 6.1.9. Participa nas despesas da casa?
- 6.1.10. Como / com quanto?

6.2. Filhos(as):

- 6.2.1. Nome; 6.2.2. Idade; 6.2.3. D.N.;
- 6.2.4. Qualidade da Relação com o(a) filho(a): *A. Excelente / B. Muito Boa / C. Boa / D. Regular / E. Ruim / F. Péssima / G. Sem Relação*
- 6.2.5. Gravidez Planejada? *A. sim / B. não*
- 6.2.6. Os pais tiveram / têm acesso a informações e/ou métodos de planejamento familiar?
- 6.2.7. Filho(a) do(a) atual companheiro(a)? *A. sim / B. não*
- 6.2.8. Se não, o(a) funcionário(a) mantém contato com o(a) filho(a)? *A. sim / B. não*
- 6.2.9. Se não, o(a) ex-companheiro(a) mantém contato com o(a) filho(a)?
- 6.2.10. Qualidade da Relação entre os pais; *A. Excelente / B. Muito Boa / C. Boa / D. Regular / E. Ruim / F. Péssima / G. Sem Relação*
- 6.2.11. Escolaridade do(a) filho(a);
- 6.2.12. Está estudando? *A. sim / B. não*
- 6.2.13. Se não, por qual motivo interrompeu os estudos?
- 6.2.14. Trabalha? _____ *A. Formal / B. Informal*
- 6.2.15. Se sim, a situação de trabalho está em conformidade com a lei? *A. sim / B. não*
- 6.2.16. Se sim, rendimento Mensal;
- 6.2.17. Se sim, participa nas despesas da casa? 6.2.18. Como / com quanto?

6.3. Outros Familiares:

- 6.3.1. Tipo de Vínculo com o(a) funcionário(a);
- 6.3.2. Nome; 6.3.3. Idade; 6.3.4. D.N.;
- 6.3.5. Qualidade da Relação: *A. Excelente / B. Muito Boa / C. Boa / D. Regular / E. Ruim / F. Péssima*
- 6.3.6. Escolaridade; 6.3.7. Está estudando? *A. sim / B. não*
- 6.3.8. Trabalho: *A. Formal / B. Informal / C. Desempregado(a) / D. Aposentado(a)*
- 6.3.9. Rendimento Mensal;
- 6.3.10. Participa nas despesas da casa? 6.3.11. Como / com quanto?

6.4. Número de pessoas no mesmo lar:

- 6.4.1. Companheiro(a); 6.4.3. Outros familiares;
- 6.4.2. Filhos(as); 6.4.4. Total.

6.5. Número de:

- 6.5.1. Idosos (60 anos ou mais);
- 6.5.2. Adultos (de 18 a 59 anos);
- 6.5.3. Adolescentes (de 12 a 17 anos);
- 6.5.4. Crianças (de 0 a 11 anos);

6.6. Número de pessoas com trabalho:

- 6.6.1. Formal;
- 6.6.2. Informal;
- 6.6.3. Desempregadas.

6.7. Rendimento Familiar:

- 6.7.1. Total / Per capita;
- 6.7.2. Real (compartilhado) / Per capita;

6.8. Algum familiar requer cuidados especiais (saúde, locomoção, aprendizagem, etc.)?

7. Estrutura de Moradia

7.1. Tipo de Moradia: A. Casa / B. Apartamento / C. Barracão

7.2. Situação da Moradia: A. Nova / B. Reformada (em bom estado) / C. Deteriorada (em mau estado)

7.3. Situação de Moradia: A. Própria / B. Em Financiamento / C. Aluguel / D. Favor

7.4. Custo Fixo Mensal com Moradia: Aluguel / Condomínio / Prestação = R\$ _____

7.5. Número de Cômodos _____

7.5.1. Quartos _____

7.5.2. Banheiros _____

7.5.3. Salas _____

7.5.4. Cozinha _____

7.5.5. Área de Serviço _____

7.5.6. Quarto de serviço _____

7.5.7. Banheiro de serviço _____

7.5.8. Varanda _____

7.5.9. Área externa de lazer _____

7.5.10. Garagem (vagas) _____

7.5.11. Outros _____

7.6. Padrão de Acabamento da Moradia

7.6.1. Piso Salas: A. Terra / B. Cimento / C. Cerâmica / D. Taco / E. Laminado Sintético / F. Outro _____

7.6.2. Piso Quartos: A. Terra / B. Cimento / C. Cerâmica / D. Taco / E. Laminado Sintético / F. Outro _____

7.6.3. Piso Copa: A. Terra / B. Cimento / C. Cerâmica / D. Taco / E. Laminado Sintético / F. Outro _____

7.6.4. Piso Cozinha: A. Terra / B. Cimento / C. Cerâmica / D. Taco / E. Laminado Sintético / F. Outro _____

7.6.5. Paredes Externas: A. Tijolo Exposto / B. Chapisco / C. Reboco / D. Cal / E. Tinta / F. Outro _____

7.6.6. Paredes Internas: A. Tijolo Exposto / B. Chapisco / C. Reboco / D. Cal / E. Tinta / F. Outro _____

7.6.7. Janelas: A. Metalon / B. Madeira / C. Alumínio / D. Outro _____

7.6.8. Forro do Teto: A. Telhado aparente / B. Madeira / C. PVC / D. Palha / E. Laje / F. Outro _____

7.6.9. Telhado: A. sim / B. não

7.6.10. Se sim, feito de: A. Telha / B. Amianto / C. Outro _____

7.7. Equipamentos Domésticos / de Uso Familiar

7.7.1. Carro _____

7.7.2. Geladeira _____

7.7.3. Freezer _____

7.7.4. Fogão _____

7.7.5. Forno a gás _____

7.7.6. Forno elétrico _____

7.7.7. Forno de microondas _____

7.7.8. Lava-louças _____

7.7.9. Máquina de lavar roupas _____

7.7.10. Tanquinho _____

7.7.11. Máquina de secar roupas _____

7.7.12. Aquecimento: A. Nenhum / B. Lenha / C. Elétrico / D. Gás / E. Solar

7.7.13. Telefone Fixo _____

7.7.14. Telefone Celular _____

7.7.15. Televisão _____ (pologadas)

7.7.16. Vídeo Cassete _____

7.7.17. DVD Player _____

7.7.18. TV por assinatura _____

7.7.19. Computador _____

7.7.20. Acesso à internet _____

7.7.21. Equipamento de som com CD player _____

7.7.22. Outros _____

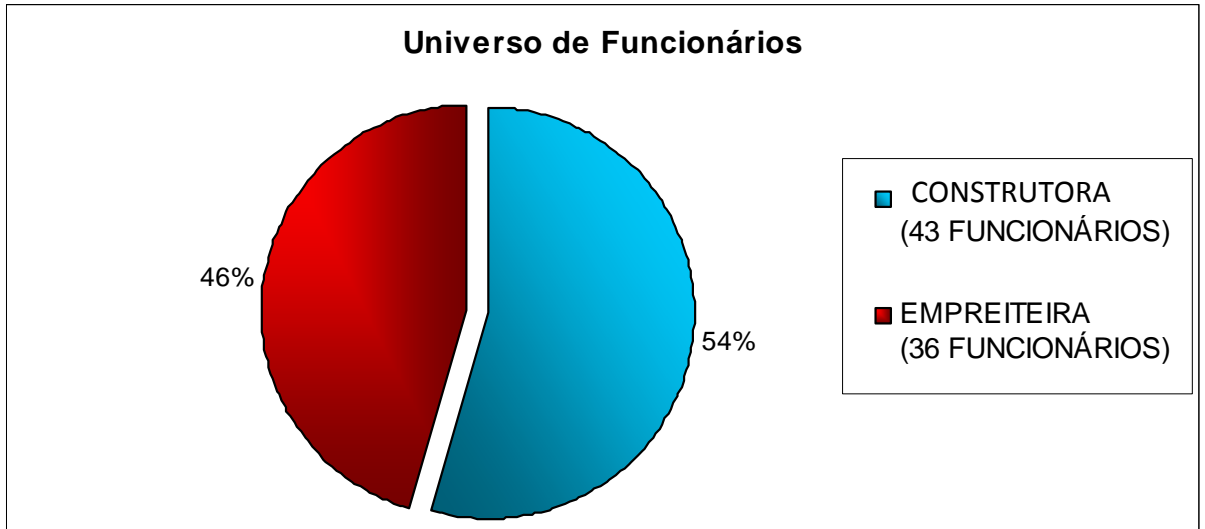
8. Estrutura Comunitária

- 8.1. Endereço: _____ Regional: *Barreiro / Centro-Sul / Leste / Nordeste / Noroeste / Norte / Oeste / Pampulha / Venda Nova*
- 8.2. Há quanto tempo mora na comunidade?
- 8.3. Você sabe quando e como foi o surgimento e desenvolvimento da comunidade?
- 8.4. De modo geral, como avalia a região?
- 8.4.1. Principais Qualidades / Atrativos;
 - 8.4.2. Principais Problemas / Desafios.
- 8.5. Qual o grau de satisfação com as condições de infra-estrutura / serviços (*A. Total / B. Parcial / C. Insatisfatório / E. Péssimo / F. Não Existe*):
- 8.5.1. Pavimentação asfáltica
 - 8.5.2. Água tratada
 - 8.5.3. Rede de esgoto
 - 8.5.4. Coleta de lixo
 - 8.5.5. Transporte urbano
 - 8.5.6. Saúde
 - 8.5.7. Educação
 - 8.5.8. Segurança pública
 - 8.5.9. Assistência social
 - 8.5.10. Cultura
 - 8.5.11. Esporte e lazer
- 8.6. Principais mudanças percebidas nos últimos anos na comunidade:
- 8.6.1. Positivas;
 - 8.6.2. Negativas;
- 8.7. Ações desenvolvidas através da organização, mobilização e participação comunitária.
- 8.8. Resultados alcançados pela organização, mobilização e participação comunitária.
- 8.9. Como classifica as ações de organização, mobilização e participação comunitária? (*A. Excelente / B. Muito Boa / C. Boa / D. Regular / E. Ruim / F. Péssima*)
- 8.10. Principais ocupações/fontes de renda de adultos:
- 8.10.1. Homens;
 - 8.10.2. Mulheres
- 8.11. Você gosta de viver nessa comunidade? (*A. Gosto Muito / B. Gosto / C. Mais ou Menos / D. Não Gosto / E. Não gosto nem um pouco*)
- 8.12. Para você, o que pesa mais no momento de escolher onde construir sua casa própria:
- Proximidade em relação ao local de trabalho e as áreas nobres da cidade (zona sul, centro), mesmo que em terreno pequeno e em local de elevado adensamento demográfico;
 - Qualidade do terreno, do espaço e da vizinhança, mesmo que afastado do centro da cidade, desde que bem servido de transporte público;
 - Outras questões / opiniões.
- 8.13. Indique alguns bairros que, em sua opinião, oferecem atualmente as características da opção escolhida dentre outras que você valoriza.

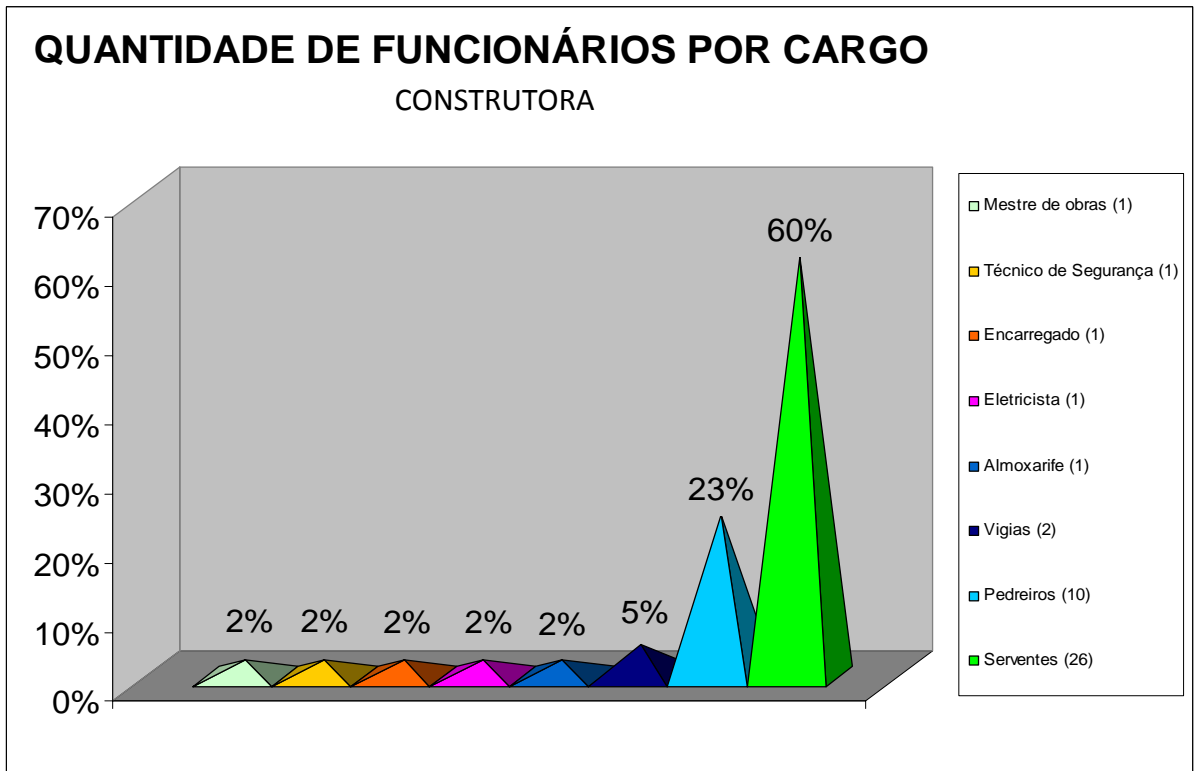
9. Avaliação da entrevista / conversa.

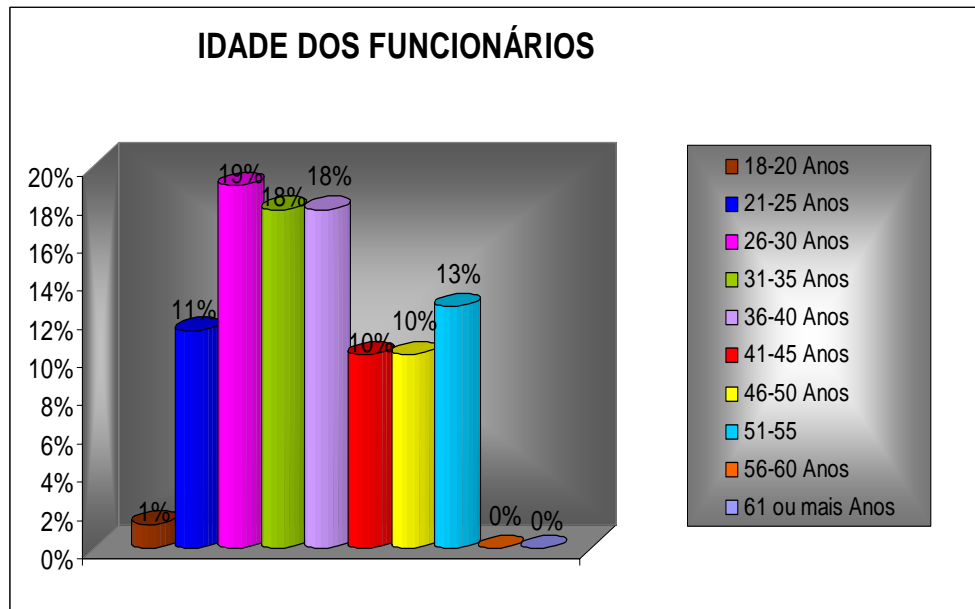
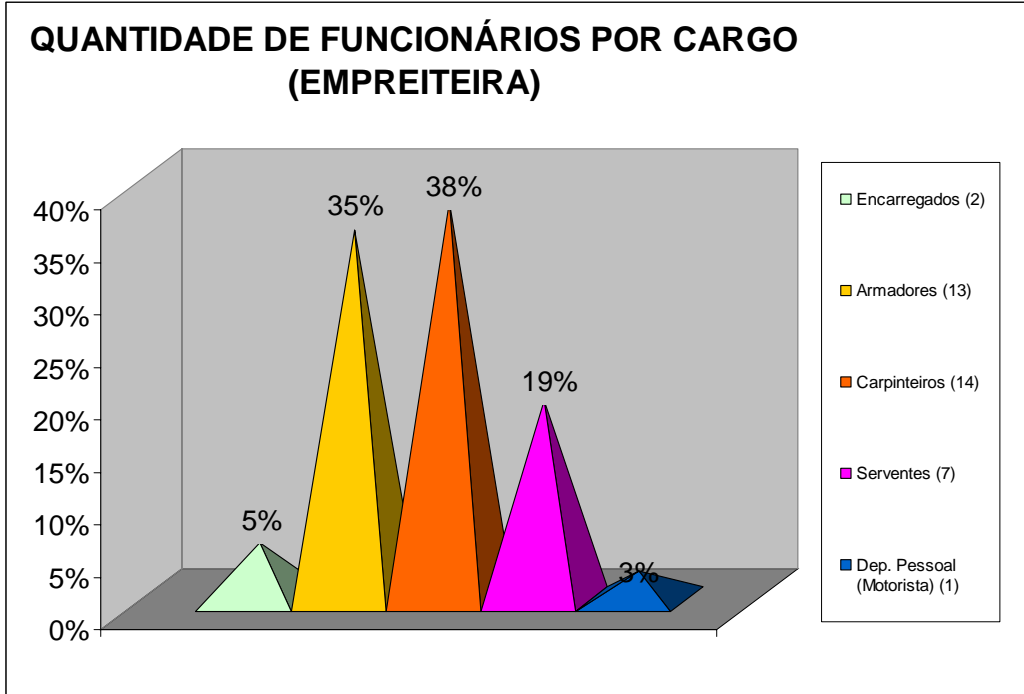
APÊNDICE III - Dados Consolidados das Investigações Preliminares

Dados Gerais



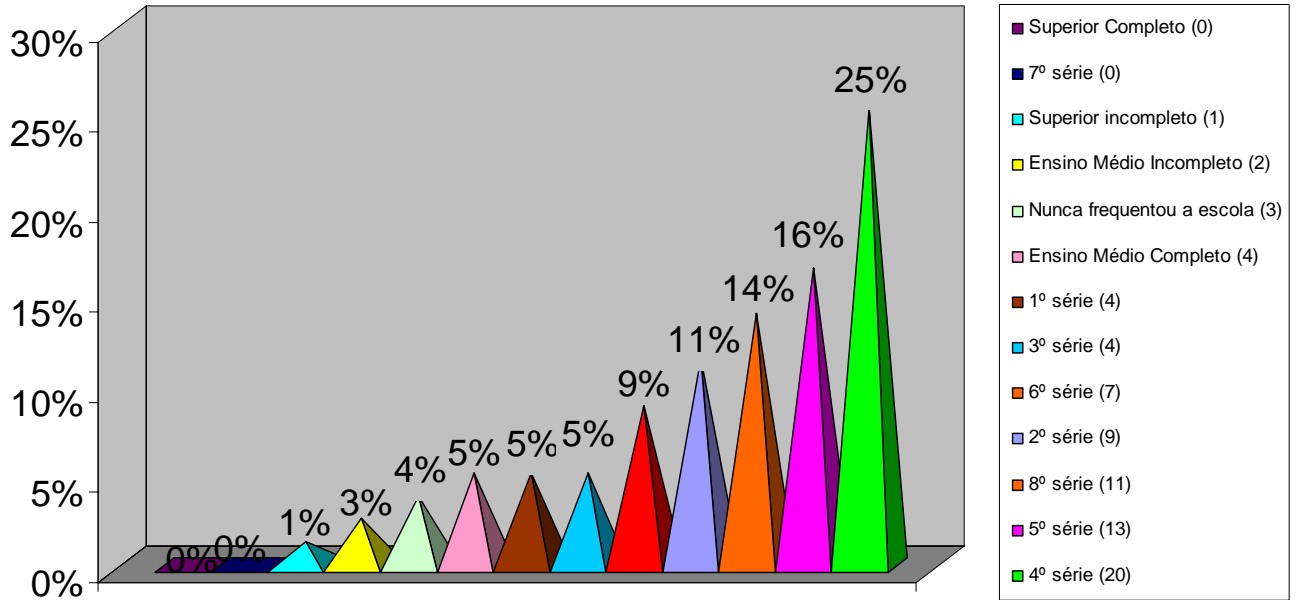
↳ Observa-se que o número de funcionários indiretos é altamente representativo no canteiro de obras.



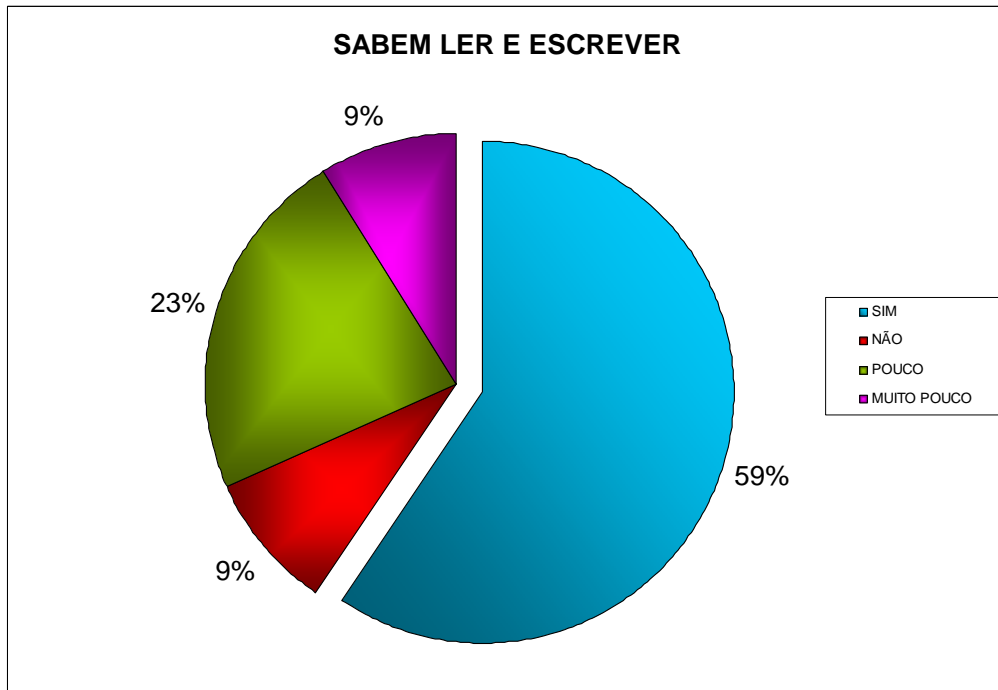


- Média de idade = 36,6 ANOS
- Mais jovem = 19 ANOS / Mais velho = 55 ANOS

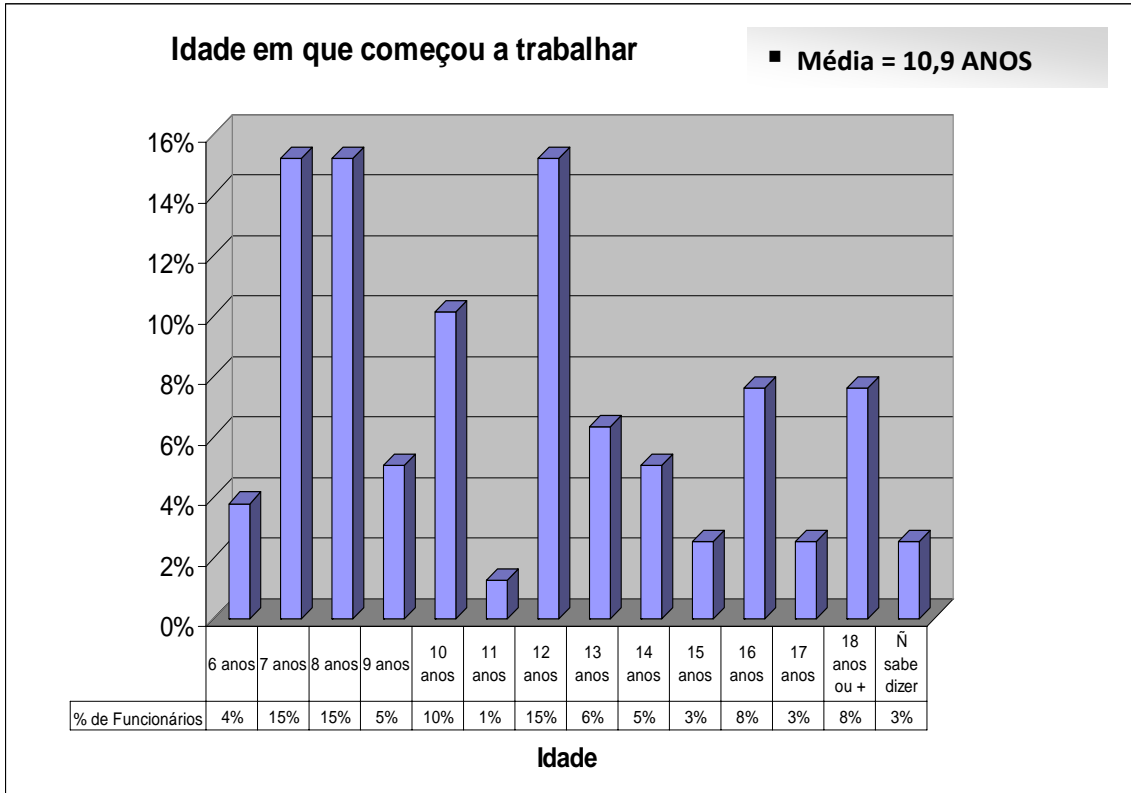
ESCOLARIDADE DOS FUNCIONÁRIOS



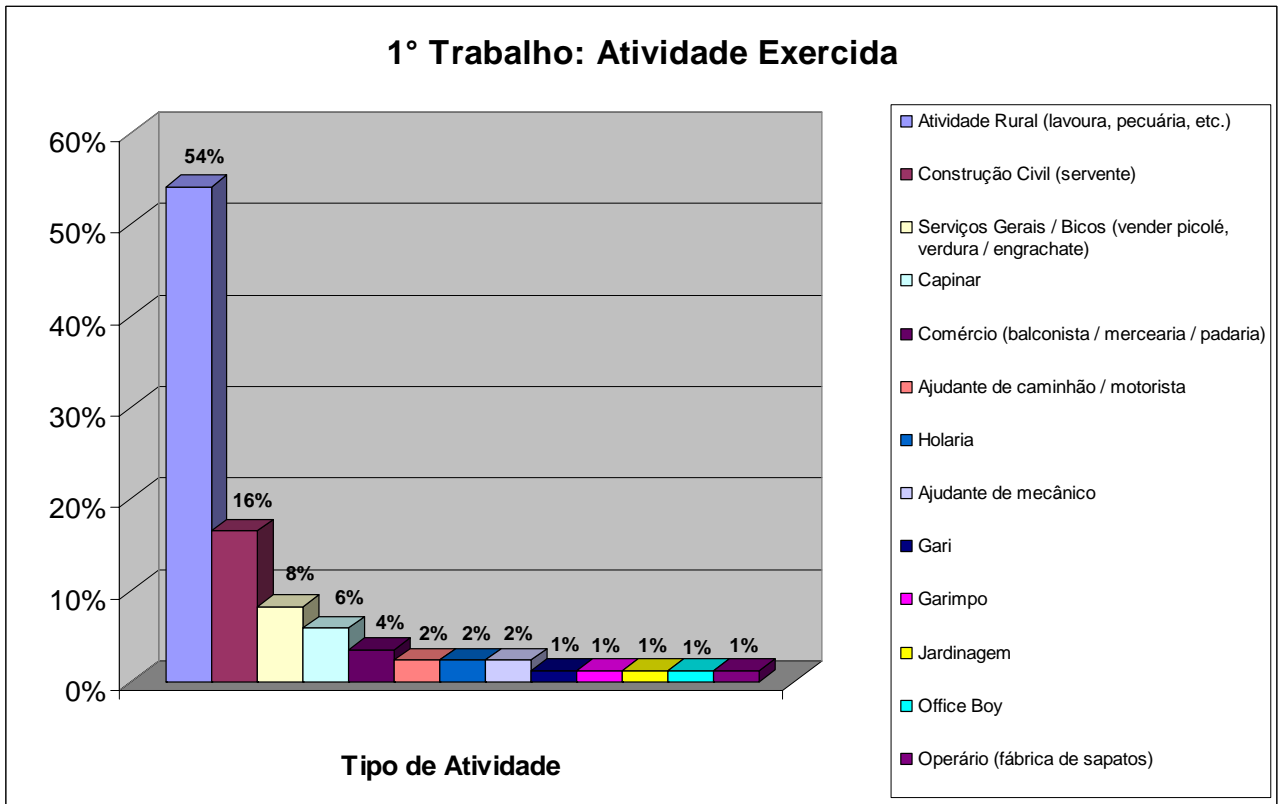
SABEM LER E ESCREVER



⇒ A baixa escolaridade e o analfabetismo, uma constante na construção civil, foram verificados também na Construtora. Cinquenta por cento dos funcionários cursou até no máximo a quarta série do ensino básico. Indagamos na ocasião as causas que levam os trabalhadores da construção civil a apresentarem índices tão baixos de escolaridade.

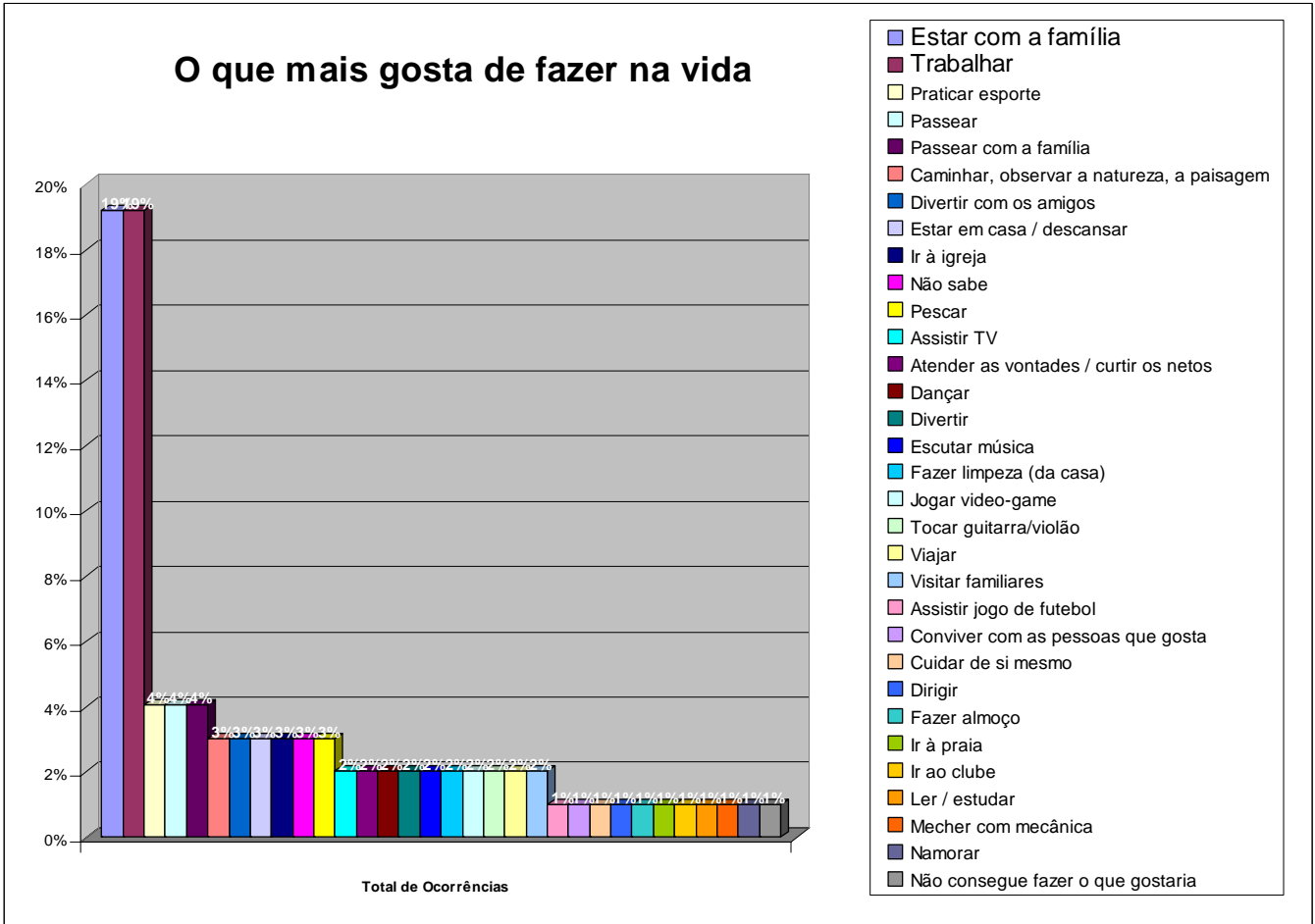


⇒ Os dados do gráfico mostram que a maior parte dos funcionários começou a exercer algum tipo de atividade laboral bem cedo, em geral antes dos quatorze anos de idade, sendo que muitos começaram a trabalhar com sete ou oito anos. Trata-se não do único, mas de um dos principais fatores da evasão escolar.

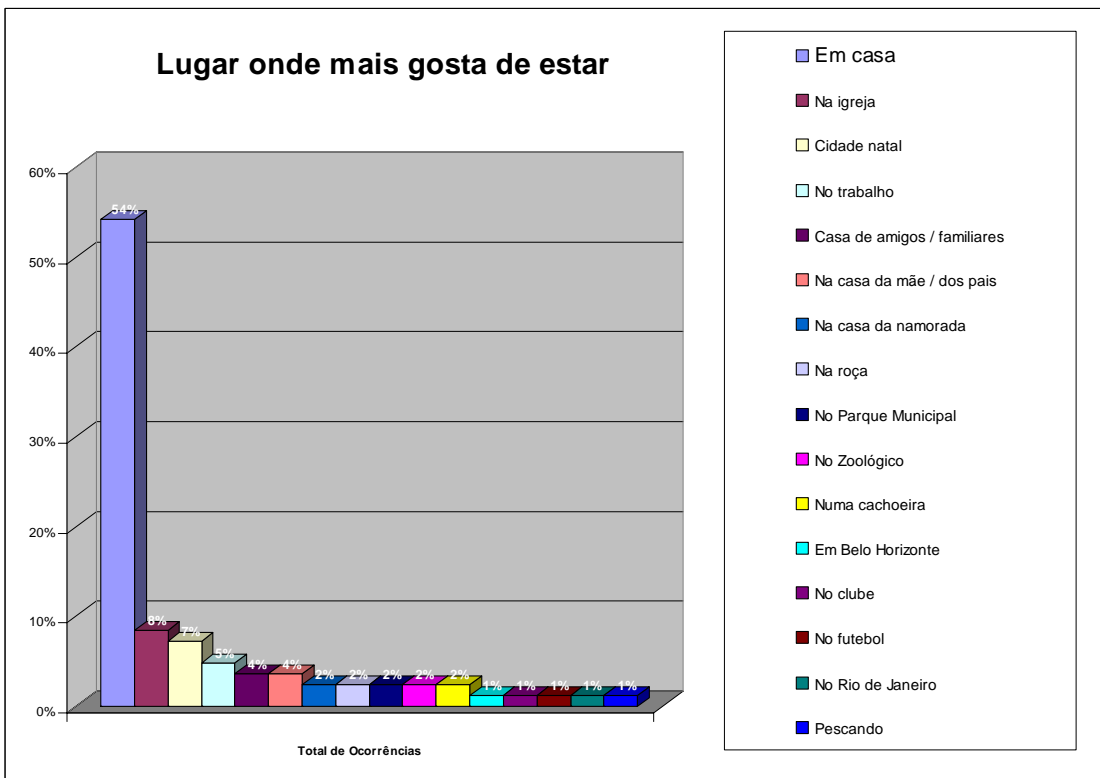


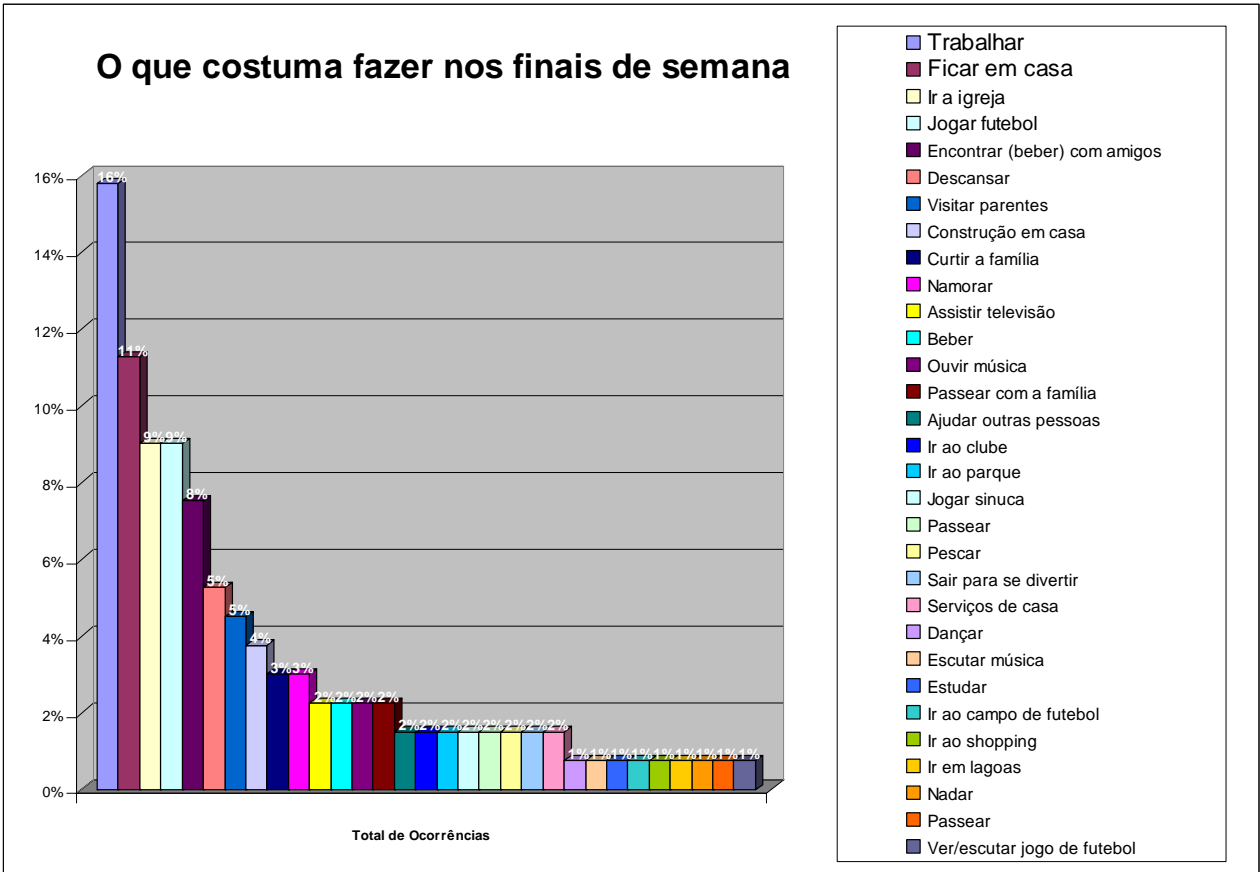
⇒ O gráfico confirma a tendência prevalente na construção civil: a maioria dos funcionários tem origem rural. Ao chegarem à cidade em busca de melhores oportunidades trabalho, encontram na indústria da construção civil uma das opções mais realistas de inserção no mercado de trabalho, tendo em vista a baixa exigência de experiência e qualificação.

Aspectos Subjetivos

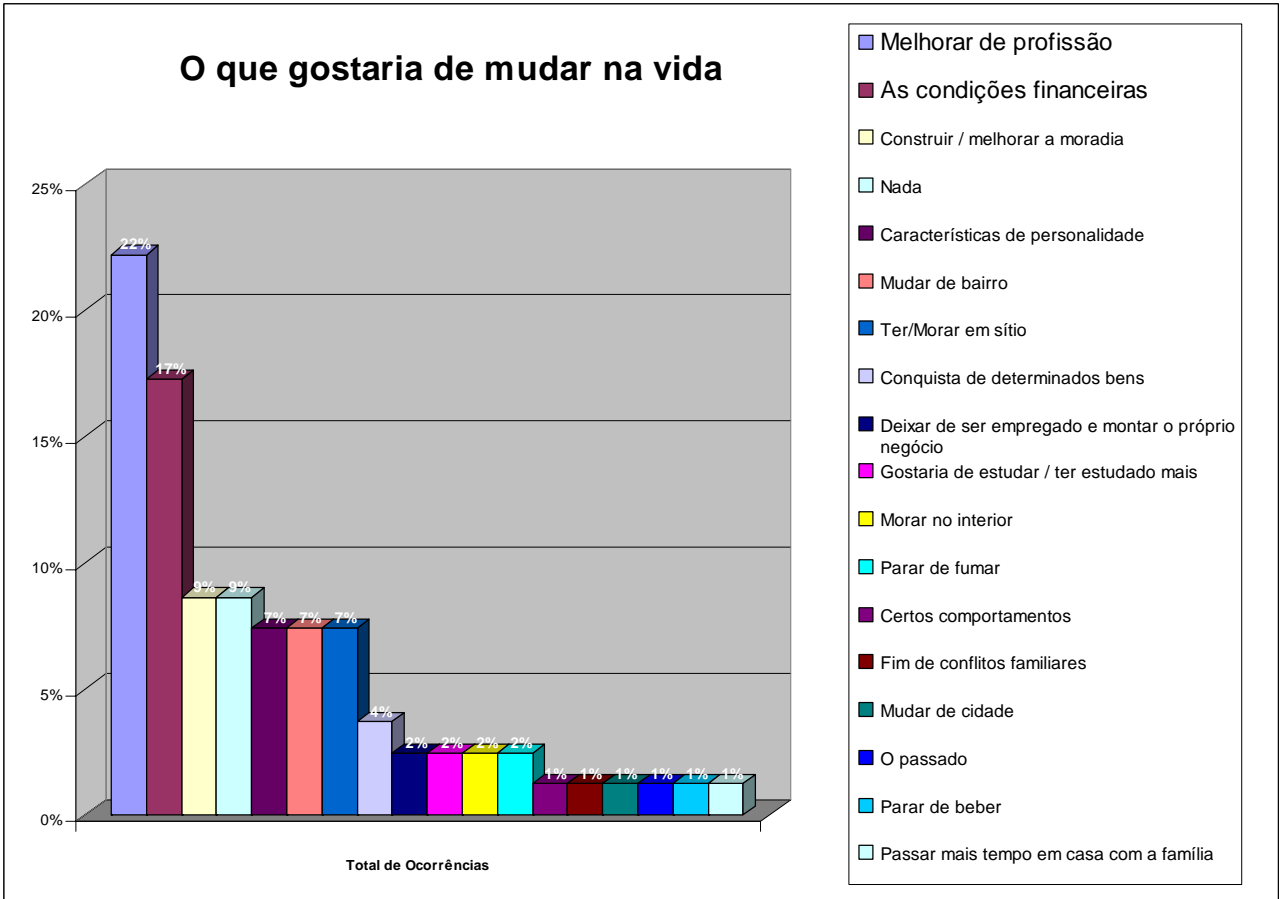


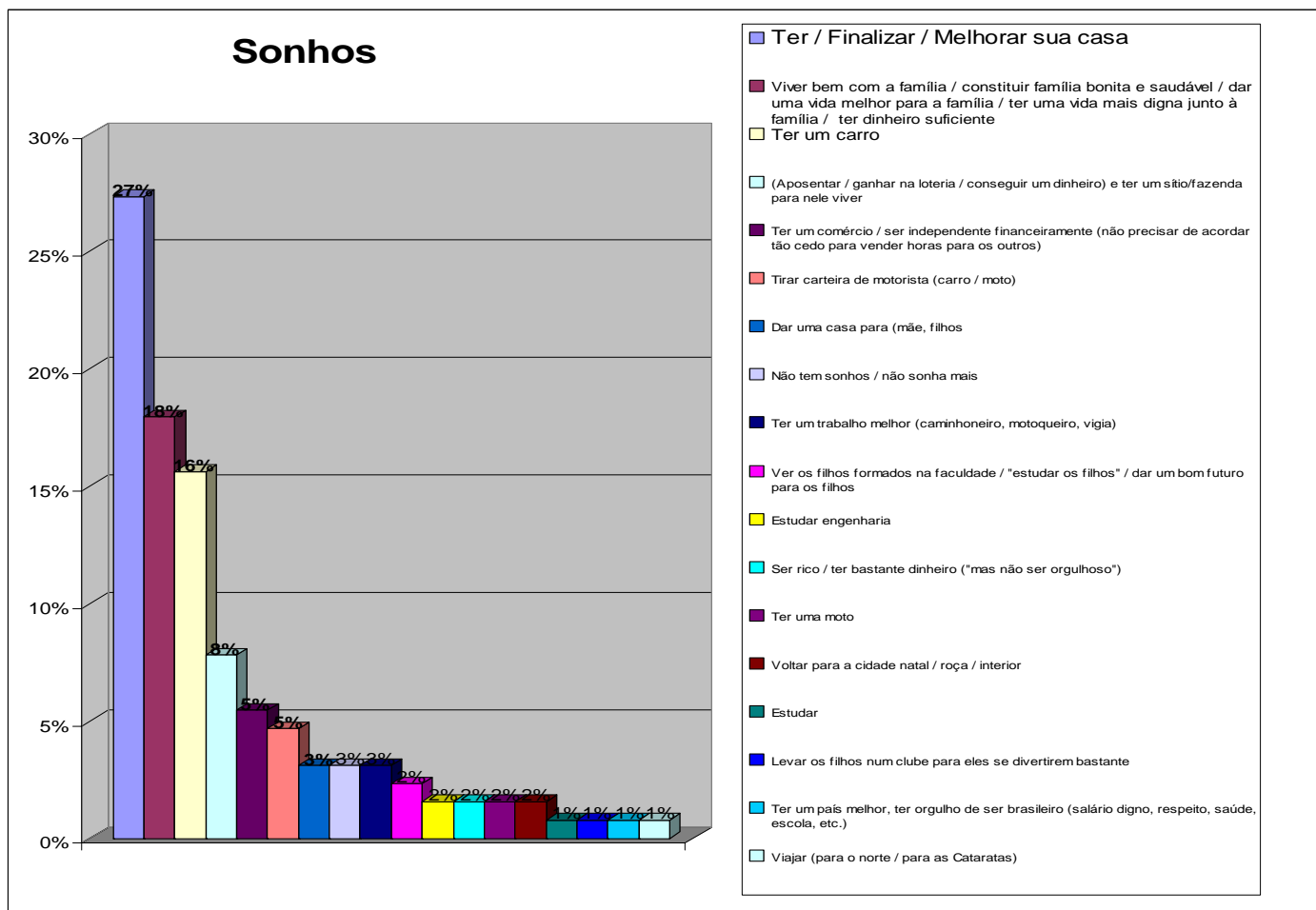
➤ O gráfico acima e outros dados que ainda se seguirão evidenciam a centralidade do trabalho e da família na vida dos funcionários.



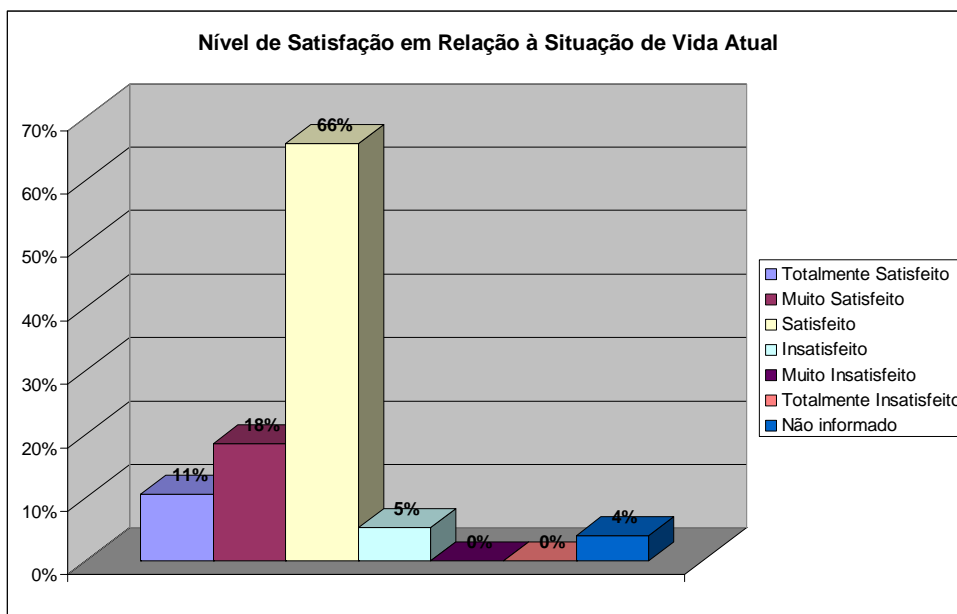


É digno de nota o fato de os funcionários trabalharem com elevada frequência nos finais de semana. Os fins de semana livres são exceções e não o contrário. Muitos relatam que, quando não passam o fim de semana trabalhando na empresa, exercem a profissão em atividades informais.



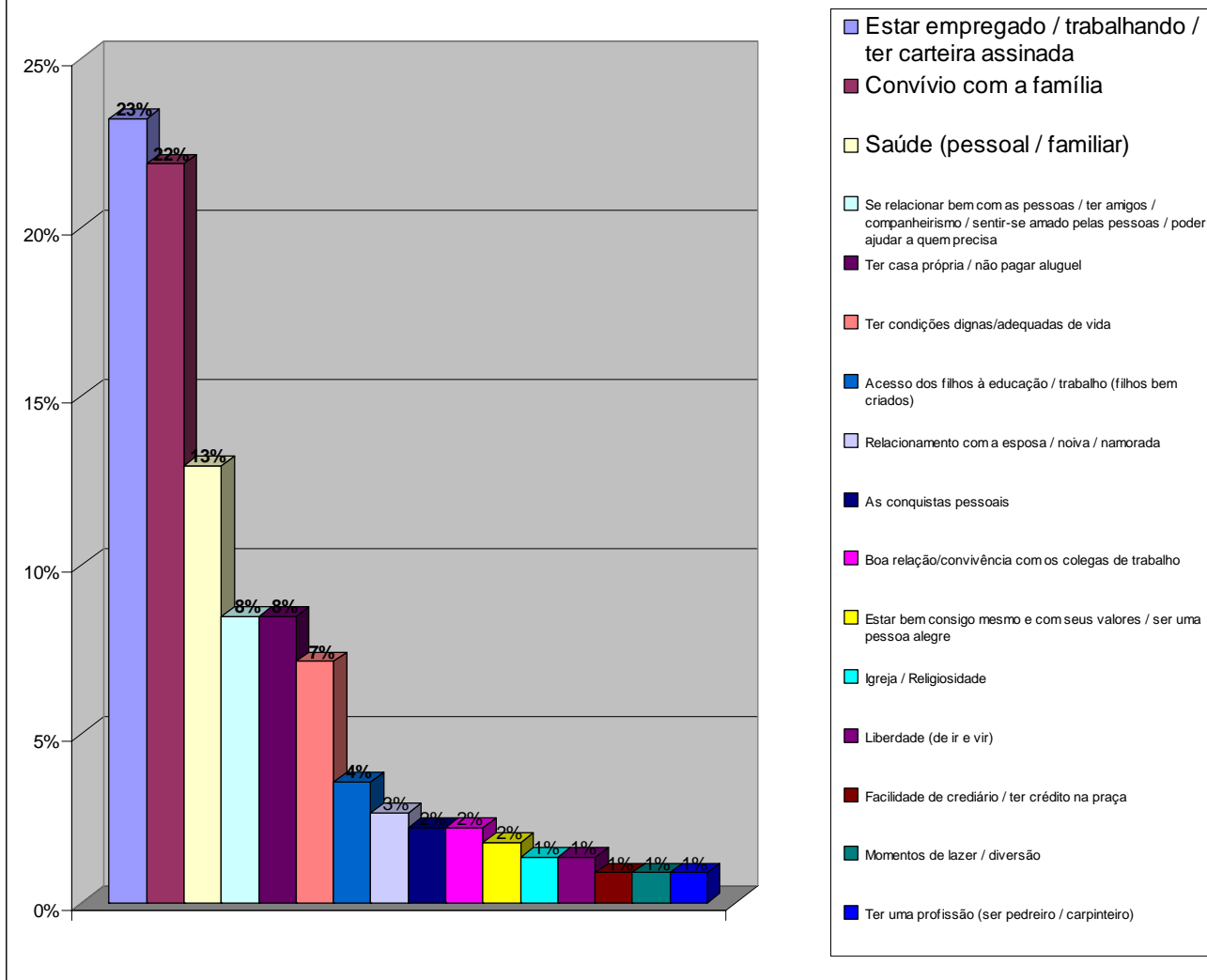


➤ Este outro, por sua vez, deixa clara a importância dada pelos funcionários à moradia e à boa convivência familiar.



➤ O gráfico acima retrata uma outra constante junto aos funcionários mais humildes da empresa: mesmo em meio a uma série de adversidades (principalmente de cunho sócio-econômico), a maioria deles mantém uma postura em relação à vida que mistura resignação e otimismo.

Aspectos Satisfatórios da Atual Situação de Vida

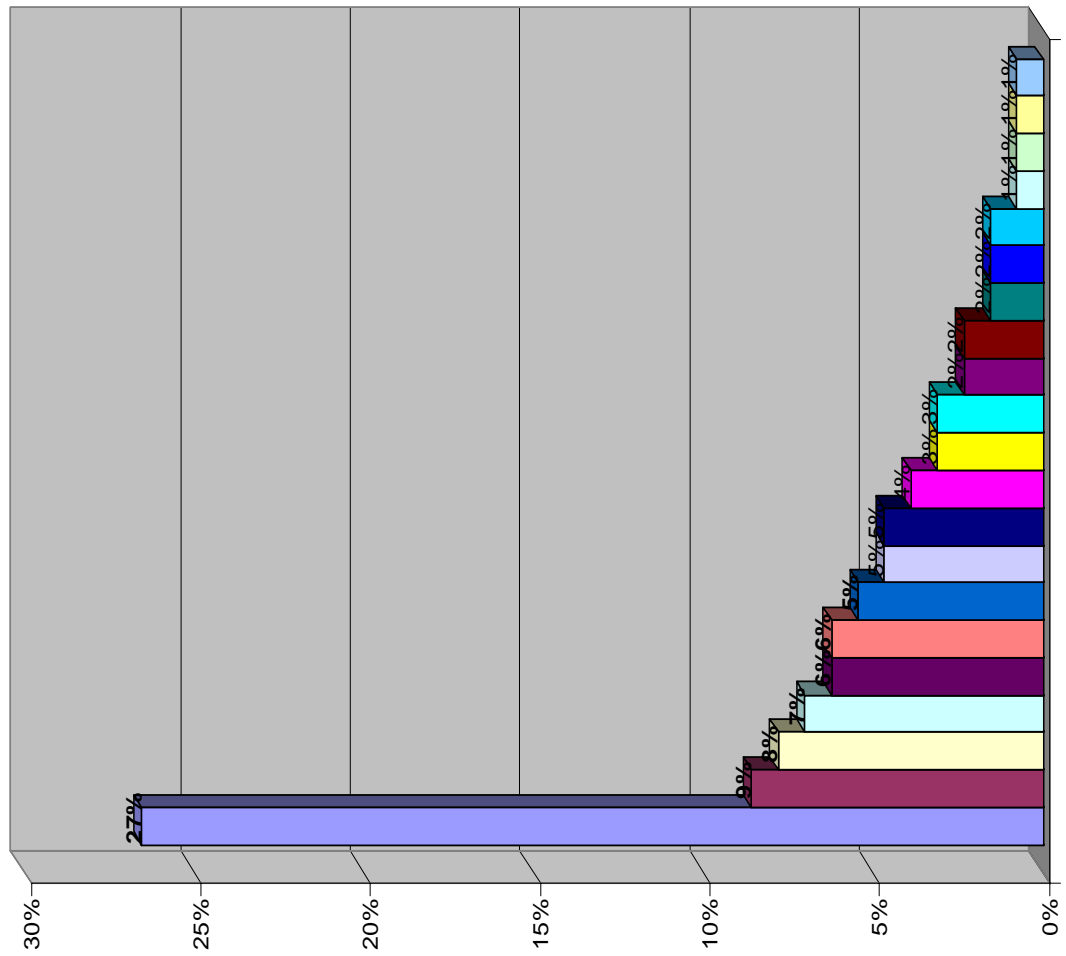


⇒ Nota-se que, num contexto de elevado desemprego e exclusão social⁸⁵, a segurança de subsistência oferecida pelo trabalho e o convívio familiar são os principais fatores que levam a maioria a afirmar-se satisfeita com a vida, como indicado no gráfico anterior.

⇒ Entretanto, ainda que satisfeitos pela garantia de poder contar com um mínimo de segurança, o próximo gráfico apresenta a enorme prevalência entre os funcionários da insatisfação relacionada àquilo que conseguem auferir através do trabalho.

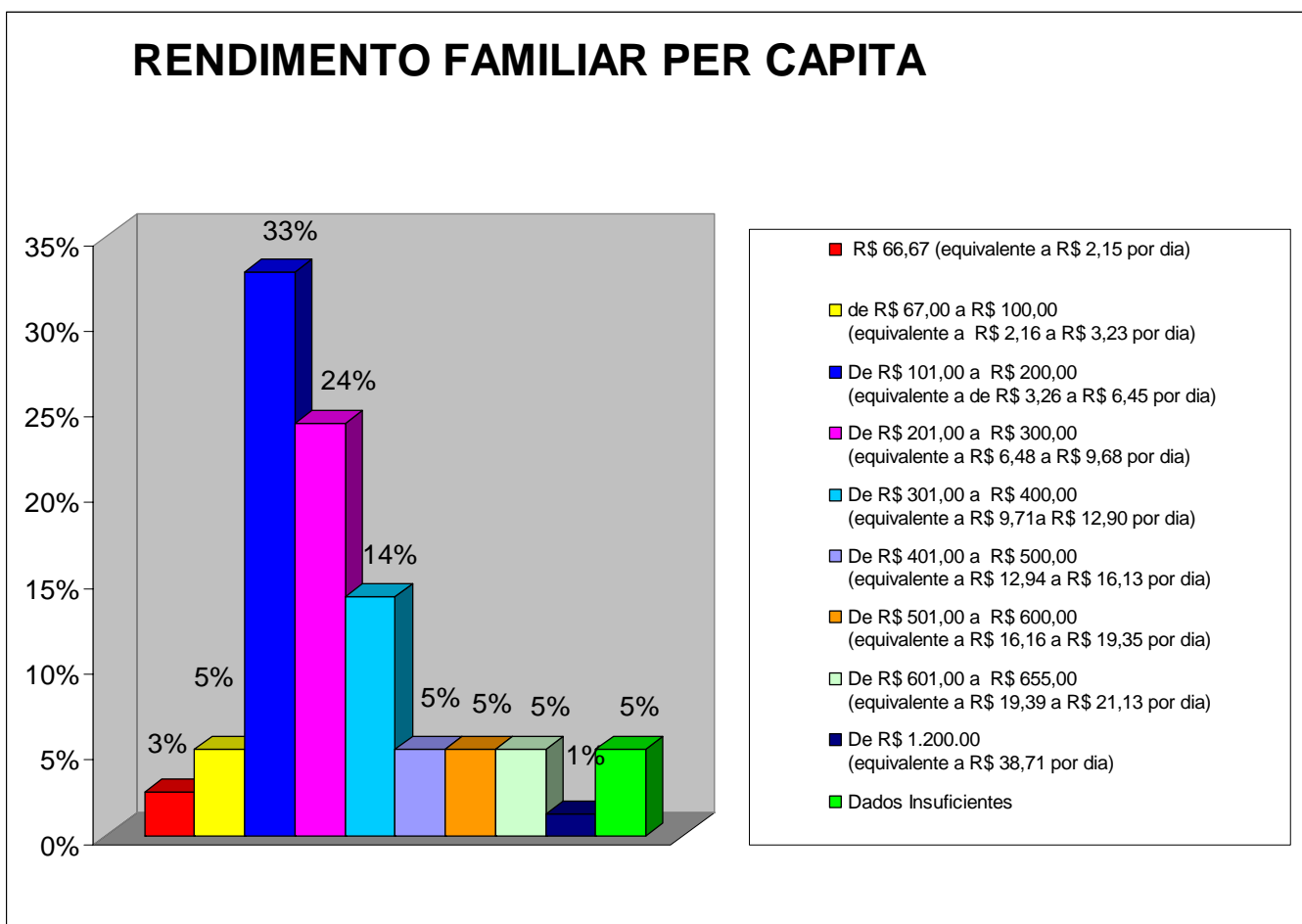
⁸⁵ De acordo com a PNAD/IBGE, em 1999 o índice de desemprego no Brasil era de 9,9%, sendo 11,2% na região sudeste.

Aspectos Insatisfatórios da Atual Situação de Vida



- Falta de dinheiro para viver / muito trabalho Vs. baixa remuneração / desigualdade e injustiça social
- Não ter a casa própria ou não tê-la acabada
- Viver distante dos familiares / preocupação com familiares
- Conflitos familiares
- Condições de vida (falta de conforto, segurança, acesso a educação, saúde e transporte de qualidade / viver sob pressão)
- Não ter realizado alguns desejos / conquistas
- Problemas de saúde (do funcionário ou de seus familiares)
- Conflitos interpessoais
- Violença
- Morte de familiares
- Insatisfação no trabalho (organização do trabalho / superiores / condições de trabalho, etc.)
- Local de moradia
- Discriminação social
- Situação profissional
- Falta de oportunidade de trabalho (na cidade e no interior)
- Não ter estudado (não saber ler/escrever)
- Situação dos filhos (educacional, profissional, de convivência, etc.)
- Falta de amor com o próximo
- Falta de união (as pessoas não se ajudam em)
- Não ter tempo para curtir / se divertir
- Ter o nome sujo

Contexto Familiar



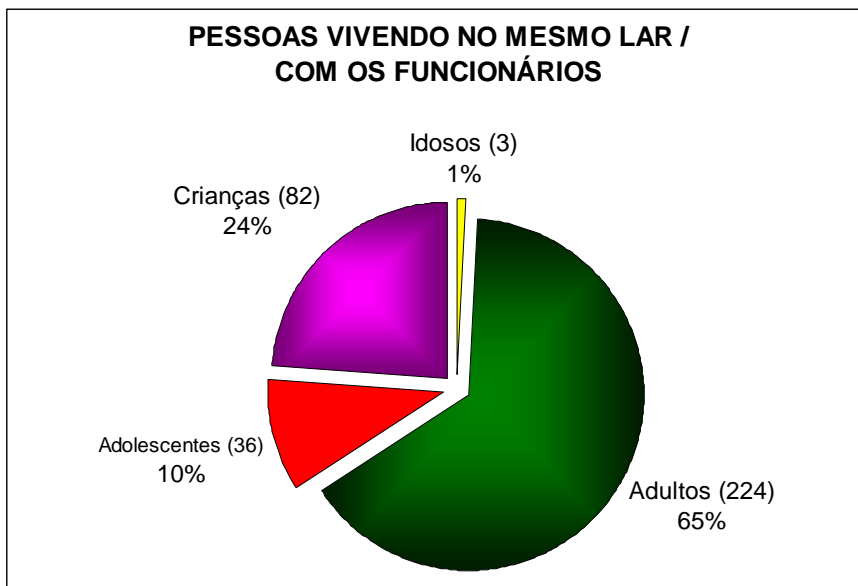
No Brasil, o enfoque da renda é amplamente utilizado para definir a incidência da pobreza, sendo que a referência básica para caracterizar a insuficiência de renda é o valor do salário mínimo. Assim, são considerados pobres os indivíduos cuja renda é inferior a meio salário mínimo - *Linha da Pobreza* - e indigentes aqueles cuja renda corresponda a um quarto do salário mínimo - *Linha da Indigência*.

O conceito de pobreza é assim definido por Carla Bronzo, professora da Fundação João Pinheiro: “Uma pessoa é pobre se a renda ou gastos agregados forem inferiores a um valor estabelecido como necessário para sobrevivência”.

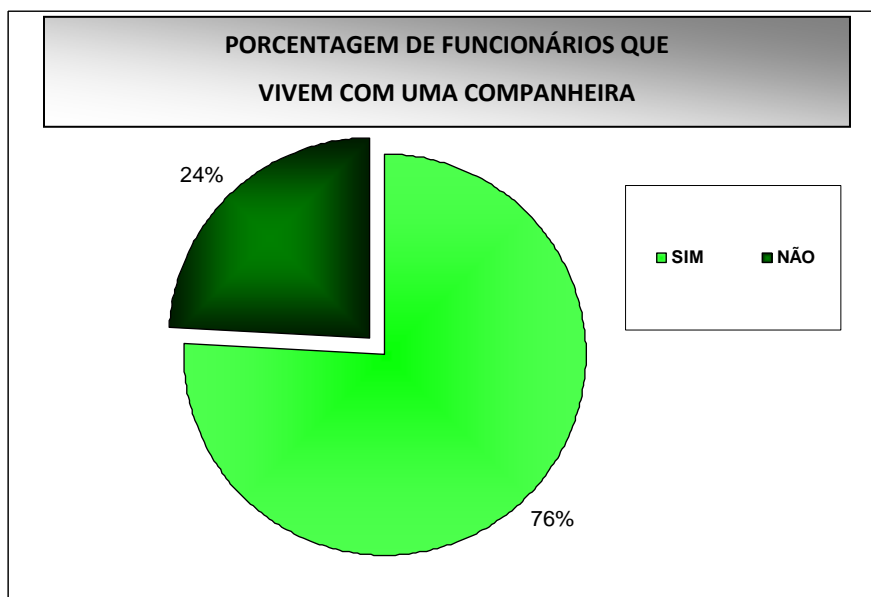
De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, e com base no critério acima descrito, estima-se que, em 2002, cerca de 49 milhões de pessoas e 10 milhões de domicílios brasileiros poderiam ser considerados pobres, algo em torno de 29% da população do país e 22% de todos os domicílios daquele ano. Dessa parcela, 18,7 milhões de pessoas e 3,7 milhões de domicílios seriam classificados como indigentes ou em condições de pobreza extrema.

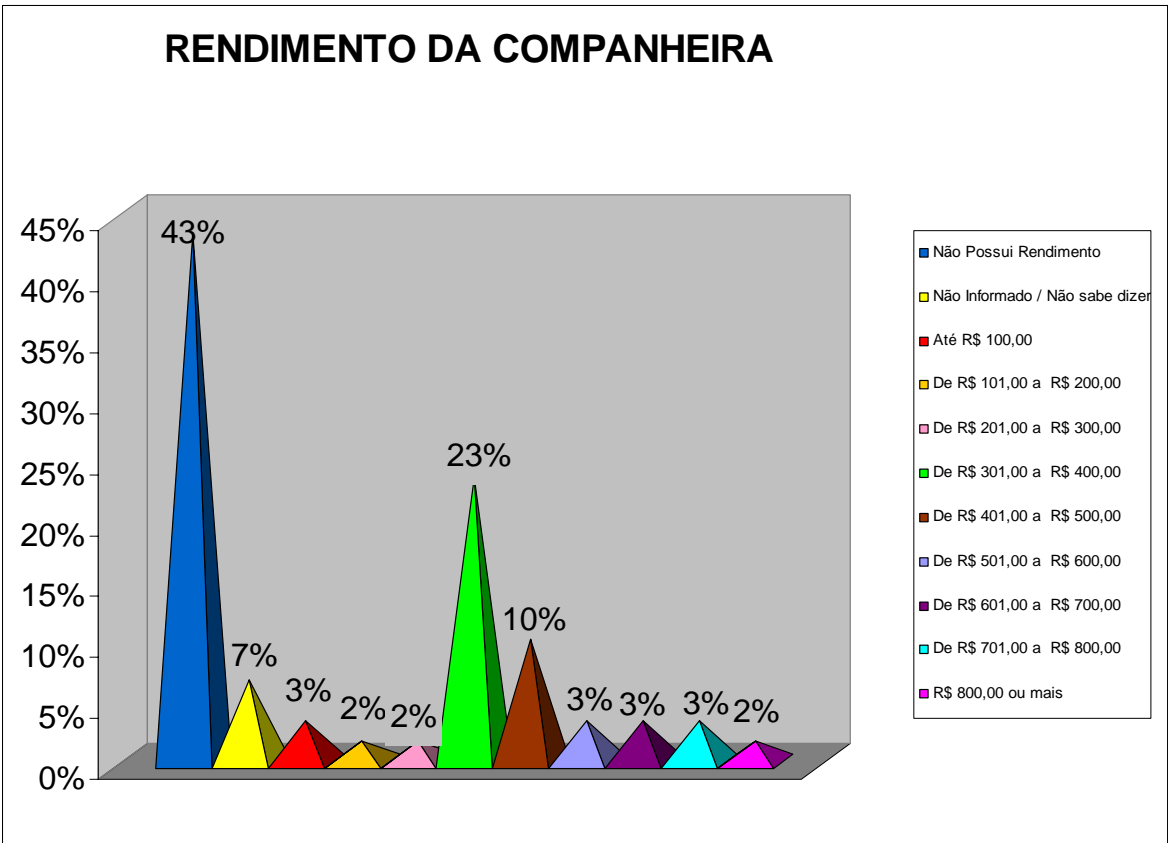
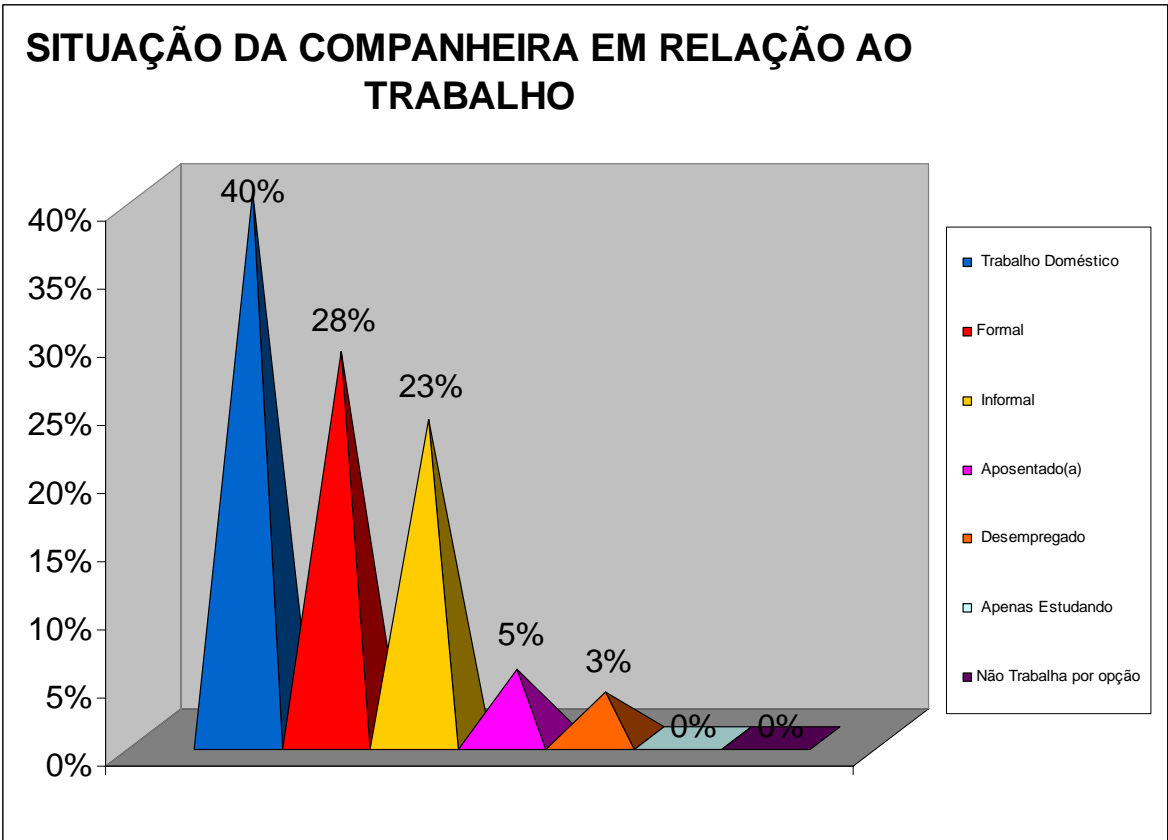
Os dados do gráfico acima foram colhidos dividindo-se a renda total das famílias dos funcionários (soma dos rendimentos de seus membros ativos) pelo número de familiares vivendo no mesmo domicílio. Tomando como referência os mesmos critérios acolhidos pelo IPEA, estes dados nos permitem localizar os funcionários e seus familiares da seguinte forma:

- Cerca de 41% deles situam-se abaixo da linha de pobreza;
- Destes, 8% não ultrapassam a linha de indigência;
- Apenas 1% possui renda familiar per capita superior a dois salários mínimos.

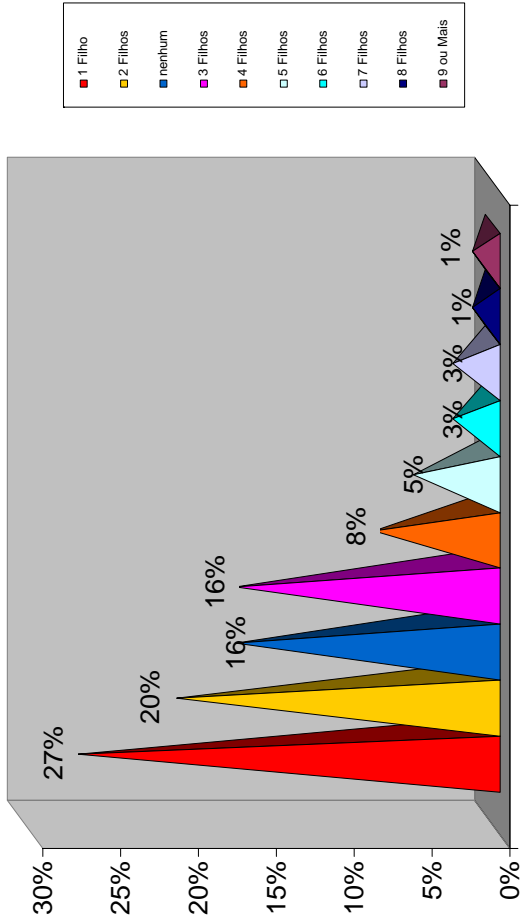


**Ao todo, foram identificadas 345 pessoas,
entre funcionários e familiares.**

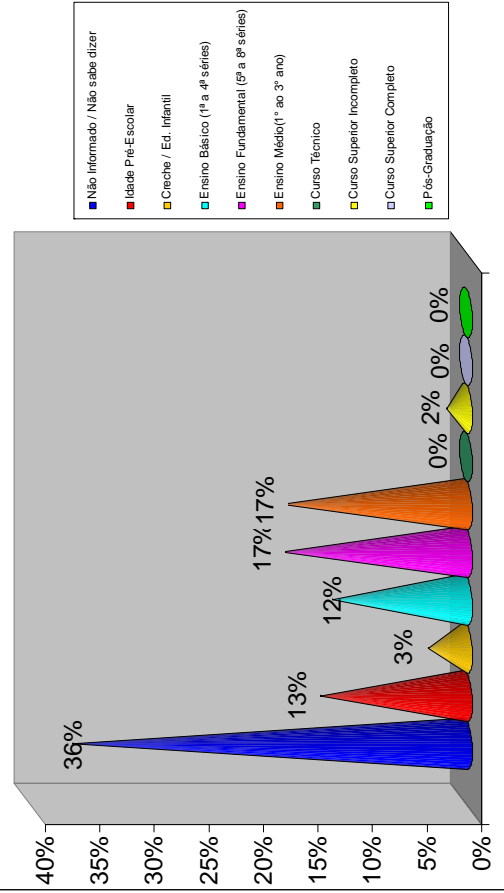




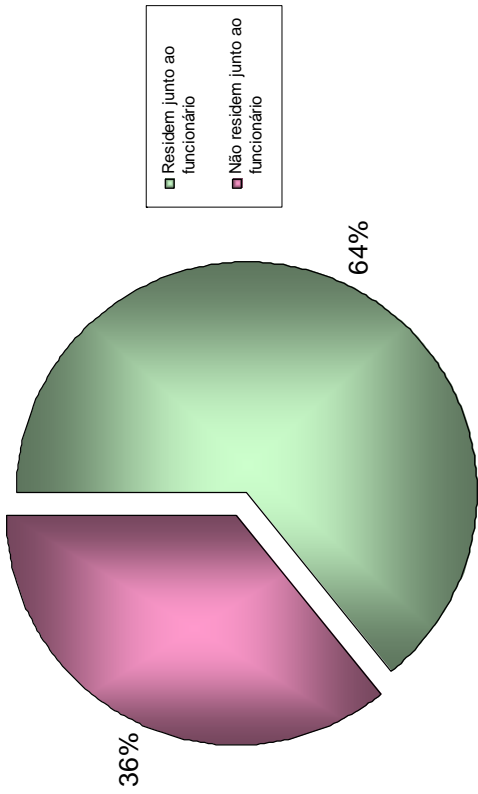
NÚMEROS DE FILHOS POR FUNCIONÁRIO



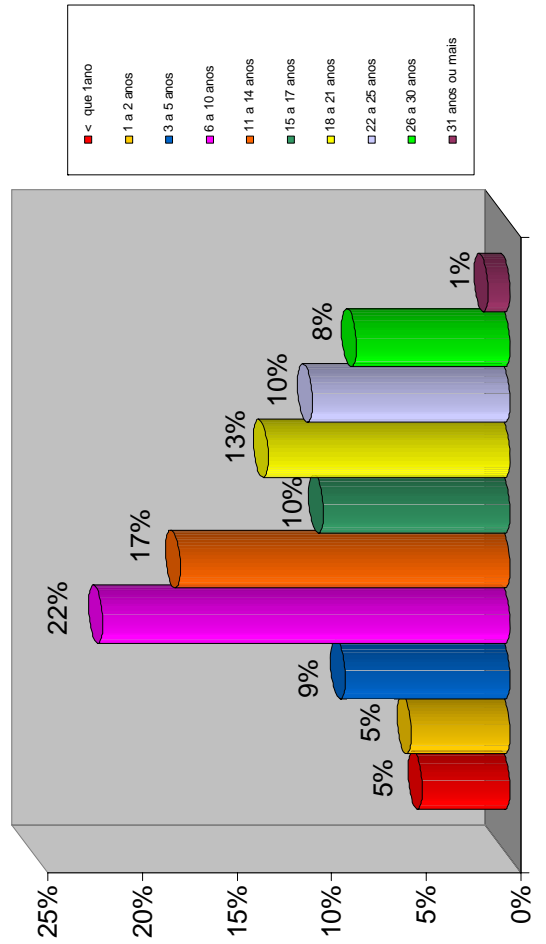
ESCOLARIDADE DOS FILHOS

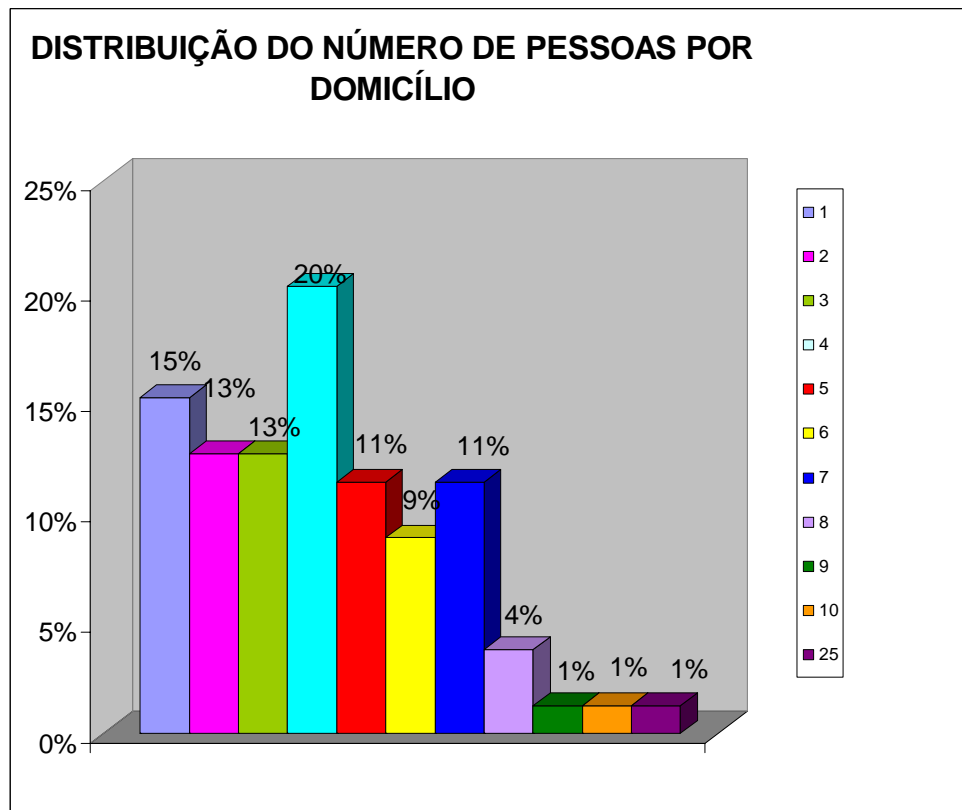
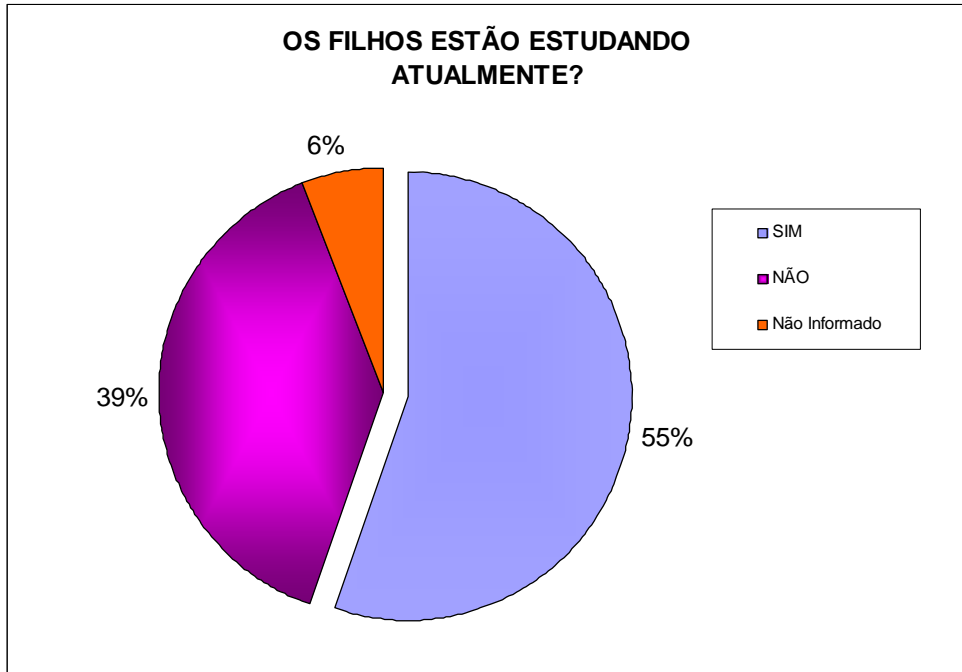


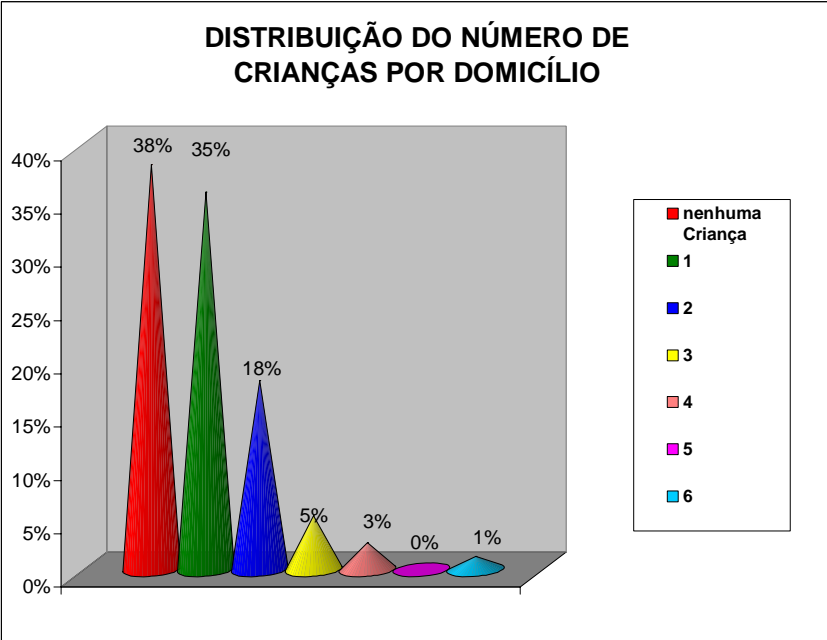
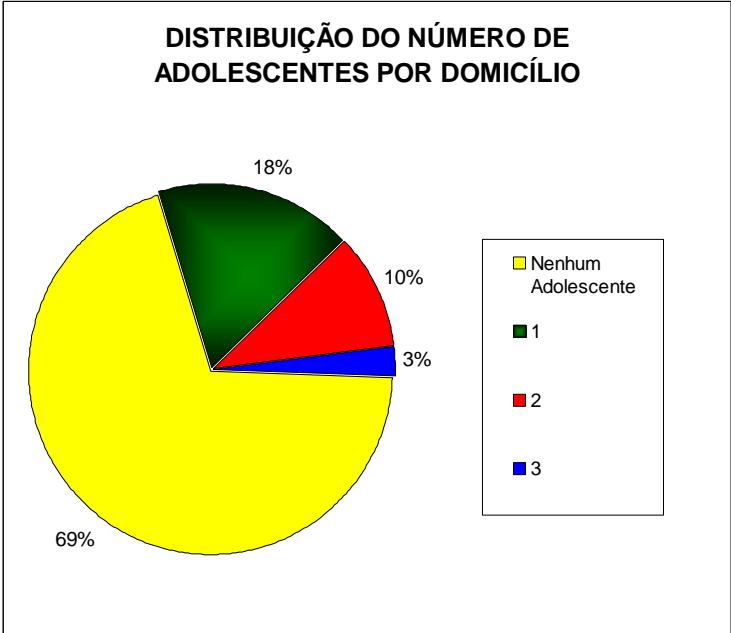
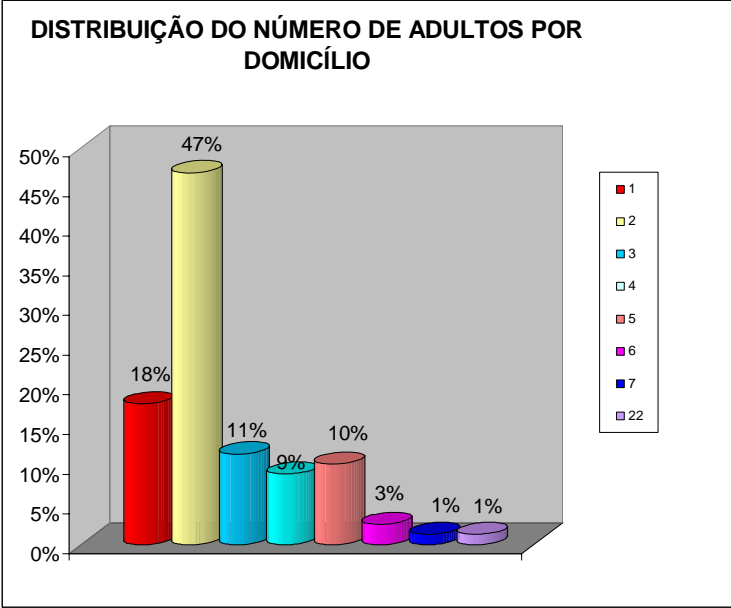
FILHOS



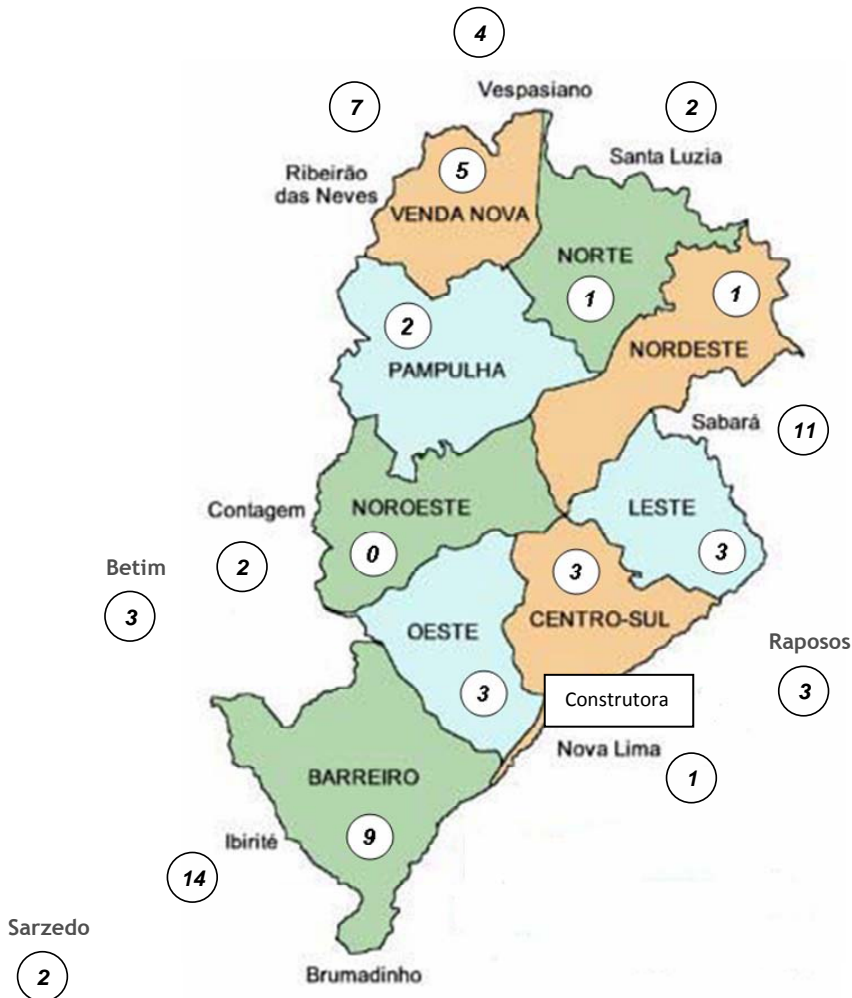
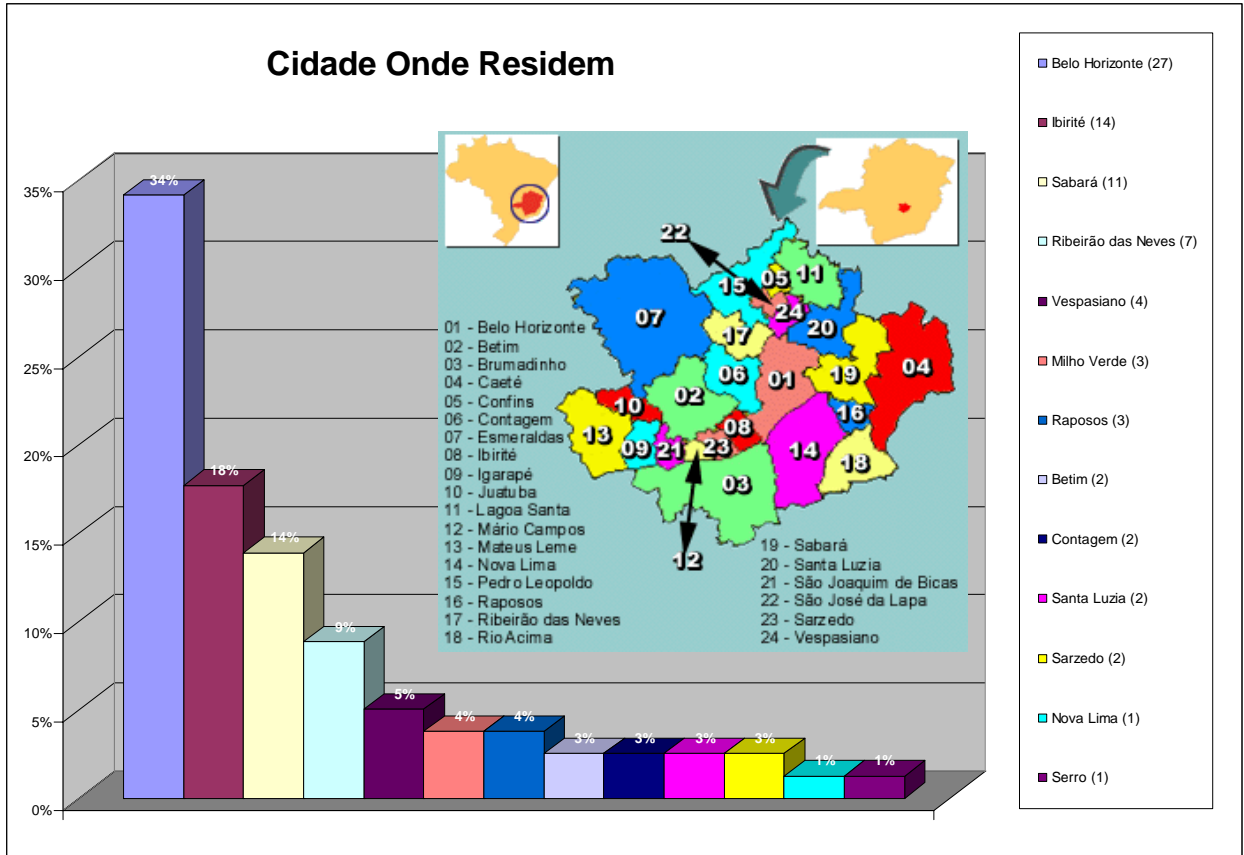
IDADE DOS FILHOS



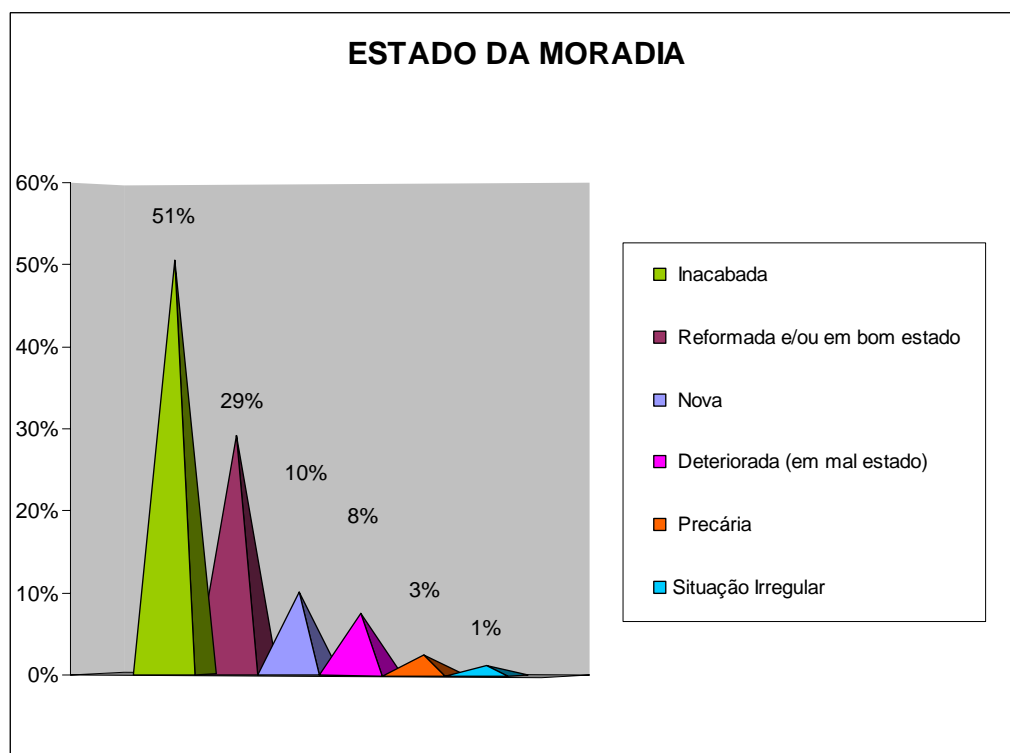
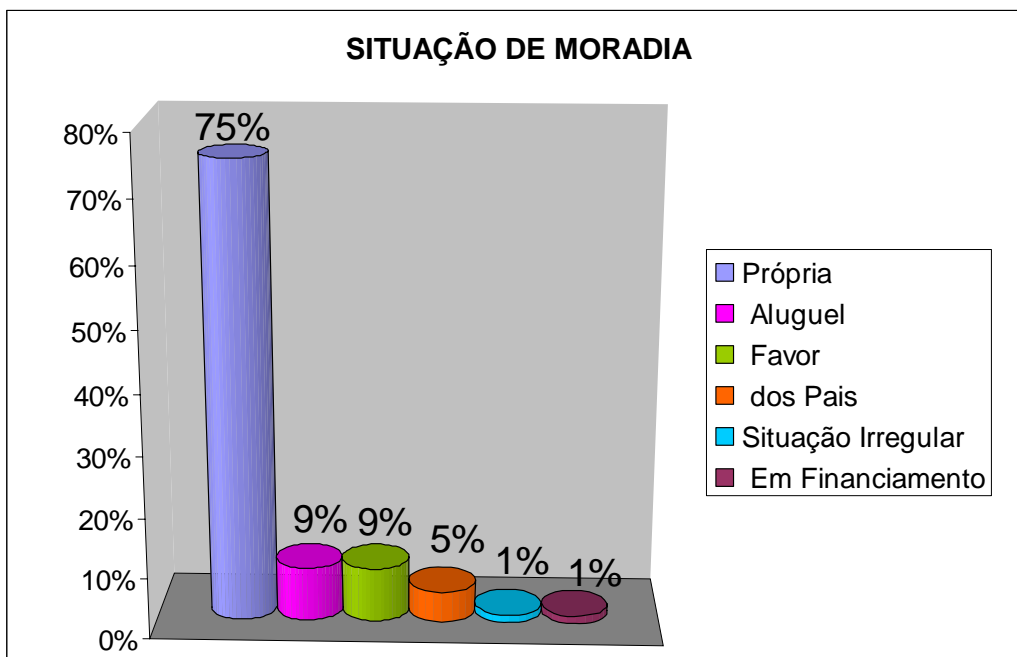




Moradia e Contexto Comunitário

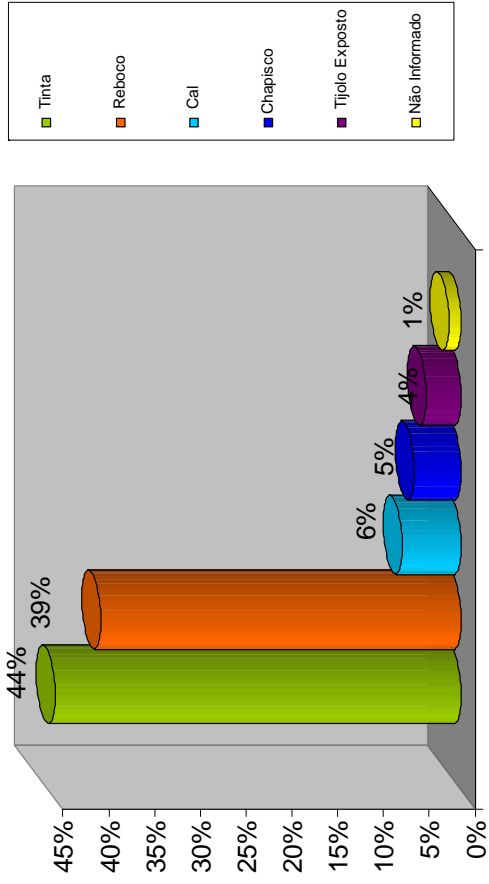


➡ Nota-se que os funcionários residem de forma bem dispersa no mapa, geralmente tendo que percorrer um longo trajeto casa-trabalho.

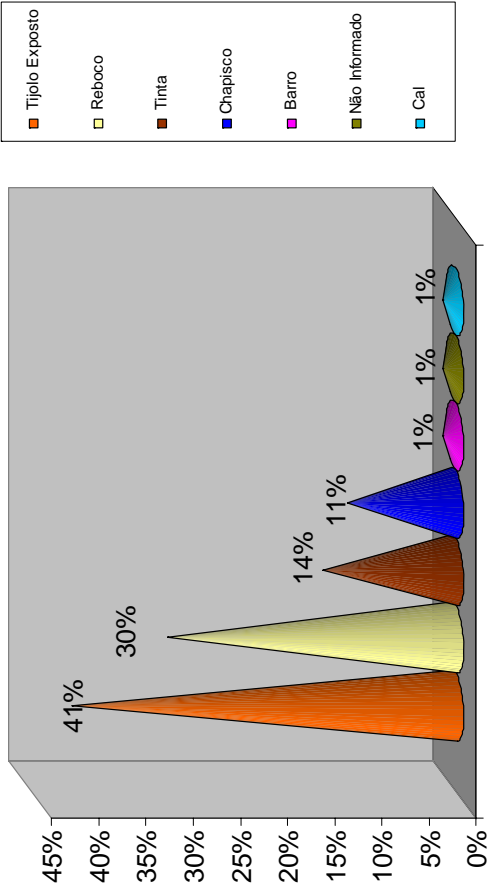


- ⇒ A grande maioria dos funcionários possui casa própria. O que caracteriza estes imóveis, entretanto, é sua simplicidade e o fato de se encontrarem, na maioria, inacabados. Em geral os funcionários dizem se dedicar eles mesmos à construção e/ou melhoramento de suas casas nos finais de semana.

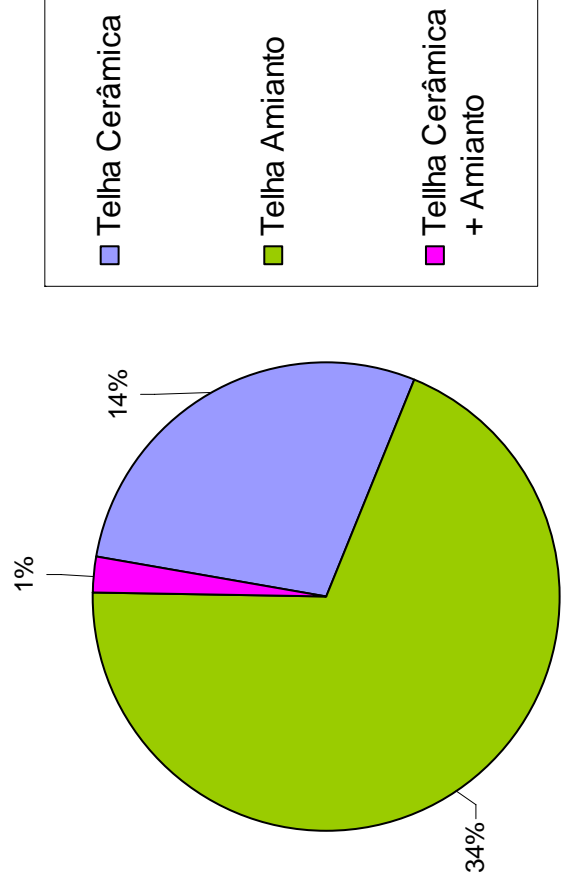
PAREDES INTERNAS



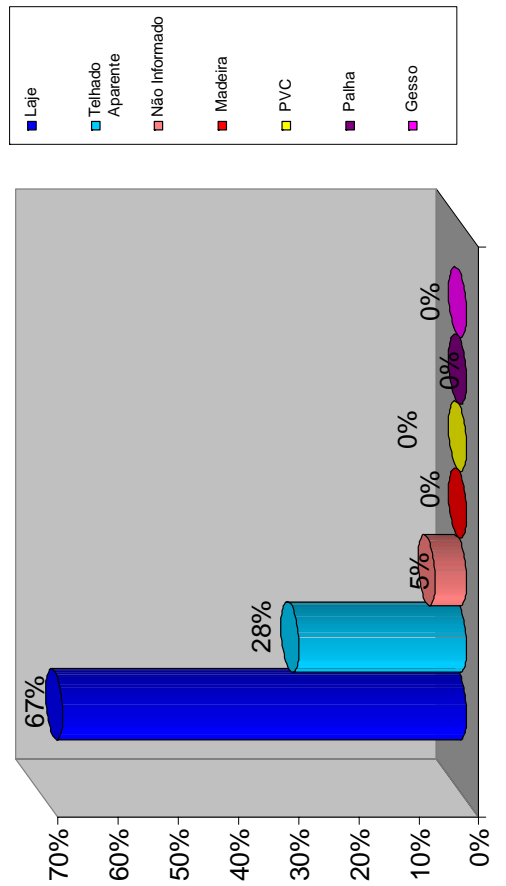
PAREDES EXTERNAS



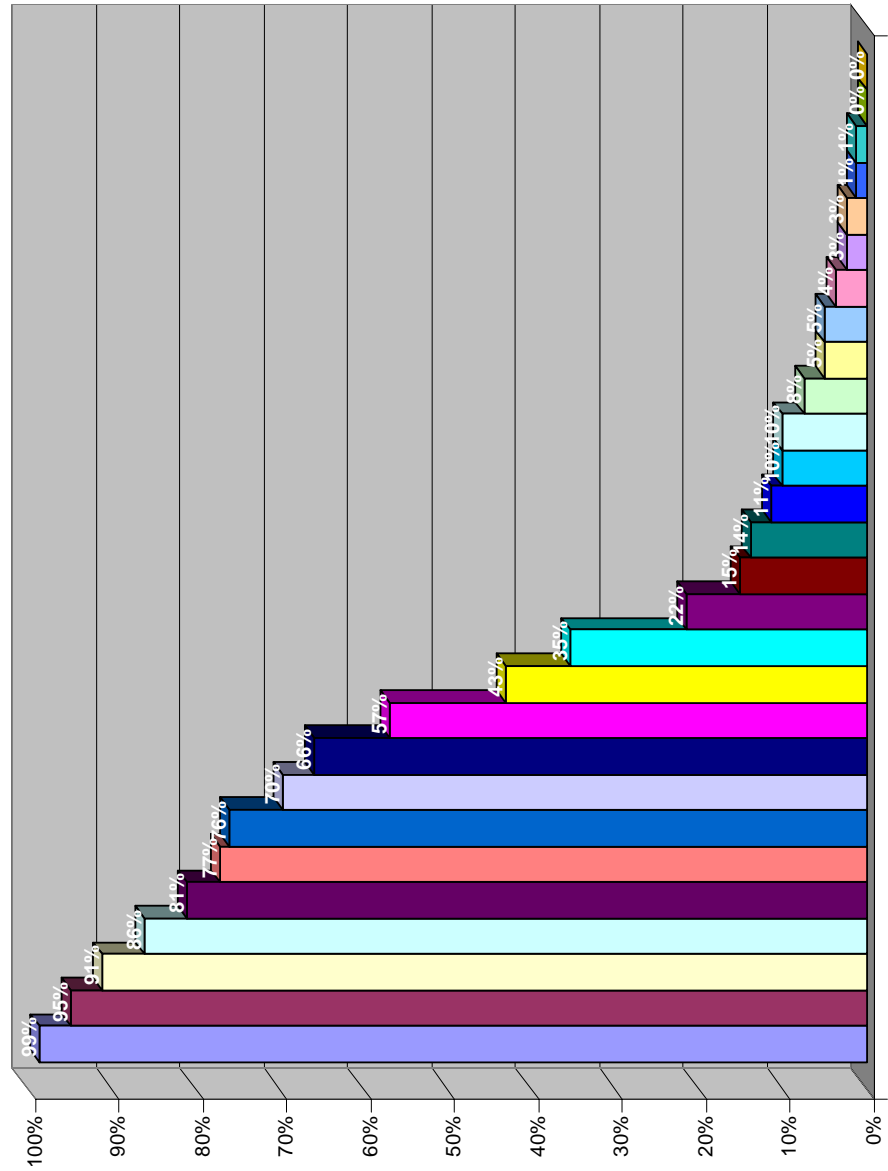
TELHADO FEITO DE:



FORRO DO TETO

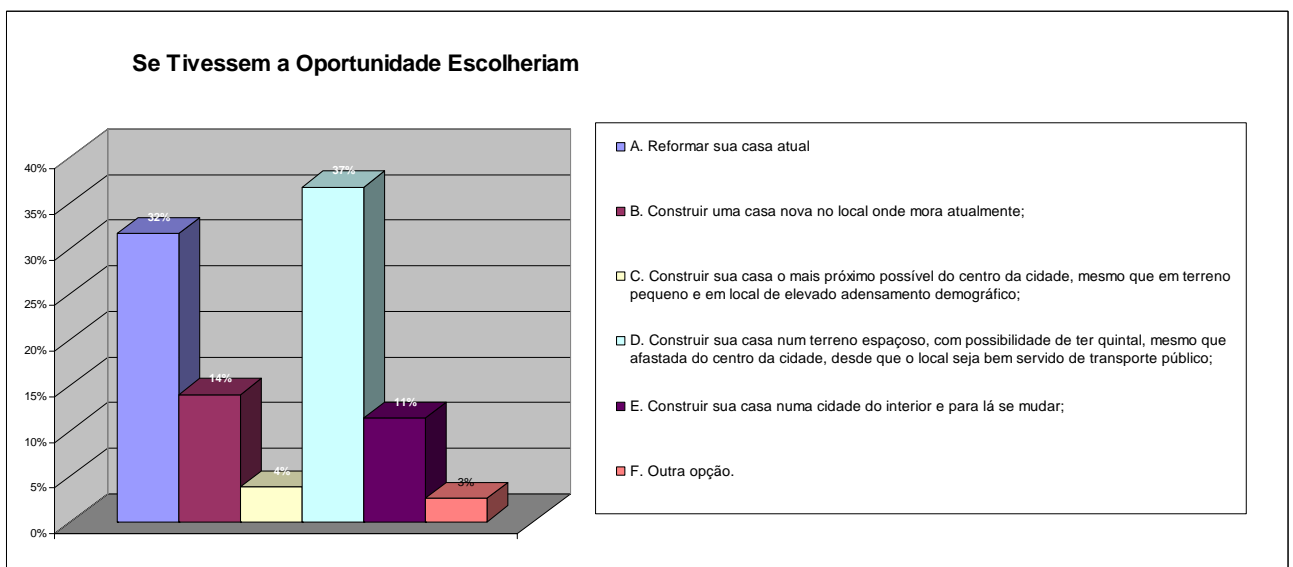
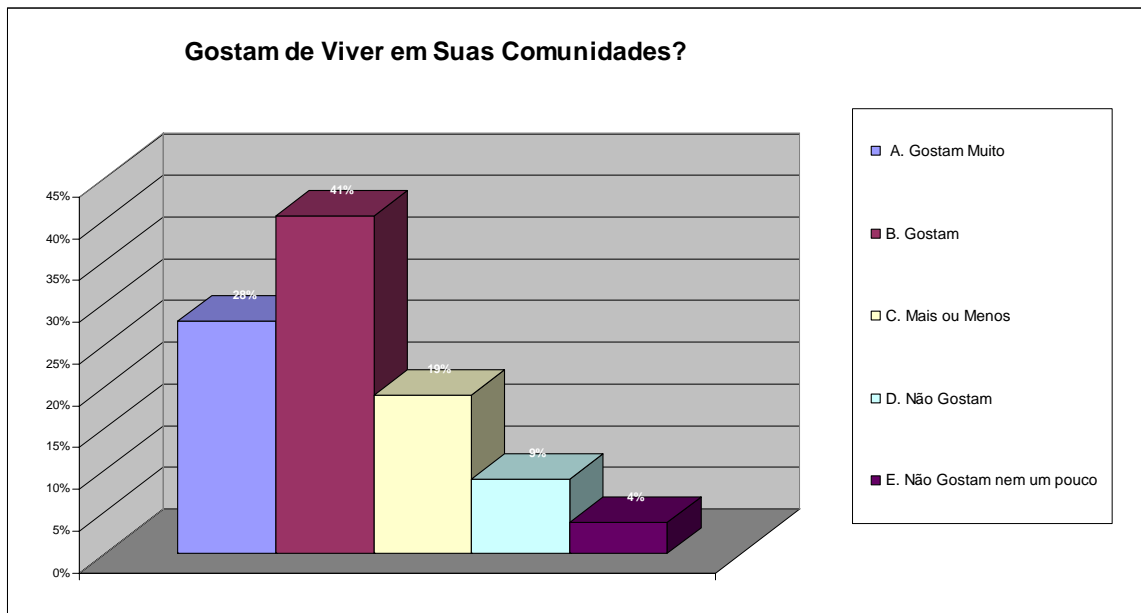
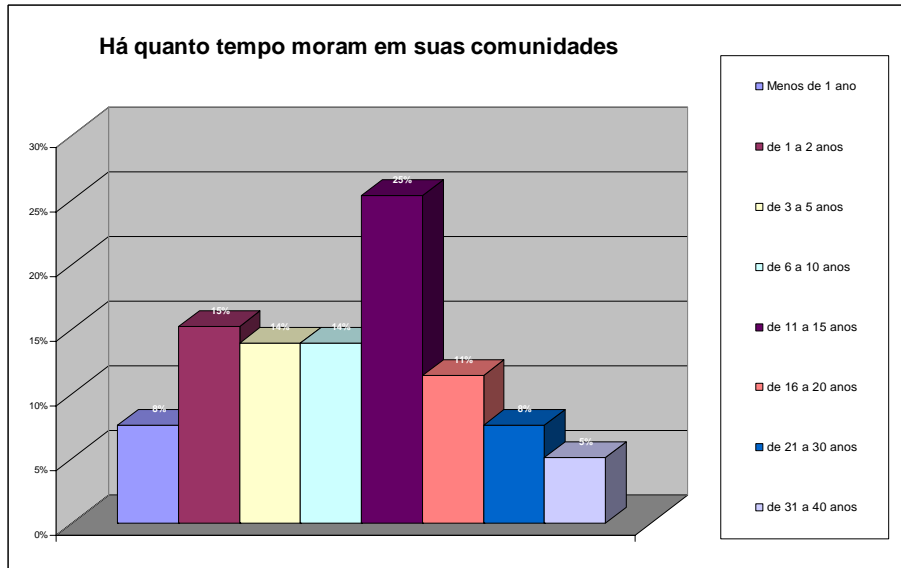


Equipamento de Uso Doméstico / Familiar



Total de Ocorrências

- Fogão a gás (78)
- Geladeira (75)
- Televisão (72)
- Ferro de Passar Roupas (68)
- Liquidificador (64)
- Telefone Celular (61)
- Forno a gás (60)
- DVD Player (55)
- Tanquinho (52)
- Equipamento de som com CD player (45)
- Ventilador (34)
- Telefone Fixo (28)
- Batedeira (17)
- Máquina de lavar roupas (12)
- Forno de microondas (11)
- Carro (9)
- Freezer (8)
- Vídeo Cassete (8)
- Computador (6)
- Acesso à Internet (4)
- Forno elétrico (4)
- Moto (3)
- TV por assinatura (2)
- Ventilador de Teto (2)
- Aspirador de Pó (1)
- Fogão à lenha (1)
- Lava-louças (0)
- Máquina de secar roupas (0)



ANEXO I - Poemas e canções citados (na ordem em que aparecem no texto)

Música 1: *Jorge de Capadócia*

Autor: Jorge Ben

Lançada em 1975, ela faz parte do álbum *Solta o Pavão*, do mesmo ano.

Link:

<http://www.youtube.com/watch?v=WWfw6dhU8JY>

Letra:

Jorge sentou praça
na cavalaria
Eu estou feliz porque eu também
sou da sua companhia

Eu estou vestido com as roupas e as armas de Jorge
Para que meus inimigos
tenham mãos e não me toquem
Para que meus inimigos
tenham pés e não me alcancem
Para que meus inimigos
tenham olhos e não me vejam
E nem mesmo o pensamento
eles possam ter para me fazerem mal

Armas de fogo
meu corpo não alcançarão
Facas e espadas se quebrem
sem o meu corpo tocar
Cordas e correntes se arrebentem
sem o meu corpo amarrar
Pois eu estou vestido com as roupas e as armas de Jorge

Jorge é de Capadócia



De acordo com a lenda, Jorge teria nascido na antiga Capadócia, região do centro da Anatólia que, atualmente, faz parte da República da Turquia. Condecorado capitão do exército romano e tendo recebido o título de conde da Capadócia, foi condenado à morte por ter renegado aos deuses do império. É venerado por seus devotos como a força de Deus na luta dos excluídos e marginalizados da sociedade.

Música 2: *Contraste Covarde***Autores:** Paulo Santos e Eurípedes Neto**Ano:** 1996**Site:** <http://www.alarido.com.br/>**Letra:**

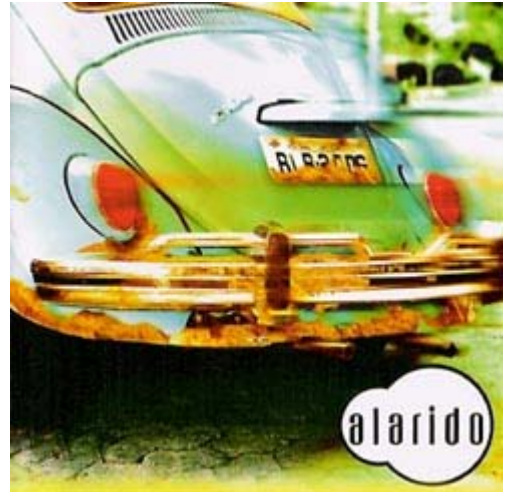
Eu levava a minha vida
na esquina, sem pensar
que um dia o coração ia berrar
Foi isso que o destino trouxe pra mim

Pois o contraste é covarde,
onde olho vejo fome
Quem tem muito só quer mais
e quem não come
encena em palcos sujos,
sem chances de mudar

Eu já cansei de olhar, enxergar
o que há muito se vê
E eu sei que quem nunca viu, irmão,
se faz de cego por querer

E o que antes era oculto
aos meus olhos ficou claro
Mesmo tudo estando assim pelo contrário
não vou cruzar os braços porque

Eu já cansei de olhar, enxergar
o que há muito se vê
E eu sei que quem nunca viu, irmão,
se faz de cego por querer



Música 3: *Deus lhe pague***Autor:** Chico Buarque de HolandaLançada em 1971, abre o álbum *Construção*.**Link:**<http://www.youtube.com/watch?v=3L6xNBtqCz8>**Letra:**

Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir
 A certidão pra nascer, e a concessão pra sorrir
 Por me deixar respirar, por me deixar existir
 Deus lhe pague

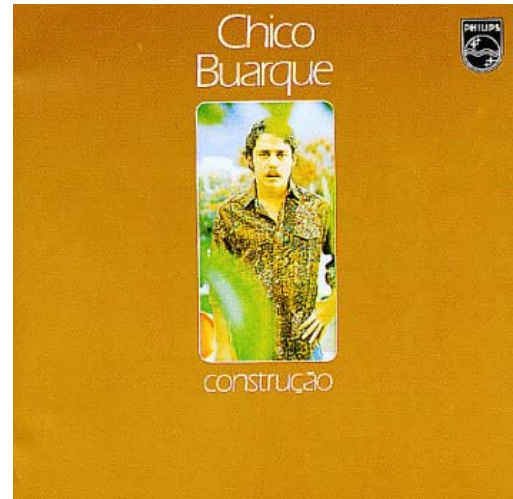
Pelo prazer de chorar e pelo "estamos aí"
 Pela piada no bar e o futebol pra aplaudir
 Um crime pra comentar e um samba pra distrair
 Deus lhe pague

Por essa praia, essa saia, pelas mulheres daqui
 O amor malfeito depressa, fazer a barba e partir
 Pelo domingo que é lindo, novela, missa e gibi
 Deus lhe pague

Pela cachaça de graça que a gente tem que engolir
 Pela fumaça, desgraça, que a gente tem que tossir
 Pelos andaimes, pingentes, que a gente tem que cair
 Deus lhe pague

Por mais um dia, agonia, pra suportar e assistir
 Pelo rangido dos dentes, pela cidade a zunir
 E pelo grito demente que nos ajuda a fugir
 Deus lhe pague

Pela mulher carpideira pra nos louvar e cuspir
 E pelas moscas-bicheiras a nos beijar e cobrir
 E pela paz derradeira que enfim vai nos redimir
 Deus lhe pague



Música 4: *Construção***Autor:** Chico Buarque de Holanda

Lançada em 1971, no álbum homônimo.

Link:<http://www.youtube.com/watch?v=P7mHf-UCZp0&feature=related>**Letra:**

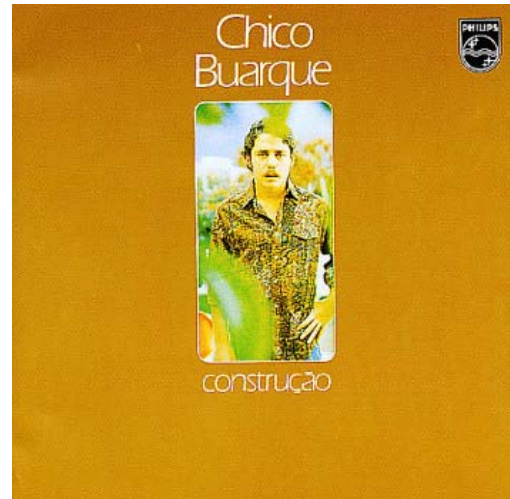
Amou daquela vez como se fosse a última
 Beijou sua mulher como se fosse a última
 E cada filho seu como se fosse o único
 E atravessou a rua com seu passo tímido

Subiu a construção como se fosse máquina
 Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
 Tijolo com tijolo num desenho mágico
 Seus olhos embotados de cimento e lágrima

Sentou pra descansar como se fosse sábado
 Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
 Bebeu e soluçou como se fosse um naufrago
 Dançou e gargalhou como se ouvisse música
 E tropeçou no céu como se fosse um bêbado

E flutuou no ar como se fosse um pássaro
 E se acabou no chão feito um pacote flácido
 Agonizou no meio do passeio público
 Morreu na contramão atrapalhando o tráfego

Amou daquela vez como se fosse o último
 Beijou sua mulher como se fosse a única
 E cada filho seu como se fosse o pródigo
 E atravessou a rua com seu passo bêbado



Subiu a construção como se fosse sólido
 Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
 Tijolo com tijolo num desenho lógico
 Seus olhos embotados de cimento e tráfego

Sentou pra descansar como se fosse um príncipe
 Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo
 Bebeu e soluçou como se fosse máquina
 Dançou e gargalhou como se fosse o próximo
 E tropeçou no céu como se ouvisse música

E flutuou no ar como se fosse sábado
 E se acabou no chão feito um pacote tímido
 Agonizou no meio do passeio naufrago
 Morreu na contramão atrapalhando o público

Amou daquela vez como se fosse máquina
 Beijou sua mulher como se fosse lógico
 Ergueu no patamar quatro paredes flácidas
 Sentou pra descansar como se fosse um pássaro

E flutuou no ar como se fosse um príncipe
 E se acabou no chão feito um pacote bêbado

Morreu na contramão atrapalhando o sábado

Música 5: Brasil**Autor:** Cazuzo, Nilo Roméro e George IsraelLançada em 1988 no terceiro álbum solo de Cazuzo, intitulado *Ideologia*.**Link:**<http://www.youtube.com/watch?v=ErKkHZ3yiKI&feature=related>**Letra:**

Não me convidaram
Pra esta festa pobre
Que os homens armaram
Pra me convencer
A pagar sem ver
Toda essa droga
Que já vem malhada
Antes de eu nascer...

Não me ofereceram
Nem um cigarro
Fiquei na porta
Estacionando os carros
Não me elegeram
Chefe de nada
O meu cartão de crédito
É uma navalha...

Brasil!
Mostra tua cara
Quero ver quem paga
Pra gente ficar assim
Brasil!
Qual é o teu negócio?
O nome do teu sócio?
Confia em mim...

Não me convidaram
Pra essa festa pobre
Que os homens armaram
Pra me convencer
A pagar sem ver
Toda essa droga
Que já vem malhada
Antes de eu nascer...



Não me sortearam
A garota do Fantástico
Não me subornaram
Será que é o meu fim?
Ver TV a cores
Na taba de um índio
Programada
Prá só dizer "sim, sim"

Brasil!
Mostra a tua cara
Quero ver quem paga
Pra gente ficar assim
Brasil!
Qual é o teu negócio?
O nome do teu sócio?
Confia em mim...

Grande pátria
Desimportante
Em nenhum instante
Eu vou te trair
Não, não vou te trair...

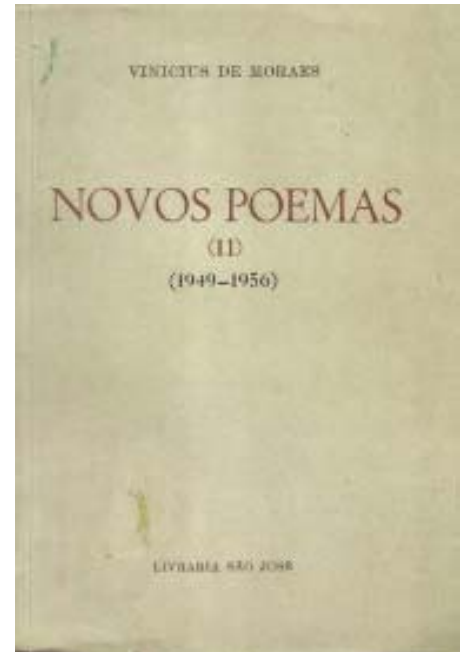
Brasil!
Mostra a tua cara
Quero ver quem paga
Pra gente ficar assim
Brasil!
Qual é o teu negócio?
O nome do teu sócio?
Confia em mim...

Brasil!!

Poema 1: O Operário em Construção**Autor:** Vinicius de MoraesPublicado em 1959 no livro *Novos Poemas II*.**Links:**

http://www.viniciusdemoraes.com.br/biblio/sec_biblio.php?id=8 (*texto no site oficial*)

<http://www.youtube.com/watch?v=AmYc5fCbUPE> (*declamação no YouTube*)



E o Diabo, levando-o a um alto monte, mostrou-lhe num momento de tempo todos os reinos do mundo. E disse-lhe o Diabo: – Dar-te-ei todo este poder e a sua glória, porque a mim me foi entregue e dou-o a quem quero; portanto, se tu me adorares, tudo será teu. E Jesus, respondendo, disse-lhe: – Vai-te, Satanás; porque está escrito: adorarás o Senhor teu Deus e só a Ele servirás. Lucas, cap. V, vs. 5-8.

Era ele que erguia casas Onde antes só havia chão. Como um pássaro sem asas Ele subia com as casas Que lhe brotavam da mão. Mas tudo desconhecia De sua grande missão: Não sabia, por exemplo Que a casa de um homem é um templo Um templo sem religião Como tampouco sabia Que a casa que ele fazia Sendo a sua liberdade Era a sua escravidão.

De fato, como podia Um operário em construção

Compreender por que um tijolo Valia mais do que um pão? Tijolos ele empilhava Com pá, cimento e esquadria Quanto ao pão, ele o comia... Mas fosse comer tijolo! E assim o operário ia Com suor e com cimento Erguendo uma casa aqui Adiante um apartamento Além uma igreja, à frente Um quartel e uma prisão: Prisão de que sofreria Não fosse, eventualmente Um operário em construção.

Mas ele desconhecia Esse fato extraordinário: Que o operário faz a coisa E a coisa faz o operário. De forma que, certo dia À mesa, ao cortar o pão O operário foi tomado De uma súbita emoção Ao constatar assombrado Que tudo naquela mesa – Garrafa, prato, facão – Era ele quem os fazia Ele, um humilde operário, Um operário em construção. Olhou em torno: gamela Banco, enxerga, caldeirão Vidro, parede, janela

Casa, cidade, nação! Tudo, tudo o que existia Era ele quem o fazia Ele, um humilde operário Um operário que sabia Exercer a profissão.

Ah, homens de pensamento Não sabereis nunca o quanto Aquele humilde operário Soube naquele momento! Naquela casa vazia Que ele mesmo levantara Um mundo novo nascia De que sequer suspeitava.

O operário emocionado Olhou sua própria mão Sua rude mão de operário De operário em construção E olhando bem para ela Teve um segundo a impressão De que não havia no mundo Coisa que fosse mais bela.

Foi dentro da compreensão Desse instante solitário Que, tal sua construção Cresceu também o operário. Cresceu em alto e profundo Em largo e no coração E como tudo que cresce Ele não cresceu em vão Pois além do que sabia – Exercer a profissão – O operário adquiriu

Uma nova dimensão:
A dimensão da poesia.

E um fato novo se viu
Que a todos admirava:
O que o operário dizia
Outro operário escutava.

E foi assim que o operário
Do edifício em construção
Que sempre dizia sim
Começou a dizer não.
E aprendeu a notar coisas
A que não dava atenção:

Notou que sua marmita
Era o prato do patrão
Que sua cerveja preta
Era o uísque do patrão
Que seu macacão de zuarte
Era o terno do patrão
Que o casebre onde morava
Era a mansão do patrão
Que seus dois pés
andarilhos
Eram as rodas do patrão
Que a dureza do seu dia
Era a noite do patrão
Que sua imensa fadiga
Era amiga do patrão.

E o operário disse: Não!
E o operário fez-se forte
Na sua resolução.

Como era de se esperar
As bocas da delação
Começaram a dizer coisas
Aos ouvidos do patrão.
Mas o patrão não queria
Nenhuma preocupação
– "Convençam-no"
do contrário –
Disse ele sobre o operário
E ao dizer isso sorria.

Dia seguinte, o operário

Ao sair da construção
Viu-se súbito cercado
Dos homens da delação
E sofreu, por destinado
Sua primeira agressão.
Teve seu rosto cuspidos
Teve seu braço quebrado
Mas quando foi perguntado
O operário disse: Não!

Em vão sofrera o operário
Sua primeira agressão
Muitas outras se seguiram
Muitas outras seguirão.
Porém, por imprescindível
Ao edifício em construção
Seu trabalho prosseguia
E todo o seu sofrimento
Misturava-se ao cimento
Da construção que crescia.

Sentindo que a violência
Não dobraria o operário
Um dia tentou o patrão
Dobrá-lo de modo vário.
De sorte que o foi levando
Ao alto da construção
E num momento de tempo
Mostrou-lhe toda a região
E apontando-a ao operário
Fez-lhe esta declaração:
– Dar-te-ei todo esse poder
E a sua satisfação
Porque a mim me foi
entregue
E dou-o a quem bem quiser.
Dou-te tempo de lazer
Dou-te tempo de mulher.
Portanto, tudo o que vês
Será teu se me adores
E, ainda mais, se
abandonares
O que te faz dizer não.

Disse, e fitou o operário
Que olhava e que refletia
Mas o que via o operário

O patrão nunca veria.
O operário via as casas
E dentro das estruturas
Via coisas, objetos
Produtos, manufaturas.
Via tudo o que fazia
O lucro do seu patrão
E em cada coisa que via
Misteriosamente havia
A marca de sua mão.
E o operário disse: Não!

– Loucura! – gritou o patrão
Não vês o que te dou eu?
– Mentira! – disse o
operário
Não podes dar-me o que é
meu.

E um grande silêncio fez-se
Dentro do seu coração
Um silêncio de martírios
Um silêncio de prisão.
Um silêncio povoado
De pedidos de perdão
Um silêncio apavorado
Com o medo em solidão.

Um silêncio de torturas
E gritos de maldição
Um silêncio de fraturas
A se arrastarem no chão.
E o operário ouviu a voz
De todos os seus irmãos
Os seus irmãos que
morreram
Por outros que viverão.
Uma esperança sincera
Cresceu no seu coração
E dentro da tarde mansa
Agigantou-se a razão
De um homem pobre e
esquecido
Razão porém que fizera
Em operário construído
O operário em construção.

Música 6: *Strawberry Fields Forever***Autor:** John Lennon & Paul McCartney

Lançada em compacto simples (EP) em 1967, tendo *Penny Lane* como o outro lado do disco.

Link:

<http://www.youtube.com/watch?v=HM8lMwZHQEs&feature=related>

Letra:

Let me take you down
Cause I'm going to
Strawberry Fields
Nothing is real
And nothing to get hung about
Strawberry Fields forever

Living is easy with eyes closed
Misunderstanding all you see
It's getting hard to be someone
But it all works out
It doesn't matter much to me

Let me take you down
Cause I'm going to
Strawberry Fields
Nothing is real
And nothing to get hung about
Strawberry Fields forever

No one I think is in my tree
I mean it must be high or low
That is you can't you know tune in
But it's all right
That is I think it's not too bad

Let me take you down
Cause I'm going to
Strawberry Fields
Nothing is real
And nothing to get hung about
Strawberry Fields forever



Always, no, sometimes, think it's me
But you know I know when it's a dream
I think, er, no I mean, er, yes
But it's all so wrong
That is I think I disagree

Let me take you down
Cause I'm going to
Strawberry Fields
Nothing is real
And nothing to get hung about
Strawberry Fields forever
Strawberry Fields forever
Strawberry Fields forever

Música 7: *Lucy in the Sky with Diamonds***Autor:** John Lennon & Paul McCartney

Lançada em 1967 no oitavo álbum dos Beatles, o *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*.

Link:

<http://www.youtube.com/watch?v=A7F2X3rSSCU&feature=related>

Letra:

Picture yourself in a boat on a river
 With tangerine trees and marmalade skies
 Somebody calls you, you answer quite slowly
 A girl with kaleidoscope eyes
 Cellophane flowers of yellow and green
 Towering over your head
 Look for the girl with the sun in her eyes
 And she's gone

Lucy in the sky with diamonds
 Lucy in the sky with diamonds
 Lucy in the sky with diamonds

Follow her down to a bridge by a fountain
 Where rocking horse people eat marshmallow pies
 Everyone smiles as you drift past the flowers
 That grow so incredibly high
 Newspaper taxis appear on the shore
 Waiting to take you away
 Climb in the back with your head in the clouds
 And you're gone

Lucy in the sky with diamonds
 Lucy in the sky with diamonds
 Lucy in the sky with diamonds

Picture yourself on a train in a station
 With plasticine porters with looking glass ties
 Suddenly someone is there at the turnstile
 The girl with kaleidoscope eyes

Lucy in the sky with diamonds
 Lucy in the sky with diamonds
 Lucy in the sky with diamonds



Música 8: *O Sal da Terra***Autor:** Beto Guedes e Ronaldo BastosLançada em 1981 no álbum *Contos da Lua Vaga***Link:**<http://www.youtube.com/watch?v=4dXTTKxlGvU&feature=related>**Letra:**

Anda, quero te dizer nenhum segredo
 Falo nesse chão da nossa casa
 Vem que tá na hora de arrumar
 Tempo, quero viver mais duzentos anos
 Quero não ferir meu semelhante
 Nem por isso quero me ferir

Vamos precisar de todo mundo
 Pra banir do mundo a opressão
 Para construir a vida nova
 Vamos precisar de muito amor
 A felicidade mora ao lado
 E quem não é tolo pode ver

A paz na Terra, amor
 O pé na terra
 A paz na Terra, amor
 O sal da Terra

És o mais bonito dos planetas
 Tão te maltratando por dinheiro
 Tu que é a nave nossa irmã
 Canta, leva tua vida em harmonia
 E nos alimenta com seus frutos
 Tu que é do homem a maçã

Vamos precisar de todo mundo
 Um mais um é sempre mais que dois
 Pra melhor juntar as nossas forças
 É só repartir melhor o pão
 Recriar o paraíso agora
 Para merecer quem vem depois

Deixa nascer o amor
 Deixa fluir o amor
 Deixa crescer o amor
 Deixa viver o amor



Música 9: *Redemption Song***Autor:** Bob MarleyLançada em 1980 no álbum *UPRISING***Link:**<http://www.youtube.com/watch?v=Ej78O4z6ddw>**Letra:**

Old pirates, yes, they rob I
 Sold I to the merchant ships
 Minutes after they took I
 From the bottom less pit
 But my hand was made strong
 By the hand of the Almighty
 We forward in this generation
 Triumphantly

Won't you help to sing,
 These songs of freedom?
 'Cause all I ever have:
 Redemption songs
 Redemption songs

Emancipate yourselves from mental
 slavery
 None but ourselves can free our minds
 Have no fear for atomic energy
 'Cause none of them can stop the time
 How long shall they kill our prophets,
 While we stand aside and look
 Huh, some say it's just a part of it:
 We've got to fulfill the Book

Won't you help to sing
 These songs of freedom?
 'Cause all I ever have:
 Redemption songs
 Redemption songs
 Redemption songs



Emancipate yourselves from mental
 slavery
 None but ourselves can free our mind
 Oh, have no fear for atomic energy
 'Cause none of them-a can-a stop-a-the
 time
 How long shall they kill our prophets
 While we stand aside and look?
 Yes, some say it's just a part of it:
 We've got to fulfill the Book

Won't you help to sing
 These songs of freedom?
 'Cause all I ever had:
 Redemption songs
 All I ever had:
 Redemption songs
 These songs of freedom
 Songs of freedom

Música 10: *A Idade do Céu***Autor:** Jorge Drexler**Versão:** Paulinho MoskaLançada em 2003 no álbum
*Tudo Novo de Novo***Link:**<http://www.youtube.com/watch?v=28HBXwH4qlg&feature=related>**Letra:**

Não somos mais
 Que uma gota de luz
 Uma estrela que cai
 Uma fagulha tão só
 Na idade do céu

Não somos o que queríamos ser
 Somos um breve pulsar
 Em um silêncio antigo
 Com a idade do céu

Calma
 Tudo está em calma
 Deixe que o beijo dure
 Deixe que o tempo cure
 Deixe que a alma
 Tenha a mesma idade
 Que a idade do céu



Não somos mais
 Que um punhado de mar
 Uma piada de Deus
 Ou um capricho do sol
 No jardim do céu

Não damos pé
 Entre tanto tic tac
 Entre tanto Big Bang
 Somos um grão de sal
 No mar do céu

Calma
 Tudo está em calma
 Deixe que o beijo dure
 Deixe que o tempo cure
 Deixe que a alma
 Tenha a mesma idade
 Que a idade do céu
 A mesma idade
 Que a idade do céu